

ANEXO IV

Transcrição das Entrevistas de Episódio em
Profundidade: Relatos de Vida

Transcrição das Entrevistas

I. Transcrição da Entrevista n.º 1

Perfil de Renato (nome fictício): Empresário da área comercial, 60 anos, reformou-se há cerca de um ano e meio, família alargada constituída pelo casal e um ascendente a cargo.

1ª Sessão da Entrevista de Renato

Data de realização: 08 de maio de 2013

Horário: Das 15h00 às 16h00

Local: Residência do próprio em Ferragudo

EN: Entrevistado

E: Entrevistador

M: Mulher do entrevistado

Gostaria de lhe pedir nesta entrevista que me contasse a história da sua vida. Que partilhasse nesta entrevista as suas experiências pessoais que motivaram o seu percurso profissional, como experienciou o período em que se decidiu reformar, bem como a forma como vive hoje o seu quotidiano em que já não exerce uma atividade profissional contínua. Pode contar-me o que entender ser importante para melhor compreender o seu processo de transição da vida ativa para a reforma, para que eu conheça a sua história desde que começou a estudar e depois a trabalhar, até ao dia de hoje...

(FALHA NA GRAVAÇÃO) (E): Então vá, EN, pode começar...

(EN): Posso começar pelo ano em que eu nasci, não, mil novecentos e cinquenta e dois, a minha mãe já tinha nascido em Lisboa, o meu pai nasceu na província, nasceu no Ribatejo, embora a família da minha mãe também era oriunda do Ribatejo, aliás eles eram primos. O meu pai sempre foi um indivíduo, sem muita instrução, mas dado à leitura, gostava bastante de ler, de se informar, e tudo. Em conclusão, naquela altura só podia ser uma coisa, era do contra. Para aí nos meus seis anos, por altura da eleição de Humberto Delgado o meu pai foi preso, pela PIDE. Seis meses, sem qualquer culpa

Transcrição das Entrevistas

formada, sem nada, mas pela arbitrariedade do Sr. Salazar () nem sequer me deixavam visitar o meu pai. É claro que essa trajetória de vida, que a mim, enfim não me afetou assim demais porque eu andava num colégio e por lá continuei, nessa altura num estabelecimento () tive apoio da parte materna, os meus avós, também da paterna, e isso, claro, vai-nos moldando um pouco o espírito, não é? Ainda hoje é uma tremenda injustiça manter-se uma pessoa na prisão seis meses para depois o libertar. Antes disso torturaram-no, fizeram trinta por uma linha, como eles faziam normalmente. O lema daquela altura era que quem não era por eles, ou era comunista ou era um criminoso, não é () não havia (risos). Enfim, isto é um bocado a trajetória de vida que influencia também a minha maneira de ser. Aliás há uma parte da PIDE como meu pai que lhe diz “ a gente sabe que tu não és homem de tabernas, tu gostas mais de ler.” Isso era o crime! () e portanto não podia ser. Mas de qualquer maneira isso vai-nos moldando a nós, pela vida fora. Portanto, eu, o percurso, faço a escola primária num colégio particular, depois vou para o Liceu, em Lisboa, não é, aliás, o meu trajeto foi sempre feito em Lisboa, nasço e vivo, até agora, sempre em Lisboa, e, e faço o Liceu todo, interrompido pela tropa e pela guerra (). Contas feitas, não tinha feito a admissão á faculdade, se tivesse feito admissão à faculdade davam-me espera, fazia mais um ano e tal, como não tinha o sétimo acabado fui logo para a tropa. Passo seis meses, passo um ano cá, em janeiro de 74 vou logo para Angola. Em Angola para mim foram quase umas férias. Olhe, Angola para mim, só soube praticamente o que era guerra depois do 25 de abril. O que é estranho, não é? Entretanto, ah, eu venho cá, a meio do meu tempo de caso e levo a minha mulher para lá. Dá-se o 25 de abril, não é, pois não, entretanto dá-se o 25 de abril, a minha mulher já foi para lá em setembro de 74 e em setembro é que levei para lá. Ainda ()depois tivemos que regressar a Luanda porque já estão a desmantelar o exército e a guerrilharem. A guerra não era propriamente connosco, mas () no entanto enquanto estive lá a minha arma era mais a máquina fotográfica.

(E): Tirou muitas fotos, então.

(EN): Milhares de fotos, nem queira saber. Eu devo ter enriquecido o fotógrafo lá da zona, na revelação de fotografias. Era mais barato. Realmente foi assim um bocado coiso, a vida, porque casei, porque a minha mulher estava lá, quer dizer, tudo era ligeiro, tudo passava bem, aquilo era uma lua-de-mel. É verdade, era uma lua de mel autentica. E graças a amigos que nós lá tínhamos, que nos ofereceram um carro para nós

Transcrição das Entrevistas

andarmos lá, ao qual eu meti cento e tal mil quilómetros em, sempre a andar, a gasolina era barata, o ordenado não era assim muito mau. Não estava, não era, a amealhar o dinheiro para depois trazer para cá, não me preocupava muito com isso. Ou porque era filho único, ou por aquele desejo de conhecer, de viajar, de fotografar e não sei o quê, de maneira que, pronto, gozei mais, de maneira que estamos cá. Estamos cá já pós 25 de abril, pós, principalmente () mas vivi o 25 de abril lá e achava que talvez não fosse bem isto, calma, não é nenhuma viragem, isto... E eu acho que eu tinha razão, antes do 25 de abril () Ulrich, veja-se por exemplo pelo livro que foi agora publicado (...) Fernando Rosas, que é os Donos de Portugal, tal e qual, são os mesmos nomes, Champalimoud. E pronto, estou a chegar portanto à vida ativa, propriamente dita, porque embora (...) no negócio que os meus pais tinham, depois, praticamente sou que que pego as rédeas do negócio.

PAUSA NA GRAVAÇÃO

(E): Pronto EN, podemos recomeçar...

(EN): Pronto, a partir do momento que parei totalmente de estudar, volto a estudar depois do nascimento do primeiro filho, da primeira filha, acabei o sétimo e simultaneamente fazer o () na altura que é o décimo segundo hoje... Olhe, acabei por fazer não sei quantas cadeiras mais do sétimo, nós tínhamos, salvo erro sete, era o décimo primeiro atual, não sei quantas disciplinas é que há, na altura eram para aí seis, ou sete, mas eu fiz algumas nove! Porque eu só tinha duas para fazer, assim é que é, e eu só tinha duas, não, vou fazer mais esta e fiz porque estava para arquitetura, estava na alínea h, no meu tempo era arquitetura e, com essas cadeiras que eu fiz tinha mais hipóteses de ir para... porque a ideia era depois continuar. Mas, entretanto a vida complica-se, negócios e pronto, tudo se encaminha de outras maneiras e entretanto o raciocínio, é “ se eu for para a faculdade não ganho nada porque no fundo o que eu estou a fazer só sou eu a fazer”, mas no entanto sempre considerei que podia enriquecer, mais no aspeto cultural. Mas entretanto depois veio os filhos, há um lapso de tempo! Quando olho para trás, sem dar por isso. Tão rápido, tão rápido, sonhar com outras coisas. Entretanto, viajei alguma coisa nessa altura, com familiares meus. Nós tínhamos uma Toyota de nove lugares, viajamos pela europa. Tudo aqui na Europa, Suíça, França, Alemanha, Inglaterra, que eu acho que isso também nos abre muitas... aliás, a primeira viagem em sessenta e nove, para Inglaterra, com um primo meu, com um carro a cair de

Transcrição das Entrevistas

velho, pela Europa, Espanha, França, Inglaterra, depois ainda fomos para o norte, uma viagem económica, recordo sempre aquelas passagens todas e tal dezassete, dezoito anos, e naquela altura não era muito frequente. Hoje vai-se a uma viagem de finalistas, ninguém fica pela Europa (risos) vai-se logo para a República Dominicana. Mas pronto, quer dizer, ficou-me (). Mas realmente também não viajei muito mais porque depois, dado a minha vida, acabei por, Itália, uma vez ou duas ou três, era a feiras, cada vez que me lembro, para mim, um autentico disparate porque acabei por não ter resultados obtidos. Esses poucos resultados que se obtêm é que eu sou metido naquele negócio pelos meus pais, não procurei emprego, não é, não sou realizado assim muito. Embora, de certa maneira até fui uma pessoa com algum sucesso.

(E) Teve que manter o negócio.

(EN) Exato, mas mantive e aumentei. Mantive e aumentei bastante, fiz uma lá em cima no Porto, cá, tínhamos lojas hum para aí umas cinco lojas.

(E) Mas era livraria, que me disse.

(EN) Papelaria, livraria, bijuteria, mas depois já foi com uns sócios. Olhe, é uma experiência de que, sinceramente, pá, não tenho saudade nenhuma. Acredita? Não tenho saudade nenhuma porque deixei quase de ver os filhos lá, porque Sábados e Domingos

() Então e o resto, portanto, quer dizer chego a uma idade de cinquenta e nove anos e sou quase ah, e sou quase impelido, primeiro porque a reforma antigamente era aos sessenta anos e estes indivíduos mudam as regras do jogo a belo prazer. Achava que as pessoas, por parte do Estado para com os cidadãos, se estivesse meio percurso para a frente, mantinha, eh pá, para trás, pronto, quem tivesse só quinze anos de desconto, pronto, as regras agora são estas. Não é a pessoa chegar aos cinquenta e oito, cinquenta e nove, ter as continhas feitas para uma determinada vida e de um momento para o outro mudam-se as regras do jogo. Olhe, agora não, agora a reforma é só a partir dos sessenta e cinco, não é? Bem como o cálculo da dita... dez melhores, eram os cinco melhores, dez melhores dos últimos não sei quantos. Isto em termos de média, da reforma, de um momento para o outro é a média desde que se começou. Ora, um individuo que começa a ganhar mil escudos, não é? Que naquele tempo era um determinado valor, e depois acaba a ganhar duzentos contos, mas esses mil escudos que estão no início, vão estragar a média toda. Não é? É injusto, é injusto, e esta coisa de se dizer que a gente gasta

Transcrição das Entrevistas

acima das, temos andado a gastar aquilo que não temos, é mentira! Ninguém neste país, ninguém, não, a generalidade das pessoas que trabalham neste país não andaram a gastar o que não tinham, só gastaram o que tinham, por vezes, não digo que foram forçados, porque as pessoas só são forçadas se querem, não é, isto em termos de crédito bancário e isso tudo, mas muitas vezes foram influenciadas pela facilidade com que os senhores banqueiros impingiam às pessoas créditos fáceis. É pá, eu se calhar até podia, metia um crédito, passear não sei para onde. Se pensasse bem, dizia assim, e pá e depois como é que eu vou pagar? Eles não resistem, aos apelos da publicidade, é por isso que as pessoas estudam, marketing é para isso mesmo, para comprarem aquilo que não querem. Estarem a dizer que os portugueses () os portugueses gastaram aquilo que () não têm culpa é que tenham, e que patrões em Portugal, que são tão ordinários, tão ordinários que nem sequer compensam bem os trabalhadores, nem sequer organizam bem as produções. Não é? Se você reparar o trabalhador é elogiado.

(E): Sim, é verdade.

(EN): Tem todas as qualidades e mais uma. É um individuo modesto, não refila, aqui é capaz de refilar mais um bocado, mas também está na terra dele, mas de qualquer maneira, a gente tem por exemplo o presidente da AutoEuropa, o presidente neste momento é português. E não é a melhor fábrica da Volkswagen no mundo inteiro? Está em número um, porquê? Porque é a organização do trabalho, porque as pessoas se sentem minimamente recompensadas a fazer o que gostam. Se eu ganhar bem, eu desempenho muito bem as minhas funções e vou com gosto para o meu trabalho. Agora se eu ganhar duzentos ou trezentos euros e se vir que chego ali ao fim dos primeiro, no décimo primeiro ou no décimo segundo dia que vou para o emprego já vou chateado. Isso é lógico. E é o que acontece. Isso não é a mediocridade da minha vida porque felizmente nunca me faltou assim nada, não é? Nunca tive abundância, mas também...mmh... Entretanto, portanto, veio os filhos e há a formação dos filhos, que era dar-lhes, proporcionar-lhes que eles... o meu lema foi sempre, se poderes trabalhar e simultaneamente fazeres aquilo que gostas e ainda por cima te pagarem, não é?

(E): Claro

(EN): Agora se, se me () uma determinada vida que a pessoa é sempre(riso)... Mas felizmente acho que os meus foram para aquilo que gostavam. A minha filha com um carater totalmente diferente. Nada de ciências e assim, gosta de riscar é números. ()

Transcrição das Entrevistas

Petróleo num navio, mas está naquilo que gosta, se falar com ele vê logo que está realizado, que gosta imenso daquilo que faz. Já é chefe de geofísica e, e pronto e a faculdade também no outro dia convidou-o para dar uma aula, não, não é a futuros geofísicos, é a alunos de mestrado, alunos de mestrado. Agora, isto tem a haver também com, não que lhes tenhamos impingido os cursos, não impingimos de maneira nenhuma, demos-lhes liberdade a eles de escolherem e realizarem-se profissionalmente, isso é importante, não é, quase dois terços da nossa vida, mas pronto. A gente não lhes impingiu, o passado que lhe disse, que tive, o pai e tal, o sentir-me aperreado nos tempos idos, em períodos assim um bocado revoltantes, embora eu nunca fui muito agitador social (risos). Tenho as minhas ideias, falávamos muito, mas nunca fui um individuo assim muito ativo, nem muito nem pouco. Não tive atividade quase nenhuma. E pronto, estamos na parte já dos meus filhos, agora falta, bem, não sei se quer mais alguns pormenores...

(E): O EN é que sabe.

(EN): Como é que se chega então à reforma? Chega-se à reforma dado ao estado de coisas em que isto está. A empresa em que eu estava ia fechar, não há quem compre, não há dinheiro. Insistem no tratamento que é primeiro matar o doente e depois tentar salvá-lo, depois de ele estar morto, nova do nosso () e não só, e da gorda, da Merkel. E a partir daí eu quer dizer eu tive sorte, mas sorte em ter pedido a minha reforma no mês de janeiro, se tivesse pedido em fevereiro já não a tinha e ficava sem reforma, ficava obrigado a aguardar até aos sessenta e cinco anos, sem qualquer rendimento porque um gerente não tem, é justo, não é? É que não há condescendência para ninguém. Eu imagino o que é que não será hoje, montes de gente, que estão na mesma situação que eu e que se estão a ver, de um momento para o outro, sem qualquer tipo de rendimento. Vão pedir, para a porta das lojas, com certeza (). A partir daí, vamos lá ver, isto aqui agora já mete um bocado bom para o Algarve, nós que já não tínhamos férias, há quantos anos? Há quinze anos, esta casa, eu penso que não tinha passado aqui oito dias. Acredita nisto? O máximo que eu tinha passado aqui, vá lá, uma ponte, do género de uma quinta-feira feriado, não, nem isso. Tinha que ser uma sexta-feira feriado ou uma segunda-feira feriado, porque o nosso trabalho lá era tão, tão, tão grande, e depois com datas marcadas e com compromissos assumidos em termos de serviços. Quem gozou realmente esta casa, foram os meus compadres escoceses, os pais do meu genro, eram

Transcrição das Entrevistas

escoceses, e são, ficavam doidos, nunca tinham visto um clima destes (risos). E pronto, tenho a minha horta feita ali em cima, as minhas rosas, estou a implementar a garagem. É que mudamos de armas e bagagem para cá. Agora lá em cima, a única pessoa que tem casa é o meu filho, a minha sogra está aí, temporariamente e tem a minha mãe, que tem noventa anos, está na cama, a minha mulher é que a limpa e que a lava. E é assim, de certo modo estamos um bocado presos. A minha filha quer que a gente vá a Hong Kong, não podemos ir, não vou deixar a minha mãe aí, entregue a alguém.

(M): Eles ofereceram a passagem e tudo, mas a gente não pode sair. Como é que a gente...

(EN): Eles queriam que a gente fosse...

(M): Nem oito dias...

(EN): Não eram oito eram cinco dias...

(EN): Isso foi uma vez que haviam uns feriados...

(M): Era uma ponte...

(EN): Agora é a questão da minha mãe, que é se calhar uma coisa que a gente não vai ter. Não vai ter os filhos a tomar conta da gente. E depois também meter a minha mãe num lar... custava de várias maneiras. Monetariamente e afetiva, não é? Mas se calhar quando for a nossa vez já não é bem, essas partes já não contam.

(M): Então, é assim, hoje em dia cada vez é pior.

(E): Pensa nisso?

(EN): Colocá-la num lar?

(E): Não, quando o Senhor for dependente, ou se alguma vez for, até pode nunca vir a ser.

(EN): A única coisa que eu queria era ir cinco minutos antes da minha mulher, também mais do que isso, também não. (risos) Mas penso, / mentalizando/ para uma situação dessas, vocês hoje têm, têm a vossa resolução de vida é diferente da nossa () Vocês não têm segurança nenhuma em nada, não é? O Estado hoje não vos dá segurança nenhuma. Podem acabar com os recibos verdes, é natural que acabem com os recibos verdes, se eles acabarem com os contratos, se o patrão puder despedir de um momento para o

Transcrição das Entrevistas

outro, para que é que é preciso os recibos verdes? () De um momento para o outro, olhe, você apresente-se ali, faça contas, vá-se embora. () Mas depois vem o Sr. Presidente da República perguntar, perguntava aqui há uns anos atrás, ele agora se calhar já aprendeu. Porque é que os portugueses não tinham filhos? De certeza que a gente não estava à espera que ele fizesse desenhos para a gente saber como é que eles são feitos. Qual é as condições que um jovem em Portugal tem para formar uma família, para poder () uma noite jantar fora, como é que pode? Não pode, porque se fizer isso uma noite o /esquema/ dos ordenados e das continhas todas fica logo tudo desarranjado. É a causa de muitos divórcios para aí. Porque começa a faltar o dinheiro, começam as discussões, “ah, mas porque a gente teve de ir..” começa-se a criar ali uma barreira e muitas vezes dá em divórcio.

Em termos familiares talvez mudasse alguma coisa. Como sou filho único, condenei a minha mulher a viver numa casa com os meus pais. Não que a gente se desse mal, nem da parte dela, nem da parte dos meus pais, mas, se fosse hoje, se calhar não vivia se pudesse voltar atrás.() No entanto, relativamente aos meus filhos, bom acompanhamento pelos avós () Acho que os avós fazem muita falta aos netos () Aquilo que na minha geração diziam, ah, o avós só estragam. Não estragam nada. Quer dizer, há avós e avós. Histórias que os avós contam aos netos têm, têm outro sabor. São lições de vida, não é? E nessa parte aí não modificava nada. Achei ótimo os meus pais poderem estar, pois, porque os meus sogros nessa altura estavam um bocado mais à parte. Olha, coisa que eu já não posso fazer por causa da porcaria do joelho.

(E): O que é que gostaria de ter feito também para se preparar para a reforma. Hoje em dia o que é que gostaria de fazer diferente?

(EN): Parece que me reformei ontem. Um lapso de tempo. A gente nem dá pelas semanas... Que ainda agora são oito horas da manhã e eu levantei-me, hoje é segunda-feira e amanhã já é sexta. Percebe? Esta conceção de tempo, esta relatividade de tempo, fantástico que eu julgava, e pá, vou ter horas... tenho lido, agora tenho lido bastante.

Ele para a semana deve estar aí. Mais acelerado fica o tempo. Porque ele chega, eu fico muito contente e depois começo logo a contar, e pá, já passou, teve aqui três, quatro dias e depois vai-se embora. De resto continuo com os meus projetozitos. Disparates. Eu comprei esta terra, esta terra é minha. Embora a Câmara queira que eu pague renda, por causa do IMI. São cem euros por mês à Câmara. É a minha terra (risos). É a terra que eu

Transcrição das Entrevistas

tenho. Mas, procuro andar o mais ocupado possível. Gostava de fazer a tal vida como eu lhe tinha dito. Ir aos meus concertos. Em solteiro íamos à Gulbenkian, depois dado ao tipo de vida que a gente, nós próprios, acabei por abdicar de quase isso tudo e agora gostava de retomar um bocado.

PAUSA NA GRAVAÇÃO

(EN): Quando a nossa filha chegou a idade de ir para a infantil, para escola pré primária agente quis mete-la no () porque era um colégio que tinha uns determinados princípios, tentamos sempre não influencia-la em colégio cada um tem o direito de ter a religião que quiser mas é na maioria que eles decidem, não me chateei-me a mim para serem batizados porque não os batizo isso sendo maior isso é um problema já é deles não tenho nada a ver com isso, e então quando chegou a altura da agente telefono para o colégio “ahh isto esta tudo esgotado” “tão a diretora está?”

(M): *Dava logo Inglês logo na primária.*

(EN): Dava-se logo Inglês, já tivemos também nessa altura já tivemos e então “ ah e tal não sei que, não se lembra de mim sou um antigo aluno”, “ Quem és tu?”, dizia ela parecia uma mulher-homem (risos) “ Quem és tu?”, “ Ah sou o EN não sei que e tal, ia para meter ai mas já me disseram que não há vaga” “Não há vagas?! Traz já a rapariga” (risos)

(M): *Antigos alunos...*

(EN): E então quer dizer, o curioso era assim quando lá iam pessoas...

(M): *Não, mas tu dizes te assim “ Era meu filho...” mas depois ainda falas-te de mim.*

(EN): Ah, pois sim, sim. Disse assim, a minha mulher também foi aluna, a M, “Oh eu disse logo que vocês haviam de casar” (risos)

(M): *Naquela altura.*

(EN): E então quando apareciam depois pais com filhos para meter lá no colégio iam logo chamar a minha filha “ Olhe esta é filha de ex-aluno” (risos)

(M): *Ex-alunos casaram e tal...*

Transcrição das Entrevistas

(EN): Tás a ver a minha filha já não podia ver ninguém (risos) “ então pois estou na aula a brincar e não sei que, chama-me sempre” e depois quando foi o meu filho ah então ela, a diretora, coitada era assim muito cedida pronto mas agora já morre descansada.

(M): *Por acaso depois foi uma altura eu começou a vir alguns do nosso tempo.*

(EN): Começou aparecer, fomos nós os primeiros depois foi da Paula.

(M): *Da Paula depois foi...porque isto foi muito cedo porque agente já se atura há muitos anos (risos).*

(E): Com dez anos...

(M): *Ainda tenho a carta de me pedir em namoro com dez anos quando, tinha feito o exame não é, eraaa um grande exame da 4ª classe. Nessa altura fazíamos exame.*

(EN): Fazíamos exame no colégio e depois fazíamos exame...

(M): *No liceu.*

(EN): No estado, fazíamos não sei o que depois em admissão ao liceu ou as escolas técnicas.

(M): *Só fiz o liceu, também só fiz ao liceu.*

(EN): É a elite.

(M): *Agente queria ir antes para o liceu, não quisemos ir logo para os técnicos.*

(EN): Mas os pais queriam era que agente fosse...

(E): Porque os técnicos eram mais...

(EN): Era.

(E): Profissionais.

(EN): Era a escola comercial, era...

(M): *Era esses, nessa altura.*

(E): Era para as elites.

(EN): Tinha uma conotação mais... menos elite, uma coisa é certa saiam da escola comercial ou da escola industrial e sabiam fazer alguma coisa.

(E) : Hum, hum.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Eu com o 7ºano, olhava para uma escrita e era um burro a olhar para o palácio.

(M): *Eu não. Eu por acaso naquela altura, os técnicos tinham mais uma formação.*

(EN): Não tínhamos preparação absolutamente nenhuma, a única preparação que agente tinha era, tinha que ir depois para a faculdade para aprender mais alguma coisa.

(E): Pois.

(EN): Porque o liceu! O que é o liceu dava? Dava línguas, sim aprendia a falar.

(M): *Pois*

(E): Era para aqueles que queriam ir para a Universidade...

(M): *Era.*

(E): E as comercias...

(EN): Mas é tal história...

(E): Os comercias depois podiam ir para a universidade? Se quisessem depois.

(EN): Tinha que fazer depois um...

(M): *Tinha que fazer uma admissão...*

(EN): Tinham que ir para o instituto comercial ou para instituto industrial e nunca chegavam a ser nem engenheiros, nem economistas para isso depois precisavam de fazer mais...

(M): *Era mais difícil.*

(EN): Era mais difícil e isso...

(M): *Agora também o liceu tem uma parte que já lhes dá uma certa aaa mas é certos cursos, cursos que eles têm.*

(EN): Vamos ver por quanto tempo.

(M): *Pois, por quanto tempo porque eles têm lá uma parte de turismo, uma parte...*

(EN): Eles qualquer dia, eles vão arranjar maneira.

(M): *Há uma parte comercial, uma parte que eles ensinam. É isso, é isso.*

(E): Só que ir para universidade, igual aos outros na mesma.

Transcrição das Entrevistas

(M): Pode, pode exatamente.

(E): Só que ficam com...

(EN): Assim é que deve ser.

(E): Com essa profissão.

(EN): Inteligentes, aquilo aa mas há muitos mais...

(M): *Ah pois.*

(EN): São centenas deles naquela universidade que obtiveram créditos, da tese, da licenciatura, os acordos de Bolonha agora deram uma certa facilidade para...

(E): Para o mestrado.

(EN): Para o mestrado.

(M): *Agora o curso dele é três anos.*

(EN): Agora é 3 anos.

(M): *Pois agora.*

(EN): o dele era cinco, cinco.

(M): *Cinco.*

(EN): Quando fez a tese...

(M): *Quando fez a tese, agora é obrigado a fazer a tese...*

(EN): Agora são três anos é um bacharelato.

(E): Não, ficam logo licenciados.

(EN): Agora é licenciado e sem tese?

(E): Fazem um projeto, tem que fazer um projeto final de curso. Tem um estágio ou um...

(EN): O meu filho fez uma tese que era quase única do país localizou os fenómenos sísmicos todos desta zona desde 1900 e não sei quantos para cá e olha inclusivamente na tese com assim não foram, não são capazes de lhe dar equivalência quase nenhuma porque ele já fez as cadeiras todas e agora ainda tem que defender mais uma tese.

(E): É para doutoramento.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Para o mestrado.

(M): *Mestrado, Mestrado para o mestrado.*

(EN): Mas a tese é tal modo, que ele nem sabe bem o que é que há-de fazer pelo seguinte, ele está a lidar com situa...pessoas daqui que nem sequer tem conhecimento...

(M): *Eles criam...*

(EN): Daquilo, lidar com aparelhagens de âmbitos da NASA e não sei que... que as pessoas andam sempre a perguntar “ Eh pá mas como é, isso é o que” porque eles também querem saber porque ele nem pode defender aqui, não pode fazer trabalho sobre aquilo, aquilo é mais que ultra secreto. (risos)

(M): *Há certas coisas que ele não... Aqueles trabalhos em 3D ou...*

(EN): Mas ele já trabalha 4D,então aqui só conhecem 2D.

(M): *Exato, 2D.*

(EN): Eles é que estão a dizer o que é 4D.

(E): Pronto.

Transcrição das Entrevistas

2ª Sessão da Entrevista de Renato

Data de realização: 31 junho 2013

Horário: Das 16h30 às 17h30

Local: Residência do próprio em Ferragudo

EN: Entrevistado

E: Entrevistador

M: Mulher do entrevistado

(E): Se o senhor EN pudesse refletir um pouco sobre a questão, o que é que é para si a reforma, o que é que acha que devia ser...

(EN): Sinceramente e, honestamente não tenho grande opinião sobre isso. Estou satisfeito com o que tenho (ham) tinha perguntado a opinião das outras pessoas, também ainda não tenho... para já, não tenho grandes contactos também, não é, mas não notei assim crítica nenhuma, até porque, pronto, da minha faixa etária, uns estão em pré reforma, outros estão já na reforma, outros estão-se a querer reformar e já não podem, e isso é o feedback que eu tenho, de resto não, não tenho assim outra opinião, para já.

(E): Relativamente ao envelhecimento, as pessoas vão envelhecendo desde que nascem, não é, e eu, por exemplo às vezes falo com os amigos do meu filho, acho que tenho a idade deles, mas não tenho e depois apercebemo-nos que estamos a falar com uma pessoa muito mais nova do que nós. Como é que o senhor EN encara isso, como é que acha que as pessoas vêm os mais velhos

(EN): Eu, o meu trajeto tem sido ao contrário, eu tenho é rejuvenescido.

(M): ((risos))

(EN): Sinceramente não tenho... quer dizer, já noto às vezes quando falo em rapazes da minha idade, os meus filhos emendam-me sempre

(M): *Mas isso, tu já fazias isso ao teu pai...*

Transcrição das Entrevistas

(EN): Já fazia ao meu pai, já fazia ao meu avô. O meu avô quando ia a Lisboa queria ver sempre um rapaz que era da criação dele, o meu já nessa altura tinha para aí oitenta anos e era sempre um rapaz da criação dele.

(M): *Isto quando os filhos estavam na escola e a gente perguntava que idade tinham os professores, lembras-te? “Ah, já são velhos” “Então que idade é que eles têm?” “Uns quarenta” “Ai é???”*

(EN): Isso é tudo muito relativo, mas sinceramente eu não... eu disse, comecei por dizer que eu não me importava de ter trabalhado até aos sessenta e cinco anos e não me sentia velho para deixar de trabalhar, percebe, foi mais uma solução do que propriamente. Uma solução de salvação, do que propriamente uma coisa pensada (ham) mas, ainda bem que a tomei e estou bastante contente por a ter tomado, mas sinceramente não me sinto, eu não me sinto reformado, pronto, não é bem aquele sentido da reforma, velhote, coitado, já está reformado, não, não me sinto nada, sinto-me bem, completamente bem.

(E): Essa afirmação “velhote, reforma, coitado”, acha então, acha que a sociedade tem essa perceção das pessoas que estão reformadas e dos mais velhos, acha que isso é justo? Se calhar a sociedade tem uma visão errada das pessoas mais velhas, acham que eles são reformados e coitados mas eles são reformados mas não são coitados. Sente essa discriminação?

(EN): Eu sinceramente, eu pessoalmente não sinto, mas também não tenho vivências, em termos de tempo para sentir, não é, por acaso, no, já não me lembro bem onde é que foi, acho que foi num organismo qualquer do Estado, que eu ia fazer um requerimento, fazer qualquer coisa e quando virei costas ouvi a senhora a dizer para a do lado “ È reformado” Eu por acaso estive para voltar para trás, eh pá, não vale a pena, perguntar-lhe porquê, não é? «Porque é que ela teve de dizer isto à colega do lado?

(M): *O que é que a gente foi tratar? Ah, foi por causa da tua carta, foi por causa da tua carta.*

(EN): Bem, mas eu considerei aquilo um elogio, um rapaz tão novo e já reformado (risos). Ela queria dizer era isso (gargalhadas).

(E): Se calhar até era...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Então relativamente a essa questão o senhor não tem agora que está reformado, a percepção que tem relativamente à reforma é igual à que tinha antes de se reformar.

(EN): Sim, mas admito que outras pessoas tenham opiniões diferentes. Sinceramente não me tenho sentido discriminado, mas como lhe digo, também não tenho tido tempo suficiente nem vivências com pessoas. A minha vida é feita aqui, vou ao pão, venho e gosto é de estar aqui, estar sossegado, gosto, são os amigos que vêm, gostam de me gabar aqui a hortinha.

(E): Sente falta de alguma coisa aqui?

(EN): Olhe, sinto falta de cinema, porque fecharam os cinemas todos (ham) e agora que teria tempo, isso sinto um bocado falta de concertos, gostava de assistir a concertos aqui na zona e vou ver ali a Visão que por exemplo trás o programa todo de concertos e não sei o quê, Lisboa, Lisboa, Lisboa, agora é que eu me apercebo que Lisboa, afinal, ali é que havia de tudo, não é? Mas de resto tudo bem. Compro um DVD e tudo bem.

(E): As vantagens que encontra aqui na sua terra são maiores do que as desvantagens?

(EN): Ah, sim, o ar puro, a falta de relógio, a falta de horários, está tudo muito mais calmo. Agora é que, garanto-lhe que o tempo passa a correr. Continuo com esta, às vezes acho que me custava mais a passar o tempo lá do que aqui.

(M): Oh, vamos lá ver, na questão, na questão que ele está a fazer da fisioterapia. Lá em Lisboa a fisioterapia é muito melhor do que cá.

(E): Em questões de saúde notam diferença.

(M): *Não, na questão da fisioterapia que ele está a fazer...*

(EN): O meu filho tem um problema análogo...

(M): *E o que ele fez lá em Lisboa é totalmente diferente daqui. Isto aqui é obsoleto, de há cinquenta anos.*

(EN): Há cinquenta não sei, mas há vinte ou trinta... Enquanto ele tem lá tudo já monitorizado no computador....

(M): Para saber onde está no desgaste...

Transcrição das Entrevistas

(EN): A posição da perna, para estabilizar o peso e à medida que vai andando o computador vai dando indicações que está mais bem posicionada a perna para não estar a fazer o peso todo em cima da perna. Aqui, pronto, é tudo muito artesanal. Por exemplo, em Lisboa estavam sempre a medir-lhe os músculos, porque é preciso fortalecer estes músculos aqui de baixo para substituir a falta de cartilagem, e estão sempre, constantemente a medir, mesmo com fita métrica para saber quanto é que aumentou, de sessão, para sessão para acompanhar aquele ritmo de aumento ou estagnação do musculo. Aqui não, nunca me fizeram isso. No entanto não quer dizer que me estejam a fazer um tratamento errado. No outro dia em conversa com a fisioterapeuta, com a moça que faz a massagem e tal , disse que em conversa com o meu filho, por acaso até desconhecia isso, mas o meu filho já se está a queixar da mesma coisa, só que ele está a ser tratado em fisioterapia nestes moldes assim e assim “Ah, isso eu já vi em fotografia” Ela já viu em fotografia, se calhar quando estive a tirar o curso, mas, aqui não tem nada disso.

(E): E os seu projetos? O que é que tem?

(EN): O projetozinhos.

(E): Os projetozinhos, já pensava neles antes, ou começou a pensar neles...

(EN): Ai, não, isso pensava sempre neles.

(E): Pensou sempre...

(EN): Sempre, sempre, são coisas que eu gostava de ter feito mais cedo, mas o ritmo era de tal modo, que não dava, quer dizer, tempo arranja-se sempre, quando a gente tem vontade () o ritmo muito acelerado, quando arranjo um bocadinho de tempo, eh pá, agora não, já não me apetece fazer nada. Mas de resto... os meus projetos são simples, era tirar fotografia, fazer assim umas pinturas, está a ver isso das pinturas já vêm do tempo do liceu, quando estava para ir para arquitetura, mas nunca concretizei e continuo ainda sem concretizar, por uma questão de tempo, mas vou, tenho ali a minha bancadazinha, tenho ali a minha ferramenta...

(E): Mas costuma pintar?

(EN): Não.

(E): Ainda não.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Não porque ainda não utilizei isso, mas tenho ali tudo, telas, tenho ali tudo e livros e tudo para me instruir um pouco sobre isso e estava com vontade de ir bater à Universidade do Algarve para ver o que é que há para seniores.

(E): Ah, mas aquilo é tudo para seniores, na Universidade do Algarve pode entrar em qualquer curso, independentemente de ser sénior ou não.

(EN): Não, não sei se posso, eu não tenho habilitações para isso, eu tenho frequência do décimo primeiro, décimo segundo...

(E): Pode fazer o maiores de vinte e três...

(EN): Sim, os ADHOC, não é, não sei quê.

(E): Aqui em Lagoa...

(EN): Eu tinha um professor amigo que me andava sempre a entusiasmar “Eh pá, tens que ir fazer isso, aquilo é fácil, aquilo é um ponto de português, aquilo é fácil” Ham, nunca me meti nisso.

(E): Aqui em Lagoa tem a Universidade Sénior, é diferente, é uma Associação...

(EN): Isso aí que cursos...

(E): Sim, tem ali algumas áreas, inclusivamente aquilo funciona à base de voluntariado, os professores são voluntários...

(EN): Pois...

(E): Mesmo os próprios sócios são voluntários, também. É uma forma de participação....

(EN): Só que eu ainda não estabilizei devidamente, o facto da minha mãe prende-nos um bocado.

(M): se fossemos só nós....

(EN): Eu, sinceramente, tudo o que faço, conto sempre com ela ((a esposa)) embora com interesses diferentes que a ela, se calhar interessa-lhe outras coisas.

(M): ((risos))

(EN): Costura...

Transcrição das Entrevistas

(M): *Ah sim ((risos)) está bem... o que tu queres sei eu bem ((risos)) comprar-me a máquina de costura.*

(EN): ((risos)) Quis-lhe oferecer uma máquina de costura... ela não quer.... ((risos))

(M): *Sei fazer muita coisa, mas costura não...*

(EN): É uma questão agora também mais de tempo...É só porque isto agora a contagem é regressiva, não é? A gente agora, não é mais um dia, é menos um dia....

(M): *Olhe, o nosso gosto era os netos, ficarmos a tomar conta dos netos, isso é que...*

(EN): Isso gostávamos...

(M): *Isso era uma das coisas que a gente queria, e é das coisas que nunca mais vem. Isto cada vez está pior, não é, eu dizia a eles, “arranjem enquanto eu tenho forças porque depois, é mais difícil”*

(E): Mas eles vivem longe...

(M): *Pois, é isso, o meu filho, como fica cá cinco semanas, é diferente, não é, agora a minha filha já não é tão fácil.*

(EN): O meu genro costumava dizer...

(M): *Dizia que tinha e mandava....*

(EN): “Manda-os para lá”

(M): *((gargalhadas)) Eu não me importo.*

(E): E acha que alguma vez os seus filhos vêm para Portugal?

(EN): Acho que sim, quase de certeza absoluta...

(M): *Hum, não sei...*

(EN): Na reforma...

(M): Ah...

(E): Mas antes?

(EN): Só se forem parvos, é verdade, é...

(M): Só se lhes dessem as mesmas...as mesmas...

(E): Condições....

Transcrição das Entrevistas

(M): Que eles têm, não é? A minha filha diz que não se habituava a trabalhar cá, o sistema de trabalho é muito diferente.

(EN): É totalmente diferente.

(M): Que ela trabalha a sério, chegar às sete da manhã e às vezes às dez da noite ainda está no banco, a trabalhar...

(EN): Ou à meia noite.

(M): Mas é diferente, até a questão de ela fazer coisas e agradecem, eh pá, aqui não se vê isso em lado nenhum.

(EN): Off the record.

((o entrevistado refere uma experiência de um banco português relativamente ao método de trabalho))

PAUSA NA GRAVAÇÃO

(EN): Ninguém tem estabilidade para nada. Estes indivíduos brincam com os sentimentos das pessoas. Você veja, você tem uma perspectiva de trabalho não sei aonde, pronto, tudo bem e começa trabalhar, mas de um momento para o outro acaba-se o concurso daquela parte e você fica a olhar “mas afinal, estive com este esforço todo, afinal não tenho nada”, não é? Por outro lado o indivíduo está a trabalhar (ham) mas é preciso reduzir o pessoal, de um momento para o outro reduzem o pessoal, o que é que ele tem, não tem nada. Quer dizer, a gente anda, eles brincam com os sentimentos das pessoas (ham) depois não é isso, é a prevalência dos fortes contra os fracos, é a ausência total, não têm sensibilidade absolutamente nenhuma, os dramas humanos que têm provocado, eu pessoalmente não tenho assim conhecimento, julgo eu, julgo eu, daquela pobreza envergonhada que começa a grassar por aí, não tenho assim presente um único caso que foi lá pedir, mas se calhar até andam, de alguns que eu conheci, e que conheço, se calhar até andam, porque já vão envergonhadamente pedir um cestinho para ver se têm coisas em casa. Eh pá, é muito triste uma pessoa, caramba, trabalhou, bem ou mal, fizeram aquilo que lhe mandaram fazer durante anos e de um momento para o outro, teve filhos, estava-lhes a dar um certo nível e de um momento para o outro não consegue nem vesti-los, nem calçá-los, alimentá-los como deve de ser, isto deve ser terrível, isso é terrível, não é? A mesma coisa que vos por a vocês a andar daqui para

Transcrição das Entrevistas

fora, para ir dar o rendimento nos outros lados, os outros é que se ficam a rir, porque nós, é que vamos lá ver, isto não é só pagar os juros e pagar os empréstimos e não sei quantos, nós com o *know how* que estamos a mandar para fora, nós estamos-lhes a dar de mão beijada todo o conhecimento científico que aprenderam cá e que o estado investiu, não é? Não é barato, não é barato, quer dizer, embora você e eu paguei propinas dos meus filhos e isso tudo, mas alguma vez pagamos o valor do curso? No Estado não se pagou, pagou-se uma décima parte daquilo que o Estado também investiu. Portanto nós estamos a pagar juros, nós devemos dizer isto, nós estamos a pagar juros, estamos a pagar o dinheiro, estamos a pagar juros e estamos a dar cérebros para eles desenvolverem os países deles e vem este, não gosto de dizer muito os nomes, está a ser gravado, mas vêm estes indivíduos, o primeiro-ministro e não sei o quê, gabar a oportunidade para os jovens saírem da sua área de conforto que é uma grande oportunidade, porque é que ele não vai? Ele é que fazia falta lá fora, porque ele era capaz de desordenar aquilo tudo. Podem confiar nele, não é?

(E): E relativamente a si, a esposa está desempregada, não é? Alguma vez pensa nisso, pensa que a situação não é segura?

(EN): Penso, penso, vamos lá ver, quando a situação se pôs, da minha mulher, com sessenta anos, quais são as perspetivas de emprego? É que não tem perspetivas de emprego, aos quarenta já não tem, quanto mais aos sessenta, quem é que vai empregar uma pessoa de sessenta anos, por muito útil que podia ser, na área para a qual ela está vocacionada, agora, no meu caso, a perspetiva que se punha e aliás, na altura até dito pela senhora que nos atendeu, com certeza não oficialmente, mas disse “Não, com essa idade agora vai ter dois anos e tal, três anos de desemprego, muita sorte havia de ser de arranjar, mas possivelmente não arranja, e depois, o mais certo é a reforma” Mas estou mesmo a ver que vai-se passar este período e é menos um rendimento que entra.

(E): Acha que não se vai conseguir reformar logo?

(EN): Não, eles agora querem tudo aos sessenta e cinco, aliás eles nem querem aos sessenta e cinco, eles querem sessenta e cinco mais não sei quantos meses que é para dar o esquema que eles querem (ham) portanto, aí é um rendimento que a gente perde, vamos lá ver, estou convencido que a gente aguenta, não tenho vícios, olhe, não bebo, não fumo ((risos)) não tenho grandes...

Transcrição das Entrevistas

(E): Mas causa-lhe alguma preocupação? Acha que teria uma reforma mais descansada...

(EN): Claro, claro, isso sem dúvida nenhuma.

(E): Se soubesse o que é que ia acontecer daqui a três anos...

(EN): Claro, claro, não é já daqui a três anos, é daqui a dois ou um ano e meio, claro, isso dava-me outra garantia. A gente continua a fazer a poupança que estávamos a fazer, mas mesmo assim nunca é a mesma coisa do que a gente saber, bom, isto está certo. É que hoje, nada do que estava prometido e do que estava acordado com o Estado, nada disso é certo, já reparou? É que o Estado devia funcionar como pessoa de bem. É que o Estado obrigou-me a descontar, não é, não me pôs mais hipótese nenhuma, podia ter posto a hipótese, olhe, você agora desconta para aqui, ou então faz o seu pé-de-meia e governa-se com o que quiser. Mas não, você é obrigado a pôr aqui, que é para a gente retribuir com isto no fim da reforma, quando chegar a época da reforma, eu estou a dois anos ou três da reforma, o Estado diz, “não, não, isto agora não é assim, agora é só aos sessenta e dois” Peço a reforma, se não tivesse pedido, agora já não é aos sessenta e dois, é aos sessenta e cinco. Isto é a falha total, eu admitia, sinceramente, estamos em crise, pah, estamos numa situação quase de emergência, pronto, quem está, por exemplo com mais de metade do compromisso assumido e portanto já descontou, fez tosos estes descontos, as regras permanecem as mesmas, não é, quem entra agora as regras são estas e são para cumprir, porque se eu não tivesse cumprido... eu não podia dizer, olhe, estive a reunir lá em casa e a partir de agora eu é que digo como é que é, não é, não podia fazer, mas eles podem, eles podem fazer tudo, por isso é que eu digo, isto é uma cambada de garotos que não tem a mínima sensibilidade, portanto, eles foram criados nas jotas, evoluíram, o mundo de trabalho para eles, nunca lhes faltou nada, porque eles foram para a administração disto e daquilo e daqueloutro e os feridos e os mortos que eles deixaram pelo caminho, ah, isso não conta, isso é lixo, porque quando eles foram para essas empresas também já foi para () e pronto, é isto, é o descalabro total e portanto não me sinto minimamente confiante, sinto-me o mais confiante que é possível mas não tenho a confiança absoluta como, por exemplo o meu pai teve, o meu pai sabia as regras, eram estas e quando chegou àquela parte, pronto, está reformado, tem isto e ainda teve, depois os acertos e a inflação, agora nós, a inflação é sempre negativa.

(E): Mesmo assim as pessoas mais velhas também estão a mudar.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Veja, eu aqui há uns dias estava a ver aqui na televisão as promessas do senhor primeiro-ministro em campanha eleitoral “nós vamos tirar o décimo terceiro mês? Nem pensar, malandros e tal, é que tiraram” que eram os outros, oh, catrapumba, já em primeiro-ministro, “nós não mexemos naquilo” oh, mês seguinte, catrapumba, já está mexido, então, mas onde é que estão os homens de valores da minha terra? Não existem, não tenho confiança nenhuma, vamos vivendo odia a dia, como é que isto vai, mas não há confiança absoluta porque não, estes indivíduos não me inspiram confiança, pura e simplesmente não me inspiram confiança, mas não são só estes, estes e outros. Esta nova vaga política, não, não, não me inspiram confiança nenhuma, enquanto, por exemplo um Mário Soares, um Sá Carneiro e agora mais para a esquerda, o Álvaro Cunhal, eram indivíduos de princípios, de, com um sentido de honradez, de palavra, pronto, é assim, é assim, as pessoas não se vergam

(E): Já falou anteriormente que “ as regras do jogo” em relação ao processo de reforma estão sempre a ser alteradas. Como se sente em relação a essa questão?

(EN): Portanto, o absurdo neste momento é, é o tipo de políticas que se está a seguir, agora isto não significa que não tenha remédio. Tudo tem remédio. A política é mesmo isso, a política é apresentar soluções, é por a imaginação do homem a trabalhar, não é, para o bem comum. Agora, quando se vê políticas baseadas só em regras matemáticas, que é aquelas regras do nosso ministro das finanças, nem sei se aquilo foi ensaiado em alguma parte do mundo, que está munido é daquele grupo de teóricos que acha que deve ser assim, pronto, se falta dinheiro, corta-se nas pensões, corta-se nos reformados, corta-se nos trabalhadores, corta-se na função pública, pronto, é fácilimo, então não é fácil cortar, é fácilimo, os dramas que isso vai fazer, que isso vai provocar, os dramas individuais eles dizem logo, não, não, a gente não vai ficar a pensar no zé que vai ficar sem emprego, e pá, isso é uma fatalidade, que acontece, aliás, até vem o absurdo de miúdos como o nosso primeiro ministro dizer, e pá, isso é uma grande oportunidade que ele tem na vida, então não é, é ótimo, o individuo fica sem emprego, mas amanhã já tem o patrão mesmo a bater à porta, “olhe, já está aqui o emprego para si” Pronto, enquanto esta mentalidade não for derrotada, e estou convencido de que não dura muito, isto mais, sei lá, umas eleições ou duas isto entra mesmo no sítio, no eixo, nos eixos não entrará, mas há de haver outras ideias a triunfar. As crises não dura sempre, não é, isto é, é certo que Portugal já vive em crise há desde há dois séculos, ou três, desde que os

Transcrição das Entrevistas

reis gastavam mais do que o ganhavam, aí estava a crise, mas pronto, isso há de ter o seu fim e mais, a gente agora pertence a um clube rico não é e depois é uma questão de a senhora Merkel também ser vencida em eleições, ganhar outras formas mais humanas de se governar, pelo menos transformá-la, numa federação de nações, isso é difícil, é um bocado difícil porque nós temos uma história muito complexa para trás, cada país destes, não é, não é o caso dos Estados Unidos que eram todos estados novos e que portanto reuniram-se à volta da bandeira e das estrelinhas e não sei o quê e são o que são. A Europa não é bem assim, a Europa tenderá a fazer isso, mas é muito mais difícil, é muito mais difícil, agora pela fome e pela lei da força é capaz de conseguir mais alguma coisa, e tem de conseguir mesmo, porque senão isto desmembra-se tudo, não faz sentido continuar. Aliás, o economista, o professor Ferreira do Amaral, preconiza a saída do euro porque é quase impensável estar a cumprir aquilo que eles querem, não é? A Grécia já está a exigir o pagamento das dívidas de guerra a Alemanha, ela diz que não, a lei deles não permite essas coisas, pagar o que devem não é com eles, têm é que receber, pronto, de maneira não sei o que é que hei de dizer mais.

(E):Relativamente a quando o senhor se reformou acha que, como é que compensou, vou contextualizar...

(EN): A minha reforma é um bocado diferente do que talvez da maioria das pessoas. A maioria das pessoas reforma-se ou porque infelizmente têm um mal qualquer e pedem reforma antecipada, por incapacidade, ou coisa assim, outros que têm a reforma por velhice e outros que têm uma solução, a única, que era o meu caso. Aliás, explicava na entrevista primeiro que se eu não tivesse pedido a reforma, por sorte pedi em janeiro, se eu pedisse em fevereiro, eu neste momento não tinha qualquer tipo de rendimento, porquê, porque como gerente não tinha direito a fundo de desemprego e o que é certo é que ia ficar desempregado e portanto resolvi pedir a reforma sabendo eu que ia ter uma série de penalizações, mas pronto, é melhor ter isto do que não ter nada, portanto, o meu tipo de reforma e, de certeza há uma série de gente assim também, preferiram pedir uma reforma antecipada do que estar a, do que estar a, mas esses aí, possivelmente era por não quererem trabalhar mais, não sei.

(E): Mas o senhor, queria, se tivesse possibilidade tinha continuado a trabalhar?!...

(EN): Eu tinha as coisas programadas para trabalhar até aos sessenta e cinco, porque a regra para ter os cem por cento da reforma, seria, mas parece-me mesmo, mesmo

Transcrição das Entrevistas

trabalhando até aos sessenta e cinco eu nunca teria os cem por cento, teria oitenta por cento, mas o que me levou mais a pedir a reforma antecipada era precisamente esta situação. Não ficaria às esmolos, não é, porque assim pronto, no entanto, também lhe digo, poderia trabalhar até aos sessenta e cinco e era para isso que eu me estava a preparar.

(E): E se tivesse uma oportunidade nesse sentido agora, gostava? Se tivesse oportunidade de desenvolver uma atividade profissional em tempo flexível, ou já passou essa fase neste momento?

(EN): Teria que ser uma coisa muito aliciante, palavra de honra, a gente até pode fazer o que quer, mas neste momento eu estou a fazer aquilo que quero, neste aspeto até me considero quase um felizardo porque, relativamente bem, não tenho grandes problemas, mas não sei, isto a vida é tão... eu lembro-me do meu pai, estávamos tão bem e não sei o quê e de um momento para o outro adoeceu e foi-se embora, a minha mãe, está na situação que está, mas enfim, já com noventa anos, não podemos exigir muito mais, mas queria ver se tinha tempo para fazer mais alguma coisa, mas mais alguma coisa daqueles projetos que eu tenho, pessoais, não é em trabalho, não é para rendimento. Agora, o que me pretendo é sempre manter ocupado, minimamente ocupado para não chegar à ociosidade e para isso tenho a minha horta, e os meus pequenos projetos.

(E): Quais foram as principais diferenças que sentiu quando se reformou?!..

(EN): Olhe, foi tirar o relógio, nunca mais o pus, ainda no outro dia quis por um e todos estavam sem pilha ((risos)) e tenho uma coisa que me desgosta bastante, é este joelho que não me permite ir fazer umas grandes caminhadas, gostava de fazer, mas ando na fisioterapia, ando a ver se a coisa, pelo menos remedeio um pouco, mas isto já não tem solução, é osso com osso... mas de resto...

(E): Relativamente à família e aos amigos, o senhor é de Lisboa...

(EN): Eu sou de cá...

(E): ((risos)) Agora já é de cá....

(EN): A minha terra é esta ((risos)), eu compreí...

(E): Mas ponderou sobre essa questão quando se reformou?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Ponderei o facto de vir para cá, ser de Lisboa, ter nascido, vivido, convivido e ter feito toda a minha vida lá (ham) inclusivamente chegamos a ponderar, a ponderar não, a pensar, “e pá, isto, não sei se vai ser fácil, não sei se vai ser fácil a gente adaptar-se, principalmente no inverno” mas como a minha vida social lá já era tão pobre, portanto, não há dúvida que tenho sempre amigos, não é, alguns estão para me vir visitar, outros já cá vieram, mas quer dizer, como não tinha uma vida social ativa porque tínhamos uma vida muito ocupada, tanto eu como ela, isto aqui tem sido um descanso, não é, para a minha mãe, nem tanto porque tenho a minha mãe e ela é que cuida dela e é um sacrifício muito grande, mas com a ajuda do Centro de Saúde de Lagoa que tem sido excecional, pá, a coisa tem andado, mas quando pensávamos nas invernias aqui, “e pá, ainda somos capazes de nos sentir um pouco sós e tal” e pá, não, tem sido uma maravilha, o tempo passa a correr, pá, levanto-me às oito da manhã, hoje não me levantei às oito, levantei-me eram nove e meia, tive que ir a correr para a fisioterapia ((risos)) mas normalmente, às oito da manha, oito e picos levanto-me, dou aqui uma volta, fico muito bem, depois dedico-me às minhas atividadeszitas e o tempo passa que é uma maravilha. Tomara coitados muitos terem assim esta hipótese. Não sou egoísta ao ponto de dizer /que não estou a passar bem/, não, não, estou, estou bem, neste momento estou bem, agora, isto o estar bem é um estado momentâneo, não é, é como ter dores e já não ter dores, pronto, a gente tem saúde, está muito bem agora, mas amanhã tem uma dor no braço, uma dor na perna, é tudo muito relativo.

(E): De certo modo, esta casa, e ter construído a casa, ter comprado esta casa, foi com intenção já de na reforma vir viver para cá, ou não...

(EN): Bom, a intenção, a final era essa, era... a gente quando fez esta casa, programámos para os filhos, para estarmos todos juntos, para passarmos férias todos juntos, assim é que é, a vida está em constante evolução, como sabe os meus filhos estão fora, é difícil juntá-los todos aqui, todos, são só dois, não é, mas juntar a família toda aqui é um bocado difícil, juntamo-nos talvez uma vez por ano, durante uma semana no máximo (ham) no entanto, eu quando era mais novo, tanto eu como a minha mulher, a gente passava um mês de férias, todos juntos, a família toda e tal, primos e não sei o quê, hoje já não é assim, a vida está diferente, mas a intenção era principalmente essa, das férias, férias e depois o natal, festas e coisas assim, passarmos juntos. Isso não se está a concretizar....

Transcrição das Entrevistas

(M): Já passámos este natal juntos e...

(M): O R está no mar....

(EN): Pois, a S, não sei se virá, se não....(ham) o fim ultimo, acabar aqui os dias, era, era, só que era tão longínquo ainda essa parte que praticamente nem pensamos muito nela, não é, mas era ter isto o mais confortável possível para poder aqui estar. Não posso dizer que tenha sido coisa com esse fim.

(E): Quando pensou em reformar-se é que decidiu vir para aqui, então....

(EN): Sim, sim, sim, foi a solução até encontrada pelos meus filhos (ham) os meus filhos é que me incentivaram mais também para isto “ Ó pai, vais lá para baixo, vocês estão lá em baixo, estão bem, não tem problemas, têm carro, se quiserem vir cá acima vêm e tal” e foi aí que começamos também a encarar mais a hipótese de vir, e de vir com armas e bagagens, que agora estou na minha terra ((risos)).

(E): E acha que... o senhor, e há muitas pessoas com quem eu tenho falado que cuidam de familiares, tem pessoas a cargo, não é, como é o seu caso, e a sua mãe já está consigo mesmo antes da reforma, ou não?

(EN): Sim, sim, sim.

(E): Então essa parte não mudou muito, como é que...

(EN): Não, nós vivemos sempre juntos, os meus pais e nós vivemos sempre.

(E): E como é que cuidava dela quando trabalhavam?

(EN): Ela era autossuficiente, agora é que....

(M): Não, já apanhamos uma parte...

(EN): Quer dizer, apanhamos a última parte, já não era.

(M): Tínhamos que a levar sempre, ia comigo para a loja. Às sete da manhã já estava com ela na loja, depois ao meio dia ia ao centro de dia que davam-lhe o almoço, depois às seis horas já voltava outra vez, depois levava outra vez, quando a gente fechava a loja às oito íamos com ela para casa. E andávamos assim, aquilo não era vida.

(EN): Inclusivamente até o vir cá para baixo com ela era mais uma solução, porque assim também já tínhamos disponibilidade de tratar dela, havia a hipótese também de a por num lar, não é, fugimos sempre um bocado a essa solução, uma questão, também,

Transcrição das Entrevistas

não temos grande confiança nos lares, a verdade é essa, e pá, as histórias que a gente houve e isso tudo... o mesmo se calhar já não vai suceder à gente, mas isso, pronto... não conseguimos programar ((risos)).

(E): Mas acha, sente que necessitava de mais apoios, por parte do estado, das instituições, nesse sentido?

(EN): Eu nunca esperei ter o apoio que tenho neste momento, ou por ignorância minha, ou nossa, nunca esperei que houvesse este serviço aqui em baixo (ham) nem sequer estou a comparar com lá de cima porque não tinha, eu não tinha esse serviço e se calhar também havia, era natural que houvesse.

(M): Não, a gente já teve uma vez lá no centro de dia, era o enfermeiro...

(EN): Era o enfermeiro que ia lá semanalmente, também fazia, mas quer dizer, o vir a casa e fazer estes curativos não sei se, mas era capaz de também existir. Uma coisa é certa, nós aqui estamos satisfeitiíssimos com o apoio que nos dão. Inclusivamente emprestaram-nos uma cama articulada (ham) e tínhamos também o apoio aqui da Junta de Freguesia de Ferragudo, como é que se chama? Apoio a idosos, não é?

(E): Centro de Apoio a Idosos, CAI, é uma instituição.

(EN): Mas nós não fomos....

(M): Primeiro era preciso... ai, como é que se diz, o médico e o boletim clinico dela...

(EN): Ah, sim, o relatório médico tinha-se perdido entretanto...

(M): Desde março, só agora é que o encontraram...

(EN): Tinham mandado, aqui garantiram que não tinham recebido, uma confusão...

(M): Andou, desde março....

(EN): E acho que inclusivamente ainda voltou para Lisboa outra vez...devolveram para Lisboa...

(M): Não sei, nunca conseguimos saber como é que foi, pronto...

(EN): Isso era uma das faltas para se requerer esse tipo de apoio.

(M): Mas depois o apoio tem que se ter, no mínimo, dois apoios, primeiro disseram-nos que tínhamos que ter...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Era tudo....

(M): *Tudo.*

(EN): Que era limpeza da casa...

(M): *Era comida...*

(EN): Comida...

(M): *Lavagem de roupa....*

(EN): Lavagem de roupa

(M): *E eu disse que disso não precisava, eu precisava mais da questão para me ajudarem quando é o banho e essas coisas todas... estamos a pensar a ver ainda o que é que há de ser. Mas ainda estamos nisso, ainda não pedimos nada nesse sentido porque....*

(EN): Pois, e depois não é só isso, é que acabamos por ficar muito dependentes desses horários todos, ora, nós assim já estamos presos porque não podemos sair daqui assim de qualquer maneira, não é, às vezes para ir às compras, já vamos a correr e não sei o quê, mas, quer dizer, temos a liberdade de dizer, bom, neste dia a gente pode ir. Ali não, estamos condicionados, que vêm, não sei a que horas vêm fazer a limpeza, depois não sei a que horas é que vêm fazer, dar a alimentação, mas por aquilo que eu vejo, às cinco e tal da tarde já estão a dar o jantar, julgo eu, vejo ali o carro parado numa vivenda.

(M): *Eu acho que é muito cedo, é muito cedo...*

(EN): E representa mais uma prisão para nós, não é, embora, embora facilite um pouco, principalmente no caso dela, enfim... a parte mais desagradável da questão... de resto estamos, para já, satisfeitos com o que temos.

Transcrição das Entrevistas

II. Transcrição da Entrevista n.º 2

Perfil de Bruno (nome fictício): Professor, 64 anos, masculino, reformado desde os 57 anos, família nuclear, constituída atualmente pelo casal.

1.ª Sessão da Entrevista de Bruno

Data de realização: 3 de junho 2013 -

Horário: Das 10h30 às 12h15

Local da Entrevista: Unidade de Ação Social e Saúde da Câmara Municipal de Lagoa

EN: Entrevistado

E: Entrevistadora

(E): A ideia aqui da, da, desta entrevista é para contar um bocadinho a sua história de vida mas, tendo em conta as suas experiências pessoais que motivaram o seu percurso profissional, o que é que, da sua experiência pessoal, da sua juventude, da influência familiar, que influenciaram o seu percurso profissional e também como experienciou o período em que decidiu se reformar e depois de se reformar, como é que foi este processo. Porque é que tem a profissão que tem, quais são as influências ((telemóvel toca)) não faz mal... a ideia é que me fale um bocadinho desde que começou a estudar, depois a trabalhar, até ao dia de hoje, para perceber aquilo que....

(EN): Desde que comecei a estudar, como estudante, como jovem....

(E): Sim, onde nasceu, onde cresceu...

(EN): Vá-me perguntando...

(E): Então força, comece a falar, eu quero mais ouvir do que falar. Agora é você a falar.

(EN): Sim, mas...

(E): Diga-me aquilo, é a sua história de vida, como se me estivesse a contar a sua história de vida.

(EN): Sim, se não me interrogar, eu também me posso perder...

Transcrição das Entrevistas

(E): Eu vou interrompendo se achar que...

(EN): Pronto, pois, eu comecei a estudar em Silves, na Escola Comercial e Industrial, que na altura (ham) o acesso a ensino, a seguir ao ensino primário era muito pouco no Algarve. Portanto, aqui no Barlavento havia o Liceu em Portimão, havia a Escola Industrial e Comercial de Silves e havia Escola de Construção Civil em Lagos se a memória não me atraiçoa. Acho que era isso...

(E): Nasceu aqui...

(EN): Nasci em Lagoa, está a ver, tem que me ir corrigindo... Nasci em Lagoa, portanto, fiz a escola primária em Lagoa.

(E): E os pais, os avós...

(EN): Os meus pais e os meus avós são todos naturais de Lagoa.

(E): E a profissão deles influenciaram aquilo

(EN): A minha? (ham) Não, o meu pai, portanto () portanto, estava numa profissão virada para a agricultura... e eu, a certa altura, por influência do meu pai e da vida que passava ali, nomeadamente na altura da vindima, passei a tirar um curso agrícola. Entretanto a seguir à instrução primária fui fazer exame de admissão, naquele tempo era necessário fazer exame de admissão à escola () fui admitido e frequentei o curso industrial, na altura, portanto...

(E): E o curso industrial dava depois acesso ao ensino superior?

(EN): Dava, dava, nomeadamente ao Instituto Industrial e o curso comercial dava acesso ao Instituto Comercial. E, entretanto fiz, reprovei dois anos naquele percurso porque também, por influência, queria ser jogador de futebol e... chumbei a tudo. Um ano por faltas, porque tinha as aulas no campo do Silves.... E arrastado também por outros, não é, porque é assim, naquela altura... eu não sou, não era, uma pessoa com um carater muito forte, era bastante influenciável, pronto, então foi assim.

(E): Acha que era influenciável, na altura?

(EN): Fui, era, era, hoje não, porque sabe que a vida vai () Hoje, às vezes ainda vacilo, ainda... e às vezes quando dou por mim já é difícil dizer que não, mas pronto, às vezes consegue-se, mas era um bocado influenciável e, portanto, perdi o ano, portanto, o tempo era passado lá no campo de futebol, o outro, foi por falta de aproveitamento,

Transcrição das Entrevistas

também as companhias não eram as melhores, não sei quanto, não sei quê, andamos ali, enfim e quando acabei o quinto ano, na altura, hoje equivalente ao nono ano, havia a possibilidade de quem quisesse seguir tirava as secções preparatórias, ou as industriais, ou as comerciais. Eu fui tirar as industriais, portanto, surge, faltou-me um exame, surge o serviço militar, obrigatório. Faltou-me uma disciplina, que era geografia, para completar as secções. Fui para o ultramar, quando regresssei tentei completar, já não existia.

(E): Pois, tinha mudado o sistema todo...

(EN): Mudaram o sistema, alterou-se, portanto tive de fazer aquilo que se chama o curso complementar de mecanotecnia, portanto, para ter equivalência ao sétimo ano (ham) fi-lo já a trabalhar.

(E): E os pais, a família, davam importância ao percurso escolar, ao que você seguisse?

(EN): Os meus pais, na altura, não tinham poder económico para eu continuar a estudar, portanto, isso que eu quando comecei a frequentar as secções, a minha irmã sai para Silves também e o meu pai pôs-me a questão que não conseguia suportar lá os dois e eu fui trabalhar e fui estudar à noite para fazer as secções. Depois, quando.... que não cheguei a terminar, havia dificuldade económica, portanto, o que segui () era auto sustentável. Entretanto as coisas surgiram assim, fui para o serviço militar, três, um ano cá, vinte e oito meses em Moçambique, quando voltei, como lhe disse há pouco, tive que fazer o Curso complementar de mecanotecnia e comecei a trabalhar numa empresa que era a /Granpará/, que é em Carvoeiro, a fazer o hotel Solférias. Depois, estive uns tempos, não muito, apareceu-me um trabalho na Algarvesol, em Portimão, para o gabinete técnico /para desenho/, e eu fui, entretanto surge o vinte e cinco de abril, surge o vinte cinco de abril, está a ver, aquela convulsão toda... apareceu, depois aparece concurso para a escola, portanto aparece e eu concorri. Aí já tinha completado o sétimo ano, portanto, ou o equivalente ao sétimo ano do liceu, o curso complementar de mecanotecnia, concorri, fui admitido, para lecionar a disciplina de trabalhos manuais. Comecei a gostar do ensino, comecei a inteirar-me naquilo, que na altura, aquilo para mim era um bocado, sem preparação, pois não tinha preparação pedagógica nenhuma, depois comecei a sentir falta de preparação pedagógica, entretanto começaram a aparecer ações de formação, havia o estágio profissional, que eu concorri, fiz o estágio

Transcrição das Entrevistas

profissional, aí sim, aprende-se muita, muita pedagogia, que é essencial para quem ensina, muita pedagogia, mas achei que a nível, vá lá, de habilitação necessitava de mais e comecei a estudar, através da Universidade Aberta, numa disciplina, num curso relacionado com a disciplina que eu lecionava, que era Educação Tecnológica. Pronto, e fui fazendo, fui estudando, fui fazendo exames e fui estudando (ham) tirei o bacharelato em Ensino de Educação Tecnológica.

(E): Isso foi em que altura, em que ano?

(EN): Oh, sei lá, em mil novecentos....

(E): Já estava casado?

(EN): Já, já, já, já...

(E): Entretanto foi conciliando a...

(EN): Fui, conciliando tudo isso. Já estava casado, já tinha a minha filha mais velha, entretanto nasceu a S depois. A S nasceu, eu fui efetivado para Almada, a S nasce a catorze de agosto e em setembro de oitenta e cinco fui para Almada.

(E): E nessa altura também havia essas deslocções como existem hoje dos professores, ou era mais fácil?

(EN): Pior.

(E): Era pior?

(EN): Pior.

(E): E isso mexeu com a sua vida?

(EN): Mexeu um bocado, mexeu um bocado. Mexeu porque eu tinha aqui a minha vida estabilizada, tinha a S acabado de nascer, obviamente que havia necessidade de apoio e, e eu sou, concorro para efetivo, para o quadro de escola e naquele tempo eramos obrigados a concorrer a quinze escolas que tivessem vaga declarada. A D. António da Costa, em Almada, por ironia do destino era a décima quinta.

(E): Pois...

(EN): /Eu calho lá/, foi assim um choque, até agora, pronto, comecei a fazer a minha vida em Almada durante a semana e lembro-me quando cheguei lá, o colega do Conselho Executivo dá-me um horário com aulas ao Sábado.

Transcrição das Entrevistas

E lembro-me, fomos grandes amigos depois disso, há muito, fiquei com uma impressão má acerca dele, depois fomos grandes amigos, porque era da área de Messines, e tal, e depois pronto, ia a Lisboa com ele, que tinha aulas à tarde, ia com ele, etecetera, mas diz-me, eu digo assim “Então, ó colega, eu venho do Algarve, e tal” “ Claro que vem do Algarve, mas se está nesta escola é porque concorreu para cá” “ Sim concorri, para efetivo, por ironia do destino era a décima quinta, mas tinha que concorrer” Pronto, tudo bem, fiquei assim, estes gajos são mesmo insensíveis. Pronto, aquilo custou-me imenso, estive lá dois anos, custou-me imenso porque fazia parte da minha vida só, praticamente sozinho. Depois encontrei um colega, que hoje também somos grandes amigos, de Estremoz, que também estava lá só, pronto, convivíamos os dois, íamos jantar os dois, etecetera. Entretanto lá, começaram a aparecer formações também no âmbito da disciplina, outros cursos, através da Universidade de Aveiro. Começamos a frequentar, havia sempre o interesse de conseguir algo mais. Entretanto, passados aqueles dois anos, que foram difíceis, porque... para já, quando se tem um filho recém-nascido é uma chatice abandoná-lo, quer dizer, aquilo custa assim um bocadinho, como deve calcular. Depois, a facilidade de transportes também não era nada, hoje há autocarros para Lisboa de meia em meia hora, antigamente era uma chatice, aparecia um de manhã, outro à tarde e era quando era. Os comboios eram para esquecer porque o trajeto era para o outro lado, para o Barreiro, aquilo era também um bocado difícil. Quando saí de Almada vim para Monchique. Que eu nunca pensei, aliás, eu pensei em refazer a minha vida ali em cima, que nunca pensei, eu nunca mais vou apanhar uma vaga no Algarve. Lá estava seguro, não é? Tenho que pensar refazer a minha vida aqui, mas, não era a vida, não era a vida que eu...

(E): Com que se identificava....

(EN): Não, uma vida muito agitada, impessoal, a relação na escola era, era má. Porquê, porque era uma escola muito grande. Eramos trezentos e trinta e tal professores. Só no meu grupo eramos cinquenta e dois, está a ver, quando eu saí aqui de uma escola de Silves que o corpo docente eram quarenta e três. Só o meu grupo era uma coisa enorme, impessoal, as pessoas encontravam-se ninguém se...

(E): Conhecia....

(EN): Não, não se conheciam, pessoas que eu nunca, nunca as conheci, e pronto, mesmo do próprio grupo, ficaram dois, ou três ou quatro, que o resto nunca conheci, conheci

Transcrição das Entrevistas

em reuniões de grupo, mas pronto, uma vez por mês, ou coisa do género. E porquê, porque às vezes nem todos iam. Faltava um, faltava outro, houve pessoas que eu nem nunca cheguei a ver. E as coisas, portanto, ainda pensei, tenho que refazer aqui a minha vida, para mal dos meus pecados, vou ter que refazer a minha vida, entretanto concorri e caio em Monchique. E pá, caramba, que alívio, pronto, vou para Monchique, estou no Algarve. Entretanto, depois de Monchique, a sorte esteve do meu lado, caí em Lagoa, isto em mil novecentos e oitenta e nove, se a memória não me falha. E, estive aqui dois ou três anos, entretanto, acidentalmente caio no Conselho Executivo. Porquê, acidentalmente porquê, porque os Conselhos Executivos antigamente, os professores apresentavam listas e depois eram votados pelas pessoas, pelos pais e houve uma altura que houve um vazio de listas, não apareceu ninguém. Pois havia, mandava a lei que se fizesse uma votação nominal entre os professores e os senhores funcionários. O colégio eleitoral era composto pelos professores e pelos funcionários. Eu fui o terceiro mais votado na altura e o engenheiro P, na altura, era P disse “Eh pá, se não se importa” a colega que era a presidente, já faleceu, a Dra. AM, ali de Estômbar, lembra-se dela?

(E): Lembro-me.

(EN): Já faleceu, era a Presidente. “E pá, você tem que formar equipa” e ela disse “você foi o terceiro, caímos os três nisto” “E pá, vamos lá, não há de ser um bicho-de-sete-cabeças” A pessoa que nos antecedeu, simpática, estou a ser irónico (risos), quando nos deu a posse desejou-nos boa sorte. E nós ficamos os três a olhar, no gabinete, pronto, e agora, o que é que a gente faz à nossa vida? Mas pronto isto () e estávamos mais ou menos dentro do sistema, a parte administrativa é muito complicada, nem nos passa pela cabeça, nós estamos dentro do sistema na parte letiva, a parte administrativa é complicada, mas começamos a ver dossiês, a ver as coisas, pedindo ajuda aos colegas, falando com uns, com outras escolas, pronto e a coisa, penso... Mas depois na altura, se quer que lhe diga, aquilo foi uma experiência, no primeiro ano não foi muito gratificante, tivemos dificuldade, muita preocupação, muitos erros, que se cometeram erros, pois a gente não sabia, fomos aprendendo, depois comecei a gostar daquilo que estava a fazer, comecei a gostar daquilo que estava a fazer e entretanto uma das colegas que está comigo pede para “E pá, e se a gente formasse uma lista e tal” “Tás maluca?” “E pá, vamos lá a isso” E pronto, formamos. Tive a sorte de as pessoas que trabalharam comigo, não é, às vezes é sorte, outras vezes não é tanto assim, mas pronto, as pessoas

Transcrição das Entrevistas

que trabalharam comigo forma pessoas em quem eu confiei muito e confiaram em mim e a quem muito devo e formamos uma equipa única, coesa, e que, com vontade de trabalhar, de fazer projetos e de zelar pela causa e foi uma experiência gratificante, gratificante ao máximo, e quando eu digo que trabalhei, as pessoas que trabalharam comigo tive sempre essa sorte, porquê, porque há uma, a determinada altura, já na escola nova, pronto, pela vida que tinha manifestou interesse em sair e eu disse “Pronto, então, a gente arranja uma pessoa para te substituir” E uma pessoa que tinha chegado aqui a esta escola no ano anterior, nova, não era de cá, depois começou a trabalhar a assim connosco e eu digo à M₁, ela entrou, estava a falar com ela, “ A pessoa certa para ir para o lugar da M₂” e ela disse “Nem pensar!” Mas os olhos, quando disse aquilo, nem pensar, como quem diz assim, a vacilar, eu digo assim “ M₁” “Não, nem pense” Noutro dia, passados dois dias, chamei-a lá e disse “ A gente ontem estávamos aqui, lembraste, daquilo que eu te disse” “ Ai, sim, mas não” Então eu disse “ A M₂ vai embora, aliás, já saiu, já pediu a demissão, vai embora, a gente precisava aqui de uma pessoa para colaborar connosco e achamos, eu e a M₁” “Eu não disse nada” (risos) “ E pá, que eras a pessoa certa para trabalhares connosco” “Ai, dá-me lá um tempo para pensar” “Ai, então não dou?” Até que aceitou, foi a minha substituta...

(E): Pois foi.

(EN): Com muita honra minha, inteligente, trabalhadora, pronto, por isso que lhe digo que tenho alguma sorte nas pessoas com quem me relacionei durante a minha vida ativa.

(E): Também acompanhou uma nova escola...

(EN): Acompanhei uma nova escola, foi a transição, que não foi fácil, não foi fácil, fazer a transição da escola, porque assim foi mudar tudo de um lado para o outro e depois criar a escola à nossa imagem, percebe? Aquilo, a instalação de uma escola.... A escola foi criada com todas as condições, foi, não há dúvida, com todas as valências, eu não quero ir, porque vi agora, pronto, não interessa, não vou por aí, mas instalar um espaço é difícil, foi muito, muito trabalhoso, foi um ano em praticamente acho que nem fui à praia, era sábados, era domingos e levamos ali o tempo todo e depois, a arrumar isto e arrumar aquilo, a tentar colocar...

(E): Já estava no Conselho Executivo já há algum tempo?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Já, já, já, já. Estava aqui, fiz aqui um mandato e fiz lá dois. Não, fiz aqui dois e fiz ali um, um e meio, pois o outro ficou a meio que saí. Não foi fácil mas, para lhe dizer que tive, uma... tive sorte com as pessoas com quem trabalhei, muita sorte, foram, pronto... Nunca pessoas que procurei e a amizade que se fez, em relação ao que nós criámos, penso que às vezes isto há... penso que nestas coisas, às vezes dá para pensar, pela experiência que tenho que as coisas não surgem por acaso, percebe, a gente não faz uma equipa com qualquer pessoa.

(E): Pois é.

(EN): E às vezes quando se combinam, uma pessoa não acede a um convite se não estiver a fim, percebe, se não se identificar e acho que nas situações, que foram algumas, que nós tivemos, identificámos, trabalhamos, resultou... claro que não agradamos a toda a gente, é evidente que não, não se agradou. Agora, resta uma consolação, agradamos à maioria, isso sim e uma coisa que me resta, fui contestado por algumas pessoas, como é óbvio, não é, como por exemplo o executivo (ham) mas resta-me uma grande consolação, e a coisa mais importante é ter saído com a minha consciência tranquila que fiz aquilo que podia fazer.

(E): E gostou daquilo que fez?

(EN): E gostei daquilo que fiz. E gostei de tal ordem que... a certa altura apareceu uma formação para, portanto, formação para o executivo, para Conselhos Executivos e eu fui fazer para Lisboa, que não tinha necessidade disso e que perdi ano e meio da vida a ir para Lisboa aos fins-de-semana e feriados e às vezes era quintas, sextas, sábados, pronto, gastei uma quantidade de dinheiro () gastei uma quantidade de dinheiro, mas pronto, era uma formação específica que hoje, hoje é base para se ser Diretor do Agrupamento de Escola. Ou tem que se ter formação na área, ou tem que se ter no mínimo um ano de experiência no Conselho Executivo. O que quer que lhe diga, aquilo que, a formação teórica em si não é muito importante, a importância aprende-se na tarimba, no dia-a-dia, agora que é uma mais-valia, é. Abre-nos os horizontes noutras coisas, até pelas disciplinas que são lecionadas, as teorias no trabalho, a gente aprende coisas que às vezes acha que não são importantes, mas são. E daí, portanto, está a ver, até dois mil, estava a estudar em Lisboa. Por gostar daquilo que estava a fazer e por interesse em progredir, em melhorar.

Transcrição das Entrevistas

(E): E imaginava-se, na sua juventude, quando começou a estudar, a ser professor para o resto da vida?

(EN): Quando comecei a trabalhar?

(E): Sim, quando começou a trabalhar e a seguir o seu percurso profissional nunca se imaginou a ser professor?

(EN): Não.

(E): Proporcionou-se...

(EN): Proporcionou-se. Foi um, como digo, foi um acidente, na altura poder trabalhar na Algarvesol e estarmos já três meses já sem receber dinheiro. Sem vencimento. Foi bastante conturbado, depois, apareceu aquilo e foi casualmente mas.... o acaso surgiu... dediquei-me aquilo e foi uma coisa que adorei fazer, durante a minha vida profissional, que passou a ser aquela, e não foi só por me dedicar a ela, gostei daquilo que fiz, senti-me sempre um profissional.... se for dizer excelente estou a por muita brasa na minha sardinha, mas considere-me um bom profissional e dedicado à causa, sempre, sempre, sempre, sempre.

(E): E acha que o seu trajeto profissional influenciou as suas condições de vida, as condições socioeconómicas, qual foi a influência?

(EN): Teve alguma, sabe que nós, quer queiramos, quer não, o setor do ensino somos vistos como, pronto, não digo o estrato social elevado, estrato social médio, isto porque antigamente os professores eram tidos como uma referência, hoje, para alguma parte da população, que já é mínima, ainda são vistos como uma referência. Para outros, não, são alvos a abater (risos). Mas na altura, isto estamos a falar há quarenta e tal anos, isto influenciou bastante. Sim, até o meu círculo de amizades, (ham) o estrato social, influenciou um bocado porque eu vivia naquele meio e era aí que a minha vida se proporcionava, se realizava, percebe

(E): E as condições que atualmente tem, a nível da vida que teve, que foi construindo, da casa, daquilo que pôde dar aos seus filhos, teve a ver com o percurso profissional?

(EN): Sim, teve a ver com o percurso profissional. Mas aquilo que eu proporcionei aos meus filhos e aquilo que eu consegui, que não tenho mais do que uma habitação, mas a

Transcrição das Entrevistas

minha vida também se deveu muito porque eu fazia um *part time* na hotelaria. Trabalhei durante onze anos como empregado de mesa num restaurante em Carvoeiro à noite. Eu dava aulas de dia, ou seja, houve uma altura que eu saia de casa... isto é mais complicado, ou seja, altura que eu estava a fazer a casa. Eu fiz a casa por () sozinho, sozinho não, pronto, ia contratando pessoas.

(E): Sim, mas foi você que...

(EN): Sim, eu saia de casa, que eu morava em Carvoeiro na altura, às sete da manhã, passava por ali arrumava o ferro () ia para Silves, vinha, à tarde ia trabalhar para o restaurante até à uma, duas da manhã, às sete ia para Silves e eu pedia ao meu colega, que trabalhava em par pedagógico, “ E pá, no intervalo eu vou dormir dez minutos, mas acorda-me” Foram, portanto, ganhei dinheiro, ganhava-se dinheiro na altura, ganhei dinheiro, mas, também exigiu de mim muito esforço. Teve uma grande desvantagem. Sabe qual foi a grande desvantagem? Porque a minha filha mais velha cresceu e eu não dei por isso. Ou seja, e isso, ainda hoje eu estou a pagar isso caro, a sério.

(E): Então diga-me lá...

(EN): Porquê (ham) eu saia de manhã, a miúda estava a dormir, e chegava ela estava a dormir. Portanto, ela cresceu, foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, mas quer dizer, nunca estive com ela... pronto... aquele tempo que os pais necessitam, para acarinha-la, para apoiar, nunca, nunca porque a minha vida eram sábados, domingos, dia e noite, percebe, e hoje paga-se caro, porquê, quando digo isso, porque às vezes a minha relação com ela ainda não é a melhor. Talvez por isso, percebe?

(E): Acha que não?

(EN): Acho, acho, acho, acho que na altura... os pais fazem muita falta naquelas idades críticas, portanto, naquele percurso escolar, eu não tive, faz muita falta a presença dos pais e, se fosse, se calhar ao contrário seria precisamente a mesma coisa. Se bem que mãe é mãe e pai é pai, mas pronto, mas senti (ham) ainda hoje, a minha relação com ela, às vezes é.... Não é preciso muito para as coisas se crisparem, percebe? Talvez por isso, não houve um bocadinho porque, pronto, mas eu já lhe pedi desculpa por isso, mas pronto, havia necessidade.

Transcrição das Entrevistas

(E): É isso, e qual foi, conseguiu que as suas filhas seguissem, influenciou de alguma forma o seu percurso profissional das suas filhas, acha que influenciou ou não?

(EN): Não (ham), da minha mais velha...

(E): Ainda por cima é professora.

(EN): Que é professora, é assim... ela um dia... isto é, o destino é uma coisa fantástica. Um dia ela disse-me... que ela tinha alguma dificuldade em matemática, na altura depois optavam ou pelas humanidades e outro já me esqueço...

(E): Pela parte das matemáticas e humanidades

(EN): Sim, e ela na altura disse “ Ah, e agora o que é que eu vou escolher” disse “tens alguma dificuldade a matemática, acho, acho eu, acho que é melhor ires para a parte das humanidades” “ Ah, não sei quê, mas pronto” Mas fez a matricula nas humanidades. Lembro-me de ter, na altura para o décimo ano, comprei-lhe os livros todos e um dia, lá em baixo, em frente ao /Clássico vinte e um/ encontro o meu ex colega e que já faleceu, o M₃ e diz-me assim “ Olha, a tua filha foi mudar de área” “Estás doido, sabes lá quem é a minha filha” “ Não sei que é a tua filha, há dez minutos estive lá no gabinete a mudar de área, não sei quem é a tua filha!” “Está maluco pá...” “ Foi mudar de área, para o científico natural” Está bem, cheguei a casa, diz ela assim “Olhe, fui falar com o professor M₃, fui mudar de área” “ Então, porquê?” “ Ah, porque eu achei que é melhor mudar enquanto é tempo do que andar uma vida inteira enganada” “ Acho que sim, então e os livros?” “ Não te preocupes que já os vendi todos, a colegas que não tinham e pronto, comprei os outros” Hoje é professora de matemática.

(E): Pois, está a ver

(EN): Já viu? E acho que é uma boa docente, penso eu, também se tem valorizado, a nível académico, tirou o mestrado, já há dois anos e a professora que lhe orientou o mestrado na Universidade do Algarve, convidou-a para fazer parte do grupo científico, trabalha um bocado na investigação a nível das ciências. Pronto, é porque...

(E): É sinal que a valorizaram...

(EN): É sinal que foi valorizada. Da mais nova, já não. A mais nova que serviu-lhe de exemplo, portanto, ela foi fazendo o percurso dela, foi fazendo o percurso dela...

Transcrição das Entrevistas

(E): E acompanhou mais...

(EN): Acompanhei, aliás, na vida escolar foram sempre acompanhadas por mim que a minha mulher nunca pôs o pé numa escola.

(E): Elas....

(EN): Ambas, a mais velha, quer dizer, não lhe dei aquele apoio paternal que é necessário dar, devido à situação. A F₁ foi fazendo o percurso dela, fui acompanhando, mas, ela decidiu aquilo que quis ser sempre e... com alguma antecedência... no nono ano já ela dizia... ou serviço social ou psicologia. Eu dizia “ ai caramba, mas que coisa mais esquisita” mas ela dizia “ não, mas é isso que eu quero, ou serviço social ou psicologia” e... e foi, foi assim, foi para onde quis (ham) foi para a universidade que quis, foi para o curso que quis (ham) no final, acho que elas podiam optar pelas organizações, pela educacional ou clínica. Foi para o que quis, tem feito aquilo que efetivamente gosta de fazer e agora parece-me que está para concluir o mestrado, está também a trabalhar na tese, parece-me que é isso, mas pronto.

(E): Então e diga-me

(EN): Diga, vá perguntando...

(E): E acha que a nível pessoal, familiar, no seu contexto de amigos era mais valorizado por ter a profissão que tinha, acha que isso ajudou a uma maior valorização social... já me falou um bocadinho sobre isso.

(EN): Eu acho que sim.

(E): Acha que sim, acha que a profissão...

(EN): Acho eu sim, acho que sim...

(E): Que a profissão que tinha... e o que é que, o que é que você, o que é que é para si a velhice? Pensou sobre isso, o que é pensa sobre isso? Estamos a entrar naquela fase, da transição da vida ativa... como é que terminou o seu percurso profissional? Se quiser pode-me identificar algumas crises assim maiores, que houve ao longo do seu percurso profissional. As maiores crises, segundo o que percebi foram quando foi deslocado para Almada, principalmente, a fase com a passagem do exercício profissional de professor ao Conselho Executivo...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Outra bastante, pronto, porque as coisas alteram-se radicalmente, percebe, pronto, não deixamos a parte, a lecionação em si, deixamos a relação com o professor, aluno para nos dedicarmos à parte administrativa que é bastante complexa e, as pessoas, se não têm prática, ou formação, é muito complicado. Daí, foram os pontos mais difíceis. Agora, portanto, se a profissão, a nível de grau, na minha, teve influência, teve...

(E): E a sua integração na comunidade, aquilo que desempenhou, os papéis que desempenhou na comunidade, acha que a profissão que tem, o estatuto que foi criando ao longo do tempo...

(EN): Eu penso que sim

(E): Na sua vida profissional facilitou...

(EN): Eu penso que sim, penso que sim, porque, sabe que neste, no mundo da educação, nos cargos que desempenhei, como presidente do Conselho Executivo, onze anos e meio, salvo erro, os trajetos que nós, as portas que nós entramos e abrimos e passamos por muitos sítios. Trabalhávamos em estreita colaboração com várias entidades, Câmaras, IEFs, pronto, e isso, quer queiramos quer não, passamos a conhecer uma panóplia de gente, começamos a nos relacionar com imensas pessoas que, de certa forma, facilita depois também, facilitava, bom, vá lá, a nossa vida profissional, a nível de executivo, para resolver um problema, ou outro, o conhecimento, penso que foi importante, no desenvolvimento da minha atividade profissional.

(E): Então e qual é a sua ideia... o que é que é para si a velhice?

(EN): Pois, para mim, a velhice... ainda não pensei nada, se quer que lhe diga.

(E): Não?

(EN): Não, não pensei, o que pensei sim, foi, uma grande mágoa de ter deixado de exercer a minha atividade, que eu gostava daquilo que fazia, mas como já lhe disse, no questionário, fui obrigado a me vir embora, porque eu não tenho outros rendimentos que não sejam fruto do meu trabalho e como tal, pensei que, para conseguir manter o estatuto de vida que tive até aqui, tive que me vir embora, porque, se não tivesse saído, eu neste momento, pois, para lá caminho, se calhar, para lá caminho, não auferia aquilo que estou a auferir, porque estava a perder muito mais dinheiro, então tive...

(E): Nem se preparou muito para a reforma.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Não me preparei nada, aquilo foi decisão, e se quer que lhe diga, do lado de uma situação...

(E): Gostava que me falasse nesse período. Nós já falámos numa outra vez, informalmente, gostava que me falasse desse período quando houve a decisão de se reformar, e porquê, por causa das circunstâncias atuais?

(EN): Das circunstâncias atuais e porque na altura, quanto mais tempo a pessoa lá estivesse, portanto, a regras foram...

(E): Mudando.

(EN): Mudando e mudava sempre para pior. E lembro-me, quando pedi, aliás, já lhe falei há bocadinho que eu fiz o pedido e depois o Diretor Regional do Governo demoveu-me, anulei o pedido, depois voltei a pedir novamente. Entretanto aquilo não chegava e um dia venho da Direção Regional e chego à escola “ Mas chegou alguma coisa da sua situação?” “ Olhe, está em cima da sua mesa” E nem imagina...

(E): O que é que sentiu?

(EN): O que eu senti quando abri... já estava aberta... li aquilo e... e agora?

(E): Pois, aí é que tomou consciência

(EN): Aí é que tomei a consciência de que ia fazer uma viagem que já não tinha retorno, percebe?

(E): Pois, não se tinha preparado minimamente...

(EN): Nada, nada, nada, nada.

(E): E depois como é que foi isso?

(EN): Se quer que lhe diga foi muito difícil, se quer que lhe diga, que eu chorei, de noite chorei... se eu me emocionar, peço desculpa...

(E): Não tem importância, faz parte, faz parte...

(EN): Foi muito difícil.

(E): Está a recordar essa fase complicada.

(EN): Olhe, que eu sentia-me em casa... e agora? Estou aqui a fazer o quê?

(E): E depois desde que veio a autorização, aquilo foi tudo muito rápido...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Foi, porque nós podíamos exercer até à publicação no diário da república, que por acaso foi no dia...

(E): Exercer em pleno?

(EN): Em pleno, sim, a partir do dia em que sai a publicação é que, acabou. E aquilo sai no dia vinte e nove de dezembro de dois mil e seis, salvo erro, pronto, e acabou, e lembro-me de a T ter-me ligado “Então, B, não entrega as chaves?” “Entrego”.

(E): Foi complicado.

(EN): Muito.

(E): E muitas das vezes ainda vinha para a escola.

(EN): Foi, ainda hoje eu costumo vir aqui porque é difícil afastar-me daqui...

(E): Da zona, onde realmente, estava com quem estou, depois ia para a escola e depois cada um fazia a sua vida e senti-me aqui muitas vezes... à Dona do Café, ficava a falar com ela, a tentar disfarçar, então, vai tudo trabalhar e eu estou aqui a fazer o quê?

(E): Sentia isso.

(EN): Muito. Vinha para a rua, via azáfama aqui, e ali, e então, mas... a vida... sou um inútil à sociedade, agora, então, mas o que é isto? E um dos dias chego á porta com o carro, cheguei à porta da escola com o carro e o segurança disse “Então, professor, o que é que vem aqui fazer?” “Desculpe lá, Senhor, desculpe, e pá, o raio do carro tem aqui o GPS ligado, veio até aqui” Outra vez, cheguei à rotunda da segurança social, mas fui a tempo e voltei para trás. E, se quer que lhe diga, quando ia às Finanças, havia a necessidade de dar um olho para a escola, de olhar...

(E): E como é que isso foi acompanhado pela família? E mesmo os amigos, os colegas da escola...

(EN): Os colegas da escola, muitas vezes ligavam-me, eu sentia-me emocionado quando me ligavam, porque é assim “ E pá, vocês vão trabalhar” E pá, está bem” O que eu dizia aos outros quando lá estava, quando iam lá, “ E pá, isto é uma chatice” “Tem juízo, pá, isto está aqui cheio de trabalho e vens dizer que é uma chatice” É, é. Ia falar com o meu amigo P também porque ele diz que quando se viu nesta situação “Lembraste de dizeres que tinhas depósitos de gasóleo, ai de um lado para o outro? Senti o mesmo que tu estás a sentir” Depois tentei procurar alguém que estivesse na minha situação, que é ele, e

Transcrição das Entrevistas

mais um outro, pronto, e... agora que, se me disser que há uma falta de preparação, há, deveria de haver, deveria de haver porque e, como lhe digo, eu daí para não sentir muito esta quebra, ainda colaborei quatro anos com a () na parte comercial, para não sentir muito...

(E): Logo após...

(EN): Logo, aquilo foi logo, não tive tempo nenhum, praticamente sem fazer nada, mas sentia aquela necessidade de, sentia necessidade de aparecer pela escola, duas, ou três, ou quatro vezes, ia ali, ainda bebia um café com as pessoas... eles depois ainda havia aqueles eventos dos cursos de CEF dos bares, convidavam-me para ir ali, mas depois comecei a sentir que eu tinha, que não tinha cortado o cordão umbilical e depois ainda era pior e comecei a afastar-me e... e agora há bastante pouco tempo foi, aposentou-se uma funcionária, que era a chefe de serviço, e convidaram-me para o jantar de homenagem, eu disse “ Também não vou” “ Ah, venha lá e tal, e não vem porquê, vem a M₄, vem a M₁, a M₂ que está agora no Parchal, não sei quê, veja lá” “ E pá, onde é que é o jantar?” “ É na sua escola” “ Na minha não” “ É na EB 2,3” “ E pá, então ainda bem, eu não vou”

(E): Não se sentia capaz.

(EN): Não me sentia capaz (ham) mas “ E pá, venha lá e tal, não sei quê” “ E pá, ligue-me amanhã que eu depois decido” Depois perguntei em casa “Ouve lá, o que é que tu achas?” “ E pá, acho que deves ir, ela não foi ao teu jantar, foi, então acho que deves ir” Fui.

(E): Como é que foi?

(EN): Foi... complicado, foi complicado. Aquilo que eu fazia, aquilo que eu promovia para os outros, estava a acontecer, mas não era eu que estava a fazer, percebe? E já não, não tinha nada a ver com aquilo.

(E): Foi, isso foi difícil?

(EN): Muito. E depois, ainda por cima o Senhor Diretor veio-me dizer que eu () “ Tu estás doido, pá” “ Estão aqui três diretores dela, sou eu, a P, és tu e a T, acho que fica bem” E se quer que lhe diga, cheguei lá, as palavras saíram-me duas e bloqueei completamente.

Transcrição das Entrevistas

(E): Foi...

(EN): Foi, muito difícil, depois ouvi palmas dos colegas que lá estavam ainda. Há coisas que marcam, e aquilo que eu sinto, percebe e que tenho que interiorizar, que eu vi fotografias do meu jantar de homenagem que eu não me apercebi, não estava, não me apercebi...

(E): E como é que foi esse jantar de homenagem, como é que se sentiu?

(EN): Senti-me...

(E): Foi logo, passado a data...

(EN): Passados seis meses. Eu saí em janeiro, foi em junho, já devia ter sido, e tal, não sei quê (ham) e, não me apercebi, pois, chamaram-me lá, naquelas coisas que oferecerem, não sei o quê, o M₅ e o M₆ e depois vi fotografias de colegas a chorarem ...

(E): Viveu aquilo tipo...

(EN): Não, vivi aquilo no ar, mas depois, de mandarem fotografias, vi colegas a chorarem, mas porquê? Por me ter vindo embora? E isso...

(E): Mexeu consigo....

(EN): Mexeu, mexeu e continua a mexer e naquele dia que fui ali ao jantar, fiquei pior porquê, porque o Senhor Diretor, o M₇ e o outro, esqueço-me o nome...

(E): M₈

(EN): O M₈, foram mostrar na escola as alterações que tiveram que fazer e a se justificarem “ Você não tem que justificar nada, eu já não estou aqui, pá” A justificar porquê? Penso assim, estes gajos estão completamente doidos, montam uma barraca na sala dos alunos, tiram a sala de professores por, dizem eles, por falta de espaço, a escola nunca teve falta de espaços, nem tem, tiram a secretaria, põem a sala de professores, tudo está uma salganhada, depois perguntaram-me a opinião. E eu disse, não vou dizer o que é que disse... fizeram uma bela... pediram, não pediram, então fizeram, e estou desolado, digo assim “Então ando eu aqui um ano inteiro, com a () e lembrei-me do seu marido, apanhava secas do caraças, o chefe dele, que era o engenheiro...

(E): O engenheiro M₉

Transcrição das Entrevistas

(EN): O M₉, que era portista ferrenho, nunca mais me esqueço, num contentor ali em baixo, o Porto que foi jogar a final da taça da liga dos campeões em Sevilha, dizia o engenheiro “ Ó engenheiro, não quer que vá ver o jogo a Sevilha, é uma coisa, mas deixe-me ir ver na televisão” às nove e tal da noite, cenas ... andei aqui numa escola construída, pelos construtores, toda a gente que trabalhou aqui, com carinho, com todas as condições e estes gajos estão a retirar as valências à escola. E eu pergunto, para quê? Eu disse-lhes isso imediatamente, pá. A M₁₀ estava comigo, foi uma colega do executivo, o M₈, “E pá, tenho fala de espaço” “ Quantas turmas tens?” Nem sabiam quantas turmas tinham. “Diz lá” “E pá, tenho trinta e duas” “ A, já fizeste horários com trinta e quatro, houve alguma vez falta de espaço?” Nunca houve. Então vão estar a retirar as valências que a escola tem para estar a fazer, e pá, isso era o que se fazia aqui na antiga, passávamos agora um cabo para ali, abríamos um () para aqui, por amor de deus, pá, mas, pronto... mas custa-me estas coisas, ainda hoje vivo isto, percebe, como se tivesse lá, porquê, porque me dediquei demasiado à causa e acho que... fui reconhecido, porque de vez em quando, a falar com alguns colegas, com outras pessoas, a mim não me dizem, nem têm que dizer diretamente, que, pronto, que fui um bom presidente, que fui um bom colega, isso fui, sim, sou para toda a gente, sou um bom colega, sou um bom amigo, sou incapaz de trair alguém. É assim, pois tomei atitudes, algumas que foram mais (), pois tomei, mas tinha que tomá-las, porque achei que fazia parte das minhas competências. Se não as tomasse é que eu possivelmente poderia entrar num problema de consciência porque se calhar não agi como devia ter agido.

(E): Muito bem.

(EN): E é um bocado isto... quer me perguntar mais alguma coisa?

(E): Não, sabe o que é que vamos fazer, agora na segunda parte, vamos fazer então uma segunda parte, terça-feira, porque aí vamos falar mais em pormenor daquilo que hoje, atualmente como é, aquilo que faz atualmente, depois da reforma, como é que começou a sua vida... mas vimos isso numa segunda parte.

(EN): Sim, sim, mas sabe que a velhice, ainda não pensei nada, não pensei nisso, não. Não pensei nisso. Porque nós vamos sempre tentando arranjar algumas situações para colmatar estas coisas e...

(E): E a imagem que tem da velhice.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Preocupa-me.

(E): É?

(EN): Preocupa-me um bocado, preocupa-me um bocado, porque eu neste momento vou muito ao lar, quase todos os dias, tenho ali a minha mãe e vejo, e acho, e acho, e acho, que, tomara, tomara, eu digo isto à minha mãe, não é a casa dela, obviamente que a nossa casa é a nossa casa, tomara eu, se lá chegar, portanto, não sei () tomara eu que um dia, se tiver que ir para uma instituição tenha uma instituição com estas características, tomara, que eu acho aquilo ali um hotel, a Sandra conhece? O que é que acha?

(E): Acho que aquilo tem umas condições excecionais e tratam das pessoas de forma excepcional.

(EN): Só pelo facto, só pelo facto...

(E): Aquela luz e aquele espaço...

(EN): O espaço de entrar ali e não cheirar... um cheiro agradável. Na altura que o meu pai faleceu, já há uns anos, a minha mãe teve muito mesmo, pensando, bom isto parece que é dois em um e fomos ver alguns lares, realmente, aquele cheiro característico, quase insuportável, ali não, uma pessoa entra, todas aquelas condições, os idosos têm umas condições excelentes.

(E): Então a velhice para si, a imagem que tem é da dependência, da institucionalização.

(EN): Não, não, tenho porque nós, oxalá que eu nunca dependa de ninguém, porque há pessoas que terminam a sua vida, pronto, sem depender de ninguém, mas, é uma hipótese que nós temos de depender de alguém, não é, mas a minha imagem não é essa, eu tenho uma imagem de ter uma velhice, mas com dignidade, ativa, a mexer-me, sendo útil, valorizando isto ou aquilo, e é a imagem que eu tenho, agora, também penso que, oxalá que nunca precise, de estar dependente de alguém, mas, é um risco que corremos, como é obvio.

Transcrição das Entrevistas

2.ª Sessão da Entrevista de Bruno

Data de realização: 11 de junho de 2013 -

Horário: Das 10h15 às 13h10

Local da Entrevista: Unidade de Ação Social e Saúde da Câmara Municipal de Lagoa

EN: Entrevistado

E: Entrevistadora

(E): Hoje vamos falar mais sobre a parte... estivemos a fazer o percurso profissional todo na última entrevista e agora vamos nos centrar mais no pós-reforma, as mudanças que surgiram, o que é que mudou no seu dia-a-dia, aquilo que alterou, como é que mudaram as rotinas, o que é que você estava a pensar que seria e o que é que foi, o que é que realmente foi e quais eram as expectativas que tinha para a reforma, aquilo que pensava fazer, os seus projetos, aquilo que realmente aconteceu, gostava que falasse um bocadinho, fizesse um desenho da sua perspectiva, como é que foi a sua vida... já está reformado há quanto tempo?

(EN): Seis anos.

(E): Seis anos, gostava que me falasse um bocadinho da sua vida nesse período. Quais são as suas perspectivas, aquilo que estava à espera de fazer e aquilo que realmente concretizou.

(EN): Sim, quer dizer, isto, muito sinceramente, perspectivas após a reforma eu não tinha muitas porque como sabe, saí abruptamente e como tal as expetativas, quer dizer, como não foi nada programado, percebe, portanto, não tinha grandes expetativas, ia experimentar uma vida nova. Como lhe disse da outra vez, foi uma sensação terrível, porque é aquela viagem que não tem retorno e depois, a expetativa, comecei a interiorizar, o que é que vai ser de mim agora, percebe, essa foi a questão. Se tivesse sido alguma coisa preparada antes, eventualmente teria expetativas, vou tentar fazer isto, isto e aquilo, mas não, como saí abruptamente, as expetativas, depois, quando confrontado com a situação tive que imaginar, arranjar estratégias de modo a me sentir menos mal, digamos assim uma coisa que eu sempre pensei e que ainda hoje faço é tentar não quebrar a rotina, que eu parava aqui todos os dias de manhã, deixei de fazer

Transcrição das Entrevistas

uns dias e senti-me extremamente mal, continuei a fazer e ainda hoje o faço. Depois, pronto, tentei arranjar algo, na altura para me ocupar o tempo, que tinha o tempo bastante ocupado na vida ativa, e tentei arranjar algo, de forma a colmatar, pronto, essa situação, embora, tenho que ser realista e tenho que dizer que não me satisfaz na totalidade porque, como disse também no outro dia, eu gostava imenso daquilo que fazia (ham) e embora estivesse ocupado no dia-a-dia, eu pensava constantemente na vida que tinha no ativo. Se lhe disser que hoje, volvidos seis anos, e antes tentei, pronto, tentei juntar-me com pessoas que estivessem na minha situação, pronto como é o caso do P, apanhava-o aqui, conversávamos, íamos a um lado, íamos a outro, conversávamos sobre isto, o que é que vamos fazer, ele tem para lá um terreno, ele tem uma grande propriedade, o que é que vamos fazer, e andava a tentar, vá lá, minimizar as coisas. No princípio não foi fácil, não foi, primeiro, segundo, primeiro ano foi terrível, segundo, terceiro, ainda hoje, hoje, pronto encaro a situação de maneira diferente, já não vou sentido tanto a falta da vida ativa, mas não consigo desligar do sistema, ou seja, eu hoje às vezes vou à net, por exemplo agora sobre a colocação dos professores, sobre, portanto a possibilidade de ficarem mais vinte mil ou quinze mil fora, isso assusta-me, assusta-me se não ficar a perceber o porquê, a perceber o porquê, vou pesquisar, pronto, sinto que estou mais ou menos atualizado com as coisas que se passam ainda no sistema de ensino, mas se lhe disser que também me vai passando mais aquele frenesim, aquele interesse é um facto, depois vou reatando contactos com pessoas, foram aparecendo algumas ocupações, nomeadamente com a Universidade Sénior o que me satisfaz também minimamente, porque estou ligado também um bocado, embora o ensino seja diferente, que é diferente, obviamente, a relação com as pessoas é totalmente diferente, a relação pedagógica não tem nada a ver porque aquilo ali não é, pronto, não se vê o professor-aluno, acho que é uma troca de informação, porque eu transmito muita informação mas também recebo muitíssima informação das outras pessoas. É mais, vá lá, uma troca de ideias e pronto um intercâmbio salutar entre vivências que eu tive e que as pessoas têm e que, pronto, de certa forma me tem vindo a satisfazer. Outra grande ocupação, porque tento ocupar é na manutenção da casa, pois tenho uma casa relativamente grande enorme já para mim e para a minha mulher, quando tinha raparigas em casa, tudo bem, agora já não estão, aquilo é demasiado grande e pronto vou tentando ocupar os espaços assim, ou tentando procurar eventos e, uma coisa engraçada, neste momento, que eu ainda não lhe falei ainda foi que a vida são ciclos, tal

Transcrição das Entrevistas

como a moda, também são ciclos, portanto isto é interessante. Temos um rapaz amigo, amicíssimo, um rapaz novo que é filho de... dos pais que são padrinhos de casamento da minha mulher. Acho que é músico profissional e que toca às quartas-feiras e aos sábados faz parte da animação de um hotel que é em Albufeira, passo a publicidade, que é o Hotel Paraíso, à parte de baixo do Continente. “E pá, nunca mais aparecem, não sei quê, não sei que mais” E um dia, fui à net, fui ao Google, ao *booking* e vejo Hotel Paraíso, vinte e dois euros e meio, olha, vamos lá ficar hoje, vamos jantar e vamos ouvir o M₁, sim senhor, experiência agradável e encontro nesse dia dois colegas de escola em Silves, um não o via há mais de quarenta anos e o outro, embora esteja aqui perto também não o via há não sei quantos anos. O que é que... ele disse “ E pá, sabes tem aparecido aí fulano tal, aparece aqui às vezes” Pronto, neste momento formamos um núcleo, claro que no sábado não dei lá um salto, aquilo normalmente é aos sábados e às quartas-feiras, um núcleo bastante grande de pessoas que já estão na minha situação e que, volvidos quarenta anos, voltaram-se a encontrar agora novamente, percebe, é interessante. Do que é que nos recordamos, recordamo-nos dos bailaricos que haviam aqui na Sociedade Artística Lagoense, no Sporting Clube Lagoense, porquê, porque são rapazes e raparigas, hoje homens e mulheres, já na mesma faixa etária, na mesma situação, quase todos no outro sábado que lá estivemos, a minha mulher no caminho disse “ E pá, por ironia do destino, já viste, sou a única que trabalho para esta gente toda” E pá, é verdade... “ Sou a única que...” E ela disse, “E pessoas alguma mais novas do que eu, sou a única que estou no ativo e eram uns catorze ou quinze, e toda a gente na tua situação” E pá, pois isto é uma situação que muita gente não, não estudou, não fez a previsão ao que iria acontecer, este fenómeno, nomeadamente as pessoas que se aposentaram com minha faixa etária, não sei se lhe disse isso no outro dia, portanto, eu aposentei-me com cinquenta e sete anos, à partida quem não saiba, não sei se é muito cedo, só que contaram-me dois anos de guerra colonial que, contaram quatro que era a dobrar, mais um que estive cá, cinco, cinco, com cinquenta e sete, sessenta e três, que era agora a altura em que eu estava a sair, embora aquilo que eu acordei com eles em tempo eram os trinta e seis anos de serviço, independentemente da idade, o que eu fiz quarenta e um. Mas a situação que se vê e na troca de impressões que nós temos, é um bocado, todos sentem precisamente a mesma coisa, a falta da vida ativa e como é que as pessoas tentam ocupar, com estas coisas, vamos encontrando aqui, vamos encontrando além, vamos falando um bocadinho sobre o tempo da vida ativa, sobre o passado, sobre

Transcrição das Entrevistas

o que é que vamos fazer para o futuro, quer dizer, as pessoas neste momento tentam, aliás, nós, sem procurarmos essa situação estamos a encontrar, estamos a encontrar e é um aforma de, sei lá, minimizar, uma forma também de ir ocupando os tempos, nesta situação, as pessoas, outros, outro colega também na minha situação, ao que é que ele se dedicou, dedicou-se à fotografia, faz *n* fotografias, entra em concursos, ganhou alguns prémios, coloca *n* coisas na net, nomeadamente no facebook, tem uma grande visibilidade e diz ele “É uma forma que eu tenho de ir ocupando o tempo”

(E): E o Professor, como é que faz para ocupar o tempo, o que é que, para além dessas atividades de que falou o que é que pensa de futuro fazer, ou o que é que gostava que fosse diferente, o que é que faria diferente, se se tivesse preparado para a reforma o que é que faria diferente...

(EN): Se tivesse preparado para a reforma... pois... muito sinceramente, não sei o que é que faria, eu possivelmente se tivesse tido uma preparação antes, se calhar tinha perspetivado alguma coisa, percebe? Eu tentei, como lhe disse ainda tentei fazer uma pós graduação, nomeadamente de segurança e higiene no trabalho que foi uma área que eu lecionei, também e, pronto, é uma área que me diz alguma coisa, portanto, fazia parte do currículo na minha atividade e pensei sinceramente até, se tivesse possibilidades de, se calhar, mas também a minha consciência não me sentiria muito bem com ela, percebe, porque eu tive um convite e recusei, pensando dar formação através de, e pá, essas empresas de formação, nomeadamente na área de higiene e segurança no trabalho, e houve uma empresa, que eu não me lembro do nome, tenho aqui no telemóvel o nome da empresa de facto, que me convidaram uma vez para ir fazer formação na área mas, naquele percurso que eu fiz logo a seguir, estive a trabalhar na parte comercial da Adega Cooperativa de Lagoa.

(E): Mas durante quanto tempo?

(EN): Quatro anos, ouvi em surdina que havia desemprego e não sei o quê e você já está aposentado e eu disse olhe...

(E): A coação dos outros....

(EN): É, é um bocado isso e na altura eu disse, olhe, por acaso, “ Mas era para vir aqui amanhã” E era para começar logo, aquilo era uma quarta-feira, numa quinta-feira ir a Vila Real de Santo António no hotel não sei quê, que eles disseram. Eu disse, olhe, dei a

Transcrição das Entrevistas

desculpa que tinha que ir a Lisboa, e tal, pronto. Não me iria sentir bem, porque veja, eu tinha em casa, na altura, a S no desemprego e disse “E pá, então mas eu vou tirar o lugar a alguém que possivelmente pode ganhar umas coroas” percebe, é um facto, agora, devido a toda a conjuntura, obrigou-me a dizer que não e a recuar, embora eu me sentisse bem e sentisse valorizado e sentia que era útil naquilo que fazia e naquilo que transmitia às outras pessoas mas, não me sinto bem perante a situação atual, percebe... se me disser que é um bocado frustrante, é, é, é um bocadinho frustrante, mas pronto, para colmatar isso estou a custo zero a colaborar com a Universidade Sénior.

(E): E outras participações na comunidade, vê isso, como positivo, outras coisas que pudesse fazer aqui na, no sítio onde cresceu, viveu.

(EN): Pois (he) poderia efetivamente fazer se para isso fosse solicitado, percebe, só que as solicitações neste momento, a nível local pois aquilo que me vão pedindo eu vou colaborando....

(E): Participou na Assembleia Municipal durante estes últimos quatro anos, o que é que me diz sobre isso, foi positivo, acha que o convidaram porque estava reformado?

(EN): Ó, eu, estou a falar consigo, tenho que ser sincero. Também não quer nenhuma resposta que não seja sincera, não é?

(E): Sim. Foi a primeira vez que surgiu um convite desse género, agora que já estava mais disponível, ou não, já tinham surgido outros?

(EN): Não, não, não. O M₂, em tempos eu era o Presidente do Executivo aqui da escola antiga, estava no CEFLA e ele convidou-me para a vereação e eu recusei, e eu recusei. Recusei e justifiquei porque é que recusei, recusei porque tinha em mente a construção de uma nova escola para a minha terra, a terra que me viu nascer e acho que na posição em que estava... portanto deu um azo em que por onde eu andava pudesse fazer pressão para e pensei que se saísse tentava, acompanhava as coisas no dia-a-dia, houve semanas que ironicamente eu fui todos os dias para Faro, ou era por isto, ou era por aquilo, ou era para o Governo Civil, ou para a Ordem dos Advogados, não sei quê, que havia lá um encontro qualquer, em vários sítios, ou para a ARS, pronto, andava, houve semanas e, dentro daqueles espaço que eu, que a (ha) a profissão e o cargo que exercia, portanto, mobilavam o Estado, fui-me apercebendo que estava na posição certa para poder exigir.

Transcrição das Entrevistas

Eu conto-lhe um episódio, uma chatice, né? Fui convidado para um conferência de imprensa, eu sei para aquilo que fui, no Governo Civil (ham) pela Direção Regional, em que o Diretor Regional na altura era o Dr. M₃, convidou o Ministro, na altura o M₄, pronto, a dizer que no Algarve, já não haviam escolas pré fabricados e não sei quê, e o M₂ estava na mesa em representação da AMAL e eu, por uma questão de hábito em todas as reuniões vou para a frente, não sei porquê, vou ver os olhos das pessoas e o homem estava, o Dr. M₃. acabou de falar e o homem depois pronto respondeu, já não me lembro o que é que foi e eu que estava à frente, ele que estava no meio vira-se “Alguns dos colegas tem alguma coisa a dizer?” e eu levanto-me. Pronto, assim que eu comecei a falar, estavam as pessoas da comunicação social do lado esquerdo, o individuo da Lusa pede desculpa e diz “Uma vez que nós fomos convocados para uma conferência de imprensa e alguém do público está a interferir nós pedimos desculpa e vamos retirar” e retiraram-se todos. Moral da história, estraguei a conferência de imprensa ao homem. Eu alegando o quê, alegando que dizer que, sim senhora, no Algarve os pré-fabricados acabaram, mas eu tinha numa escola, ainda com pré-fabricado pesado e () e tinha um espaço de recreio, de quinhentos metros quadrados para setecentos alunos e trinta e duas turmas e convidava o Senhor Ministro a visitar a escola, pronto, o homem ficou fulo comigo, o M₂ só punha a cabeça em baixo “Arranjaste aqui um sarilho do caneco” E arranjei, e arranjei, estivemos incompatibilizados seis meses, depois um dia encontrei o Diretor Regional e disse “Ouça lá, já chega, pá, está amuado para quê ()” Que eu tenho uma relação boa com o homem. “ Pronto, eu peço desculpa daquilo que disse, mas tive que dizer, se calhar pressionei um bocadinho, mas pronto, agora o Dr. M₃. faz bem, em olhar para a escola, que conhece tão bem a escola e aquilo é a segunda terra, como diz, que tem famílias aqui de Lagoa, e pá, temos que arranjar um espaço.” E a partir daí nasceu a escola que o seu marido e com muito gosto meu, fez o favor de fiscalizar, pronto. E está a ver, mas eu tive uma dívida para com ele, e eu disse-lhe, ao jantar, durante um dia, quando ele foi candidato à Assembleia Municipal eu aceitei de bom grado. Se me disser que foi uma experiência gratificante, não tanto assim.

(E): Então?

(EN): (Ham) Porque, sabe que nestas coisas, eu, não tenho partido, tenho a minha ideologia, como todos nós temos, não sou militante, nem quero ser, hoje então ainda

Transcrição das Entrevistas

menos, hoje então ainda menos, mas, ou seja, nós (ham) se queremos ser nós próprios, arranjam conflitos, percebe? Se quisermos ser nós arranjam conflitos, porque é assim, muitas vezes eu tive que, ou comecei a falar e depois mudava a conversa, ou pedia a palavra e depois isto já não era necessário, porque ia arranjar chatices e possivelmente com a força que de qual eu neste momento represento, está a perceber?

(E): Acha que representa uma força, tem uma grande força...

(EN): Não, não, não é isso, todas as forças têm a mesma força. É assim, agora as pessoas ou aqueles militantes que são seguidores, é assim, é assim, independentemente de verem que a parede é branca, mas têm que dizer que é azul, pá, ele diz que é azul, percebe? Mas isso, todas as forças são assim, à exceção, e as pessoas que não querem ser assim, por vezes mais vale a pena estarem calados porque senão vão arranjar um sarilho dos diabos. Agora se me disser que a experiencia foi salutar, foi enriquecedora, não, sinceramente que não e acho que, e por isto, por essa razão, também vejo ali algumas pessoas que às vezes não intervêm mais, ou, e nós às vezes conversamos antes, porquê, e pá, não vale a pena, deixa correr, porque se nós vamos tomar posição então vamos arranjar uma carga de trabalhos e às vezes não há necessidade, percebe, daí a experiência não ter sido para mim a mais agradável. Se me disser, se me convidarem novamente se calhar, até vou, se calhar até vou, pronto, porquê, uma forma de tentar, também ocupar, mexer, por a cabeça um bocadinho a trabalhar para os neurónios não pararem, porque às vezes sabe, o disco rígido está cheio há sempre espaço para mais alguma coisinha, percebe, e se isto passa a estar estagnado, é uma chatice.

(E):E acha que é isso que...

(EN): Acho, acho que é uma forma de eu também ter alguma coisa para me ocupar, para me preocupar, senão, embora a vida já nos preocupa mas pronto, é uma das formas... agora, em termos de executivo, não, sinceramente não, em termos de executivo não.

(E): Porquê?

(EN): Ó, porque...

(E): Porque não quer ocupar o seu tempo nessas...

(EN): Não, não é isso, eu acho que não estou na altura de arranjar conflitos, percebe?

(E): Porquê? Acha que agora é altura de....

Transcrição das Entrevistas

(EN): É altura de produzir, de colaborar, mas sem arranjar conflitos, de fazer aquilo que quero, daquilo que me apetece, daquilo que eu gosto de fazer, mas sem arranjar conflitos, percebe, e hoje, um órgão executivo numa autarquia é para arranjar conflitos e eu, essa fase já passou...

(E): Sim...

(EN): Percebe? Embora reconheço que...e tenho a consciência, pronto, poderá perguntar-me () obviamente que é assim, mas onde eu entro, as coisas que eu faço, dedico-me de alma e coração e acho que rentabilizo, acho que rentabilizo. E pela experiência que tive (ham) acho que, aquilo que fiz, fiz bem, fiz com amor, com garra, nunca () sempre com a consciência tranquila que fiz aquilo que tinha que fazer, que outra pessoa no meu lugar teria de fazer, agora, colocar-me em órgãos executivos para arranjar problemas, não, porque hoje a vida é composta disto, nós () porque se vamos tomar atitudes, estamos em poder, vamos tomar atitudes e vamos arranjar chatices, não vale a pena.

(E): Acha que não vale a pena numa altura destas da sua vida?

(EN): Não, não, nesta fase da vida não, até porque sabe, S, às vezes a adrenalina já não é a mesma, e, e depois certamente irá chegar lá, se deus quiser, chega uma altura que nós queremos um bocadinho de descanso, agora, podemos ser uteis, sim, podemos ser uteis e de facto, se me convidassem para algo que eu pudesse colaborar, que podia ser útil, sei lá, nos conhecimentos que eu possa transmitir ou receber, tudo bem, agora...

(E): A Universidade Sénior, para já é-lhe suficiente?

(EN): Não é suficiente, não é suficiente, porque é pouco, ali é uma hora por semana, pronto às vezes ocupamos mais, o ano passado, o ano passado, aliás, este ano letivo que terminou conseguimos trabalhar com o laboratório de fotografia da minha antiga escola, agora parece que a Câmara conseguiu arranjar ali um espaço na minha outra antiga escola, e parece que ali, ocupamos mais, pronto, não era só um dia, eram dois ou três, que aquilo as pessoas, depois, começam a ver como é que a fotografia aparece, não faziam a mínima ideia, aquilo começa a criar, portanto, um bichinho e as pessoas necessitam, para já, de muito mais tempo, não é, mas se disser que é suficiente, não é, não é, vou ocupando, quando posso, mas gostaria, efetivamente de ser mais útil, nomeadamente no meu concelho, acho que sim, porque há várias formas, sim, há várias

Transcrição das Entrevistas

formas de as pessoas poderem colaborar. Por exemplo, na toponímia, por exemplo no () que eu acho que às vezes quando chega a altura, nas assembleias municipais, bom, há que distribuir equipas, a mim mandaram-me () “ah, para ali para a toponímia” “isso qualquer pessoa...” É das coisas mais importantes que há, penso eu, não é, ou seja, por exemplo, eu lembro-me desta zona nova da cidade, vi ali um dia, e conto-lhe dois episódios, Rua Francisco Sousa Veloso, ou Francisco Veloso, e digo que é Francisco Veloso, indaguei, perguntei e tal, ah, foi o primeiro Presidente da Câmara e tal, não sabia, outro dia, estava eu no ativo, na minha antiga escola e liga-me o meu amigo () que já faleceu, era o Presidente da Junta, “Ah, sabes uma coisa, sabes uma coisa?” “Não” “A rua aí da tua escola vai ter um nome” “Ah é? Então qual é o nome?” “José Francisco Cabrita” “Quem foi esse indivíduo?” “Foi o primeiro professor primário de Lagoa” “Ah, muito bem” Mas não está lá nada, percebe, não há nenhuma informação no nome das pessoas, quer dizer, onde em toda a freguesia, em todo o concelho devia haver uma legenda mínima onde pudesse identificar ou a pessoa ou a entidade porque muita gente ignora. Uma forma que eu podia trabalhar, podia trabalhar nisso, por exemplo, por exemplo, ou outra situação, eu acho que (ham) a identidade de, das regiões, das localidades, fazem-se, fazem-se e transmitem-se (ham) pelo que foram, pelas suas atividades, pelo que desenvolveram, quais eram as atividades principais que tiveram, onde é que as pessoas maioritariamente ocupavam o seu tempo, acho que se faz por aí. Por exemplo, nós, aqui em Lagoa, foi um concelho vinícola por excelência. Há alguma coisa que informe as pessoas? Foi uma terra, um concelho vinícola, nada, por exemplo, Carvoeiro foi uma terra piscatória, sempre, até o aparecimento do turismo desenfreado, há alguma coisa, alguma pequena obra que, que o visitante chegue lá e diga “Olhe, isto foi uma terra piscatória” Não, como nos outros sítios. Pronto, são coisas que se efetivamente pedissem colaboração eu colaborava de bom grado, a custo zero, como estou a colaborar com a Universidade Sénior.

(E): Hum, hum, e acha que não há esse incentivo?

(EN): Ó, eu acho que não, ainda não apareceu, percebe, acho que não.

(E): Acha que não está nada organizado que facilite as pessoas...

(EN): Não, não, não está. Não está, não está e acho que deveria estar, não é?

(E): Mas o EN já editou uns livros, não foi?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Editei sim, editei, editei porque, alguma carolice, não é?

(E): Quer falar sobre isso? Eu lembro-me na altura em que estava a trabalhar ou já foi alguma coisa depois?

(EN): (ham) Foi tudo antes, tudo antes.

(E): Tudo antes, antes da reforma, nunca pensou nisso agora?

(EN): Pensei, pensei.

(E): Mas fale-me lá um bocadinho desses livros que editou que a gente ainda não falou sobre isso.

(EN): É assim, sabe que, pronto, vou falar nisso e vou falar depois, agora na Universidade Sénior, este ano houve um que abortou, mas pronto, é assim.

(E): Abortou?

(EN): Abortou, mas pronto, é assim, mas pode ser que eu pessoalmente realize. É assim, eu antes, portanto, quando estava no ensino, pensei fazer sempre algo que além de, de cativar os alunos, algo, isto foi a partir do momento que me situei aqui em Lagoa, porque antes, fiz também muita coisa em Silves, muita coisa, mas pronto, eu sempre me dediquei muito e ainda hoje pesquiso imenso e consigo, muitas fotografias () e guardo muita coisa em ficheiros, muitas coisas antigas porque eu gosto de saber como é que as pessoas viveram, acho que isso é que identifica as pessoas, identificam as regiões, pronto, isso interessa-me. Em Silves fiz alguma coisa desse género, mas a partir do momento que me situei na minha terra pensei, pronto, agora vou fazer alguma coisa que seja válida para a terra e ao mesmo tempo os alunos sintam algum prazer nisto. Havia um área, na altura que era a área escola que a finalidade era precisamente essa, em que cada Diretor de turma, ou cada turma tinha duas horas por semana para ser trabalhado com o diretor de turma em coisas relacionadas com o meio em que a escola estava inserida, eu aproveitei isso para fazer o quê, o primeiro trabalho que fiz com eles foi uma recolha que falhou um, porque a gente nem sempre consegue e falhou, porque na altura desconhecia, é assim, fiz um a recolha sobre os moinhos de vento e de maré do concelho de Lagoa, falhou um, que está situado hoje no Club Carvoeiro, está dentro de uma casa, de uma vivenda de um estrangeiro, mas mantém-se, mas pronto, aquilo

Transcrição das Entrevistas

funcionava um bocadinho como roteiro turístico, ou seja, tinha a descrição da história dos moinhos de vento e de maré em português e tinha em inglês.

(E): E fez isso tudo na escola...

(EN): Na escola, sim, lá na escola, isso foi um desdobrável, que ainda tenho lá um exemplar ou dois, salvo erro. Depois fiz outro, no outro ano também com uma turma de nono ano, foi, foi a caracterização da freguesia de Lagoa, foi um livrinho que já fiz, portanto a caracterização dos vários aspetos, foi editado e suportado pela Junta de Freguesia, pela Junta de Freguesia, deixe-me lá pensar, foi, há outra coisa que eu estou a tentar separar as coisas, foi editado pela Junta de Freguesia e a empresa que fez a publicação, foi um livrinho, porque tem uma folha A4 em A5, com cento e tal páginas, foi feito na Aradegrafe em Ferragudo, a qualidade não era a melhor, mas pronto, depois...

(E): Isso tudo na área escola.

(EN): Tudo na área escola. Depois apareceu o, os clubes, portanto, na escola, eu fiquei a meu cargo com o clube de fotografia e vídeo, no clube de fotografia montamos ali uma câmara escura, um laboratório com todas as condições e o que é que eu fiz, eu fiz várias exposições através da escola, de fotografia e, depois arranamos uma coletânea de seis, seis ou oito fotografias, não me recordo, patrocinado pelas Juntas de Freguesia de Lagoa e Carvoeiro, ou seja, eram, portanto, um género de uma carteirinha, com seis ou oito postais, muito antigos das freguesias de Lagoa e Carvoeiro. Nesse ano em que editei esse livro, as pessoas, editei, não, editámos... espere lá, não, o livro, a caracterização foi na área escola, isso, área escola, depois, os miúdos dessa turma que trabalharam e conseguiram arranjar, como Macau ainda estava sob /o governo português/ e o governador era o General Rocha Vieira aqui de Lagoa, portanto eles que, arranjou-se forma e havia uns protocolos, não sei como é que isso surgiu, mas sei que a escola foi a Macau. Eu arranjei viagem, acabei eu por ficar cá, eu tinha que ficar, não é, não podia ficar a escola sozinha, e foram as duas colegas minhas que estavam no executivo. A partir daí, depois fiz, ah, ainda no grupo de fotografia e vídeo foi editado o livro, foi o primeiro “Concelho de Lagoa através dos Tempos” uma recolha de, uma coletânea de fotografias, do mais antigo ia aparecendo, à medida que no clube íamos arranando fotografias, portanto, achei que era altura de fazermos um livro, alguém apoiou, editou-se esse livro. Depois, eu sozinho editei o “Concelho de Lagoa Através do Tempos”

Transcrição das Entrevistas

volume dois, isso já fui eu sozinho, também, já com outro material. Depois, mais tarde editei “ O Concelho de Lagoa, as vindimas e o vinho”, isso foi tudo meu, também...

(E): E ainda estava no ativo...

(EN): Ainda estava no ativo. Agora, pensando um bocado já noutra, noutra lado, na Universidade Sénior, o ano passado, fizemos, editamos três obracinhas pequeninas, mas cheias de simbolismo (ham) o ano passado eu lecionava a disciplina História e Património Local e pensei com as pessoas, nós fomos falar, pronto, começamos a falar sobre a história e o património de Lagoa e achamos “ O que é que vocês achavam se nós editássemos” “Nem pense nisso, então a gente consegue fazer isso?” “Consegue-se” Começamos a recolher materiais na área da olaria, não sei se sabe (ham) Lagoa foi uma terra de oleiros, havia muitas, muitas olarias. Por exemplo, numa rua lá em baixo, na Rua Mouzinho Albuquerque, lembro-me, ali em frente onde está hoje o Neto, o supermercado, havia aí uma olaria enorme e lembro-me de ver o passeio cheio de louça porquê, porque também não podiam estar, hoje, tecnicamente sei que é assim, não é, não podia estar muito tempo ao sol, porque senão, a secagem rápida provocava rachas nas peças, pronto, iam apanhando aquele sol para (ham) acelerar a secagem até ir depois para a cozedura e, foi olaria (ham) foi “Lagoa, nossa identidade” um trabalho sobre vivências nos anos quarenta, cinquenta e sessenta.

(E): E esse foi editado?

(EN): Foram os três, e o outro... isto dá-me assim umas brancas de vez em quando. O outro o que é que foi? E pá, foi olaria...

(E): Isso foi o ano passado?

(EN): Foi, foi olaria, foi “Lagoa nossa identidade”, eu tenho ali no carro, então... não tem a S, não tem isso?

(E): Não...

(EN): Eu, acho que tenho ali três, vou-lhe oferecer e fico com um exemplar para mim. Acho que tenho ali dois de cada... não, não tenho aqui não, não, não tenho, tenho em casa. Mas eu vou-lhe oferecer.

(E): E esse foi com o apoio da Junta de Freguesia, não foi? O “Lagoa nossa identidade”.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Foi com o apoio da Junta de Freguesia, os três, mas espere aí, então e o outro? Ah, os poços artesianos. Os poços artesianos, os poços artesianos. Sabe que antigamente, antes da rede de água chegar a Lagoa, nos anos mil novecentos e quarenta, quarenta e nove, os poços artesianos eram, pronto, onde as pessoas se abasteciam para a lida da casa ou lavagem da roupa normalmente. Aquele que está ali, quando se vai para as Sesmarias, tem umas pedras à volta, e outro que está precisamente em frente à () ali em baixo, que era o maior, esse, esse está debaixo da terra.

(E): Pois, esse não está visível...

(EN): Não está visível, está debaixo da terra. Portanto, esses trabalhos fizemos nós, com o apoio da Junta de Freguesia, que fez três trabalhos, dois pequeninos, um, o “Lagoa, nossa identidade” maiorzinho, e pá, são coisas pequenas mas estão carregadas de simbolismo e....

(E): Foi fácil fazer isso com as pessoas?

(EN): (ham) S, fácil, sim, complicado, às vezes, que isto sabe que depois as pessoas, nós com a idade, os defeitos ou as virtudes vão refinando e às vezes tivemos que gerir conflitos, a coisa não é... depois a pessoa, quer queiramos, quer não, há pessoas que chamam a si esta ou aquela matéria, não é bem assim, depois querem prevalecer, que aquilo que apontaram, às vezes, não gostam também que seja corrigido, ou que seja substituído, ou que seja modificado, ou que se tire daqui para por além, que se altere, percebe, isso, mas pronto, levou-se água ao moinho, conseguiu-se e a obra foi feita com o apoio da Junta (ham) foi, o lançamento foi feito, já não me recordo o dia, foi engraçado, as pessoas gostaram e pronto, é isto que me dá prazer fazer, percebe, ou seja, trabalhar em coisas que.... que ninguém fez, por exemplo, Lagoa antigamente e aquilo que eu digo há pouco que abordou, este ano eu tinha ideias de fazer um pequeno livro, na área, só que não houve tempo para isso, que era as festas religiosas no concelho de Lagoa, existiam *n* festas no concelho de Lagoa antigamente, portanto, a diversão era mais do que hoje, não é, e com, acho que muita gente desconhece as festas que existiam e porque é que existiam. Por exemplo, não sei se, se lembra, antigamente as pessoas faziam procissões para pedir chuva, assim em anos de seca. Eu tenho duas fotografias, ali da zona de Carvoeiro, onde está agora o Aldi, precisamente, a procissão saía daqui, para Carvoeiro, afim de pedir chuva, o que é certo é que a coisa, às vezes chovia...

Transcrição das Entrevistas

(E): ... são as crenças...

(EN): São as crenças. Um bocadinho, nesse livro “Lagoa, nossa identidade” uma colega, que ela é minha colega, era aluna, mas é minha colega, está aposentada também, fala um bocadinho nisso, fala também que havia de Porches para Carvoeiro, portanto, essas crenças que existiam e acho que é bom transmitir a estas gerações mais novas e relembrar os mais velhos do que é que foi o nosso concelho, percebe, e é isso que me dá prazer de fazer. Se, efetivamente, aparece-se algum local, não sei, dinamizado pela autarquia, ou sem ser dinamizado pela autarquia, ou a Junta de Freguesia, e pá, em que se pudesse arranjar uma equipa para trabalhar, acho que seria muito útil nisso, embora eu lamente neste momento, isto é um lamento que eu tenho, mas pronto, também não pode passar disso, acho que Lagoa devia ter, o que é que Lagoa foi? Lagoa foi um concelho agrícola por excelência, caramba. Não tem nada que nos identifique. Podia ter um museu, sei lá, um museu agrícola, ou um museu vinícola, podia ter. Não sei se já foi aos Açores, por exemplo, mas na Ilha Terceira, a Ilha Terceira que quantidade de vinho é que produz, sei lá, mil garrafas por ano, tem um museu do vinho. Coisa impressionante, nós temos e, nós, aqui em Lagoa, que foi a atividade principal que foi a cultura da vinha e do vinho, isto quem se lembre de Lagoa na década de cinquenta, sessenta, na altura havia uma azáfama, era uma coisa, só a adega empregava naquele tempo cento e tal pessoas, era o maior empregador, nem a Câmara tinha tantas pessoas, não é, mas pronto, não há nada que nos identifique, percebe, acho que as coisas se vão perdendo (ham) os mais velhos vão indo embora, a informação perde-se e aos mais novos não se transmite as suas origens, percebe, e eu acho que nós devemos conhecer as nossas origens, acho eu, não é, mas isto, vale aquilo que vale, é a minha opinião.

(E): Então e diga-me uma coisa, qual é a diferença que sente entre o ensino e aquela convivência, enquanto estava na escola e agora aquilo que faz na Universidade Sénior, já me falou nisso várias vezes, que é um bocadinho diferente...

(EN): É muito diferente, S, é muito diferente. É uma... portanto, na minha vida ativa, enquanto....

(E): Mas uma coisa ajuda a outra, ajudou?!...

(EN): Não, ajuda, ajuda um bocadinho. Ajuda a colmatar a falta de, percebe.

Transcrição das Entrevistas

(E): Mas é completamente diferente.

(EN): Completamente diferente. Eu enquanto lecionei, quando tive turma, que eu nos últimos anos...

(E): Já não teve...

(EN): Podia ter, mas por opção era impossível. Estive dois anos que fui vice-presidente e tive três, era impossível, faltava muitas vezes Não consigo, percebe, era impossível, portanto, quando tive turma atribuída, quando lecionei, sabe que a relação professor aluno é totalmente diferente. Estava a lidar com adolescentes e agora lido com pessoas mais velhas do que eu ou da minha idade, ou alguns meses mais novas, mas pronto, e a relação que se estabelece neste momento na Universidade Sénior é totalmente diferente. Enquanto eu, no meu ensino, na vida ativa, vá lá, transmitia conhecimento, aqui transmito conhecimentos e recebo muito conhecimento, recebo muita informação, percebe, e a relação que se estabelece, pá, não posso professor, o formador e os formandos é totalmente diferente. Aliás, isto também quem lecionou já com adultos, quem trabalha com adultos sabe que a relação é diferente, quem já teve turmas à noite, por exemplo, hoje, a relação que se estabelece entre o professor e o aluno é totalmente diferente, depois também temos que medir a pessoa, por exemplo, no ensino noturno, os idosos, os idosos, ou como hei-de dizer, as pessoas adultas têm uma forma de ser e de estar totalmente diferente dos jovens, os jovens adolescentes, percebe e isso, a relação que se estabelece é... não tem nada a ver e a pedagogia que temos que utilizar com uns não pode ser a mesma que utilizamos com outros. Se me disser que agora há pedagogia, e pá, se calhar nem utilizo porque não há necessidade de, percebe....

(E): Porquê, como é que faz?

(EN): Porque, mesmo durante a minha vida profissional eu nunca me pus em cima do estrado, embora vamos buscar as escolas antigas, os liceus e as escolas técnicas tinham um estrado, para quê, para colocar o professor sempre num nível mais alto, percebe, a seguir ao vinte e cinco de abril desapareceu, o professor estava no mesmo patamar que os alunos, se me disser que isso tem vantagens, para nós professores tem algumas desvantagens, percebe, porque não se visualiza bem, agora que o objetivo do Estado Novo não era esse, era por o professor no estrato, num estatuto acima do aluno. Eu

Transcrição das Entrevistas

nunca usei isso. Acho que a melhor forma de se estabelecer uma relação é colocarmos no mesmo pé de igualdade e estamos aqui todos para colaborarmos em conjunto, é a melhor forma, e quando alguém tenta (ham) se por à distância, é uma barreira que acho que... a mim...

(E): E com os mais velhos isso ainda é mais difícil, não é?

(EN): Com os mais velhos não consegue pôr, S, não consegue pôr, se vai tentar estabelecer uma barreira as pessoas acabam por ir embora, não estão ali para, estão ali para partilhar, para colaborar, não estão ali para haver uma barreira, para haver uma distância

(E): Não vêm isso dessa forma...

(EN): Não vêm, nem as pessoas iriam aceitar isso, percebe.

(E): E como é que a sua família e os seus amigos mais próximos vêm a sua vida agora na reforma, como é que a sua família vê, agora que está reformado, a valorização que eles dão aquilo que faz agora, como é que era antes e como é que é agora...

(EN): Mas está a falar na família?

(E): Por exemplo, pode falar-me primeiro na família e depois nos amigos.

(EN): A família (ham) () que eu não faço nada, percebe, é, pronto, aquele escape “Não faz nada e eu ando a trabalhar e tal”, pronto, não faço, paciência, é assim. Às vezes é um bocadinho desmotivador, é, mas eu também percebo que a reação é normal...

(E): Sim...

(EN): É porquê, porque é assim, nós.....

(E): Porque a sua mulher ainda está a trabalhar, então é normal...

(EN): É normal que ela sinta... se calhar gostaria de estar em casa, mas ainda bem que não está, isso é uma chatice, não é, mas pronto, percebe, porque, de experiência que tenho de casais amigos que já estão em casa, é uma chatice, é uma chatice a todos os níveis, a todos os níveis.

Transcrição das Entrevistas

(E): Então acha que, por exemplo, a nível familiar, principalmente da sua mulher acha que ela desvaloriza o facto de estar reformado, era diferente quando estava a trabalhar?!...

(EN): Sim, era diferente, totalmente diferente.

(E): Havia uma valorização muito maior?!...

(EN): É, é, é, é, é totalmente diferente, embora (ham) hoje, acho que tenho uma filha que me apoia muito, é a F₁, percebe “ Pai, acho que sim, acho que estás bem na Universidade Sénior” às vezes a mulher “Não ganha nada, e não sei quê” Está a ver, aquele despique, “Não ganha nada, trabalha à borla, toda a vida trabalhou à borla, e não sei o quê” “Toda a vida não, agora sim.” E pronto, a F₁ apoia-me “Fazes bem, pai, para ocupar o tempo, não sei o quê, isto aqui...” Pronto, põe assim um bocado de água na fervura.

(E): Mas sente essa desvalorização. Mais em relação à família, ou também em relação ao resto das pessoas?

(EN): E pá, o resto ouve-se aqueles comentários às vezes também...

(E): Desagradáveis...

(EN): Desagradáveis. É um gajo novo, podia ser útil, reformado e não sei o quê, percebe, eu às vezes quando, pá, eu... tive que me fazer à vida. A minha vida é esta... uns, às vezes têm outra fonte de rendimento, eu não tenho, tive que tentar(ham) precaver a minha situação, embora neste momento esteja a ver qua as coisas estão um bocadinho a () mas pronto, agora, ouve-se um bocadinho esse tipo de comentário, ouve-se, ouve-se, “Ah, tem uma boa reforma” não sabem quanto é que é a minha reforma, mas pronto, mas calculam...

(E): Sim...

(EN): Calculam, pois, eu também não vou dizer que não é tão má quanto isso e se também, se me disser que trabalhei para ela, trabalhei.

(E): Pois...

(EN): Eu, se não quisesse trabalhar para ela, hoje estamos em dois mil e treze, há treze anos não estava a trabalhar em Lisboa, tinha um bocadinho mais baixa.

Transcrição das Entrevistas

(E): E o que é que sente, em relação a isso, sobre as condições que atualmente tem, sobre as críticas que ouve sobre isso...

(EN): O que é que eu sinto?

(E): Sim...

(EN): Sinto que (ham) às vezes não merecia isso, percebe, sinto às vezes que não merecia isso e isto porquê, porque (ham) se, naquilo que eu falei há bocadinho, se eu tivesse ocupado ou outra situação, se calhar as pessoas “ E pá, o gajo até está ali ocupado, não sei o quê, até está ali ocupado em prol de nada.”

(E): Acha que assim as pessoas tinham uma visão mais positiva?!...

(EN): Se calhar, se calhar, sim, sim, tinham com certeza.

(E): E o que é que você acha sobre isso, acha que devia continuar?

(EN): Eu acho que devia, enquanto pudesse, sim, acho que é uma forma de sermos ativos (ham) de ter a nossa mente aberta, manter um espírito crítico, que, acho que sim, acho que sim. Porque sabe, isto da inatividade é uma chatice, depois há dias a pensar aquilo que não queremos, às vezes, não é, às vezes até há dias que estou agarrado ao computador “ E pá, mas eu tenho que fechar isto” E pesquisar aqui, ou facebook, e pá, porquê, mas o que é que eu vou fazer? Vou olhar para aquilo, pronto, às vezes pesquisei informação, coisas interessantes, mas acho que a ocupação de outra forma seria mais útil.

(E): Sim, e não encontra muitas facilidades...

(EN): Não, não há.

(E): Não há?!...

(EN): Não há, não é não encontrar, não há...

(E): O que é que acha que seria interessante promover, além daquilo que já me falou, o que é que acha que se podia, pensando nas pessoas que estão numa situação destas o que é que acha que seria interessante criar?!...

(EN): Olhe (ham)...

(E): Para evitar, por exemplo, um dia quando a sua esposa também chegar à altura e ela também não...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Isso é uma chatice, isso vai ser uma chatice.

(E): Pois vai, para apoiar as pessoas, inclusivamente os casais que estão numa situação destas, que têm que ter uma nova rotina, o que é que pensa sobre isso?!...

(EN): A pergunta é pertinente...

(E): Nunca pensou nisso...

(EN): Nunca pensei... se me perguntar se a resposta é não fácil, não é... A resposta não é nada fácil, que é pertinente, é... Algo, eu vou dar-lhe um exemplo por exemplo, um exemplo por exemplo (risos) não há muito tempo, a senhora vereadora da cultura reuniu connosco ali no Convento de São José, nem fui ver a exposição, porque saí no fim-de-semana da Feira da Cidadania, foi a comemoração dos duzentos e oitenta e nove anos de elevação a concelho, que eu comemorei com uma série de trabalhos de uma exposição da Vindima e o Vinho, que tenho que ir buscar isso, para digitalizarem, tivemos reunidos com várias pessoas, eu, o A₁, o A₂, também já fez assim uma série de obras, está a fazer agora, concluiu a Monografia de Carvoeiro e, reunimos algumas vezes no Convento de São José a trabalhar sobre essa temática. Se disser que isso é enriquecedor, é. Agora pergunto, será, será que a autarquia não podia promover um género de um ateliê para trabalhar sobre várias temáticas relacionadas com o concelho de Lagoa?!...Acho que sim, e será que não se conseguia (ham) reunir pessoas, um conjunto de pessoas, uma vez por semana, duas vezes por semana para trabalhar com essa gente e recolher informação. Eu lembro-me, por exemplo, nesses livros que eu editei através de uma pessoa que ainda cá está, conseguiu, portanto, os versos de um poeta popular que na altura existiu, que eu não cheguei a conhecer, o Inocência dos Santos, de uma riqueza extraordinária, percebe, mas pronto, eu acho que, se não houver nenhum dinamismo ou algo, isto, quer queiramos, quer não, tem de partir de quem governa, não são pessoas anónimas que se vão encontrar no café e vão tentar falar sobre isto ou sobre aquilo, as pessoas falam, arranjam tertúlias, agora eu acho que a autarquia podia tentar dinamizar uma coisa dessas, percebe, liderada por alguém, um funcionário, pessoas, não sei, alguém de direito, see conseguirmos, sei lá, eu gostei na altura, todos os dias que fomos ali, que foram alguns, um falava sobre uma coisa, um apresentava isto, outro apresentava aquilo, materiais, uma riqueza extraordinária. Agora, parece que vai sair um livro, acho que está o A₁ a elaborar, com fotografias dessas, que era o concelho de Lagoa antes, eu tenho lá em casa, tudo isto assim, disse a eles também, eu tenho lá um

Transcrição das Entrevistas

caixote desse género também, está em bruto, a gente pega, está, está o antes e o depois, por exemplo uma folha A4, tem aqui o antes e depois tem aqui duas ou três fotografias, portanto, duas, três décadas, sei lá, uma década de sessenta, de setenta, de noventa ou de dois mil, por exemplo, está lá em monte, parece que está a ser feita uma coisa desse género pelo A₁ para ser apresentada, não sei quando, mas não deve tardar e eu acho que é uma das formas de e que as pessoas que nós encontramos por aí, que se, através do boca a boca, as pessoas colaboravam, colaboravam, não tenho dúvidas nenhuma, e se calhar as pessoas sentiam-se minimamente realizadas e uteis. Eu acho que sinto falta disso, mas pronto, vou fazendo eu. Como lhe digo, este livro das festas religiosas abortou, se calhar eu vou fazê-lo sozinho.

(E): Pois, e acaba por.... mas teria mais forma se fosse uma coisa organizada, que mobilizasse mais pessoas?!...

(EN): Não, não porque se consegue muito mais informação, consegue-se muito mais informação e a troca de informação é salutar. Consegue-se muito mais informação. Assim, terá de ser um a puxar a carroça, ir aqui e ali, enquanto que nós, através de um núcleo, sei lá, maior ou menor, consegue-se muito mais informação.

(E): Pois é, então quer falar-me de mais alguma coisa, acha que já está tudo dito...

(EN): Não, pois, sei lá, eu acho que já lhe contei a minha vida.

(E): Pois contou e foi muito interessante, muito interessante...

(EN): Agora, agora possivelmente há coisas que eu não lhe disse, não sei...

(E): Pronto, mas eu acho que falou, acabou por apanhar, tem consciência do envelhecimento, tem consciência do que o espera...

(EN): Eu já lhe disse no outro dia, não pensei nisso, nem quero pensar nisso ainda.

(E): Não quer pensar nisso?!...

(EN): Não, não quero, não quero, não quero, não quero pensar nisso porque...

(E): Ainda se sente muito ativo...

(EN): Muito, não quero pensar nisso porque..., mas estou consciente que, não sei se a vida me permite que chegue /além/, mas estou consciente que possivelmente... A única coisa que quero, não quero depender de alguém, mas pronto, mas se tiver que ser, é

Transcrição das Entrevistas

assim, e eu sabe que as minhas idas diárias quase ao Lar levam-me também a refletir nisto, levam-me a ver as pessoas, que eu falo com um, falo com outro, penso que, e pá, se calhar amanhã estou eu aqui. Ontem, por exemplo um senhor de Carvoeiro que eu conheço bem. A minha mãe teve-me a dizer que à hora do almoço sentou-se... e era um homem ativo, era pescador, tive a falar com ele no outro dia e “então, já viste e tal, agora estou aqui” “Então e está bem?” “Estou bem, mas já viste, não vou ver o mar” Coitado do homem, não há muito tempo, semanas, ele saía de casa para ver o mar, e tal, depois falavam, ali em Carvoeiro as pessoas juntam-se muito ali ao pé do mar, nos banquinhos, a conversa roda sempre à volta do mar “ E pá, nunca mais fui ver o mar, não sei quê, não sei que mais” Isso deve ser preocupante, percebe....

(E): Preocupa-o...

(EN): Eu acho que isto preocupa-me se chegar a uma altura dessas em que... também percebo que a minha mãe, coitada, às vezes diz que aquilo não é a casa dela, pois não, não tem condições para estar sozinha...

(EN): Nunca teve com ela mais ou menos a seu cargo ou nem por isso?

(E): Não, não. Nunca tive com ela a meu cargo. Houve uma altura quando o meu pai faleceu, ela foi-se muito abaixo, ainda pensei que isto agora é dois em um, ainda fiquei ali em casa um mês, praticamente... mas agora não, ela também não tinha condições para estar sozinha e eu não tinha condições para dormir ali e depois ir para casa, pronto e na altura apareceu vaga ali e eu pensei, é a altura certa, e por acaso foi numa altura que ela caiu, caiu e ficou no hospital e a médica que a assistiu perguntou a vida dela, com quem é que ela estava e disse que ela não tinha condições para estar sozinha. Embora, não quero pensar nisso ainda, acho que ainda tenho muito tempo à minha frente, porque hoje penso que possivelmente, oxalá, tenha vida e isso tudo para chegar lá, mas quero ver se não dependo de ninguém, sei que não...

(EN): Pois, é isso que o preocupa?!...

(E): É isso que me preocupa, e deve preocupar muita gente, acho que uma pessoa estar dependente de outras, perder a sua autonomia, como eu vi ontem o homem, quer dizer, vem amparado pelo bombeiro e depois a funcionária teve que lhe dar aqueles andarilhos móveis, com rodas. Um homem que punha um barco em baixo sozinho, quer dizer... Sim, é um bocado complicado e é isso que me assusta, percebe, o resto não, não

Transcrição das Entrevistas

quero pensar na velhice ainda porque acho que ainda tenho muito tempo à minha frente, acho que ainda posso ser útil, acho que a minha mente está boa, ainda sou capaz de fazer muita coisa, não quero pensar nisso, mas se tiver que acontecer, o que é que eu hei-de fazer?!...

(E): Revendo a sua história de vida, qual foi ou foram as crises que destaca...

(E): A guerra colonial era os projetos que nós homens tínhamos pela frente, ou seja, não havia expectativa de vida, a expectativa era a guerra. ..e eram assim corte enorme no início de vida, não é?

(PAUSA NA GRAVAÇÃO)

Claro, claro, a guerra, eu conto-lhe um episódio que vi, acho que andava na quarta classe, vinha a correr ali onde está o António José Soares, em frente à praça, e onde tinha uma lojinha a seguir, o Senhor A₃ tinha ali uma lojinha de flores, e eu vinha a correr, não sei com quem era, com outro amigo qualquer e lembro-me de o homem dizer isto, depois à frente pensei, mas continuei “Vão-se criando corpinhos para irem para a Guerra Colonial” Tinha dez anos, depois vinte, já passou, passou, passou para o ar e era um aspeto da guerra horrível, horrível porque toda aquela envolvência, o que nos esperava, o durante a guerra, aquilo era complicado, ou seja, eu fui para Moçambique, não me despedi dos meus pais porque tive receio, não sei se teria coragem. Mandeí um telegrama, naquele tempo, a dizer, embarco amanhã às tantas horas. Mandeí o telegrama de forma a que eles não tivessem possibilidades de ir a Lisboa, percebe. Quem me foi lá levar foi, de facto o M₂ foi-me levar e outro amigo nosso o M₃ que já falecei, o M₃, trabalhava aqui () e outra rapariga que ainda está aqui em Lagoa, foram-me levar e (ham) aquilo foi horrível, aquilo é indescritível, no cais da () é indescritível, acho eu ninguém merece aquilo percebe. E eles disseram “ A gente veio te levar também te vimos buscar” “ E pá, dentro do caixote, possivelmente” Aquilo foi das coisas mais horríveis que eu vi na minha vida, horríveis naquele aspeto, porque vi coisas terríveis lá fora, ver o barco a afastar-se, manda aqueles três hurros, que é mesmo à mar do cais. Nós a vermos do barco pessoas a desmaiarem, as ambulâncias, e pá, uma coisa sem descrição, horrível, horrível, horrível. Depois foi uma viagem muito atribulada, também. Tivemos um rapaz que antes da Guiné, ao descer o convés do barco, escorregou, partiu a coluna, teve de ser evacuado na Guiné. O barco, o navio não entrava dentro do porto, tivemos que esperar uma série de horas, vieram umas lanchas,

Transcrição das Entrevistas

depois, antes de Angola há um que se manda ao mar, um gajo doido, de um outro batalhão qualquer, eu não me lembro, e não morreu, andavam os tubarões todos, durante o dia andamos a brincar com eles, a mandar garrafas de cerveja, não morreu (ham) e depois foi lá, durante... eu sofro de um problema, que eu não sei o que é que me aconteceu, () perdi a força, neste dedo, quando começo a escrever muito perco a força e a caneta caia. E houve uma altura em que não conseguia escrever, devido ao sistema nervoso, foi uma coisa...

(E): Marca muito...

(EN): Marca muito...

(E): Foram dois anos...

(EN): Vinte e oito meses, e lembro-me de chegar a Moçambique, a () no auge da guerra, também não sabia para onde é que ia, não é, não sabia e lembro-me de ouvir alguém “ E pá, está aqui um gajo a perguntar se há alguém do Algarve, de Lagoa, de Lagoa” Entretanto aparece, ouviu falar no M₄?

(E): Hum, hum

(EN): /Comandante/ dos Bombeiros, estava lá, eh pá M₄.

(E): Ver alguém conhecido.

(EN): Estava lá outro rapaz ali de Silves, que já morreu, diz ele, “eh pá, para onde é que vais e tal?” “Vou para ()” “ Vamos beber uma cerveja” depois de já termos quatro ou cinco cerveja é que eu disse, “e pá, () tens que te acalmar”. “E pá, fogo”, aquelas coisas, depois perto da Páscoa, uma semana antes... e no dia de Páscoa fomos rececionados, tivemos um ataque, mas pronto, foi horrível, horrível, muito horrível, depois toda aquela incerteza, sabe, depois entretanto () no Norte de Moçambique aquilo é uma zona de () aquilo começou a aquecer, aquecer, nos aspeto de, pronto, os gajos queriam boicotar, queriam destruir aquilo e veio a minha companhia e o /comandante que estava de comando/ era comandada pelo M₅, um gajo que também já morreu há pouco tempo. Viemos ali para aquela zona para Tete, tentar segurar aquilo, começaram a aparecer... eh pá... situações chatas porque a gente nunca sabia quando é que era o dia, sabe Sandra.

(E): Acha que o que o marcou mais ao longo da sua vida foi essa...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Foi, um horror, um horror, um horror porque ... nós às vezes perguntávamos... lembro-me do natal de setenta e um, coisa horrível (ham) apareceu-me para ali umas coisas () tinha que ir um no natal, e outro no ano novo. E na minha companhia, no meu pelotão estavam três pessoas, três amigos que andaram na escola, lembro-me daqui um de Estômbar, o M₇ que o irmão trabalha na Câmara, ou trabalhava, e outro rapaz de Ferragudo, o M₈, nunca mais o vi também. E pá, o outro estava cá de férias, salvo erro, e eu a dizer “ E, pá, tem que ir agora outro no ano novo” “Quem vai, vou eu pelo natal” E aquilo horrível, as coisas marcavam-me muito, na noite de natal, de sessenta e um, nunca mais me esqueço, estávamos oito ou dez... à noite... chovia que deus mandava.... Agarrados, à volta de uma árvore, um () uma coisa enorme, a nos proteger um bocado da chuva e diz-me assim um moço de Braga o M₉ “Eh pá, mas o que é que a gente está aqui a fazer?”

(E): Pois, questionavam-se...

(EN): A esta hora estão lá as nossas famílias o que é que nós estamos aqui a fazer? É verdade, terrível, terrível (ham) pronto, porque é a questão, porque é que estamos aqui, não sei, o que é que estamos... e há outros episódios que aquilo é para esquecer... um dia eu meti a Gtrês aqui, é verdade...

(E): Entrou em desespero...

(EN): Porque eu tive, eu fiz uma grande asneira, sabe, foi ter cá vindo.

(E): Pois...

(EN): Eu vim cá um mês de férias, foi uma grande asneira, nunca devia ter cá vindo.

(E):Pois...

(EN): Porque, nunca mais me esqueço da viagem daqui a Faro, foi terrível, ou seja, ia de olhos bem abertos, porque eu nunca mais vejo isto, percebe, é uma situação muito, muito complicada, foi a coisa que mais me marcou pela negativa, sob todos os aspetos, sob todos os aspetos, sob todos os aspetos e lembro-me num almoço que estive, que eu já há quatro anos que não vou, agora este ano quero ir, que nós, anualmente reunimo-nos, e... no almoço, no último que fui, foi ali em Famões, ao pé de Odivelas, e foi o comandante, que nunca tinha ido, e um dia, poucos, antes depois de nós irmos, estava cá, ia ali a passar na Casa Inglesa e ele viu-me, ele levantou-se para se dirigir a mim e

Transcrição das Entrevistas

eu desviei-me porque fiquei com um ódio ao homem, uma coisa, é verdade, porque eu vim de férias e chego à Beira, que era, portanto, o centro do país, mas era /tranquilo/ a guerra estava no norte, uma pessoa chegava, o aeroporto internacional era na Beira, hoje é no Maputo e chego à Beira, tinha que me apresentar para lá numa coisa qualquer, que não me fui apresentar coisa nenhuma, também não fugi e encontro um rapaz da minha companhia que ia de férias para a África do Sul e disse “E pá, vai depressa que os gajos estão à tua espera” “Estão à minha espera para quê, eu vim daqui para Tete” “Eh pá, está tudo” “Então porquê, estão feridos, estão no hospital?” Bem, fui logo... depois apanhei o avião para Tete, das linhas aéreas de Moçambique, dali para Tete, depois fui de táxi aéreo para a /Xicou/ que eu estava perto da () que hoje passa junto ao () que hoje está submerso. E eu cheguei lá e lembro-me, ia com aquilo no ouvido, não é, e lembro-me do M₁₀, nunca mais me esqueço do nome do rapaz, que era () do comandante, o furriel M₁₀ que era conhecido pelo M₁₀, porque havia outro com o mesmo nome, então para diferenciar os dois... “E pá, o nosso comandante” “Eh, pá, desaparece” “Não, o nosso comandante disse para você ir ali” “E pá, está bem” Fui lá ter com o homem, isto quase cinco horas, cinco horas já é de noite lá, sei lá, três horas e tal, diz ele assim, ele tinha aquela voz pausada... “Então, a família, estava boa?” “Sim, comandante, tudo bem” “Então, as férias foram boas?” “Sim, pronto, foram boas” E pá, lá umas conversas, estúpidas... “Agora” diz-me ele assim “Agora, vais tomar banho, vais descansar e daqui a um quarto de hora trazes o pelotão formado aqui” “Para quê comandante?” “Ah, sabes, os /Turres/ foram lá a ()”, que era a vinte e cinco quilómetros, “destruíram aquilo, tem que ir para lá alguém” A esta hora? Este homem está-me a mandar para a morte. Fui ter com o pessoal, os soldados, estavam ali na camarata deles, ah, e tal, não sei quê, tinha cinco homens, os outros estavam no hospital, estavam de baixa, cinco... não tem ninguém... “Então o que a gente tem lá dentro?” “Tem três, então morteiro?” “Não há nenhum” Deu-me aquela neura, deu-me mesmo neura, fiquei com um e disse “Eu não vou” “Tás a pensar o que estás a dizer?” “Estou, eu não vou” “O QUE É QUE SE ESTÁ A PASSAR?” “Passa-se isto, tenho cinco homens, não temos nada, o morteiro está com o M₁₁, não sei quê... não vou” O Major, que é um gajo do Porto, um individuo, diz assim “Eh pá, tem lá calma, anda cá, eh pá, não liguês a isto, vai lá” O gajo vai pedir uma () e tudo, uma () é um avião militar, disse logo que ia pedir o avião para ver se eu chegava ao objetivo, o objetivo era chegar lá, e entretanto acabamos por ir... depois... aquilo estava a chover, começou a chover

Transcrição das Entrevistas

também, arrebenta-se uma bota disse “Eh pá, fogo” () Ia para lá oito dias, fiquei lá um mês ou dois, depois () a gente mandava rádios, desenrasca-te, era um bocado assim. E fiquei com aquilo no ouvido, nunca mais me esqueci, desta atitude do homem, eh pá, este gajo está a mandar-me para a morte, com cinco homens, está-me a mandar para a morte, à noite e aquilo à noite era, mas enfim, passou e... no almoço, o gajo apareceu “Então EN” “Então comandante e tal” Entrou, com o anjo da guarda, chamo eu o anjo da guarda lá, a minha mulher dizia “Está calado, está calado” E eu, “Eh pá, onde é que a gente fica” e a minha mulher “A gente fica aqui ao pé do comandante” “Eu não quero ficar ao pé do homem” “Eh pá, fica aqui e tal, não sei que” Senta-me à frente do homem, disse “Ai, Jesus” Começamos a beber uns copos e aqueceu, aquilo veio à baila, disse assim “Ouça lá, lembra-se quando me mandou para a morte?” “ O quê, então?” “Lembra-se daquela história, não sei que, que você mandou-me para a morte?” “ Eh pá, não sei quê” Tive a contar a história. “Fiz isso?” “ Fez, fez” A minha mulher “Ai, está calado, está calado” mas eu tinha que dizer aquilo ao homem, tinha que dizer aquilo ao homem. () “ Eh, pá, tinha que ser” “ Tinha que ser mas o senhor ficou lá dentro” Pronto, foi assim e ela “tem juízo, tem juízo” Tem juízo o quê isto está aqui a passar. Eh pá, são situações muito desagradáveis e depois a gente saia e nunca sabia se havia o regresso.

(E): Essa foi a pior fase da sua vida...

(EN): Foi a pior fase da minha vida, foi a pior fase da minha vida e que (ham) por aquilo que se viu, ó S, se fosse contar isto acho que, se calhar começava aqui um inferno, uma chatice, não, não, não vale a pena, mas é a pior, horrível, horrível, horrível.

(E): Claro. E depois ao longo da sua vida não identifica assim maiores, outras crises assim mais...

(EN): Só para ocupar um bocadinho, para lhe dizer que uma vez estive lá, estivemos lá na capela, oito, oito ou seis corpos para identificar, não eram nossos, mas depois a gente () uma coisa horrível, pá, não dá para descrever e é melhor parar por aqui. E pronto, é assim, durante a minha vida toda foi a pior, que eu sempre tentei fugir, como disse à pouco, tentei concorrer à força aérea, para piloto de helicópteros, depois de andar, no dia seis de janeiro de mil novecentos e sessenta e nove, nunca mais me esqueço, um dia inteiro nu, note, nu, eram médico, inspeção para aqui e para ali, eu fui-me embora porque naquele tempo... “Anda cá já” Olhou para os dedos mindinhos dos pés, porque

Transcrição das Entrevistas

naquele tempo usavam-se sapatos apertados, e o dedo estava assim um bocadinho em cima... inapto. (Pfuu) Eu assim, caramba pá, pronto e, foi o meu destino foi aquele. E depois ainda por cima, não sei porquê, acho que, não sei porquê, se calhar diz um bocadinho, fiquei surpreso (ham) aqui em Tavira, fiz a recruta e a especialidade eram mil e tal indivíduos, e eu, em trinta e um, fui o que fui para minas e armadilhas, já viu, que era a pior coisa, não havia pior. Disse eu “Caramba, pah, mas que mal é que eu fiz?” Depois fui um bocado confortado pelo aspirante, também era “ Ah, mas você não vai, você está cá, eu se calhar vou para lá, se estudares bem e tal” Estudei que nem um desalmado para ser, porque os melhores classificados às vezes não iam, percebe, fui o quinto do curso, quinze e vinte e cinco, nunca mais me esqueço... ah, o que é que me valeu, fomos todos, não ficou cá nenhum. Depois, mas, relacionando bem eu sou um individuo muito /precaução/, percebe muito calculista, raramente faço alguma coisa sem medir bem os prós e os contras e ali tem de ser, porque (ham) havia uma máxima, nas minas e armadilhas que só morremos uma vez, acabou-se, já era, sou um bocado, sou /precaução/ e se calhar não é por acaso que fui lá parar, percebe, e vi as pessoas que lidavam, pessoal que esteve comigo, eramos assim, tinham que ter cuidado e medir bem as coisas porque as armadilhas não se brinca com aquilo. Portanto, está a ver, nada disto foi, o que eu mais receei, calhou-me sempre, mas tive de conviver com isso, mas foi o pior período da minha vida, não há duvida... e ainda bem, sorte para aqueles que lá não foram, lamento, pronto, ter lá passado, dei lá parte da minha vida que não vim o mesmo, psicologicamente vi-me bastante afetado, andei super nervoso, muito afetado e o trauma está comigo e há de morrer comigo... Ainda hoje, ainda hoje, tudo o que é guerra colonial, livros, eu compro e leio, pois, às vezes, tenho o azar de ler aquilo à noite e durmo mal, percebe, a seguir, pois, estas coisas e pronto e todas... e muita gente não sabe que o vinte e cinco de abril, muita gente não sabe, a gente questiona, não sei se alguém se questionou porque é que foi a revolução dos capitães, não é, porque é que não foi dos majores, dos comandantes, dos tenentes, dos alferes, foi dos capitães, que chatice... porque eram os únicos dos quadros que andavam no mato, que os outros não, nem os /sorjas/, nem os sargentos, nem esses, agora os capitães, aquilo tomou uma dimensão tal que as operações eram a nível de companhia e a nível de companhia os capitães alinhavam, isto para dizer que quando o meu pelotão lá chegou, havia quatro companhias, passado quinze dias não havia uma capitão, estava tudo na metrópole para se safarem ()

Transcrição das Entrevistas

(E): Essa foi a crise mais complicada...

(EN): Sim foi a que mais me traumatizou e ainda hoje, há-de ficar comigo, essa fica comigo, não passa de certeza. A outra foi uma crise idêntica, económica, género de económica, foi em mil novecentos e oitenta e nove, salvo erro, era o Mário Soares primeiro-ministro, que ainda recebi subsídio de férias, passados dois anos...

(E): Isso foi complicado.

(EN): Complicado nessa altura.

(E): Porque tinha os filhos pequenos...

(EN): Sim, sim, agora isto está muito pior. Nunca, nunca me passou pela cabeça de atravessarmos um momento destes, nunca e é preocupante e acho que deve preocupar as pessoas, muito preocupante...

III. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA N.º 3

Perfil de Telma (nome fictício): Professora, 60 anos, reformada desde os 52 anos, agregado unifamiliar.

1.ª Sessão da Entrevista de Telma

Data de realização: 22 de maio de 2013

Horário: Das 10h15 às 12h40

Local da Entrevista: Residência da própria em Lagoa

EN: Entrevistada

E: Entrevistadora

(E): Gostaria de lhe pedir que me contasse a sua história de vida, que partilhasse nesta entrevista as suas experiências pessoais que motivaram o seu percurso profissional, como experienciou o período em que decidiu se reformar, bem como a forma como vive hoje o seu quotidiano em que já não exerce uma atividade profissional contínua. Pode contar o que entender ser importante para melhor compreender o seu processo de transição para a reforma para que eu conheça a sua história, desde que começou a estudar e depois a trabalhar até ao dia de hoje. O que for importante para si, também será importante para o trabalho de mestrado.

(EN): Ora eu sou, tenho sessenta, e faço sessenta e um anos este ano, estou aposentada desde os cinquenta e dois porque tirei o curso do Magistério Primário, à época era esse o período da reforma completa. (Ham), fui criada em Angola, Huambo, uma terriola a sessenta quilómetros da cidade, aquelas, chamava-se posto de ensino, nem sequer era um professor diplomado (ham) era alguém com jeito para ensinar e tinha, a professora tinha as quatro classes. (Ham) ainda fiz o exame de admissão à escola industrial e ao liceu (ham) como vivíamos longe da cidade, eu e os meus irmãos mais velhos, estudamos, seguimos a via liceal, internas no colégio. Eu e a minha irmã no S. José () em Huambo e o meu irmão nos Maristas, em Huambo também. (Ham) portanto, tirei o quinto ano, claro que houve algumas vontades de não estudar muito, mas o meu pai fez-nos um ultimato, que do colégio não nos tirava enquanto não tivéssemos o quinto ano,

Transcrição das Entrevistas

podíamos lá ficar a servir, a cozinhar, a limpar, o que quiséssemos fazer, mas do colégio de freiras não sairíamos enquanto não tivéssemos o quinto ano. Aí, como tive a experiência da mais velha, aproveitei e aos catorze anos concluí o quinto ano. (Ham), não tive tempo para decidir, o desejo da minha mãe era ter filhas professoras e então, era só fazer o exame de admissão, eu não precisaria de seguir, mas o exame de admissão ao Magistério terminou no início de outubro, lá as aulas começavam a dez de setembro e, claro que tive aulas. Primeiro semestre fiquei encantada, porque era semestral e então comecei a pensar: reprovou no primeiro semestre e vou-me embora. E realmente não estudei nada e tive montes de negativas, mas era uma escola que estava a abrir e eles acharam que era criancice e deram-me o benefício da dúvida, nesse semestre deram-me lá o dézinho a tudo, para ver como é que eu me comportava até ao final do ano. (Ham) aí depois, olhe, tomei-lhe o gosto e fui em frente, realmente saí com média de catorze, (ham) trabalhei sempre no Huambo, também tive sorte, na altura os concursos para se entrar no quadro só aconteciam de quatro em quatro, de cinco em cinco anos e quando estávamos mesmo a terminar o curso abria um concurso desses e então a escola de Magistério propôs-nos candidatar-nos com a, saindo o concurso (ham) como é que é, tapado até que a nota de curso saísse, portanto, eles conseguiram uma autorização especial e tivemos essa sorte. Esse ano, todas as finalistas conseguiram essa entrada, esse concurso, (ham) e então comecei a trabalhar em setenta, setenta e um, em outubro, já disse que as aulas começavam a dez de, de setembro, mas como só tinha dezassete anos, tive que esperar fazer dezoito para começar a trabalhar. Fiz a catorze de outubro, fui ter com o diretor escolar, e fui dizer “senhor diretor, já fiz dezoito anos” e ele arranjou-me uma escola logo de seguida. Na altura ainda não havia muitos professores profissionalizados, havia muita gente com o antigo quinto ano geral do liceu, que dava aulas, e foi fácil. Comecei logo a trabalhar, sei lá, vinte, vinte e um. Fui ficando sempre na mesma escola, os cinco anos que lá trabalhei, à exceção do último ano em que fui convidada pela inspeção para ir para a formação de professores, o tal Magistério Primário, em regime de voluntariado, que era para diplomar todos os regentes escolares. Cheguei a Portugal, não entrei logo no quadro de /aditos/ aliás acabei por não entrar mesmo, porque o que me pediam de documentos para ingresso nos /aditos/ era o mesmo que me pediam para concorrer, eu concorri e entrei, em janeiro comecei a trabalhar. Perdi esses meses de tempo de serviço, e financeiro, mas pronto, (ham) acabei por iniciar a minha carreira em Portugal, na grande Lisboa. Trabalhei durante cinco anos na

Transcrição das Entrevistas

zona da grande Lisboa e depois vim para o Algarve para reunir as tropas e a família, que a união faz a força. A primeira escola aqui no Algarve, que eu apanhei, foi Tunes, depois fui para Armação de Pêra, (ham) acho que me sentia um pouco frustrada, sentia saudade do primeiro porto de abrigo que encontrei quando cá cheguei, foi Lisboa, e resolvi concorrer para as Escolas Superiores de Educação, que na altura estavam a recrutar professores para a orientação da prática pedagógica. Ainda fui à entrevista ali a Faro, mas não fui admitida, e fui à entrevista a Setúbal, e aí fui e consegui entrar. De maneira que passei mais três anos na Escola Superior de Educação de Setúbal, na orientação da prática pedagógica. Regressei estava nos, na, no, na reforma do sistema educativo, na altura, era um projeto interministerial para o sucesso educativo, o PIPS, (ham) que tinha aqui uma coordenadora bastante interessante que bastante me ajudou, porque de facto a linguagem, descer de novo às crianças, assim de repente não é muito fácil, mas com apoio tudo se consegue. Tive oportunidade de fazer bons e excelentes amigos entre os colegas e consegui adaptar-me. Também, estava a pensar porque entretanto, aqui no Algarve, foi isso, vim para Lagoa, mas eu não estava aqui efetiva, estava efetiva em Carvoeiro só que não havia alunos. Depois houve o ano a seguir, pedi a recondução, porque tinha iniciado com o primeiro ano e para não deixar os miúdos desamparados e logo a seguir, sim, efetivei-me aqui. Quando me efetivei acho que fiquei frustrada, já ia ter que ficar quieta, os meus pais ainda, o meu pai ainda era vivo, estavam aqui perto, da escola, eu achei que isto já estava a ser prisão demais para mim, arrisquei e concorri e fui colocada na Direção Regional de Educação na orientação na prática pedagógica, na, desculpa, na dinamização dos projetos das escolas isoladas, um projeto desenvolvido pelo (), de maneira que fiz mais três anos na Direção Regional e, no regresso da Direção Regional já vinha disposta à minha reforma. Estava para breve, entretanto já tinha completado o tempo de serviço necessário, que eram precisos trinta e dois anos de serviço se eu já tivesse os cinquenta e dois de idade. Não tinha, só tinha cinquenta, tive que trabalhar mais dois anos, então concorri para apoio educativo e, pela primeira vez em Portugal, fui trabalhar para escolas mais pequenas. Gostei muito, foi muito gratificante, foi alargar horizontes de alguma forma porque as escolas grandes têm uma maior socialização, mas também têm um mundo imenso de problemas e acaba por criar grandes fricções, porque são formas de agir e de pensar diferentes, e de acolher diferente as crianças e às vezes não é fácil conviver com essas situações de oposição e então aproveitei os últimos anos e acabei em apoio educativo. Estive em Porches,

Transcrição das Entrevistas

Alporchinhos, Alfazina, Carvoeiro e parece que foi só. De qualquer forma, aqui na escola, trabalhei quatro anos, do primeiro ao quarto ano com um grupo de alunos, esse grupo com que iniciei. Nos anos a seguir desenvolvi um projeto de currículos alternativos, desenvolvi a experiência da reorganização curricular e um ateliê de língua portuguesa para a recuperação e o desenvolvimento da oralidade e do desempenho, (ham) e então depois fui para a Regional, e assim é que está mais correto. Eu saltei de Angola para aqui muito rápido e acabei por não falar muito de onde estudei, do Colégio das Madres, mas também não é importante, pois não?

(E): Sim, se achar importante.

(EN): Não, o percurso está feito, não?

(E): Mas pode partilhar connosco essa experiência, também, da sua escola, com a família.

(EN): Não, a escola era interna. Portanto os pais só podiam ir ver uma vez por mês, nós só vínhamos a casa nas férias de Natal, da Páscoa e férias grandes, de resto estávamos lá.

(E): Hum, hum.

(EN): O Magistério é que tirei em Benguela, e aí já foi um descobrir da vida, pronto, fui para um lar da mocidade como acolhimento, uma cidade pequena, confortável, todo o mundo conhece toda a gente, muito acolhedora, e foi, de facto, uma ótima experiência para uma adolescente. Mais... quando cheguei a Portugal, para além de casar, resolvi ser mãe. Tenho uma filha com trinta e sete anos, faz agora em julho, e... a minha ansiedade de reforma, na altura, já era avó, já me tinha nascido a minha primeira neta e a minha filha estava realmente com muitas dificuldades de trabalho, para, (ham) para conciliar o trabalho e a educação da filha, para além de que eu tinha a minha mãe a fazer oitenta e

PAUSA NA GRAVAÇÃO

(EN) Pronto, retomando, estava naquela parte em que tinha a neta, tinha a mãe já com oitenta e upa, e... realmente, emocionalmente já estava muito dividida entre a escola e ver a família em casa a precisar de assistência. Cumprido o tempo, aliás, no dia do meu aniversário faltei só para ir meter os papéis da reforma ((gargalhadas)). Vim para casa

Transcrição das Entrevistas

muito contente comemorar que já estava para perto, para breve, portanto, meti a catorze de outubro e reformei-me a trinta e um de dezembro desse ano. () Tinha muitos projetos para fazer n coisas. Para já adorava ir a congressos e conferências e pensei que iria a muitas... (ham)... ofereci-me, convidada e aceitei, mas queria mesmo integrar a Comissão, a CPCJ, Comissão de Proteção de Menores. Fui em representação da Assembleia Municipal e... estava toda convencida que ia continuar a fazer algumas coisas, mas de facto tudo se tornou muito complicado. A minha mãe, acho que também estava ansiosa por me apanhar em casa e começou a desassossegar. Penso que terá começado com alguns picos de Alzheimer, não sei se é, se é arteriosclerose, se é outra coisa qualquer, um diagnóstico a sério, não tenho, mas daí para a frente, realmente começou um pouco da degradação. Eu comecei a me aperceber que se eu saísse de casa podia encontrar o caos no meu regresso, por um lado, por outro lado, mesmo chegando e estando tudo aparentemente bem, estava uma grande confusão, as panelas fora do lugar, as roupas todas reviradas, os armários todos desmanchados, e isto estava a ficar complicado e resolvi, realmente pegar no computador e jogar às cartinhas, mandar uns mails e receber outros e começar a aprender a estar quieta, que não sabia. Era de facto, para mim seria mais difícil, e nunca me passou pela cabeça, que acho que o mundo é tão grande, nunca me passou pela cabeça que a reforma fosse para estar quieto. Mas acho que isso também tenho que agradecer à minha mãe, até isso ela me ensinou, a gostar de estar comigo, porque eu não gostava ((risos)). Tive oportunidade de aprender isso, gostei, provei a preguiça, soube-me bem, e hoje, a minha filha ainda continua a precisar de mim, já tenho mais um neto, agora com três anitos, a minha neta já tem treze, mas... já vou com muito sacrifício. Vou todos os dias para Silves, vou visitar a mãe que está lá no lar, ou estar com os miúdos, ir buscar um à escola e levar o outro à ginástica e quando chega a minha filha eu já estou pelos cabelos. Não é com os moços, nem estou cansada de nada, só estou com fome do meu buraquinho ((gargalhadas)). Daí que ainda não me meti em coisa nenhuma, não estou a fazer mais nada senão curtir a doçura de ser avó e de ser filha, também é muito bom, ela ainda está cá, está com noventa e dois anos, ainda posso gozar a mãe e é isso que me sabe bem neste momento. Não sei se depois terei coragem já para fazer grandes voos. Paralelamente, até no final de carreira em que eu comecei a esgotar bastante, entrei um pouco por energias alternativas, fiz Reiki, os três níveis de Reiki, tirei /biorgonomia/, e isso acho que também me ajudou imenso e que me dá um prazer incrível estar comigo, pronto. Eu meditação não sei fazer, embora

Transcrição das Entrevistas

ponha música e finja que faça, não sei, nunca me transcendi, não sei o que isso é... mas, o sossego sabe muito bem e acho que por aí, embora eu me mantenha católica, pouco praticante, mas católica e... devota, (ham) sabe muito bem, de facto, vivenciar o meu eu interior, descobri-lo foi muito bom.

(E) Foi a reforma, não é?

(EN) E está sendo a reforma. Antes da reforma, já tinha tirado e já aplicava em mim. Quando fui fazer a pós graduação, era interessantíssimo que o Reiki, pronto, realmente, querer é poder e uma pessoa quando se mentaliza tudo pode. (Ham) lembro-me de estar a fazer trabalhos até à duas da manhã, o autocarro era às cinco e eu dizer “ preciso de descansar, nem que sejam cinco minutos” e lá fazia as minhas orações e pedia, realmente, fazia o meu Reiki e adormecia e às cinco menos dez, cinco menos um quarto eu abria os olhos, ainda antes do despertador, se fosse caso disso. Estava pronta e parecia eu que tinha dormido a noite toda ((risos)). O corpo regenera muito mais rapidamente.

(E): E o seu pai era comerciante, que me falou?

(EN): Em África os meus pais tinham lojas de comércio, daquela, daquele comércio do interior, que vende tudo, do pano, ao livro, à gasolina, ao gás, aos comprimidos, tudo. A comida, comprava também os artigos que eles produziam, revendiam para os grémios e para o abastecimento da cidade... pronto, a minha mãe, inicialmente criou os filhos, depois fomos todos para os colégios e colaborava com o meu pai, embora tivéssemos empregados na loja, brancos, brancos porque criados pretos tínhamos, todos nós tínhamos lá lavadeiras, cozinheiros, os criados e tudo isso, a casa era grande, um grande quintal e... o meu pai quando foi para África era muito novinho, tinha dezanove anos (ham) e deliciou-se com o acolhimento que teve, porque ele ia com pouco dinheiro e, quando parou na primeira grande fazenda puseram logo churrascos a assar e convidaram-no para vir comer e ele dizia que não tinha fome, os outros senhores a rir, lá acabaram por ir busca-lo à camioneta, foi de boleia (ham) e lá lhe explicaram que eles também tinham saudades de saber notícias da terra, para eles também era muito bom receber quem quer que fosse. Então, fez aqueles trezentos e cinquenta quilómetros, do litoral até ao planalto central (ham) parando em fazendas, comendo, dormindo, conversando (ham) então ficou apaixonado pro aquela terra e achava que era função e obrigação dele fazer isso. A minha casa tinha um guarda-fatos do chão até ao teto cheio

Transcrição das Entrevistas

de lençóis prontos a usar. Não sei quantos quartos, também se improvisava rapidamente camas de abrir e não sei quê, que se fazia rapidamente por aquele quintal fora. Havia uma série de quatinhos e quatinholas que o meu pai chamava os rapazes, limpavam aquilo tudo e rapidamente se montavam as camas, até estava a contar que as pontes muitas vezes iam com as enxurradas de chuva e depois tinham que se construir pontes novas, e se vinha um autocarro de passageiros, o autocarro ficava todo a dormir lá em casa, nem que fosse no armazém ((risos)), comíamos, dormíamos, de maneira que apesar de ser só eu e os meus irmãos, nunca estivemos sozinhos. Estivemos sempre com muita gente a entrar e muita gente a sair. Transmontanos, profundamente acolhedores, (ham) cá em Portugal, acho que preservam isso e que nos conseguiram () o acolhimento e a vida em família.

(E): E mais, continue EN.

(EN): Não tenho assim mais nada de especial, dentro das perspetivas que propôs.

(E): Porque é que voltaram para Portugal?

(EN): Foi a descolonização...

(E): Hum, hum, tiveram mesmo que vir...

(EN): Não, medi os prós e os contras, embora os meus pais estivessem convencidos de que eu não viria porque já na altura estava metida no Movimento Democrático do Huambo e estava () na Escola de Magistério em regime de voluntariado. Os meus pais recusaram-se a entrar no avião enquanto eu não entrasse, por acaso entraram, meia hora antes de mim, porque não coube, não coube no avião deles, mas eles viram-me já com o passaporte despachado, e no aeroporto nem foram levantar bagagem, nem nada, estavam a ver se eu chegava ((risos)) Não saiam do aeroporto, pensavam que eu era demasiado acelerada, mas também era obediente e obedeci-lhes. Não tenho pena, eu acho que vivi tudo o que tinha para viver, fiz tudo o que sabia de melhor que sabia, (ham) fui uma privilegiada, vivi num paraíso da terra, que era Angola, na altura, havia uma Condessa Polaca, refugiada da segunda grande guerra que morava lá perto de nós, quando eu era pequenina, falando das viagens que fazia, dizia-me “EN, não conheço no mundo nenhum país tão democrático como Angola para os brancos.” ((risos)) Eu tive essa oportunidade, de viver no país mais democrático do mundo. Éramos todos muito solidários. Eu estou a dizer isto e falo tanto em branco e em preto, mas na minha casa,

Transcrição das Entrevistas

esse racismo eu não conheci. Respeitávamo-nos todos como, como... seres humanos. Agora, claro que não se misturava criados com patrões e não sei quê, havia mais o racismo social do que cor de pele, só que o social também era coincidente com a pele. Ainda há bocado falámos de outras coisas, falava do preto civilizado, olha, quando eu entrei para a escola que entraram os primeiros pretos, portanto, depois da guerra de sessenta e um, para quem fosse para a escola dos brancos e mulatos, então era os filhos do () o filho do /seculo/ da aldeia (ham) portanto o chamado preto civilizado. Havia os bailaricos, aqueles bailaricos do clube, que em todos os lados havia e lá também se fazia, para se fazer rifas e para se construir os clubes e para se ter equipas de futebol, (ham) o meu pai ia muito ao seminário, havia um seminário de (), o meu pai ia lá muito buscar os seminaristas para jogarem porque não haviam homens suficientes na terra para jogarem nós eramos vinte, trinta brancos, para lá, mesmo que tivessem filhos, não tinham isso tudo e empregados e... e então e ia buscar seminaristas pois havia o baile, então a primeira ordem à entrada era “livra-te de dar uma tampa, não querias saber o esforço que um homem faz para ter coragem para te vir convidar para dançar, de maneira que, primeira tampa que eu vir é um chapadão e vais dançar mesmo à minha frente.” De maneira que isso era uma ordem, branco, preto, amarelo, azul, às riscas, bêbado, gordo, velho, novo, não interessa quem nos viesse convidar para dançar, tínhamos que nos levantar e dançar ((risos)). Pois é a tal coisa, todo o mundo conhecia toda a gente, havia uma certa mudança que ele se propunha fazer, não era propriamente a terra de ninguém, que ele já lá estava há muitos anos.

(E): E quando chegou cá, foi um choque muito grande, foi difícil a adaptação? Ou veio com os amigos?

(EN): Não, eu vim sozinha, e ainda por cima os meus pais foram para Trás os Montes, eu resolvi casar e fui dar aulas em Lisboa. Até que na altura não trouxe o diploma, tive que ir tirar fotocópias para concorrer, como disse, pediam-me o mesmo para entrar nos /aditos/ e optei, optei por concorrer, porque não tinha dinheiro para isso e para arranjar algum dinheiro fui vender sapatos, andei a vender enciclopédias de porta a porta, até conseguir o dinheirito suficiente para concorrer e depois pegar em aulas. Agora, sou privilegiada, eu nasci realmente virada para a lua, a primeira escola em que fui colocada, Estoril ((risos)).

Transcrição das Entrevistas

(E): E isso foi quantos anos depois de ter chegado? Quanto tempo é que teve de esperar....

(EN): Esperei quatro meses. Cheguei em setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, no meio de janeiro estava a trabalhar. Que eu já trabalhava lá, já tinha o curso profissional. Cá o susto maior foi a metodologia de trabalho. Nós lá trabalhávamos a metodologia global, o método global, palavras global, frases, era obrigatório, o próprio curso era tirado com essa metodologia, o argumento era que estávamos a ensinar os pretos a falar português, e aqui assusta muito porque uma, um grande défice das nossas crianças é a oralidade e não entendemos que também precisamos de ensinar brancos a falar português. Uma coisa é a conversa de casa, aquela conversa mimada, da família, outra coisa é conversa já mais técnica, mais de compreensão do que se diz, mais de entendimento do que se propõe, mais de flexão verbal, mais de organização das ideias. Então, mesmo lá, no Magistério que eu tirei, eu tirei com o pré-escolar incluído na primária, e o meu primeiro ano de trabalho lá foi com pré, uma pré escola. Porque nós tínhamos a primária com seis anos, portanto, a criança entrava com cinco a fazer seis para a pré e depois é que entrava para o primeiro, segundo, terceiro e quarto. Na época de exames (ham) em que se reprovava na pré ((gargalhadas)). Isso para mim, o melhor, o pior de tudo, quando eu apanhei o susto, da primeira turma que apanho, apanhei lá um tri – repetente da pré. Coitadinho do moço, era albino, não sei se sabe o que é, aqueles filhos de pretos que têm a pele branca...

(E): Que não têm pigmentação...

(EN): Sim, o desgraçado, coitado, estava a reprovar de castigo e então lá, comigo foi até ao quarto ano e fez o quarto ano. Despachou-se. Eu isso acho estranho. Como é que uma criança está numa instituição tantos anos e não sabe apanhar um autocarro, ler uma tabuleta. Pode não saber ler e escrever, mas pode descodificar, e isso, em África, tínhamos muito essa preocupação, embora tivesse encontrado também aquele menino, mas havia muito essa preocupação de na comunicação da tal pré (ham) desenvolver os códigos linguísticos de compreensão e de entendimento para o que vinha a seguir, pronto, se eu quiser ir à cidade como é que eu apanho o autocarro, quantas paragens é que são à frente, quantas é que são atrás (ham) pronto, onde é que tenho que me dirigir...e utilizava-se muito esse /truque/ de trabalho que era, diziam eles, que era para os alunos se adaptarem à linguagem do professor e o professor à linguagem dos alunos,

Transcrição das Entrevistas

e a verdade é que esse meu, minha experiência de ter trabalhado com a pré e depois o primeiro ano era um paraíso. Porque depois toda aquela imaturidade, aquele choro, aconchego que também aqui há e que também é preciso acolher a criança (ham) no primeiro ano já não se perdia tempo, porque o moço já era dono do espaço. Tínhamos um ano para isso, para contar histórias, para contar, recontar histórias, dávamos desenvolvimento da oralidade, contar, contar histórias, compreensão de ordens, cumprir ordens. A oralidade, eu acho muita piada, era do tipo, “Eu vou-me levantar”, “ O que é que eu estou a fazer?” “Tu vais-te levantar”, então fazíamos a flexão verbal. “Eu estou sentado na cadeira” “ E a Joana, onde é que estás?” “A Joana está sentada na cadeira” “Então e eu, como estou?” “Olha, tu estás de pé” E íamos, nesta brincadeira, numa manhã de sobe e desce para cima da mesa e da cadeira e vai para debaixo da mesa, todos brincávamos e é verdade que, nesse dia, tínhamos conjugado ali uma série de pessoas gramaticais, com noções de singular e plural, dávamos a noção de quantidade e as quatro operações aritméticas, inclusive divisão, com os algarismos até nove.

(E): Na pré...

(EN): Na pré, noção de quantidade e as quatro operações, claro que eram (ham) como é que é... concretizadas, não só com materiais mas com desenhos. Apostávamos muito no desenho, na compreensão do desenho, na interpretação do desenho, aceitação de desenho, por exemplo, olhe, antes de me reformar, quando eu estava à espera da minha reforma (ham)..., nesse interregno já não fui pegar naquele apoio educativo em que estava, e fiquei aqui na escola, tinha direito a não ter turma mas esse ano foi um dos anos em que colocaram muito tarde os professores, aliás a coitada só chegou cá em finais de novembro, (ham) e eu olhei para a turma, fiquei preocupada e agarrei neles e, comecei, por que eles pintassem, e desenhassem e ninguém sabia desenhar. Recusavam-se a pegar nos lápis de cor porque não sabiam desenhar, diziam eles. Fui cantando, batendo palmas, olhe, essas estratégias, debaixo da mesa e em cima da mesa, (ham) que eles começaram a correr o risco, que eles estavam de olhos vendados eu enfiava-lhe os lápis todos, com as duas mãos, punha música e obrigava-os a riscar, ia pondo os nomes e ia pondo na parede, depois desvendava e eles iam à procura do que tinham feito. Ficaram muito admirados, que afinal faziam coisas bonitas e a partir daí decretei que era proibido dizer eu não sei. Faz o que souberes e depois explicas-me o que fizeste. Como é que é possível, crianças que estão três anos na pré escola, que de repente dizem eu

Transcrição das Entrevistas

não sei desenhar. O trauma que é para gente, o saber ler e escrever é a única coisa que conta, quando, se eu não tenho cuidado auditivo, ou cuidado visual, oralidade, desenvolvida, eu não consigo ler nem escrever nunca. Chamamos a isso os pré requisitos. Sem isso muito bem trabalhado, é muito difícil... compreensão do que se lê.

(E): Então e mais?

(EN): Ai, não tenho, já tem aí instrumentos e ferramentas.

(E): Sobre, já me falou também, na passagem para a reforma, que no início era uma pessoa muito ativa. Antes, não é? Sim, e agora é também, continua a ser ativa, só que gosta mais do seu spacinho.

(EN): Não, não sou ativa, estou mesmo amorfa, olha, não leio, não escrevo, não pinto, não desenho, tenho um grilo falante, que é uma consciência crítica que acha que eu estou a ficar gorda demais e todos os dias me desencaminha para ir caminhar (gargalhadas). Nem isso eu fazia. A minha mãe também só saiu de casa há três anos, não é, estive aqui trancada com ela, vivi com ela trinta anos, mas assim trancada, sem poder sair, só podia sair se alguém fizesse o favor de aqui vir, ficar um bocadinho com ela... (ham)... cinco anos. De maneira que, acomodei-me de tal maneira que de facto está difícil largar a preguiça. Não há dúvida que é a mãe de todos os vícios ((risos)).

(E): E os amigos? A rede social...

(EN): Ah, mantenho, não, isso eu gosto, dá para perceber, eu gosto de falar. Não, e graças a deus tenho bons e excelentes amigos. Ainda tenho os meus amigos do tempo do colégio. Ainda tenho os meus amigos, as minhas amigas que começaram a trabalhar comigo em África, na primeira escola onde trabalhei. Olha, a mãe de uma dela morreu em outubro, com cento e dois anos. Ainda, isso tenho muita sorte. Sem amigos não era ninguém. Olha, para acabar o meu complemento de formação, sem amigos eu não tinha acabado. Quando cheguei a altura de fazer a tese, deus me livre, análise das entrevistas, não sei quanto, olha, MS, abençoada menina, que apanhou uma ((risos)) gripe desgraçada aí sentada ((risos)). Veio aí pegar nos gráficos e a C dizia, nem penses, meteu-se no carro comigo para eu ir entregar, já no limite, mas não me deixaram ficar para trás. Tenho esse privilégio... Realmente tenho... tenho uma ótima família, um bom porto de abrigo, foi por isso que vim para o Algarve, realmente adoro a família que eu tenho.

Transcrição das Entrevistas

(E): Mas, professora, a sua família estava em Trás-os-Montes.

(EN): Os meus pais são transmontanos, e quando viemos de África, os meus pais foram para Trás-os-Montes. Entretanto casei, fui para Lisboa, para a grande Lisboa, entretanto, o meu irmão, que era lá da extensão rural, abriram a extensão rural no Algarve e veio colocado para aqui. O meu irmão era engenheiro técnico agrário. Veio para aqui. O meu cunhado estava lá em cima em Trás-os-Montes com a minha irmã e dois filhotes, entretanto nasceu cá o terceiro, quinze dias antes da minha. (Ham) e estavam com os meus pais lá em cima, só que lá em cima ele não conseguia grandes empregos, diziam que ele tinha formação demais, para ir para balcão, ou essas coisas. O meu irmão aqui na extensão rural abriu ali uma empresa, nessa área, em Portimão, REPFET e arranjou-lhe emprego. Veio com a minha irmã. Aí os meus pais ficaram para morrer, coitado, o meu pai até teve duas ameaças de enfarte e tudo, estavam mesmo desgraçados. Toda a vida viveram de asas abertas a acolher família, de repente sozinhos lá em cima. Eu entretanto divorcie-me e achei que a união fazia a força. Já cá estava a minha irmã, o meu irmão, os meus pais, só faltava eu, então vim concorrer cá para baixo. Entretanto saiu-nos esta, saiu esta casa ao meu irmão, que era funcionário, este bloco daqui foi vendido logo que foi entregue porque, como havia aí muitos funcionários que tinham vindo () o Sr. Presidente da Câmara reservou o Bloco B para rendas sociais e os Blocos A, o A para funcionários públicos e o B para venda.

(E): O lado direito e o lado esquerdo.

(EN): Eu estou no A. O A ´que foi para venda e aquele B, o A, como é, eu estou no A direito e o A esquerdo é que foi para venda. É isso. Foi para funcionários, estão ali uma série de funcionários da câmara, eram das finanças, da polícia, os vizinhos ali do lado, agora também já há apartamentos vendidos, mas os únicos que compraram, foi isto, eramos todos jovens e neste momento isto também parece o lar da terceira idade, eu sou a mais nova ((risos)). Mentira, cá em cima, os terceiros proprietários da casa são um casal de jovens, mas estamos todas muito velhotas, por aí ((risos)).

(E): E existe alguma coisa que teria feito diferente, na sua vida, das suas experiências?

(EN): Há muita, a mania de que se eu soubesse o que sei hoje faria diferente, mas eu só sei o que sei hoje por ter feito o que fiz. Eu agora é que podia fazer outras coisas.

Transcrição das Entrevistas

Quando me reformei pensei que ia ter todo o tempo do mundo, ia fazer e acontecer, a verdade é que não fiz, porque já não me apetece. Também não tinha condições, é verdade que, tive que me sujeitar e eu acho que as etapas da vida são desafios e lembro-me de na altura entrar em choque, aquela mãe não era a mãe que eu conhecia, os disparates que aconteciam, eu não entendia, até que um dia parei e pensei, e pá, isto tem que ser uma forma de vida, não pode ser uma forma de morte, temos que estar aqui as duas, tem que ser uma forma de vida, então se ela quer brincar às escondidas, eu brinco às escondidas. E então comecei a fazer o jogo ao contrário. “Sabe M, ai, desculpa-me, vê só como é que está a minha cabeça, então eu queria agora a panela para fazer a sopa e não sei onde a larguei”. Ela começava a rezar e lá ia buscar a panela de sopa ((risos)). Eu ia buscar os legumes, punha ali naquela mesa para começar a cozinhar, quando olhava para trás não tinha nada, “ai M, queres ver que eu levei os legumes para o quarto?” “Não, não, não EN, estão ali, estão ali ” e ia buscar. Pronto, então neste jogo, ao princípio não, quando ela me tirava tinha um ataque de fúria. Uma vez com raiva, outra vez com raiva... desisti de ter raiva e achei que era mais agradável viver em festa, e pronto, troquei a volta aos sentimentos. Admito que tenha a ver com as energias, mas também reconheço que eu de feitio era assim, mesmo no colégio, não era propriamente obediente e muito menos subserviente, gosto muito de respeitar o outro e adoro a liberdade de ser livre e percebi que só sou completamente livre quando os outros estão preenchidos, quanto mais eu satisfaço o que me envolve, mais liberdade eu tenho (risos) já não precisam de mim para nada ((gargalhadas)). Isso é meu... então olha, juntei o útil ao agradável e deu para sobreviver.

(E): E ainda está em contacto com a família toda, eles ainda estão aqui todos no Algarve...

(EN): Sim, o meu irmão mora aqui... duas ruas ali abaixo, na volta conhece e a minha irmã era professora em Silves e está em Silves, a minha cunhada também era professora aqui na Jacinto Correia, a doutora. AR, () na Câmara de Silves os jardins, reformados, estamos todos reformados. E... depois tenho aquela canalha toda ((mostra as fotografias espalhadas pela sala)) Filha, é a do meio, esta aqui, o resto é tudo sobrinhos... Família é o que não falta. Realmente, não me falta nada, nem mesmo trabalho, eu é que já não gosto de agarrar mesmo quando a filha demora muito e não sei o quê, fico logo a espumar da venta ((gargalhadas)), já não me apetece ((risos)).

Transcrição das Entrevistas

(E): Então e o que é que lhe apetece?

(EN): Nada, é que a canalha cresça e que eu consiga, sei lá, pensar o que fazer, mas estou mesmo preguiçosa, até para limpar a casa e arrumar, levava a vida nisso, mas é a tal coisa, para já, gosto de fazer para alguém, não é, portanto a minha mãe mantinha a casa sempre limpa e as grandes limpezas era eu que fazia, e fazia quando me apetecia, nunca fui assim obrigada, nunca marquei um dia para fazer, mas adorava aqueles beijinhos todos que toda a gente me dava quando me dava a maluqueira, e era por etapas, não é, um dia era a sala, lembrava, pintava paredes e não sei o quê, não sei quantas mais, ia tudo à minha frente e ficava um ano inteiro a agradecer-me porque eu tinha limpo a sala ((gargalhadas)) porque depois a manutenção era a minha mãe, depois era um quarto, depois era outro, a cozinha, mas nunca foi assim aquela rotina, a rotina aborrece-me. (Ham)..., depois o quê... acho que gostava, e quando me reformei um dos sonhos era com o B, contador de histórias, o PF do convento, o B é um espetáculo como contador de histórias e animador sociocultural e socioeducativa. O nosso sonho era montar aqui em Lagoa uma escola da criatividade porque temos as Ideias do Levante e aquele grupo fantástico que ali está de profissionais, amadores, super profissionais, e temos, lembro-me quando aqui cheguei, um dos diagnósticos era que em cada turma, a inspeção, porque era a tal experiência dos novos planos curriculares, quando foi... o Marcelo Grilo, foi antes dele, o Roberto Carneiro, quando lançou aí os novos planos curriculares (ham) havia um diagnóstico nessa época que em média, em Lagoa, havia cinco, seis crianças que realmente com um elevado défice de atenção e desenvolvimento, sem serem deficientes, mas com limitações acrescidas, e aquilo era quase chapa trinta, se fossemos ver turma por turma, essa média, nunca menos de quatro, nem nunca mais de cinco, seis, vá, entre os quatro e os seis, cada turma tinha essa percentagem... o que era incrível, então acabava por ficar assim sempre um pedaço de gente que precisava de colo, que precisava de autoestima, daí ter sido a primeira escola a nível nacional a ter desenvolvido os tais, os tais currículos alternativos...

(E): Onde?

(EN): A única escola a nível nacional do primeiro ciclo que desenvolveu os currículos alternativos...

(E): Mas onde?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Esta...

(E): Ah, muito bem, e foi a professora...

(EN): Eu não, não era professora deles, a professora deles era uma colega que esteve cá, M, que sabia trabalhar como ninguém porque tinha estado a trabalhar na grande Lisboa, num colégio de reinserção social, o Colégio Zazo, com psicólogas, com sociólogas, com o Instituto de Inovação Educacional, com um projeto educativo, isto em mil novecentos e upa (ham)... lá para trás, então quando, quando, apareceu o decreto de lei e quisemos fazer alguma coisa, a M dizia, “olha, eu não me importo de pegar porque eu tenho esta experiência assim assim”, eu disse “então olha, há uma coisa que eu posso fazer e acho que isso não me custa, que é andar aí a bater às portas e pedir financiamentos e recursos”. E foi esse mais o meu papel e assumi-me, entre aspas, como coordenadora, mas era mais no sentido de abrir portas e ser o aval e garante de que o projeto ia avante. Se a M falhasse alguém tinha de cobrir a retaguarda, não podíamos deixar as crianças penduradas. E conseguimos, realmente um trabalho fantástico, com o apoio da Câmara, na altura o Dr. José Inácio ainda era Vereador da Educação, com estágios aí nas oficinas da Câmara... (ham)... a minha tese de licenciatura...(ham)... foi o estudo de caso desses meninos, dos doze que nós desenvolvemos no primeiro currículo alternativo, nove estavam a trabalhar...

(E): Hum, hum, é bom.

(EN): Três deles já tinham casado... desses doze, sete fizeram o nono ano, em currículo alternativo, mas fizeram o nono ano...

(E): E nunca pensou, aquelas respostas que existem aqui na comunidade, a Universidade Sénior...

(EN): Mas como é que eu ia ter tempo para pensar em alguma coisa, só se fosse para me frustrar, mas também, neste momento não tenho muita paciência para coisas muito enquadradas, eu sou vadia, sou mais Agostinho da Silva. O ser humano nasceu para ser vadio e indolente, por isso é que inventou máquinas para fazer o trabalho. O contrassenso é que inventámos as máquinas para fazer o trabalho (ham)... e cada vez aumentamos mais o nosso horário de trabalho. Isso não tem sentido. Sentido era todos trabalharmos em part-time, nem que fosse com metade do salário uma vez que estão lá as máquinas. Agora, aumentam-nos o horário de trabalho, as máquinas estão lá, isto

Transcrição das Entrevistas

quem diz nos computadores, no secretariado, também diz em tudo o resto. Eu posso perfeitamente ir para casa e em vídeo conferência resolver um problema, não tenho que estar de castigo ali a ver se as paredes caem. Se calhar produzo muito mais porque me organizo melhor, agora, estar num lado, frustrada porque o outro está (46.24) é horrível e nisso acho que a Europa errou muito. Apostou muito no desenvolvimento humano e esqueceu-se, aliás, os países nórdicos, isso é uma das coisas boas que têm, o tal apoio à maternidade, é que, até aos três anos elas continuam funcionárias, mas em part-time, com o ordenado por inteiro, não é a empresa que paga, é o Estado... não perdem o vínculo à empresa em que estão a trabalhar.

(E): E continuam a produzir.

(EN): E continuam a produzir, porque têm todo o tempo do mundo, porque é mais importante é ser mãe e educar bem a criança para garantir o futuro daquele cidadão, porque nos esquecemos que o futuro deste país está na mão deles e nós de modo algum, nós só servimos de almofada e lembro-me que aqui na escola uma vez em fúria, porque eu estava danada, porque havia um bocado de sectarismo, os nomes, os apelidos, elas conheciam os pais, os avós, os netos, e era horrível, e eu às tantas ficava furibunda e perdi muitas vezes a tramontana e numa dessas vezes ((risos)) disse assim “olha, continua a fazer isso, vais ver só, quando tu fores bem velhinha, vais ver, eles são os governantes, quero ver se algum te acode quando tu precisares. Então, agora estás aí a marginalizar, quando chegar a altura de precisares, tu achas que algum desses vai querer ser teu criado, que seja, ou mulher-a-dias, a tratares as pessoas assim.” Então é com eles que nós contamos, independentemente das competências, sei lá, académicas que possam ter, têm que desenvolver competências sociais () Isto do ler, escrever e contar tem muito que se lhe diga, ler, decorar um livro e não compreender o que lá está, é bem pior do que aquilo que nós tínhamos antigamente que eram testes do (), sabe o que é, aquela avaliação internacional das competências, das capacidades adquiridas pelos jovens e pelas crianças dos vários países do mundo. Portugal, apesar de ser um país de analfabetos ficava sempre altamente qualificado porque era aquela, aquele desenrasque à portuguesa e a verdade é que nós vamos por esse mundo além e todos governamos vida. Havia uma competência inata nos portugueses que era a capacidade de agir...

(E): Fazer...

Transcrição das Entrevistas

(EN): E de fazer, fosse em que contexto fosse, e isso nós estamos a retirar, trancamos os miúdos todos nove anos numa escola e temos a coragem de ao fim de nove anos os mandarmos para a rua e eles não sabem atar um atacador de sapato, não sabem apanhar um autocarro, não sabem assinar um cheque, não sabem...nada, e é impressionante.

(E): O que interessa é saberem ler cinquenta palavras num minuto, ou como é que é agora?

(EN): É um contrassenso, tudo bem, no meu tempo havia alunos excepcionais que são alguns dos grandes doutores que já foram e alguns que agora parece que estão aí a querer surgir, mas sempre houve gente que não tinha, ou desenvolvimento intelectual para isso ou apetência. Quando eu estava em Setúbal, o aluno, o meu primeiro aluno que nos deixava assim todos espantados, do primeiro ano que lá trabalhei, entrou para a Escola Superior de Educação, para professor primário com dezanove e meio de média de acesso ao ensino superior, porque, porque queria casar e era o curso que demorava menos tempo na época, claro, estava muito frustrado porque depois as variantes iam ganhar mais, mas depois o Marcelo Grilo lá fez a carreira única, (ham) um fulano daqueles que podia escolher o que quisesse, e escolheu, escolheu Setúbal... mas, é horrível, como é que pode, que é o problema da medicina, uma coisa é de facto eles serem fantásticos e irem para cientistas, tudo bem, investigadores, tudo bem, e a relação humana? Quem é que vê esses valores de dezanove e de vinte, como é que são nas relações interpessoais, para conseguir agir e interagir com os doentes, com o sofrimento, com a morte, com a dor, também faz parte, de ser professor, ou de ser médico, ou de ser biólogo, ou psicólogo, é preciso saber conviver com isso. Por um lado é a investigação científica, como vê, olhe, os meus papéis andam todos por aqui a esvoaçar, amontou-o tudo, o pior de tudo é que eu sei onde é que eles estão apesar da desorganização ((gargalhadas)).

(E): É uma desordem organizada....

(EN): Só para a minha cabeça, para alguém vir buscar, ninguém encontra (risos). É mesmo desordem ((risos)).

(E): ((risos)) Está bom...

(EN): Olhe, disponham se eu poder ser útil em mais alguma coisa, é como lhe disse, se querem muitos reformados, é o prédio inteiro ((risos)).

Transcrição das Entrevistas

(E): E aqui com a vizinhança. Tem boas relações....

(EN): Aí, eu tenho com toda a gente...Com toda a gente, não tenho razão de queixa nenhuma, até com um dos alunos aí da frente, o meu T, foi meu aluno do primeiro ao quarto ano e depois no apoio, não estava no ateliê de língua portuguesa, ele estava com outra professora que estava grávida e estava parvo e, resolveu entrar de faca na mão a dizer que matava, que fazia, que acontecia, que atirava com mesas e carteiras, nunca fez, mas disse que ia fazer, e a professora estava em pânico, estavam os moços aos gritos, eu estava no ateliê, ouvi aquela gritaria entrei e vi o meu T, armado em gozão, joguei-me a ele e tirei-o da sala, virou-se a mim, bateu-me, eu bati nele, ele bateu em mim, ainda vieram colegas e rebolamos os dois. Ainda fui a Portimão porque chamei a polícia, participei. Chamei a polícia, participei, e fui à CPCJ de Portimão, que na altura era a Portimão que se ia e perguntaram-me, “então, mas quer levar a queixa à frente?” e eu disse “quero, quero que tomem conta deste rapaz, ele é inteligente, e era, e era, e continua aí, porque depois fez parte, fui busca-lo para o currículo alternativo, não consegui fazer o quarto ano, foi um dos casos de insucesso, ele tinha sido meu aluno, não consegui tirar o quarto ano, teve no currículo alternativo dois anos, não consegui fazer o quarto ano, foi para a Instituição, ao fim desse tempo todo, não consegui vir com o quarto ano, e anda aí, desempregado militante. Ele viveu aquele tempo todo aqui nesta escola, doze anos, ou quê, que ele andou a frequentar esta escola e nunca cumpriu um período letivo inteiro numa mesma sala. Ele estava na sala, fartava-se, fingia que ia à casa de banho, se encontrasse uma atividade que gostasse noutra sala, entrava para outra sala, e para outra, e para outra, era dono da escola. Que ele até era afável, simpático, mas, aparvava, e não queria trabalhar, não queria porque não queria. Ainda andei à chapada, era meu vizinho, nunca me ameaçou, nunca me riscou carro, nada, e ainda hoje nos encontramos e conversamos e nos sentamos aí à sombra da bananeira a contar histórias. E dos meus ciganitos, eu sou madrinha do bebé da R ((risos)).

(E): É muito bonito, o bebé.

(EN): O bebé da R é uma delícia, não é? O D. A R. quando era pequenina, eu nunca fui professora da R, fui de duas tias dela, mas a R tinha fixação por mim desde pequenina, cresceu aqui, coitada, e então, quando, se estava aflita e se começavam a meter com ela, cigana e não sei quantos, ela punha as mãos na cintura, “ Vou buscar a dona da escola, eu quero ver” ((risos)) A dona da escola era eu ((gargalhadas)). A diretora era a D e

Transcrição das Entrevistas

então eu dizia “ Ó D, cuidado que a minha R diz que vai buscar a dona da escola e olhe que a dona da escola sou eu” “Ai, deixe estar, fique lá dona da escola, tome lá conta da R” ((gargalhadas)). A minha mãe também tinha paixão pela R. Quando se sentia sozinha ia para ali chamá-la e ela vinha para aqui, fazia-lhe muita companhia. Mas até isso, veja lá, nem ciganos me roubam, nada, nem pretos, nem brancos, nem amarelos, nem azuis às riscas. Aí fui professora da M, tinha sido da MS que lhe tinha jogado a mão e a tinha posto a ler, e depois estávamos aflitas, o que é que vamos fazer da M, a M agora vai para uma turma, ela também era doidona, completamente, se ela vai para uma turma... põe na minha sala, eu tinha vinte e oito alunos, com a M fiquei com vinte e nove ((risos)), não vamos abandonar, então depois do esforço que tiveste, puseste a M a ler e agora vais larga-la assim às feras, não, vem para aqui, foi difícil, engraçado, nessa altura a M já tinha doze anos e quando adormecia no tapete da escola fazia xixi no tapete.

(E): Com doze anos.

(EN): Com doze anos. Nós tínhamos o cantinho da leitura reservado, aconteceu-lhe uma vez ou duas e aí ela... eu tinha essa oportunidade, quando ela vinha a aparvar eu ia ter com ela e dizia “ Ó M, estás com um ar cansado, vai ali, vai ler um livro estica-te lá no tapete e dorme” “Ai, não professora, não vou dormir” “ Não, vai só ler um livro, vai lá, vai lá brincar com as bonecas e já vou conversar contigo” Quando chegava lá estava () ((risos)). Muitas vezes ia para as noitadas. (Ham) fez uma vez, fez duas, depois a menina J, que é a minha vizinha daqui ia lavar o tapete, não é, e aí desafiávamos, a M ia com ela e ajudava e não sei o quê (ham) sentiu-se tão segura, que ninguém gozou, ninguém provocou, passou a amar-me perdidamente. O irmão dela também era um doidão, quando eu aqui cheguei a trabalhar, ele já andava aí, batia, batia nas funcionárias e um dia qualquer apanhei-o, estava com os azeites, tenho este corpinho, mas não me olhem ao tamanho, e ele andava lá feito parvo, eu agarrei-o assim pelo gasganete, pendurei-o no quadro e disse “ queres ser macaco, dá espetáculo, há aqui uma turma inteira para assistir”((risos)) e depois disse “olha, não me provoques que eu sei karaté, se eu um dia me fartar eu dou-te cabo do canastro” Pois é o moço foi embora. Ele já morreu, fez parte daquele gangue () tinha vindo aí algumas vezes, mesmo já depois de velho e já de andar no gangue, cada vez que chegava aí e dizia “professora, posso dar-lhe um beijinho” só dizia “ esta mulher tem muita força, pegou-me pelos

Transcrição das Entrevistas

calções e pendurou-me” ((gargalhadas)) eu dava-me vontade de rir ((gargalhadas)) mas ele ficava todo contente, “Foi uma pessoa que gostou de mim, até me pegou pelos calções” ((gargalhadas)). Agora, nessa altura também tínhamos uma ótima equipa no apoio educativo, que era a S, a RR, a S educadora, depois a S professora também. Tínhamos aqui uma ótima equipa de educação especial. Tinham os processos híper organizados, esteve aí uma psicóloga (ham) está no IEFP, na área de Monchique, a V.

(E): VD

(EN): Sim, esteve aqui, trabalhou com essa equipa, então tínhamos os miúdos observados, diagnosticados, com projetos educativos individualizados, organizados, tudo, tudo nos conformes, era muito fácil obter informação e saber o que fazer e como fazer indo falar com elas, elas conheciam-nos todos, mesmo essa história dos currículos alternativos foi com elas que eu fui ter também e foi, olhe ainda foi o F, aquele de Ferragudo que morreu () da escola de Ferra/ do Parchal. Tinha trabalhado na CRACEP e então, quando nos ouviu falar ele dizia “ Ah, eu faço a área dos trabalhos manuais porque fui eu que organizei o projeto da CRACEP. É CRACEP...”

(E): É CRACEP, sim, em Portimão...

(EN): Sim, também tinha o CREMP, mas é CRACEP. Ele disse “olha, o projeto que está lá, que tinha os tapetes de arraiolos, não sei quê, fui eu que fiz”, pronto, juntou-se essa M, esse F, a RR, a S, eu, e todos juntos fizemos o projeto. Elas conheciam os moços todos... o que é que eu fiz, o meu papel era com a ajuda de alguns deles, às vezes, quando podiam, convocar os pais e ter aquela conversa com os pais para os pais autorizarem para que os filhos integrassem a turma. Fazia essa ponte... os ciganos todos, daí eu ter sido professora de muitos deles e na altura a LT, a doutora L esteve aqui (ham) para vir às primeiras reuniões de pais. Aquilo era tudo cigana, queriam casas, estavam para dar as casas no Poço Partido e as de...

(E): Porches.

(EN): Porches. Então eles vinham todos à uma, às reuniões porque a doutora L vinha ((gargalhadas)) “ Ó doutora L, tem que me ajudar nisto porque senão eu não consigo fazer a gestão curricular, ajuda?” “Ajudo sim senhora, vamos para a reunião” E lá vinha ela fazer esse carinho, só mesmo por carinho e boa vontade, está a ver, amigos, eu faço

Transcrição das Entrevistas

fácil, eu tenho a sorte de ter, não sou muito abusadora, mas, tive esse apoio. Foi às duas primeiras reuniões. ()

(E): E não pensou duas vezes quando foi a altura da reforma? Quando chegou o tempo da reforma... não pensou que... não sei, a professora está aqui a falar e parece ter tanta paixão...

(EN): Olhe, sabe, isto é tudo muito bonito quando eu estou e sou eu, se luto por uma causa, ou por uma coisa, eu faço, se mais ninguém fizer, e seja bem-vindo quem vier por bem, e como vê, vem sempre alguém, mas não consigo que venha toda a gente. Agora, meter-me numa argolada destas para deixar as colegas penduradas porque ficam com um projeto destes nas mãos o que é que lhes vão fazer, ou as crianças penduradas que se não integrarem o projeto, depois ninguém lhes envolve, eu não sou capaz de fazer isso. Ou eu tenho tempo e disponibilidade, por exemplo, quando saí com a história do B e a escola da Criatividade, falando com a MS, era possível, durante dois anos, as Ideias do Levante vieram aí fazer uma ateliê de crianças a brincar e a Hora do Conto com o B. Durante dois anos estivemos aqui nos prolongamentos de horário, eu não tinha turma, substituía-os a todos, fosse em que escola fosse no Concelho, quando um deles não podia, telefonava, é a tal coisa, os miúdos não podem ficar pendurados, e lá fui outra vez para a função de coordenação que não é coordenação. Eu não tinha condição para garantir certinho que todas as vezes eu podia ir, porque com a mãe que tinha, como estava, com a B era impossível. Claro que estive na conceção do projeto, claro que estive nos contatos todos, na organização, na constituição das turmas, tudo... no trazer os professores à escola, apresentar os professores à escola, integrar os professores no processo (ham) o B, o maestro aí do coro das Ideias esteve aqui com os meninos de cinco anos a dar educação musical. Portanto, era preciso, também, adaptá-lo aquele escalão etário, porque não é fácil, está habituado aos mais velhos, pronto, essa ponte, tudo bem, o trabalho, não, sinceramente já não. Se me quiserem cá para ajudar... gosto de equipas, gosto de integrar equipas, gosto de colaborar.

(E): Por isso é que foi para a CPCJ já depois da reforma.

(EN): Sim, mas não deu, porque eu comecei a falhar... É angustiante uma pessoa saber que tem que sair, porque marcou sair e ao mesmo tempo estar em pânico lá, a pensar, o que é que está a acontecer atrás de mim. Não aconteceu nada, mas lembro-me que nessa altura, foi a primeira vez que houve aí a Feira da Cidadania, eu fui toda contente para a

Transcrição das Entrevistas

conferência, “vou voltar a participar em conferências”, olhe, não estive lá duas horas. O meu vizinho aqui da frente veio salvar a minha mãe, porque tenho a chave ali. Começou a cheirar-lhe a queimado. Ele meteu as travessas de plástico no forno e ligou o forno. Coisas assim, não tem nada de especial, mas de facto, é perigoso.

2.ª Sessão da Entrevista de Telma

Data de realização: 31 de maio de 2013 - 2.ª Sessão

Horário: Das 13h10 às 15h00

Local da Entrevista: Residência da própria em Lagoa

EN: Entrevistada

E: Entrevistadora

(E): Vamos refletir um pouco sobre a fase da transição, essa passagem para a reforma, mas atualmente vivemos tempos em que a sociedade está em constante mudança e até ao longo dos questionários que temos vindo a fazer e outras entrevistas, várias pessoas referem essa questão, que é difícil pensar na reforma ou fazer uma transição planeada, ou planear a reforma quando as regras do jogo estão em constante mudança, o que era ontem já não é hoje, planeamos de uma forma e depois chegamos à reforma, afinal já não é bem assim, mesmo a nível socioeconómico, económico, mais, e eu gostava eu a professora refletisse um bocado em relação a essa questão e como é que lida com essas alterações, se acha que isto é relevante, se é um fator relevante, agora que está reformada e também essa questão da profissão, como é que a sua profissão e a educação, como a professora falou, influenciam também a sua vivência atualmente, o modo estar com as pessoas, com a família e mesmo a sua própria vida, não é, a transição que tem consigo própria...

(EN): Ora, pegando pelo fim claro que a profissão influencia sem dúvida nenhuma, nomeadamente a relação com crianças mais jovens, já tenho mais dificuldade com a adolescência, mas tudo bem, o olhar que se tem da criança na primeira e segunda infância é muito mais permissivo, analítico e pronto, mais de interação do que se tivesse

Transcrição das Entrevistas

eventualmente outro nível de profissão, acredito eu, mas também tudo isso tem uma grande influência a família de origem, a educação que tivemos em casa e durante a formação como aluna interna, também uma grande influencia, na relação com os outros, na vivência em grupo, nós eramos quatrocentas internas e o que mais aprendi foi a partilhar e a conviver, embora no meu núcleo familiar, a família era muito importante e a partilha era obrigatória e fundamental em casa, não se permitia grandes espaços à individualidade por si só e então, sim, a família onde nasci, a educação formal que tive, a profissionalização, a profissão que exerci, claro que influencia até certo ponto (ham) por outro lado punha-me a questão... já me perdi um pouco quando disse que ia pegar no fim, perdi-me aqui um pouco. Era esta história do núcleo familiar e da tolerância por outro lado era a questão da mudança contínua das regras do jogo. Claro que não é fácil sobreviver a isso e pelo contrário acho desonesto até que se sirvam de pessoas nesta fase para implementarem as medidas que estão a implementar (ham) mas, de facto esta minha forma de ser, de olhar o outro, deixa-me muito angustiada em relação aos mais jovens porque com regras alteradas tenho o mínimo de condições de sobrevivência considerando que, tendo vivido uma vida minimamente normal, tenho a casa praticamente paga, tenho a vida minimamente estruturada, a casa mobilada, tenho o mínimo de condições de sobrevivência, coisa que os nossos jovens, os nossos adolescentes, a minha filha inclusive, têm dez vezes mais esforço e sacrifício para organizar a vida dela e garantir um futuro de qualidade aos filhos dela, do que apesar de tudo eu tive, mesmo com a descolonização de que já falei, mas que, volto a referir, eu quando cheguei de África vim com uma mão à frente e outra atrás, até a mala que trouxe dos vinte quilos a roupa não era minha, no fundo o segundo par de cuecas, quando fui mudar, já não era meu ((gargalhadas)) mas, e aí sim, foi muito difícil, era um outro país, um outro mundo, muitas dificuldades, nasceu a bebé, eu não tinha realmente meios, grandes meios de subsistência, nessa altura também houve greves de braços caídos, tive muitas vezes na escola, com moços e ao fim do dia sem assinar o ponto, sequer para garantir o ordenado ao final do mês, foi a primeira vinda do FMI a Portugal, lembro-me de passar uma noite à porta das finanças em Cascais para conseguir pagar a renda da casa no dia a seguir e realmente as finanças estavam sem dinheiro, acho que foi um banco que emprestou e lá vim com uns tostões para casa para não ser posta na rua (ham) mas havia o sonho, havia a esperança (ham) e havia acima de tudo uma vida para viver, com muitas dificuldades, eu não tinha as mudas de roupa que os meus netos

Transcrição das Entrevistas

têm, eu não as tive para a minha filha, eu não tive as facilidades que os meus netos têm para criar a minha filha, mas com esforço, com empenho, com sacrifício, tudo se consegue, porque havia o sonho, havia esperança. O que me irrita nesta fase é o desencanto, o desamor, o dinheiro pelo dinheiro e a falta de cuidado pelo ser humano. Estão a destruir a terceira idade, que são o suporte ainda dos jovens, mas já destruíram os jovens, e eu não sei que país é que se perspectiva nestas condições, porque, ter que dar de comer a um filho e ter que pagar renda de casa e ter que mobilar a casa e ter que ter um colchão e ter que ter fraldas é muito mais difícil agora do que seria justo e humanamente sustentável. Numa Europa a envelhecer, num Portugal que já não tem população portuguesa quase nenhuma, eu não sei o que esperam desta juventude sem filhos. Isso sim, isso magoa-me, dói-me muito mais do que todas as oscilações comigo própria. Porque para a minha sobrevivência ainda tenho, não sei se terei até ao fim, mas ainda tenho, agora, sei que a minha filha não tem a mínima condição de me apoiar se eu ficar inutilizada, ou se realmente ficar incapacitada, a minha filha não tem nenhuma condição de me apoiar a mim como eu estou a apoiar os meus pais, apoiei o meu pai e agora a minha mãe porque de facto eles viviam bem, tiveram muito, vieram também sem nada mas deram formação, instrução, educação aos filhos que airosoamente podemos suportar o lar e as despesas e tudo que a minha mãe precisa, somos três filhos, tudo bem, deixou-nos alguma qualidade de vida para podermos garantir isso. Eu não tenho a certeza de conseguir isso para a minha filha e isso angustia-me muito mais. Porque nesta fase de transição, é relativo. Há uma outra questão que é o eventualmente (ham) nesta transição da vida ativa para esta vida de reformada, perdemos coisas, sim, contacto, convívio, responsabilidade, rotinas, horários, ganhamos outra, tempo, temos todo o tempo do mundo, disponibilidade para ser quem somos, e acima de tudo a serenidade que nos pode e a tolerância que nos pode influenciar na sabedoria. Que é aquela serenidade de sentir o outro por aquilo que ele é e não por aquilo que eu gostaria que ele fosse, ou que eu sonhava que ele deveria ser, não é fácil, mas chegando lá até é muito agradável porque observar a vida na sua plenitude é sempre muito bom. Claro que com a profissão que tenho, com a democratização de Portugal no pós vinte e cinco de abril, com os direitos que os trabalhadores foram adquirindo ao longo dos tempos (ham) com as diuturnidades, com a minha equiparação a uma carreira única da carreira técnica superior, com um salário médio razoável, perspectivava sim, uma qualidade de vida que, nesta fase me está a ser retirada. Por outro lado, o meu sonho maior nesta

Transcrição das Entrevistas

minha reflexão sobre o ser e, realmente tenho uma grande apetência para isso, e gostaria de ter sido enfermeira, gostaria de ter sido assistente social, muito mais do que professora, honestamente fui sempre uma professora muito frustrada, nunca tive a certeza se estava no lugar certo, mas quando comparava os horários de trabalho, disponibilidade de tempo para a família, as condições de treino e de habituação do desempenho e quando me surgia oportunidade de mudança de profissão eu acabava por desistir e me deixando estar. Pelos vistos, dentro da luta não sou tão batalhadora assim e então fui-me deixando estar e gostei, no fundo gostei, gosto imenso de crianças e sem dúvida que uma criança é sempre o futuro do mundo e da nação. E nessa perspetiva, sim, valeu a pena (ham) mais, reflexões sobre esta transição, desencanta-me, realmente o inconformismo (ham) esta maioria silenciosa, isto angustia-me profundamente, porque estamos no mundo do salve-se quem puder e enquanto os outros estão massacrados, eu estou bem, esqueço-me é que tudo o que acontece aos outros a mim também vem bater e isso angustia-me um pouco em relação ao futuro do país, porque acho que é um país tão bonito que acho eu é uma pena destruir esta população que tão bem me recebeu apesar das dificuldades quando eu vim em setenta e quatro, setenta e cinco (ham) e acho incrível como e que se destrói desta forma um país e uma nação e o povo cala e consente, acho muito estranho. Se não tivesse netos e se não tivesse aquela parte da família que eu assumo e realmente me castrou muito mais do que qualquer outra coisa, daquilo que eu gostaria de fazer agora, que aquilo que eu gostava mesmo era de andar aí e nessas organizações internacionais a viajar pelo mundo, onde houvesse catástrofe eu gostava de estar (ham) e o estar presa em Portugal, queria ter este porto de abrigo e voltar sempre cá, mas o estar aqui presa, a minha mãe ainda estar viva e são os netos para criar e de facto isso deixa-me assim, a não pensar, não me quero frustrar, portanto não penso em nada, se é este o desafio que tenho agora há que o abraçar e cuidar dele porque um dia outro virá, e estou nessa (ham) de resto, não sei se tenho mais alguma coisa acrescentar, se há mais alguma questão que queira colocar.

(E): Se calhar se tivéssemos outras condições atualmente e se a sua filha tivesse uma situação mais estável a professora aí...

(EN): Sim, sim, já estava voando...daí a minha ponte sempre com os jovens e com as crianças.

(E): Também influencia no fundo...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Agora, também me aterroriza tudo o que estão para aí a anunciar em relação à escola, número de alunos, organização de escolas, eu acho que é um massacre desnecessário porque um país sem cultura e sem educação não existe, desaparece pura e simplesmente do mapa e estão exatamente a bombardear e a martirizar aquilo que é a essência de uma nação que é a sua cultura e a sua instrução, educação. Estávamos em níveis incríveis quando cá chegamos no pós vinte e cinco de abril, conseguimos vitórias fantásticas de crescimento e de, apesar de termos tido o apoio da União Europeia, apesar de termos conseguido um nível civilizacional sem explicação. Eu lembro-me que em África em setenta e um, mil novecentos e setenta e um, setenta e dois, quando comecei a trabalhar não havia nenhuma escola em África, mesmo no meio das serras, só para pretos aprenderem a falar português que era no meio das aldeias a trezentos quilómetros das cidades, não havia carteiras daquelas grandes, inclinadas, com o buraquinho para por o tinteiro, que isso tinham sido as carteiras dos meus irmãos, quando eu andava na terceira classe antiga, portanto, ao meus nove anos essas carteiras forma todas serradas e já só havia carteiras individuais. Quando cheguei a Portugal e fui colocada, pela primeira vez, na Escola Primária do Estoril, entrei na sala de aula e só vi esses carteirões, inclinados, do tinteiro, pensei, valha-me deus, como é que este país roubou tanto que nem roubar soube, então como é que, na nação, sede, tem estes carteirões que eram antipedagógicos para pretos lá no meio do mato e no meio da selva, isto era antipedagógico, as crianças em África já só tinham mesas individuais. Nós lá tiramos o Magistério, com o método, com a metodologia global e o método global que era a essência da aprendizagem, aqui ainda estavam no analítico ou sintético (ham) eu fiquei completamente condoída de um povo que sustentou uma guerra e nos recebeu nas condições miseráveis em que vivia. Fico alarmada como é que este novo governo faz isto, quer dizer, não dá nenhum valor à evolução societária, económica, social (ham) que este povo conseguiu fazer nestes últimos trinta anos e destrói assim tudo do nada, sem nenhum horizonte à frente quer dizer, ainda pior, é destruir pelo prazer de destruir, não vejo nenhuma se me disser, vou aplicar esta medida porque no futuro tenho esta hipótese, mas não tenho hipótese nenhuma de futuro neste momento, pelo menos verbalizado por eles, lá a intenção com que estão, não sei.

(E): Quando a professora se reformou, já referiu na entrevista anterior que depois ficou aqui em casa com a mãe, nessa altura sentiu que precisava, ou que devia

Transcrição das Entrevistas

haver, ou nem sequer pensou nisso, algum apoio por parte do Estado, ou das Instituições que deviam apoiar mais as pessoas que se reformam e que depois enfrentam essas dificuldades com familiares, o que é que sentiu nessa altura?

(EN): Nessa altura, a maior necessidade que eu tinha era de alguém que viesse cá tomar um chá com a minha mãe, porque às tantas, o facto de eu me ter dedicado a ela, ela estava com indicadores de Alzheimer, portanto, não podíamos mesmo sair, ela recusava descer a escada (ham) era o isolamento dela que ficou meu, também, eu deixei de falar, deixei de conversar, tudo bem, existe minimamente computador, era enviar mail, receber mail, reenviar mail, a minha vida resumia-se a mails, eventualmente uma conversazinha no Messenger, mas muito raro. É verdade que a minha filha ia passando e a minha neta, mas também têm a vida delas e foi um grande, grande, grande isolamento para ela e para mim. O facto de a minha mãe estar no lar, a única coisa que me agrada, para além da minha libertação é ver que ela socializa um pouco mais, conversa mais, já tem mais diálogo. Nós aqui já nem conseguíamos conversar porque já nem tínhamos nada para dizer, porque eu não ia ver nada. Enquanto trabalhei, uma pessoa sempre chega e conta uma história, da colega, do amigo, de alguém que encontrou na rua, agora, trancada aqui, de facto era terrível e lembra-me que ainda ouve uma tentativa, logo no princípio, quando foi a legislação que trazia o prolongamento dos horários na primária, como sou sócia das Ideias do Levante e estava aí o M₁, não sei se conhece, o contador de histórias, um profissional espetacular, e conheci uma psicóloga fantástica, também, a F₁, qualquer um dos dois tinha formação na área da animação socioeducativa e sonhamos e conseguimos implementar ao longo de um ano um projeto ali de prolongamento de horário, para os meninos do primeiro e segundo ano, que tinha a ver com crianças a brincar porque, para mim, que estive tantos anos no direto, é até violento considerar que uma criança entra às nove da manhã numa instituição, sai às quatro e está em regime de sala de aula, de obrigações, está quieto, está quieto, não fales, não mexas, não empurres, não magoes, e é a cantiga do não quase o dia inteiro, claro, tem que aprender regras e tem que aprender a conviver socialmente e termina o seu período de trabalho e vai para atividades em que está quieto, não fales, não... coitadas das crianças de hoje, são umas heroínas, porque trabalham como os adultos e depois ainda tem mais carga de horário e é-lhes exigido comportamento como se adultos fossem, coisa que a maioria dos adultos não aguenta, esse horário de trabalho contínuo, que os

Transcrição das Entrevistas

miúdos, com prolongamentos organizados muitas vezes como algumas entidades organizam, são impraticáveis, porque depois a insubordinação é maior que muita, então, para arranjarmos uma brecha nisso tudo organizamos as crianças a brincar que era um espaço onde a criança pudesse ser criança. Abrindo o espaço, eles poderiam começar a soltar-se e a partir do que eles se soltassem podíamos ir enquadrando quer com jogos criativos, com jogos interativos, movimento e drama, construção frásica, alguma música, muito de jogos tradicionais (ham) o lencinho da botica e os outros da nossa infância, mas acima de tudo deixar que os meninos andassem debaixo da mesa, em cima da mesa, rebolessem, tudo bem, punha-se uma música, arranjava-se ali uma regra, mas deixava-se que a malta entrasse, quando eles comessem a entrar íamos propondo soluções que os deixassem fazer movimentos, descontraír os músculos e depois sim, logo nos sentávamos no chão, logo tomávamos decisões e aí tinha mais a ver com as competências sociais, com interações comunicacionais (ham)e fomos fazendo esses ateliês, eu não assegurei nenhum ateliê, mas ficava para substituir sempre que algum dos monitores não pudesse estar presente e ainda fui praticar algumas vezes essa atividade e nessa altura, com o M₁ sonhamos, arranjar uma carrinha e fazer uma visita aqui pelo concelho, porque havia, não era só a minha mãe, havia uma série de senhoras que estavam e senhores, que estavam isolados aí em casebres e então, o objetivo do M₁, como contador de histórias que era, era conseguir fazer a recolha da tradição oral deste concelho, até para depois se transpor para as Ideias do Levante enquanto teatro ou musica, tanto fazia (ham) e então era a proposta de arranjarmos a carrinha, de arranjarmos uns contadores de histórias e alguém que quisesse conviver e, contactando com familiares, irmos semanalmente, uma ou duas vezes a essas casas, nomeadamente à minha mãe, com uns biscoitos e era, por uma aguinha a ferver, beber um chá, tomar um chá, comer uns biscoitos, conversar um bocadinho, dinamizar essa pessoa, estimular o diálogo e tentar obter informação, com registo dessa informação. Esse foi o nosso sonho, não foi muito fácil sair do sonho, ficámos só por ele porque as dificuldades financeiras começaram mais ou menos nessa altura, as limitações também e eu fisicamente disponibilidade também não tinha muita para agarrar o projeto, mas esse seria um projeto que eu facilmente abraçaria (ham) e que acho que era muito interessante, independentemente da assistência médica e medicamentosa, era mesmo ouvir e estimular, pronto, seja, fossem cânticos, fossem modinhas, há aí uma série de velhotas que ainda fazem aquelas mezinhas, e rezas e orações e mais essas coisadas

Transcrição das Entrevistas

todas, tentávamos fazer essa recolha. Depois, não deu, não deu, o M₁ entretanto aqui não conseguiu colocação, acabou por concorrer e foi colocado em Lisboa e por lá está, a dinamizar grandes freguesias no centro de Lisboa e, de facto é um /mundo/ a trabalhar, é um fulano espetacular, que é uma pena, sendo um filho do concelho, não estar cá connosco, porque ele de facto é um /mundo/ a trabalhar, a organizar e a desenvolver atividades.

(E): Relativamente à reforma (ham) quais eram as expetativas, a professora já falou nisso também, que tinha relativamente ao que achava que era a reforma, quando pensou em reformar-se, a professora disse na entrevista anterior que começou a ver que a família chamava por si, não, começou a sentir isso, por isso mesmo, antes da reforma a professora já contava dedicar muito tempo à família, as principais razões para se reformar foram essas também, pelo menos foi que indicou, considera que as expetativas que tinha em relação à reforma, depois concretizaram-se, ou existe alguma coisa que gostaria de fazer diferente, se pudesse?

(EN): A não concretização passa por tudo que já referi, que é o facto de também à família não serem dadas as mínimas condições de sobrevivência, então a total interdependência entre, já não chegava a minha mãe, que atingiu uma certa idade, mas os mais novos, também, continuam eternamente dependentes, horrível, um país que não se organiza para a autonomia, mas para a interdependência geracional, eu não entendo, como é que se pode conceber que um jovem, licenciado, pode estar a sobreviver pagando casa, comida e criando filhos, quer dizer, como é que é possível, um país da Europa, idealizar um país que a única oferta que tem para a sua juventude é isto.

(E): Então a professora considera que quando se fala de intergeracionalidade acha então que é mais a dependência dos jovens dos mais velhos e não ao contrário?!...

(EN): É, em absoluto, então em absoluto. Nós estamos a ganhar mal mas temos a vida construída, isso eu disse desde o princípio, que era uma das coisas, as maiorias das greves que eu fiz enquanto professora foi para aumentar o ordenado de entrada na carreira, não foi para subir o ordenado final da carreira, porque para mim a dificuldade está no início da vida que é quando tens de sair da comunidade onde vivias, pelo menos eu, enquanto professora, tens que te sujeitar à escola em que ficares colocada. Se eu recusasse a colocação ficava dois anos sem poder concorrer, portanto, esta mobilidade

Transcrição das Entrevistas

que se fala agora, um professor sempre a teve, aparecem concursos a nível nacional, eu tenho que concorrer e se eu rejeitar perco o vínculo ao estado durante dois anos e tenho que recomeçar a carreira de novo, portanto eu sujeitava-me a tudo. Quando eu cá cheguei, as grandes queixas nos primeiros congressos era de gente que estava colocada em terras que só indo de burro, atravessando ribeiras em cima de um () de madeira e não sei quantos é que conseguiam lá chegar e se recusassem não podiam pertencer à carreira. Posso-lhe contar outro facto aqui em Lagoa, uma colega que veio para aqui colocada, tinha tido um cancro de pulmão, estava no IPO, entretanto engravidou, a bebé nasceu em setembro, teve a licença de parto até dezembro, mas em dezembro teve que vir para cá trabalhar porque não conseguiu deslocação daqui para o Porto e ela era do Porto, não conseguia deslocação para o Porto, teve que vir com a bebé, deixar marido, a casa dela no Porto, tinha que ir de mês a mês ao Porto, ao IPO e teve que vir aqui arranjar infantário para a filha e ficar aqui a viver com a bebé, sozinha, com um cancro de pulmão. Não havia facilidades para os jovens e isso sempre me incomodou muito, isto que eu estou a questionar em relação à minha filha, que nem sequer tirou via ensino e portanto não tem nada a ver com o sistema educativo, tem a ver com o sistema geral, olha, tirou gestão hoteleira, e nem trabalha nisso, porque nem para aí dá (ham) o que me incomoda é esta falta de condições mínimas para a sobrevivência desta juventude. No resto da Europa aos dezassete, dezoito, dezanove anos, começam a ir, sei lá, para restaurantes, lavar a loiça, mas a maioria dos estudantes universitários já são semi autossuficientes e aqui são eternos dependentes. Enquanto estudantes, enquanto vida ativa, enquanto casal, enquanto tudo. Se não são os pais a sustentá-los eles não têm como viver.

(E): E isso depois também vai dificultar...

(EN): Dificulta a vida dos reformados e agora, atacando também os reformados, a juventude fica sem acesso a nada. Isso é que eu acho que é um tiro no pé. Bem ou mal, os reformados ainda iam permitindo algumas coisas, agora, nem toda a gente tem pais, nem toda a gente tem suporte de pais, é verdade, eu lembro-me que um dia destes, já há uns tempos dizia à minha filha “ Eu se isto continua assim ainda vou para aí esfregar escadas” respondia-me ela “ Achas que há alguém que pague a quem vá limpar escadas, hoje em dia, já lá vai o tempo” é que hoje em dia nem para isso a pessoa hoje, nem assim nos podemos safar, se eu tiver aí uma aflição e quiser, não tenho como.

Transcrição das Entrevistas

(E): Pois. Relativamente à velhice. Como é que a professora vê a velhice, como é que olha para o envelhecimento?

(EN): Eu acho que é o processo natural da vida, acho que há que me preparar para isso. Por acaso, queria ser egoísta e partir antes de envelhecer muito, porque que prefiro que fiquem com saudades minhas do que fartas de mim ((gargalhadas)) Preferia deixar aí todo o mundo a chorar do que ficar eu dependente, mas... eu acho que a velhice tem os seus quês, não é fácil, existe uma degeneração física e intelectual, faz parte do processo, o que eu acho um exagero às vezes é o prolongamento de vida, medicarem, em excesso de medicação, protelarem a vida até que condição nenhuma e isso é que eu acho muito estranho.

(E): Acha que a sociedade e as pessoas em geral vêm as pessoas mais velhas da mesma forma como eles se vêm a si próprios?

(EN): Não noto nenhuma diferença, por exemplo, eu tenho a experiência da minha mãe. O meu pai era uma pessoa que partiu com oitenta e dois anos, mas lúcido, ele próprio dormia a sua sesta e então dizia-me “Já posso partir em paz” “Então o que é que aconteceu” “Olha, sabes, o meu padrinho dizia-me que no fim da vida que deus não julga ninguém, deus é amor, no fim da vida, quando nós terminamos, a nossa vida passa assim como um filme e eu é que a olhar para o filme da minha vida me arrependo e peço ou não perdão a deus. Porque deus é amor, percebe toda a gente, então eu é que me julgo e peço perdão pelo mal que fiz. Mas agora, que eu nem sei se almocei, se não almocei, não sei o que comi, mas olha, quando eu era pequenino eu ia por as vacas a pastar, ia com sono, às cinco da manhã, agarrava-me ao rabo da vaca, olha, um dia caí numa poça de água, fiquei todo encharcadinho. Mas acordo, e acordo bem-disposto, só me apetece é rir. Já estou preparado. Posso partir em paz porque já estou feliz.” Isto era o meu pai e até partir foi assim, as sextas dele, acordava sempre a rir “Então, qual é a história hoje?” “Volto a dizer, não sei se almocei hoje, mas, quando era pequeno...” “E vá histórias de quando era pequeno. A minha mãe é o inverso, cada vez que acorda está irritada, não gosta nada do que vê, se é que o filme lhe está a passar, também não sei ((gargalhadas)) a minha mãe que é posse, era a casa grande, eram os pais, eram os irmãos, já não tem irmãos, já não tem pais, já não tem primos, já não tem ninguém, é a sobrevivente daquela geração (ham) mas é a única coisa que ela quer, mesmo o lar, ela aceita o lar porque é uma casa grande, pensa que está na casa dos pais. Só que depois

Transcrição das Entrevistas

corre aqueles corredores todos e não encontra os pais, muitas vezes quando eu chego sou a irmã (ham) na cabeça dela, ela está com vinte e poucos anos (ham) está na flôr da vida e estava pronta para a loucura da noite ((gargalhadas)) os velhos, para ela, é tudo o que está à frente, tanto que ela diz “ Eu não sei, eu devo ter deixado a porta aberta, entraram-me estes velhos todos” ((gargalhadas)) “para que é que eu quero tanto velho, diz a estes velhos que se vão embora que eu já estou farta deles” Portanto ela, na cabeça dela, está jovem. Tendo estes dois exemplos como referência que são mais diretamente ligados, e são a vida que eu conheço, não conheço assim mais tantos velhos, a não ser aqueles que estão lá com a minha mãe e que vou cumprimentando, ora uma, ora outra, está como a minha mãe, volta na volta... um dia destes, eu geralmente levo um rebuçadito, então cheguei e encontrei uma outra antes da minha mãe, dona F₂, vira-se para mim “Então, menina, e hoje, não há nada?” ((gargalhadas)) Era o resto da velharia a gozar com ela “ Ó dona F₂ ()” ((gargalhadas)) É esta brincadeira do faz de conta, a verdade é que chegamos a esta fase da vida da minha mãe, não sei se lá chegarei, voltamos a ser crianças e precisamos é esse outro aconchego. O que é que eu acho triste naquele espaço, a falta de toque. São dinâmicas de socialização, como aquelas que eu referi para as crianças, de prolongamento de horário que deveriam ter outras atividades que lhes permitissem relaxar, crescer enquanto pessoas e que não tiver que ser aquela castração do ler, escrever e contar, para os velhotes, era a mesma coisa, tenho muita pena que, por muitos bons que sejam os lares, a maioria estão ali os desgraçados a olhar para a televisão, que já não podem com a televisão e que não haja mais esta vontade do tal chá, do tal biscoito, da interação entre eles porque eles precisam de ser reeducados a conviver, porque se tornam mais centrados neles próprios, volta a ser egoístas. A minha mãe agora faz coisas que nunca conheci a minha mãe a fazer isso, aliás, essa foi a maior surpresa quando eu decidi a ficar aqui com ela, é porque aquela pessoa com que eu fiquei, não era a minha mãe. E eu tive que reaprender a conhecer a minha mãe numa outra idade, e essa reaprendizagem passou pelo jogo do faz de conta, então se eu brinco ao faz de conta com os netos, porque não brincar com a mãe. E foi assim () foi no jogo do faz de conta. Se eu ia cozinhar, ela adora, adorava a casa e a cozinha, sempre foi uma grande mãe de família, então eu ia buscar as hortaliças ela escondia-me tudo. Enquanto eu poisava ali na mesa e me virava para abrir a água, quando olhava para trás não tinha hortaliças. Se eu ia buscar a panela, olhava para trás, cadê a panela ((risos)) então eu fazia ao contrário. Ao principio irritava-me, depois “ Ah, mama, então não é que eu

Transcrição das Entrevistas

precisava da panela e não sei onde é que a pus.” “ Ah, eu vou buscar” E ela ia buscar o que tinha escondido e trazia-me. Então comecei a pedir para ser ela a ir buscar, ela ia buscar e dava-me e eu pude cozinhar, senão não podia, tudo que eu ia buscar ela tirava, escondia, punha no caixote do lixo.

(E): Desenvolveu essa estratégia...

(EN): Tem que ser. Portanto, a velhice, também é preciso realmente ter alguma apetência ou aptidão para ser capaz de estar porque realmente há uma degeneração e aquilo que nós pensamos que são pessoas, elas são, mas estão diferentes e já não são as pessoas que eu conheci a vida inteira e não é fácil, para que está no dia-a-dia que já tem aquelas as limitações, sei lá, da falta de dinheiro para cumprir as obrigações, tem as limitações do horário do tempo, tem incompatibilidades no trabalho, tem os filhos a crescer, as adolescências, tem a juventude, tem os casamentos, tem os netos e tem mais um pai ou uma mãe, completamente em alteração e eu sem formação sobre isto, se não houver essas tais carrinhas que venham, que convivam, que façam a ponte entre as gerações, é muito complicado, porque, ninguém nasce ensinado, todo o mundo aprende a fazer, fazendo. E eu entendo, depois de ter vivido o que vivi, entendo perfeitamente quando alguns filhos desesperados não sabem o que fazer, nem como lidar, eu entendo perfeitamente.

(E): E se calhar ficam um bocado desamparados...

(EN): Quem?

(E): Os filhos...

(EN): Os idosos ficam, mas os filhos também. E o sofrimento é horrível. Para mim, por a minha mãe no lar foi horrível porque é fazer luto de mãe viva. Foram dois ou três anos em que eu não consegui mexer uma palhinha do que está aqui em casa. Comecei há pouco tempo a ser capaz de mexer no que quer que fosse. Eu tenho a cama como se ela aí estivesse... sei lá... é luto de mãe viva, horrível. Claro que eu preferia de longe tê-la aqui, com algum apoio, isso preferia, porque nada, nada, nada, nada se iguala ao toque, o toque físico, agora reconheço que está muito bem tratada, isso eu reconheço. Também é um lar privado, são mil e quinhentos euros por mês. É a reforma dela e cada um de nós comparticipa, fora medicamentos e fraldas e não sei quê. Não é para todos os filhos que podem pagar uma prestação destas, olha, a minha filha nunca poderá pagar até

Transcrição das Entrevistas

porque é única, nós ainda somos três, a dividir por três, resolve-se, mas... não é barato. Ficava talvez muito mais em conta ter alguém que me apoiasse, agora, pessoas, ainda tentei arranjar uma senhora, uma vez ou duas mas a minha mãe era muito desconfiada, corria com as pessoas daqui porque estava naquela fase que lhe roubavam tudo, até a minha filha, ela corria com a minha filha de cá e o meu genro, porque lhe estavam a roubar as tesouras, porque lhe estavam a roubar os lençóis, porque lhe estavam a roubar, sei lá, até a panela, a história da panela, encasquetou que a minha filha, que comprou casa em Silves, então encasquetou, porque encasquetou que ela lhe roubou a panela do arroz ((risos)) era uma desgraça,” Ah, vais a Silves, então não te esqueças, pede à F₃ para me devolver a panela do arroz” Menos mal que a minha irmã tinha de enxoval dela uma panelas iguais às da minha mãe, carreguei com quatro ou cinco panelas e pronto, calou-se a guerra. Que era uma guerra desgraçada, que a minha filha estava com muito mau feitio e andava a roubar. Mas pronto, são estes pequenos nada mas que acaba por ser violento, quem tem que ir trabalhar e tem que deixar as coisas organizadas, não é fácil.

(E): E como é que acha que as coisas podiam ser diferentes?

(EN): Pois, se houvesse essa bateria de serviços aos domicilio, porque mesmo vindo do lar, vêm aquelas carrinhas, trazem a refeição, prestam alguns cuidados de limpeza e de higiene, já é muito bom, é excelente, mas essas senhoras, coitadas, batem não sei quantas casas, portanto, também não têm tempo para estar na conversa, é chegar, tã, tã, está feito, andou, chegou, tã, tã, está feito e andou (ham) aquilo que eu estava a propor era uma outra coisa, é mesmo o acompanhamento do, a visita, pronto, é vista, agora, tem um pau de dois bicos, sempre. Os familiares podem ficar desconfiados porque acham que se calhar que estamos a fazer jogos de sedução para roubar, ou para sacar um documento para ficarmos com a herança, porque de facto, é muito fácil para um idoso carente de afeiçoar-se a nós e é muito natural que do nada, a minha mãe fazia isso, lembro-me, tinha aqui na altura uma mocinha, uma kosovar, vinha passar aí uma roupa a ferro, foi mais que uma vez que ela me apanhava aí na rua para me vir devolver, porque a minha mãe ficava tão contente que a mocinha conversava, pois chegou a entregar cinquenta euros, porque para a minha mãe aquilo eram cinquenta escudos. Depois ainda tem essa, não é, as mudanças da moeda, eles não têm noção do que têm em casa, perdem completamente (ham) pronto, é a sorte de se dar ou não com pessoas

Transcrição das Entrevistas

honestas, tive sorte mas, não sei o que é que eu possa referir mais, tem tudo sempre, tem dois lados, as vantagens e os inconvenientes, daí o ser importante este tipo de visita, este tipo de estação de serviço, ser enquadrado por uma qualquer instituição, idónea, que garanta que estas fugas não ocorram. Assim uma pessoa de ânimo leve, também, numa de dar o corpo ao manifesto, vai que tenho vontade e ir, pode ser muito perigoso, se não for enquadrado por algo mais ou menos institucional.

(E): E agora a professora, a sua mãe já foi para o Lar há três anos, não é?!..

(EN): Sim...

(E): Também foi um processo de adaptação, primeiro a professora reformou-se e foi a adaptação a estar em casa com a mãe, a mãe foi para o lar e foi a adaptação a estar em casa sem a mãe, não é?

(EN): Foi o luto da mãe e o ter que ir todos os dias abancar na casa da filha que é outra...

(E): Não fazia isso antes, quando a mãe estava cá, não prestava tanto apoio aos netos?!...

(EN): Para já eu saí porque o C₁ estava para nascer, tinha o apoio da C₂ que já estava crescidinha, mas era ao contrário, a minha filha vinha pô-la cá, ficava na mesma, nós agora estamos de férias, né, vinha para aqui, passava as férias connosco, mas era no meu pequeno mundo.

(E): E agora?

(EN): A correr para lá, pois, incondicionalmente tenho sempre que ir a Silves, ou para ver a mãe, que vejo, dia sim, dia não, não vou todos os dias para não dar aquela sensação de que tenho todo o tempo do mundo, tenho que também mostrar que estou ocupada com outras, coisas, porque senão não tem motivo nenhum para ela estar lá e não estar cá. E tenho o C₁ que está na creche e agora está a C₂, ontem a C₂ ficou comigo, hoje ficou na casa dela, deve ir logo à noite comigo, portanto vamos gerindo assim, mas, incondicionalmente, agora três, três e pouco terei que ir para Silves. Tenho que ir buscar um à creche, tratar do outro, visitar a mãe e depois ficar à espera que a filha chegue do trabalho, tanto pode ser às oito, como às nove, como às dez, às onze, dependendo se tem ou não tem reuniões (ham) nunca sei a que horas chego a casa, já

Transcrição das Entrevistas

cheguei aqui mais para lá do que para cá ((risos)) principalmente porque é sem saber o que fazer, pronto é assim aquela coisa, é a tal coisa, greve de braços caídos.

(E): Sim, então a professora considera que, era aquilo que estávamos a falar à bocado, que as pessoas quando se reforma, perdem umas coisas e ganham outras. A professora concorda com esta afirmação?

(EN): Sim, sim, completamente.

(E): Como é que lida com as perdas, o que é que faz para compensar as perdas que possa ter tido, ou os ganhos, onde é que vai buscar essa...

(EN): O maior ganho é o gulosar os netos, porque realmente a visão que eu tenho hoje e a sensibilidade e o tempo e a disponibilidade para brincar com os netos não tive enquanto mãe, e se não tivesse tido esta oportunidade de ser avó, não sabia o que é gulosar uma criança, porque uma coisa é educar e ajudar a crescer, outra coisa é ter este tempo para curtir (ham) isso é maravilhoso, mesmo a mãe, nunca eu tive tanta mãe, como tive depois de reformada. O que eu acho maior ganho é esta relação com os outros, este sentir os outros, contar com os outros, dispor deles (ham) agora, tenho uma sorte incrível, é, ter muitos amigos. Ter feito, na vida inteira muita facilidade de relação e tenho muitos e preciosos amigos, dos mais diversos locais, em que, no fundo, no fundo, nunca estou só.

IV. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4

Perfil de Dora (nome fictício): Empregada fabril, 67 anos, feminina, reformada desde os 65 anos e inativa desde os 61 anos, família nuclear, constituída atualmente pelo casal.

1.ª Sessão da Entrevista de Dora

Data de realização: 20 de junho 2013

Horário: Das 15h00 às 17h10

Local da Entrevista: Casa da própria na freguesia do Parchal

EN: Entrevistado

E: Entrevistadora

(E): Eu gostava que a EN começasse por me dizer a idade que tem, o nome, o seu nome, a idade e o ano em que se reformou, dos dois lados, não é, quando é que deixou de trabalhar e depois de me dar essa informação pode começar a contar-me a sua história...

(EN): Pois, o ano, portanto, eu tenho, foi há dois anos, estamos em dois mil e treze, foi em dois mil e nove, cá.

(E): Reformou-se cá.

(EN): Cá, e da Alemanha, tinha sessenta e um, portanto, tenho sessenta e sete, há sete anos para trás, ora, foi em dois mil, não é assim, dois mil e seis. Eu chamo-me EN sou casada, há quaren/, vai fazer, fez no dia vinte e sete de junho quarenta e seis anos, com o meu marido que está muito doente, está ali, chama-se M₁, tenho duas filhas, vivem, e tenho seis netos, estão todos a viver na Alemanha. Eu, quando era pequena, claro que não fui logo para a escola, a minha mãe viveu na Espanha, fugiu para Portugal quando foi a guerra de Espanha. Fugiu e na altura quando chegou cá é que me pôs na escola. Tinha nove anos. E consegui em três anos fazer a quarta classe. Chamavam-lhe exame da quarta classe. Eu fiz o meu exame tinha treze anos. Depois a minha mãe foi viver ali para a zona do Seixal, chama () não sei se já ouviu falar e nessa altura o meu pai trabalhava nas obras, a minha mãe lavava a roupa a um x por peças, pronto, a homens que não tinham as esposas e foi, ia vivendo assim, então fui obrigada a ir trabalhar para

Transcrição das Entrevistas

Coina, de manhã, antes de nascer o sol ao por do sol. Ganhava pouco, na altura era, sei lá, cinco escudos, seis escudos, mas entregava o dinheiro todo à minha mãe que era obrigada, mas depois aquilo foi uma coisa que para mim era muito cansativo, abrir bura/ assim, aquelas, como é que se diz, metro de fundura para plantar árvores, que era a Oliveiras, tudo isso. E então....

(E): Tinha que idade?

(EN): Treze anos, treze, catorze anos (ham) entrei para uma fábrica de cortiça também que era no Seixal, mas a minha mãe achou que era pouco ordenado, tirou-me de lá, tive lá um mês e então pôs-me a servir. Quinze dias estive lá e fugi lá dos senhores, pronto, levei uma tarefa, antigamente os nossos pais tratavam, o meu pai não, a minha mãe, e então o castigo foi (ham) comecei a andar a apanhar ostra no mar, com um barco, um daqueles barquitos, como é que se chama, de remar, caí duas vezes ao mar (ham) mas pronto, aqueles barcos do barreiro salvaram-me, porque pronto, teve que ser, e ganhava de empreitada a apanhar aquelas ostras e então passava por uma medida que era para França, e então tinha que ter aquela medida, e então, cada quilo era um x e o meu pai na altura teve um acidente e cegou, tinha quarenta e tal anos o meu pai, e então era eu mais a minha que trabalhava pois na siderurgia e começou a sustentar a casa dos meus irmãos para fazer outras, já eram mais velhas casadas, mas a mais velhinha da casa era eu, e então era eu que estava a sustentar a casa e então, todas as minhas amigas comiam lá, comiam lá nas cantinas, queija, naquela altura quem apanhasse um bocadinho de queija, eu não, para não tirar nada às minhas irmãs e à minha mãe, eu levava um bocadinho de pão, e às vezes não havia margarina na altura, não era margarina, era pão, e levava e preferia... que a gente tinha que sair de madrugada, cinco da manhã já estava no mar, não é, () pescadora e então chegava a casa com as mãos cheias de gretas, aquilo gretava e na altura não havia máquinas de lavar, era a mais velhinha, a minha mãe trabalhava, tinha que lavar ao tanque, estava a lavar ao tanque e as mãos a correr sangue e se não lavasse levava porrada, que isto é assim mesmo, não é como agora hoje isto é tudo diferente, fui um bocado sacrificada nessa parte, mas por isso eu nunca quis mal à minha mãe e aceitei, aceitava certas, outras não, porque eu no momento ... pensava que era... pronto era, levava porrada por tudo e por nada né, e eu achava também que era uma mulherzinha, pronto e fartava-me de trabalhar como foi. Pronto e nesta altura comecei com quinze anos a namorar o meu marido e pronto, já sabe como é que é, era

Transcrição das Entrevistas

pronto, pancada ali até... mas depois deixei e depois aquela coisa () e então, quando deixei levei uma tarefa de porrada, levei porrada...

(E): Mas de quem?

(EN): Da minha mãe, da minha mãe.

Mas a minha mãe encheu tanto o meu pai, que no outro dia, ele não era meu pai verdadeiro, foi o meu pai da criação que eu considero porque criou-me com a idade de três meses, só conheci aquele, sempre o chamei pai. E então depois daquela conversa, com dezassete anos puseram-me na rua, como se faz a um animal. Passei muito. Eu namorava o meu marido na altura, namorava outra vez, eu não tinha outra chance, ou, matava-me ou ia para o pé do meu namorado. Sabia que ia levar porrada...

(E) Mas que é que lhe batia?

(EN) A minha mãe, e o meu pai pôs-me /com ela a picar/. E então pronto, fui então para o meu namorado, de bicicleta, ia uma pessoa atrás que eu fui sempre muito conhecida, até aqui, fui sempre muito ativa e então acompanharam-me, desconfiaram alguma coisa, e vinha uma senhora a acompanhar, porque eu era para ir despedir-me do meu marido, que eu não aguento mais. Mas ele já não deixou, vá lá mas não me juntei, nessa altura estava lá uma tia do meu marido, não sei se já ouviu falar, Santo António da Charneca, que é para a zona lá dali da Moita e então, pensando eu que a minha mãe me ia buscar, pronto, fui dormir para ali à espera que me fossem buscar. Então, eu desde aí tenho sido...lutado pela vida, sempre lutei (ham) talvez eu não sei se fui de violência de de de mãe, dessas coisas novas, e talvez (ham) penso eu (ham) as minhas filhas, eu já tenho tido esta conversa com elas, eu talvez, eu também às vezes, com o trabalho e a luta da Alemanha, não é que eu tenha tido escravidão lá, mas tinha um trabalho como vocês cá têm, eu chegava cansada e muitas das vezes eu não via as minhas filhas, muito cansada. Trabalhava doze horas por dia e sábados e tudo, e então as miúdas diziam-me qualquer coisa e eu revoltava-me... até que depois eu comecei a pensar, a pensar, isto já era daquilo que eu passei, pronto, e ela casou, a minha mais velha casou com dezasseis anos, estava já grávida, mas isso não fui eu que tive a culpa, pronto, são coisas... e a minha mais nova com dezoito anos. Mas todas estão, graças a deus, todas vivem bem, estão com os seus maridos, está tudo bem. Mas eu já fiz esta conversa às minhas filhas porque eu não queria morrer com este pesadelo. Já fiz esta conversa às minhas filhas,

Transcrição das Entrevistas

vieram aqui a casa, quando eles vêm de férias, dia vinte e sete vem a minha filha, e eu tive uma conversa primeiro com uma, depois com outra, depois contam uma à outra, lá também, pronto, não interessa, e eu disse “ Eu não sei se fui boa mãe, porque aquilo que a gente recebe, eu não fiz o que a minha mãe me fez, mas no fundo não sei, eu talvez fosse um bocadinho, havia de ser um bocadinho de outra maneira mas foi o frio que eu apanhei, talvez fosse isso, mas eu não sei se vocês me perdoaram, eu não sei se realmente era aquilo, porque antigamente não é como era agora porque eu nunca deixava as minhas filhas, nunca foram mal educadas, eu queria que as minhas filhas fossem bem educadas, eu queria tudo...

(E): Estava sozinha, não tinha apoio de nenhuns familiares para criar as filhas.

(EN): Não, foi uma alemã, não foram portuguesas, foi uma alemã é que me deu a mão para que eu pudesse trabalhar e tomar conta das minhas, mas não me levou um tostão, eu não tenho que dizer da Alemanha, deram-me muito apoio lá. Mas, é destas coisas, eu, passei e ultrapassei estas coisas, tenho ultrapassado muita coisa (ham) eu tento e sei, eu sei que tenho um espírito muito forte porque o problema que eu tenho também, ainda agora na terça feira foi internado, fui buscá-lo na quarta...

(E): Mas qual é o problema?

(EN): Tem um tumor na traqueia há quatro anos.

(E): O marido?

(EN): Eu também fui operada, faz a dois de agosto, fui operada, levei vinte e cinco agafos mas está tudo mais ou menos, eu, agora vou outra vez em outubro. Já foi salvo, foi uma dor na perna que me deu e aquilo descobriu-se assim, tiraram-me tudo, mas ele agora está, levou na traqueia já um transplante...

(E): E ele não sai de casa?

(EN): Então, fez na terça-feira... ele nunca foi homem de sair de casa, mesmo em novo.

(E): Mas a EN precisa de tomar conta dele, agora? Ele sozinho não fica bem?

(EN): Não, agora de momento ainda tem ficado, tem, tem, tem. Quando não poder eu vou ter que pedir ajuda, porque eu não tenho aqui ninguém e vamos ver o que é que eu vou fazer, até agora ele tem ficado, além daquele bocadinho de receio, tem o telemóvel, ponho sempre o telemóvel ao pé dele “Está tudo bem?” Está, pronto. Eu tenho andado

Transcrição das Entrevistas

no cavaquinho, eu tenho andado na ginástica, agora parou. Na ginástica, no computador porque eu tenho que ter uma coisa, senão eu passo-me, porque eu sou uma pessoa que gosto de, como é que se diz, de ter alguma coisa, não é só a casa porque além da casa eu tenho que ter outras coisas e o que me está a fazer viver, a força que eu tenho, o estar fora da minha família e isto que me está a acontecer eu, contra tudo e contra todos e as minhas filha, ainda ontem falei com a minha filha mais velha, porque ela não paga assim muito, tem um contrato, e ela disse “ Mãe, tu não liguês ao que as pessoas dizem, de o pai ficar sozinho, tu vai continuando, tu não te deixes ir abaixo porque eu sei o que tu és, tu tens que vencer “ Porque há sempre, no meio disto tudo há sempre “ Olha lá “ não é? Mas eu muita coisa já não conto. “Então como é que está o teu marido?” “ Olha, é um dia de cada dia, eu tenho esperança e tenho fé, isto está, eu vou muito para o positivo, isto vai tudo correr bem” A gente não pode dizer a verdade, estamos num país assim. Se eu vou dizer a verdade, eu sou criticada. Assim, não digo nem mentira nem verdade, digo só assim e pronto, vou andando, porque faz-me falta sair de casa. E um dia que aconteça uma infelicidade destas, se por acaso acontecer, tenho que recorrer a uns meios para ter um bocadinho de apoio para que eu possa sair uma hora ou duas, porque faz-me falta, porque eu não tenho as minhas filhas, elas não podem vir e a minha filha mais velha está numa cadeira de rodas.

(E): Sim?

(EN): Apanhou uma doença, tinha ela trinta e tal anos. Nunca mais trabalhou, está reformada e quando vai, quando está em casa vai devagarinho, mas quando vai no carro, para ir a algumas compras tem que ir na cadeira de rodas. E a minha filha mais nova está a apanhar a doença da irmã. Veja a esperança que eu tenho, ainda estão piores do que a mãe. Eu é que havia de estar lá para lhe dar apoio a elas, não é elas aqui e como é que eu posso abalar, largar o meu lar e ir para ao pé das minhas filhas? Eu vim por causa do meu marido.

(E): Veio por causa dele?

(EN): Porque ele quis a reforma. Na altura não havia nada, não tinha nada, não é...

(E): Não podiam ter ficado na Alemanha com a reforma?

(EN): Não dava para viver lá. Não porque a reforma não é muito alta e a gente paga muita coisa. É a casa, é a luz, é a água e paga-se muito. A reforma de um não dava para

Transcrição das Entrevistas

pagar as despesas lá. E aqui é diferente. A casa é minha, eu não pago renda, a água é diferente, a luz é diferente, se eu tenho telefone é porque eu quero, se eu tenho internet é porque eu quero, porque se eu não quiser, se não tiver dinheiro, uma vez que eu veja que não posso, posso tirar tudo. A menos a televisão, para a gente pelo menos passar o seu tempo, não é verdade, mas, este telefone eu meti na TV cabo, isto aqui até nem pago para a Alemanha e tudo, feriados, domingos e a partir das nove não pago, não pago, está tudo incluído, pronto, e tirar umas certas... mas se eu não tiver alguma coisa aqui em casa, então, ia para o quintal? Ainda agora estive aí a limpar o quintalzinho que ele não consegue, só me faltava esta, tenho uma casa que tenho que limpar isto tudo e agora ele não consegue, por causa dele é que eu tenho isto tudo, senão tinha tudo em chão e agora vi aquilo abandonado e antes de começar na minha casa, porque tenho andado no IPO, para aqui e para ali, agora no dia vinte e dois vou outra vez lá e aquelas coisas todas, eu também dia dez vou ao dentista, dia vinte e quatro também vou, é para mim, por causa da vista, não sei se os óculos não estão bem e eu não quero ir já ao especialista dos óculos, vou mesmo, pronto, a um doutor mesmo ver o que é que se passa, tenho vinte e quatro, eu vou vinte e três para Lisboa para o IPO e dia vinte e quatro tenho que estar às oito no barlavento, eu. O tempo passa-se assim, e então, à tardinha à noite, assim mesmo ao escurecer como e tenho que jogar aqui a mão a isto, isto é uma vergonha, parece que não mora aqui ninguém. Uma coisa que eu não fazia, pronto, e ele tem muita alegria em ter aquilo, pronto, estas coisas eu estou a tentar agora, que é para depois para a semana, como agora não tenho nada e vou fazendo as coisas na minha casa (ham) mas pronto, mas sou sincera, eu tive dois anos, eu vim em dois mil e um para Portugal (ham) e estive dois anos que era só chorar, chorava, chorava, porque perdi aquilo, as minhas raízes que é as minhas filhas e os meus netos e perdi () aí não sabia se havia de ficar, se havia de vir, se havia de ficar era as minhas filhas e os meus netos, se havia de vir deixo os filhos e os netos e se eu não venho havia divórcio. Me parti só de uma parte e chorei dois anos, dois anos e uma coisa que é muito esquisita que é, na Alemanha dizem que os alemães são muito frios e não sei o quê, não sei o quê, não sei quê, pela minha parte é mentira, quem é frio são os portugueses, principalmente os vizinhos que moram ao pé de a gente. Se a gente morrer aqui ninguém sabe.

Transcrição das Entrevistas

(E): Então diga-me uma coisa, vamos andar um bocadinho para trás para eu tentar perceber. A EN com dezassete anos saiu da casa da mãe e foi para casa da tia do marido.

(EN): Da tia do marido que estava ao lado.

(E): Estava ao lado.

(EN): Para não me juntar.

(E): E quando é que se casou com ele?

(EN): Estive três anos junta. Eu já não queria casar porque eu pensei assim, se ele não der para filhos, eu não me caso, toda a raiz que não dá árvore, árvore que não dá fruto corta-se pela raiz e eu não ia aturar um homem se não dava para filhos. Eu gostava de ir casada vestida... não fui, quer dizer, eu lutei por uma opção da minha parte. Pronto, a minha filha foi arranjada porque quis, a minha mais velha foi mesmo de propósito. Tive a minha filha mãe solteira. Até tive um gosto, aquela palavra mãe solteira. Depois, a minha menina tinha treze meses e eu casei pelo registo e quando a minha filha, a mais nova fez a primeira comunhão, que a outra já tinha a primeira e a segunda, e quando a minha mais nova fez a primeira comunhão, eu casei-me pela igreja.

(E): E aí tinha que idade já?

(EN): Ora aí já tinha aí, sei lá, trinta e..

(E): Então casou na Alemanha.

(EN): Casar pela igreja foi na Alemanha.

(E): Então e quando é que decidiu ir para a Alemanha, quando é que foi para a Alemanha?

(EN): Eu fui para a Alemanha porque o meu marido abalou.

(E): O seu marido é que foi para a Alemanha.

(EN): É que foi e eu depois quatro meses fui e as minhas meninas ficaram com a minha mãe. Mas uma ficou um ano, a mais velha, depois lembro-me de ir busca-la e no fim de dois anos vim buscar a mais nova, para ver se tinha condições para ter lá as minhas filhas. Foi então quando uma alemã, coitadinha, também já morreu, foi mais do que minha mãe, jogou as mãos às minhas filhas, tanto que ela aprendeu um pouco de

Transcrição das Entrevistas

português com as minhas filhas e as minhas filhas aprenderam alemão com ela, porque isto também torna-se muito engraçado e pronto, e foi assim que...

(E): Portanto, tinha vinte e sete anos. Lembra-se do ano?

(EN): Que eu fui para a Alemanha? Sim, mil novecentos e setenta e três e minha filha foi quando foi o vinte e cinco de abril, no ano a seguir.

(E): E o seu marido quis ir porque não havia trabalho cá em Portugal?

(EN): Ele trabalhava na siderurgia, na altura ganhava três contos e tal e ele inscreveu-se para a emigração, sabe que antigamente havia a emigração, pronto, e eu quando cheguei fui com passaporte de turista, mas cheguei lá, também não tive sorte, passado dois dias fecha a emigração, tive de estar lá como turista, sem poder trabalhar, às escondidas, aquela coisa toda. Mas depois, aprendi alemão (ham) houve lá um senhor que me arranjou, que a gente tinha direito só no fim de cinco anos de ter, como é que se chama, o carimbo para poder trabalhar e eu como trabalhava na casa deles, como mulher da limpeza, porque há muitas que têm vergonha, mas eu não tenho, fui e graças a deus, gostaram tanto de mim, eu desenrasquei-me muito com a língua, então o marido foi tratar de meter o carimbo no passaporte para eu ir para a firma dele, então aí é que eu comecei a trabalhar, quatro anos depois de estar na Alemanha. Comecei a trabalhar aos trinta e um anos, com os direitos.

(E): Direitos.

(EN): Exatamente. Mas passei uns bons bocados, uns bons (ham) também bocados tristes lá, porque quando a gente chega lá nós somos uma vida, somos uns, como é que eu hei-de dizer, uns estranhos, não é a nossa língua, a gente não sabe falar, a gente não sabe pedir que antigamente havia () mas também havia aqueles que a gente pedia um quilo, dois quilos, duzentos e cinquenta disto, e para a gente ir buscar e dizer? Não sabíamos, tínhamos que escrever, que elas apontavam, que elas nunca enganavam, a gente nunca sabia o valor do dinheiro. Diziam, é tanto, e agora sei lá o que é que a mulher está para ali a dizer, a gente abria a carteira, elas tiravam, mas isso elas, isso é uma coisa, podem dizer mal, como nunca tive que dizer, não vou dizer, foram muito bons para mim. E depois a minha firma faliu.

(E): A firma desse senhor?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Desse senhor e depois outro senhor comprou as máquinas desse, tive três meses no fundo de desemprego, depois o outro deu-me, pronto, eu era, estava à frente do trabalho, encarregada dos alemães.

(E): E era uma firma de quê?

(EN): De fazer, como é que se chama aquilo? De marcar os motores dos carros e eu fazia aquilo para a Europa, passava tudo pela minha máquina, tanto que eu estava trabalhando com os homens, com roupa assim, macaco, no meio dos homens porque eu não gostei do trabalho das mulheres, porque eu sou, cá está, eu ter trabalhado junto com os homens e o trabalho saía todo da minha parte.

(E): E depois ficou encarregada.

(EN): Não, não foi naquele, depois aquele pronto comprou as máquinas e o outro disse muitas boas condições de mim. Mas ele não podia pôr logo porque tinha que pôr máquinas e essas coisas, estive três meses no fundo de desemprego, passados três meses de chegar ao fundo de desemprego, já tinha emprego, pronto, foi-me buscar, pronto, foi tudo combinado. Pronto e quando vim para cá tive (ham) que fazer com que ele me despedisse.

(E): E como é que fez isso?

(EN): (ham) Mas eu não quis dinheiro, foi tudo combinado, porque se ele me despedisse eu tinha direito ao fundo de desemprego, se ele não me despedisse então ficaria noventa dias sem ganhar, como é aqui, pronto. Então ele disse "Ah, então o que é que eu vou dizer a EN está à frente do serviço todo, fala alemão, trabalha com as máquinas que eu nunca vi uma coisa só com a quarta classe" E ele é engenheiro, eu sabia mais do que ele com as máquinas, porque eu, pronto, não é o ser inteligente, o tempo que a gente lida com as coisas e a experiência do trabalho e da vida, isso é que nos ensina e então eu disse "Olhe, só há uma solução, põe no papel em como recebe queixas e que eu já não estou a ver bem da vista e só tem reclamações" Tudo mentira, para ver se eu ganhava, mas eu quando fui chamada ao fundo de desemprego disseram-me "Então a senhora não vê bem? Ou foram a um acordo um com o outro" Então eu não ia queimar o homem, então se ele me deu os... pronto, mas quando eu me despedi das minhas colegas e dele fartei-me de chorar, porque eu tive muitas noites, sonhei, ainda hoje, hoje já não é tanto, talvez já estou aqui há muitos anos, há onze anos e, mas chorei muito no

Transcrição das Entrevistas

meu trabalho. Eu gostava muito de trabalhar, no meu trabalho, eu gostei sempre de trabalhar eu nunca fugi ao trabalho e não estava “Ah, que horas são” porque eu pegava à um quarto para as sete da manhã, levantava-me, quando era o tempo de neve às cinco da manhã, para limpar o carro, o carro, tinha carro e então levantava-me meia hora mais cedo quando era o tempo da neve para limpar o carro e aquilo era um bocadinho, como daqui vá lá, até Portimão, então quando era o tempo da neve eu levantava-me mais cedo para limpar o carro e nunca tive preguiça, nunca, nunca, eu ia para a firma como se a firma fosse minha. O patrão ia para a Inglaterra e para ali, eu ficava à frente do serviço todo, dos alemães, todo, e eu fazia aquilo como fosse, por exemplo tratar da minha casa, não sei, e se estava alguma coisa a correr mal eu pedia ajuda e estava sempre e chamava, quer dizer, eu estava sempre com interesse como aquilo fosse meu. Gostei sempre muito daquele trabalho, ainda hoje, se eu voltasse para trás, ia para o mesmo sítio. Porque eu, eu para mim a Alemanha, pronto, primeiro tenho lá família e a para mim, pronto, apoiaram-nos bastante, deram mais apoio que aqui em Portugal. Aqui em Portugal não dão apoio à gente. Eu não digo que ser a idade de agora de idosos, eu quando fui tinha vinte e sete anos, era uma jovem. Porque aqui, ainda hoje aconteceu, eu não dei uma resposta, porque é a tal coisa, eu o que tenho a dizer digo na cara da pessoa e depois as pessoas às vezes ficam ofendidas, mas o que eu ia dizer era a verdade. E aconteceu comigo, na quarta de manhã, levantei-me cedo e o meu marido ficou internado no IPO, já pode ver, as vizinhas aqui, então, uma pessoa aqui há onze anos, a verem-no no quintal, a verem-no ... e então eu levantei-me eram sete e um quarto para regar logo a horta, que era fresquinho, para regar o quintal, depois fui a Ferragudo no carro depressa para ir comprar medicamentos que eram antibióticos quando o meu marido chegasse para tê-los cá, e eram aí dez para as dez fiz uns cereais para mim que eu ainda não tinha comido e a partir daí à espera que me telefonassem da ambulância. Mas eram vinte para as oito, esta mulher vai às oito e um quarto ou vai às nove não sei, e aqui a vizinha disse “Então, já tão cedo a regar” “Pois, tenho que ir aqui ou assim” E a vizinha de cima, eu vi, mas é que eu vi, a estender roupa em cima e de vez em quando fugia, assim com a cabeça, para não me perguntar. A ouvir eu a dizer à outra que o meu marido tinha ficado internado no IPO e que estava à espera, a partir das dez horas que é quando os médicos vão lá, para ir buscar o meu marido. Pois é triste. Hoje, fui tratar de uma carta do meu marido, até telefonei a uma amiga minha para irmos beber um cafezinho de manhã, sai daqui um bocadinho, encontro a vizinha de

Transcrição das Entrevistas

cima, que é aquela dali e eu disse “Ai, não posso responder” Não posso porque eu depois não me calo e então ela assim “Olha, foi preciso a gente sair para nos encontrarmos aqui as duas na rua do Parchal, veja lá, somos vizinhas e não nos encontramos” Ai se eu tive para dizer, não encontro porque você esconde-se, porque eu vi-a muito bem a estender roupa.

(E): E disse-lhe?

(EN): Mas havia de ter dito. Havia de ter dito. Mas não disse porque às vezes tenho medo de mim, depois não digo só uma.

(E): Mas acha que...

(EN): Estamos muito abandonados aqui das vizinhas.

(E): Sente isso? Também se calhar a vossa rede de amigos não ficou na Alemanha?

(EN): Não, quer dizer. Eu, onde estou a viver arranjo amigos, porque eu tenho-os. Não moram é aqui ao pé de mim. Por exemplo, eu estou na ginástica, eu estou no computador, eu estou no cavaquinho, aquilo é, onde eu ando não me largam. Ficamos com os contactos e ainda ontem eu disse “ Então querida, queres ir ali... amanhã tenho que ir ao Parchal?” Ela mora no Parchal, ela é preta e eu chamo-a de prima, não vou chamar preta à mulher, ela chama-se M, também está no cavaquinho e essas coisas. “Olha, vamos beber um cafezinho que eu tenho quer ir à junta de freguesia tratar de umas coisas, queres?” E ela disse logo que sim “ Ah querida, então estás aqui à minha porta às nove e meia” “ Está bem” Então combinado” E eu sinto que estes dois meses que acabou, porque o cavaquinho não há sala mas pronto, seja como for, por causa da escola, sabe como é que é, eu vou achar falta.

(E): Sente?

(EN): Sinto e não sou só eu, não sou só eu. Porque é aquele bocadinho parece que a gente tem aquela obrigação como se fossemos trabalhar, quem gosta de andar nisso e eu faço a limpeza e disse “ Bem, amanhã faço até aqui, depois faço até ali, mas eu não quero faltar. Amanhã continuo” Porque é uma obrigação que a gente tem, uma obrigação para que a gente tem aquele trabalho. Em casa a gente começa a pensar muita coisa. Dá tempo para a gente limpar e pensar em coisas que a gente não deve pensar. E eu faz-me muita falta as minhas saídas. Eu falo por mim e sei que algumas amigas

Transcrição das Entrevistas

minhas também falam assim. Porque as pessoas aqui, isto é um dormitório. As pessoas abalam de manhã, à sua vida, chegam seis, seis e meia, sete horas, uma falam “Então, está tudo bem “ Mas não se lembram, deixa-me lá ver se aqueles estão ali bem ou o meu marido tem estado mal, tem ali o portão “Então vizinha, como é que vai?” Não precisam de se empatarem muito. “Então e está tudo bem? Então como é que o seu marido vai?” Ou isto ou aquilo, uma palavrinha. Isso não se faz. Depois vem com conversas comigo e eu tenho que lhe atacar. Eu o que tenho a dizer, digo. Uma vizinha minha, que tem quarenta e seis anos que foi a primeira vizinha que se demos bem, ela agora também não está bem e ela é muito amiga de me ligar quando eu vou na ambulância “Então, está lá, como é que vão as coisas” Nada, eu estranhei. Na quarta-feira eu estava ali a apanhar a ambulância a vi a filha, a filha já tem dezanove anos. “ Então EN, então está aqui a fazer o quê?” Digo assim “Olha, estou à espera da ambulância, vou buscar o meu marido” “Ah, então o seu marido está , ah, o vizinho M₁ está no hospital, ah, não sabia” Não me podia calar, eu disse “ Não sabias? Então quer dizer que a tua mãe não conta lá nada? Bolas, posso ver a amizade que vocês têm, não me digas que ela não te disse nada” “Não” “Então podes-lhe dizer a ela que eu vou-me embora, estou muito contente com ela e cada vez mais” A moça foi-lhe contar. Eram dez da noite veio tocar, bateu, que ela não toca, eu conheço que é ela, para falar um bocadinho com o meu marido. Eu não disse ao meu marido porque ele gosta muito dessa vizinha, não lhe disse nada. Depois quando eu vim para baixo chamei-a e disse-lhe “Você veio porque a sua filha disse-lhe alguma coisa” “Ai mulher você pensa que eu me lembrei mais?” Uma coisa destas não é para esquecer, acha que é para esquecer? E é estas coisas que eu sinto, as pessoas só pensam nelas, só pensam, não pensam em mais ninguém. Se aquela tem um mercedes “Ah, sabe quem, aquela comprou um mercedes, ah mas eu ainda vou comprar um melhor” Deixam de comer, vêm pessoas buscar o dinheiro à porta mas não têm, mas tem que fazer uma vida melhor do que aquela, que à outra, à e bê.

(E): Sente isso aqui?

(EN): Eu sinto as pessoas aqui muito só para elas ou então desprezam... Eu não me considero idosa, hoje ainda não me considero, amanhã não sei. Podem-me chamar velha, podem-me chamar o que quiserem mas dentro de mim eu não me sinto uma mulher idosa. Mais tarde não sei porque eu tenho feito tanta coisa que muitas mais

Transcrição das Entrevistas

novas não faziam, por isso eu não me sinto aquela velha, aquela velha, pronto, mas ainda lá vou chegar.

(E): Mas o que é que acha que é aquela velha?

(EN): Aquela velha é aquelas pessoas que são mesmo velhas, vestem-se à velhas e depois não querem sair de casa e metem-se ali enroladas numa manta a verem televisão e ali muito coiso e depois e para trás e para a frente e não querem saber de nada, não querem saber da casa, não querem saber da vida, não querem saber de nada e eu não, eu sinto-me uma pessoa, eu sou tudo, agora, felizmente ainda sou mais, já era, eu agora sou tudo, eu agora sou chamada para tudo, pois, se eu fosse daquelas pessoas muito velhas que não querem saber, eu não, eu tenho que saber ainda mais, até à data, não sei agora, não é verdade, portanto, o computador, comprei o portátil, nunca na minha vida nem pelos meus pensamentos eu ia sonhar que eu tinha uma coisa daquelas e sabia mexer nele. Não sou especialista, mas para mim chega. É uma coisa que pronto. Mexer nos telefones, programar os telefones, por nomes, quem é que me havia de dizer a mim que eu ia fazer isso? Nunca, antigamente é que se diz, se eu só tenho a quarta classe! Os telemóveis, iguais, a televisão se há um problema qualquer, ainda há pouco não sei que botão é que eu carreguei aqui, não sei que me apareceu a Teresa Guilherme a falar e as letras e eu disse “Mas qual foi o botão que eu carreguei, senhores” Matei a cabeça. Sabe quanto tempo estive eu? Mais de meia hora, mas não abalo daqui sem ver o que é que eu fiz. Deu-me aquela coisa, já sei fui ali ao piloto, carreguei a ZON, trabalha bem. Eu enquanto não descobrir eu mato muito a cabeça, mas tenho que descobrir e eu acho que isso é positivo. Porque aquelas pessoas que não ligam não querem saber. Eu não vou mais longe, aquela minha vizinha que eu estava a falar trabalha na Câmara, ela está à frente dos computadores, tanto que ela pronto, estudou e ela não faz nada do que eu faço. Ela já me tem dito “Eu não sei onde é que a EN vai buscar essas coisas” E aprender cavaquinho, alguma vez na minha vida eu dizia que ia aprender a tocar cavaquinho? Não tocamos bem, bem, mas já fomos a Lagoa tocar, já fomos ali. Quer dizer, isto faz a pessoa viver. Ter mais força para ir em frente, lutar, é isso que me faz viver é estas coisas assim. Não é as vizinhas, as vizinhas, ah, então e eu estivesse a olhar às vizinhas o apoio que me deram, que me têm dado a mim e ao meu marido, eu não sei, porque a gente não tem apoio.

(E): O apoio que recebe então é dos colegas do cavaquinho...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Do cavaquinho, da ginástica, do computador. Aqui as vizinhas não conhecem a gente. Não, não, a gente passa “boa tarde”, nem perguntam nada, nem...

(E): Como é que veio parar aqui?

(EN): Eu vim parar aqui porque foi assim, eu tenho aqui a minha sobrinha, vocês conhecem, que é aquela advogada que o marido trabalha ali no Parchal, ali o Bar, ali no Parchal, mesmo encostado quando a gente está na ginástica. Ele está casado com uma sobrinha minha que é advogada, pronto ela é advogada, que é a M₂, é advogada, ela trabalhou também na Junta de Freguesia e não sei se ainda lá faz, não sei, mas ela andou lá. E então a gente veio visita-la, quando a gente veio da Alemanha viemos visitá-la e então ela começou a dizer que andavam a fazer casas e isto e aquilo. Não eram estas que eu tinha dado o nome, era para umas que estão ali para o lado da Belavista, para aí é que eu dei o nome mas depois ela começou a dizer que isto estava barato e que havia pessoas que tinham desistido porque não tinham dinheiro e assim e assado “Então olhe, eu ponho a minha direção, como a tia vem passar férias aqui e eu consigo entrar e arranjo-lhe isto” Comecei a pensar, olha, disse ao meu marido “É uma boa ideia, sabes porquê? As nossas filhas um dia que casem e tenham filhos, tudo fala no Algarve é tudo no Algarve, então a gente compra uma casa, não é para nós, há de ser para as nossas filhas, para os nossos netos para as férias porque eles gostam muito da Algarve. E então vamos comprar a casa”. E assim foi, comprei a casa, ainda estava em obras, pagamos, fomos para a Alemanha, ainda andamos ai uns anos para trás e para a frente já tinha a casa, depois começamos a comprar as coisas, meter aqui, claro e agora, as minhas filhas onde se entendem é aqui, que é no Algarve. Tem vindo os meus netos, os meus genros, ainda em Abril esteve, o meu neto está junto com uma moça já e vieram quinze dias passar com a gente que eu fiquei muito contente porque eles são moços novos e a gente fica feliz quando é assim, e agora vem a minha filha, o ano passado esteve cá a, porque ela vai à Grécia, que o marido é grego, o da mais nova, um ano vão para a Grécia, que ele é o único filho e outro ano vêm a Portugal. O ano passado vieram a Portugal, este ano vão para a Grécia e a minha mais velha vem passar três semanas dia vinte e sete de agosto, mas ela quer ver se correr tudo bem com o meu marido, vamos ver, levar a gente daqui e leva o carro e vamos passar uma semana na casa dos pais, que ele também é o único filho, para tirar a gente aqui deste ambiente.

(E): Na casa dos pais...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Do meu genro.

(E): Que é português?

(EN): É, em Viseu.

(E): Em Viseu.

(EN): Então a minha filha quer levar a gente daqui uma semana. Vamos ver a situação do meu marido, vem passar os anos do pai, ele faz a dez de setembro.

(E): E ele tem que idade o seu marido?

(EN): O meu marido tem setenta e quatro, faz setenta e cinco de setembro.

(E): E o seu marido quis-se reformar lá na Alemanha...

(EN): Não, não, não, ele foi, mandaram-no embora.

(E): Mandaram-no embora.

(EN): Mandaram-no embora mas tudo, eles mandaram-no para casa aos cinquenta e quatro e deram-lhe o ordenado por inteiro junto com o fundo de desemprego até aos sessenta e depois deram-lhe a reforma antecipada.

(E): E porque é que ele quis vir para Portugal?

(EN): Sempre gostou de Portugal, quer dizer, ele gostava da Alemanha para viver, mas ele nunca gostou do país.

(E): E a EN?

(EN): E eu é que... por isso é que a gente, estamos, olhe, o meu marido tem um feitio muito calado, e eu não sou calada. Somos todos diferentes, ele é uma pessoa mais coisa, agora até se enerva muito, mas é por causa daquilo e eu sou uma pessoa que gosto de conviver, eu gosto de passear, eu gosto de falar, para mim é um sorriso na cara, para mim é tudo, pronto, o meu marido já não é e eu gostei de estar na Alemanha, gostava de ir aqui, gostava de ir ali, gostava de todo o lado e ele não gostava, quer dizer, andávamos desencontrados, mas de empurrão ele lá ia. Fomos para a Itália, Israel, fomos (ham) procuramos lá muita coisa, fomos passar as bodas de prata à Madeira que as minhas filhas conseguiram, no lugar de me darem o dinheiro a mim, eu também estranhei de irem lá comer e não me darem nada, davam um raminho de flores para não

Transcrição das Entrevistas

irem sem nada, uma prendazinha e eu ficava assim um bocado estranha, mas, como eu nem sou assim, então umas bodas de prata...

(E): Ninguém dá nada...

(EN): Ninguém dá nada, não é por interesse mas também uma pessoa gosta de receber. Mal sabia eu que elas tinham combinado as minhas filhas com elas para elas lhe darem o dinheiro, depois elas completaram com o resto para arranjar as bodas de prata para irmos para a Madeira.

(E): Mas foram todos para a Madeira?

(EN): Não, fui eu e ele. Quando cá cheguei tinha a minha sobrinha, combinou lá com uma colega do aeroporto, não é amigas, então quando eu cheguei a minha sobrinha foi lá a casa da minha mãe para dar os bilhetes para eu ir à Madeira. Estas surpresas também são boas. É o que lhe digo, lá na Alemanha tive maiores alegrias e maiores surpresas do que aqui. Depois vim para a aqui, já não, aqui fiquei. Para a Alemanha andava quando era necessário, antes de receber a reforma, mas depois acabou tudo.

(E): E quanto tempo é que esteve na Alemanha sem trabalhar?

(EN): Na Alemanha, eu sempre trabalhei mas foi em limpezas, estive quatro anos.

(E): Mas depois de ter saído da fábrica?

(EN): Não, não, não, lá depois de sair da fábrica saí em julho, julho, agosto e vim em setembro para aqui.

(E): Porque planeou logo.

(EN): Claro.

(E): Foi tudo quando o marido se reformou planearam logo a EN deixar de trabalhar e vir para Portugal.

(EN): É, foi a vinte e sete de outubro, quando abalamos da Alemanha. Depois veio a minha irmã ajudar a descarregar algumas coisas que a gente trouxe, que a gente não trouxe muita coisa, mas pronto ainda estive aqui dez dias, uma irmã minha com um cunhado para ajudar a gente, mas pronto, a partir daí eu estive, pronto, vou dizer, dois anos que comecei a curar-me a mim própria porque eu não tive apoio de ninguém. Eu

Transcrição das Entrevistas

sozinha é fui eu mesmo própria sozinho é que me apoiei a mim própria que ninguém me apoiou.

(E): E durante esses dois anos que esteve cá que disse o que é que fez para...

(EN): Comecei a sair, não tinha ainda ginástica, comecei a sair sozinho. Não conhecia, ficava a conhecer. E depois andei, foi quando eu comecei a ouvir pessoas, às vezes falava com aquela, às vezes há aquelas pessoas que a gente começa a falar “ a senhora é assim, a senhora é assado” e comecei a sair um pouco mais, mas não foram as minhas vizinhas, eu é que comecei a andar a pé, ao Parchal, e pronto, Portimão, às vezes ia a pé também a Portimão, e pronto e comecei assim a conviver, a conviver, não era a conviver, era eu própria que sentia que eu não podia viver assim, porque eu chorava, porque eu não tinha aquelas... a minha filha tem, a minha filha pode falar uma hora, ou duas ou três ao telefone, na altura não, nem ela nem eu e então era raro a gente se falar, não é. Nessa altura não tinha mesmo apoio de ninguém.

(E): E sentia falta da Alemanha, do trabalho...

(EN): Do trabalho, do trabalho. Foi o maior desgosto que eu tive foi ser reformada e vir para casa, também. Porque eu vivia muito, além de, não é pelo dinheiro, claro que sim, que a gente trabalha temos que receber, claro que sim, mas também é, para mim era uma alegria trabalhar. Há pessoas que dizem () mas eu não. Eu quando chegava à segunda-feira para mim era muito bom e quando tive feriados () mas quando era feriados, oh mãe, tenho que ficar em casa. Era eu, eu tinha aquela coisa, eu sempre gostei muito de trabalhar, tanto gostei que eu trabalhei, como os homens e tudo. Eu sempre fui uma pessoa que gostei muito de trabalhar. Pronto, não é aqueles trabalhos de empregada a dias, isso não, mas assim aquelas coisas, parte dos homens...

(E): Também era encarregada, tinha responsabilidade.

(EN): Tinha, tinha, tinha e gostava muito. Gostava. Ainda meti lá dois portugueses, dois ou três portugueses que eu fiz o pedido e que o meu patrão gostava muito do meu trabalho, pronto, eu também andava sempre na brincadeira, ele sempre gostou do meu trabalho então um pedido que eu fizesse era aceitável. Sempre fui muito apoiada lá, muito. E aqui, dos hospitais também não tenho que dizer, alguns tenho mas eu respondo, mas é aqui do barlavento. De resto também tenho tido muito apoio de lá do IPO. O médico do meu marido tem sido médico e amigo () mas tem sido. E eu também

Transcrição das Entrevistas

conheço a todas, o IPO para mim já conheço, infelizmente como a minha casa, infelizmente mas tem que estar a vida assim. É o que eu estou à espera, claro à espera a gente nunca está, mas estou à espera, sei lá...

(E): E há quanto tempo é que aconteceu?

(EN): Quatro anos. Quatro anos, faz agora, olhe fez agora, vai fazer este mês quatro anos. Que foi descoberto porque teve dois anos e meio que ninguém sabia o que o homem tinha. Que era alergia, que era isto, que era aquilo, tirei tapetes, tirei carpetes, tirei tudo. Tanto que eu não tenho, tenho só tapetes de pano aqui, tirei tudo.

(E): Porque ele tossia muito?

(E): Faltava-lhe o ar. Era na traqueia. Eu cheguei a dizer ao médico, já não sei o que fazer, se calhar a alergia que ele tem é de estar casado comigo, olhe, tem de procurar outra mulher para ele a ver se a alergia lhe passa. Estava tão farta, tão farta, dois anos e meio. Nisso, mas pronto, mas pronto, eu sou assim, a doença é a pior coisa que a gente tem na vida isso não há nada que abate, não é? Mas, da maneira de viver que eu tenho e viver assim, eu vejo pessoas que além de eu estar fora da minha família ainda são mais infelizes e eu ainda é que as apoio. Eu ainda apoio muita gente. Além de eu ter problemas eu vejo pessoas, quer dizer, têm mais problemas do que eu, nesse sentido da mente.

(E): E como é que faz para apoiá-las?

(EN): Começo a dizer “Deixe isso, enquanto há vida há esperança, não vê eu, positiva, olhe quando acontecer, deus é que sabe, nós temos os nossos dias marcados. Olhe, vamos ali ao cafezinho beber uma coisinha qualquer. Bora, hoje pago eu” () E depois junta-se ali um grande grupo, mas todas com problemas. E eu vou sabendo por intermédio de elas me contarem. Eu sei mais delas do que elas sabem de mim. Enquanto elas sabem assim um bocadinho de mim, pronto, eu sei assim. Porque elas vão falando elas vão descaindo e por aí fora. Tanto aqui que a minha vizinha, esta minha vizinha disse-me assim “ O vizinha, se a vizinha fosse agora nova havia de estudar para, como é que se chama aquilo, para a gente falar com as pessoas.”

(E): Psicologia.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Sim “ a vizinha tem muito jeito, é que vê-se que tem mesmo, é que as pessoas não a largam” E não me largam de ao pé de mim porque eu estou sempre a apoiar e há um casal que até () que é da Quinta de S. Pedro (ham) tem grandes problemas. Ainda tem, não tem talvez a doença que o meu marido tem, não interessa, mas lá está outros problemas mais fortes, sei lá se fortes, eu conto tudo é problemas e ela coitada tem tido grandes problemas com os filhos e essas coisas, problemas depois de grande, uma filha matou-se, pronto, e eu comecei, pronto, a ajudá-la naquilo que eu pudesse e vamos aqui, que ela também anda na ginástica, “e vamos beber uma pinguinha vizinha M3”, como ela se chama, “Bora lá” “Ah, mulher, mas a vida correu-me tão mal” “ Ó mulher, deixe lá isso, ninguém está a perguntar deixe lá, logo paga da outra vez, bora” Depois começam-se a juntar grupos, tudo falando nos problemas, eu pareço a doutora no meio daquela gente. Tudo a falar dos seus problemas. Eu escuto e digo assim, penso, estão pior do que eu, além da doença, porque a doença...

(E): E acontece isso muitas vezes?

(EN): Sempre. Eu estou rodeada de pessoas com muitos problemas.

(E): E costuma chamá-los e ficam todos a falar.

(EN): Tudo e depois desvio as conversas. Não se fala mais em desgraças, que eu não quero. Na minha parte que a gente vai comer juntas, onde estou, não falem em doenças. Chega, vamos falar noutras coisas alegres. Olhe, uma vez rimos tanto, tanto, tanto “ Ó EN, gostava tanto de ter o seu espírito, cara a sorrir, o que é que você faz?” “Quer aprender?” Tanto que o senhor M₂ ali fala sempre comigo “Quero” “Então vou ensinar-lhe o que é que eu faço. Eu tenho um grande quintal, está ali o portão, ele leva chave, fecho o portão à chave e digo assim, fiquem aí filhos que eu daqui a um bocadinho já venho. A partir de agora não falo dos meus problemas. Aqui dentro de casa, passa o portão assim, assim que passo o meu portão, vou para aqui, para ali, sempre com um sorriso na cara” Eu sou, já a minha mãe coitadinha, a minha mãe já morreu, era tal e ... e sou a minha mãe, as minhas irmãs já não são assim eu fui a única, que tanto a minha mãe dizia “filha, quando eu morrer não precisas de herdar nada mais, tens o feitio da mãe” porque eu acho que nós não devemos, se a pessoa está a fazer queixas, eu por mi falo, quer dizer, estão a fazer queixas e eu vou sobrecarregar os meus problemas noutra que está pior do que eu, noutra parte, claro, não, não se deve fazer isso.

Transcrição das Entrevistas

(E): E como faz com os seus problemas, porque ela está a sobrecarregar...

(EN): Não, não, eu não penso nos meus problemas, eu fecho aqui o portão à chave, não quero pensar, vou para ali, para aqui, para ali, acabou, vou tocar o cavaquinho, quer dizer, vou tocar o cavaquinho e vou falar de problemas tristes? Chego a casa mas não estou a falar do problema do meu marido sempre por aqui, por ali, nada. Então eu comecei a tocar o cavaquinho a dizer que já sabia tocar os parabéns, a dizer “ Quando a filha vem cá tu vais ver, já sei tocar o cavaquinho, queres ouvir, queres ouvir?” Pronto, está a ver, não gosto de falar nesses problemas porque a gente está sempre a renovar, a renovar, a renovar, a renovar e a gente enerva-se. Vem uma e pergunta “ Então” Segunda e terça, as minhas colegas não sabem, só sabiam quando eu faltava, mas agora como acabou não sabem. O professor dizia, eu dizia assim “ Ó professor, não posso ir, tenho que ir com o meu marido” Mas não sabem, não sabem, que eu não conto, eu não conto porque isso vem uma “ Então e como é que foi isso do teu marido” Vou tirar isso outra vez, contar aquela, passo por outra “Então e como é que foi o teu marido” torno a contar a mesma coisa, bom, se encontrar dez são dez que eu tenho que contar. Não quero, eu não quero falar em doenças nem problemas porque não quero, sou eu mesmo que não quero, não quero e na minha casa só quando a coisa não ()mas depois faço, porque antigamente quando o meu marido ficava no hospital, foi em dois mil e quatro que lhe deu um AVC e depois lhe deu outro agora o ano passado em dois mil e doze, mas foi mais ligeiro, não é, ai a primeira vez quem me fazia dormir nesta casa sozinha? Ai minha mãe, até os meus passos eram pessoas que estavam atrás de mim. Não estava habituada, eu chorei e disse “Ai, mas o que é que eu faço” Ele esteve internado quinze dias e depois a minha vizinha disse para eu ir dormir, até fui dormir para o quarto do menino. Naquela noite aceitei, estava um bocado em baixo, mas pus-me a pensar “Olha lá, se a minha casa é ali, tenho tudo o que é da minha casa, estou à minha vontade então venho para a casa dos outros dormir, então mas isto é o quê, afinal, espera que eu já te digo, amanhã já não venho” Não venho, isto é a minha casa e comecei... até hoje, aconteça o que acontecer eu já perdi o medo. Não pode ser, não pode a minha casa é esta, tenha medo ou que não tenha a minha casa é esta tenho que me habituar e acabou. Ele agora ficou já três, foi em março, março, maio e agora. Eu vim para a minha casa. Reguei a horta, telefonei para as minhas filhas, tinha já chamadas, estavam preocupadas, liguei para uma cunhada minha para transmitir, pronto, comi um coiso que não me

Transcrição das Entrevistas

apetecia comer porque já tinha almoçado lá com os bombeiros, que eu fiz uma promessa pagar sempre aos bombeiros, uma promessa minha, sempre que for hora do almoço, se não for não vou não é, claro, sempre que for hora do almoço os bombeiros que forem almoçam comigo, eu pago. Podia comer uma sandes, mas não, vou pagar o almoço para eles e eu como também. Foi uma promessa que eu fiz. Dar dinheiro a pessoas que eu não sei ao menos os bombeiros sofrem muito. Os bombeiros são umas pessoas que lutam muito pela vida e ganham também muito pouco e enquanto eu poder dar o almocinho a eles é um favor que eu lhes faço e eles também me estão a fazer favor a mim e é isso que eu penso, por isso eu digo eu apoio as pessoas, ainda hoje aquela rapariga que é a preta que eu chamo a minha prima, eu sei que ela tem problemas, o marido dela deu-lhe dois AVC, eu sei tudo, porque ela conta-me tudo porque eu faço de uma maneira de conseguir, elas não se apercebem a minha maldade, eu tenho muita maldade, tenho, eu quando vou falar para a pessoa eu já estou a falar de maneira que eu já sei a resposta delas. Ainda elas não abriram a boca e eu já sei o que vão dizer. Mas isto foi sempre. Já há muitos anos que eu sou assim, isto é um dom que eu tenho, já a minha mãe era assim, e por isso eu digo...

(E): Mas preocupa-se com os outros?

(EN): Sim, então ainda agora antes de acabar a ginástica, uma semana grande, há um grande grupo, não me largam, gostam todas muito de mim e eu costumo acompanhar esse casal, dá-me pena deles, bem...

(E): Mas quem? Do grupo da ginástica?

(EN): Da ginástica e então esse casal (ham) às vezes tem dinheiro, outras vezes nem tem dinheiro para comer, para comer pronto, olha se eles não tem dinheiro... bem eu digo "O mulher, deixe estar isso" Ela gosta muito de uma sangriazinha " A () bebemos uma imperial, vamos ali fresquinhos e o seu marido" e houve um grupo que foi atrás de mim e começaram a fazer assim para estes dois se afastarem e eu disse "não, eles não se afastam da gente, ou vamos todos ou então não vou. Eu vou com eles a um local e eu pago a parte deles e se vocês não quiserem pagar a parte, que eu não quero que ninguém pague a minha, e vocês cada um paga a sua, a parte deles eu pago" " Ah, mas..." "Querem que eu entre no grupo?" "Ah, pois claro" "Então eles também" "Bora" E ela começou a chorar agarrada a mim. Isso não se faz, num grupo, olhe, nem que eu

Transcrição das Entrevistas

chegasse a casa e não tivesse mais dinheiro para comprar um quilo de laranjas ou o que for, fosse para aquele casal, mas eu não sou capaz.

Transcrição das Entrevistas

2.ª Sessão da Entrevista de Dora

Data de realização: 28 de junho 2013

Horário: Das 16h30 às 18h50

Local da Entrevista: Residência da própria em Parchal

EN: Entrevistada

E: Entrevistadora

M: Marido da Entrevistada

(E): Eu gostava que a EN hoje me falasse sobre como é que passa os seus dias, o que é que faz normalmente, que atividades é que desenvolve para ocupar os seu tempo livre.

(EN): Quer dizer, não contando agora que agora....

(E): É altura de férias.

(EN): É altura de férias, põem eles as férias, não podemos ir. Que a gente tem as atividades junto com as crianças da escola. Assim que as crianças começam as férias a gente acaba e depois só vamos dar o nome em setembro. Acho que é em setembro que vão dar o nome.

(E): E o que é que faz? Quais são as atividades?

(EN): (ham) Ginástica, computador e cavaquinho. Ah e é a minha limpeza da casa, normalmente passar a ferro, lavar, agora também trato do quintal que o meu marido já não pode e olha, passa-se ainda hoje estive de manhã, como disse, não é pois ainda estive duas horas, quase três horas que pus o ar condicionado no quarto a fazer lá uma, das limpezas, das gavetas, eu faço isso normalmente faço sempre, mas as coisas não tem corrido muito bem e tenho aqueles dias muito ocupados para ir ao IPO e essas coisas todas e não me tem dado pronto e agora com este calor, mas como eu tenho ar condicionado ligo e aqui vou fazendo, para a semana é aqui, vou fazendo lentamente porque ele agora já não, praticamente, antigamente ainda me lá dava um jeitinho ao quintal ainda lá, pronto, das posses dele agora...

(E): Não consegue.

Transcrição das Entrevistas

(EN): Não, ele está a perder muitas forças, não sei como é que isto vai andando.

(E): E normalmente a ginástica é quantas vezes por semana?

(EN): Duas.

(E): E o cavaquinho.

(EN): O cavaquinho duas e o computador é só à quarta-feira de manhã.

(E): E o que é que aprendeu com essas atividades?

(EN): Quer dizer, eu aprendi, quer dizer, para já arranjei, a gente lá arranja muitas amizades porque eu não preciso de sair daqui, mas se a gente não sai daqui a gente não tem amizades, não é. O cavaquinho foi das coisas que sempre gostei muito. A minha coisa era sempre música mas antigamente não havia possibilidades, não é e agora tive esta chance, agora ele está doente, mas vamos ver como é que as coisas vão correr e então é uma atividade que eu de todas, a que mais gosto é essa e (ham) se houvesse acordeão então para mim era o número um, porque eu gosto muito dessas coisas, folclore, quando era mais nova eu queria, mas a gente não podia, na altura quem mandava na gente era as nossas mães e a gente não podia e então tínhamos que trabalhar, não é, como eu disse, na altura mas eu das coisas que mais gosto hoje, oxalá não aconteça nada, é o cavaquinho, para mim é tudo.

(E): E no cavaquinho vocês costumam ir fazer espetáculos?

(EN): Fomos, quer dizer, eu, as minhas colegas entraram em novembro mas como ao meu marido deu-lhe um AVC em novembro, depois estive a minha filha cá dez dias, da Alemanha para dar apoio à gente, eu na altura não pude ir, então eu só comecei depois do ano novo, eu, em janeiro, eu só comecei em janeiro mas já atuamos na Lagoa, naquela da Cidadania...

(E): Na Feira da Cidadania.

(EN): E fomos atuar no Pavilhão Arade e fomos atuar também, isso foi a primeira, ali para as crianças da Che Lagoense, foi as três atuações que a gente atuou.

(E): E há quantos anos é que faz essas atividades?

Transcrição das Entrevistas

(EN): O cavaquinho foi agora, a partir de janeiro, foi este ano, a partir de janeiro e, sei lá a ginástica há para aí quatro ou cinco anos, agora o computador há um ano. Acabou agora, comecei no princípio do ano...

(E): E vai continuar?

(EN): Eu espero bem que sim, se tudo correr bem vou. Espero bem que não falte mais porque eu amanhã também queria ir às caminhadas do luar, começam, já começou, mas eu não pude, foi naquele dia que tive de ir buscar o meu marido ao IPO, foi no dia três, eu não pude, então cheguei aqui às oito e tal, não podia de maneira nenhuma. Eu liguei, por acaso liguei, andei nesta coisa e esqueceu-me, há bocado liguei para a Junta da Freguesia disse assim “Ah, já mandei” que elas mandam aquela folha à Câmara. Pronto e depois eu disse “Pronto, não há problema, se há lugares ou não há” “Pronto, a gente só tem quinze lugares, desta parte da Che Lagoense, normalmente é vinte e cinco mas o seu nome não está lá, mas isso não há problema, não se preocupe. Isso não há problema, ah, mas a EN, um quarto para as oito está ali onde era, ali no Parchal, está lá porque eu sei que há lugares e diga que fui eu que mandei porque a folha foi antes.” Eu disse “Não há problema, se eu não for faz de conta que é uma caminhada que eu chego ali e volto para trás” Eu não me zango por isso. Ela avisou-me que era até ao meio dia, mas a gente não tem só isso na cabeça, não é? E é também agora no verão até agosto, as caminhadas que é uma vez por semana à quarta-feira, pronto, depende do local. Agora amanhã é na Rocha da Nossa Senhora, como é que se chama?

(E): Nossa Senhora da Rocha.

(EN): Nossa Senhora da Rocha, sim, depois é Ferragudo, Belavista, Estômbar, já foi em Lagoa e depois é também Carvoeiro, acho que a última é Carvoeiro.

(E): E porque é que gosta dessas atividades, EN, a sua vida seria diferente se não tivesse essas atividades?

(EN): Para mim, na minha maneira de pensar e a minha maneira de ser assim muito, assim de querer pronto, falar, para aqui e para ali, eu acho que então vivia na solidão.

(E): Hum, hum.

(EN): Que conversas é que tinha para estar com o meu marido, falar da doença? A vida ... porque assim, “deixa lá que estás melhor” eu não falo nisso ao meu marido. Eu sei

Transcrição das Entrevistas

tudo, mas não falo. Se tiver que falar falo, mas é na altura que há aquela conversa que a gente, eu não gosto de falar nisso, número um, nem gosto que me perguntem por ele, eu não gosto dessa palavra, não gosto mesmo, mesmo que não fosse para o meu marido, qualquer pessoa, eu não gosto que diga é isto logo, essa palavra para mim é muito pesada. Podem dizer uma doença prolongada, pronto, uma coisa assim, as coisas acontecem, coisas assim, agora dizer logo o nome, como disseram do meu professor, que foi a tia, eu não gosto dessa palavra. Eu não digo a ninguém, as pessoas é que têm que ver agora dizer “Olha, fulana tal sabes tem isto” Fica pesado, não sei, eu própria não gosto. Pronto e não tinha outra coisa, mesmo antes de saber que o meu marido tinha isto, claro, ele deu-lhe o AVC em dois mil e quatro, antes disso eu não andava em nada, em lado nenhum, mas pronto, depois eu comecei a falar com amigas e comecei a entrar e hoje é, pronto, é a coisa que me vale porque eu vou ali ao Parchal e não há ninguém que não me conheça. “Olha a EN, olha vamos beber uma pinga, anda cá, olha isto e aquilo” e depois vamos falar... Quinta feira já telefonei para uma, aquela é preta e o marido é branco, a gente chama-se prima uma à outra e está aqui outra que também é preta, e está aqui também um senhor que é o senhor M₂, também, e eu não gosto de chamar preta, não gosto de chamar esse nome às pessoas, então digo assim “ Olha às vezes esqueço-me o teu nome, oh, poças, então a gente pode ser primas, além de ser preta não interessa, o meu marido é branco, não pode ser prima do meu marido?” E dali é, estas coisa, importante, a gente reinar, brincar não é, agora na quinta feira, o marido dela faz anos na sexta, e ela disse quinta feira à tarde, mais tarde que agora faz muito calor, ou mais cedo, para a gente se juntar as duas, diz que vai convidar mais duas para a gente ir ali no café, beber uma bebida fresquinha, estar ali um bocado na conversa, para a gente beber um copo de água ou aquilo que nos apetecer e estamos ali hora e meia na conversa. Isto faz falta. Isto faz falta à gente. Diga lá, hoje, pronto, amanhã de manhã ainda vou sair, tenho que ir ao dentista, afinal não era hoje, é amanhã, fiz confusão quarta-feira. Já me telefonou há bocado se estava confirmado e eu disse que sim. Pronto, depois vou buscar o papel à Junta da Freguesia primeiro, depois vou ali, depois pego no carro vou a Ferragudo, depois venho para casa, pronto, fazer alguma coisa para comer, comer e não comer, duas horas, pronto, ponho a loiça na máquina, o meu marido vai descansar, está um calor como é que o homem pode estar na rua. Pronto, vai para ali, hoje deu-lhe para ir para ali, eu deixei-o ir, não faz mal, o que é que o homem vai fazer, também não pode estar aqui, está calor, estica-se lá, deixo-o estar à

Transcrição das Entrevistas

vontade. Então estive a dar um jeito a umas gavetas assim, uma horita ou duas digo assim, porque está muito calor, o ar condicionado também faz mal, digo assim “Amanhã é outro dia “ e depois outro dia é outro dia....a minha filha também quando vier é só dia vinte e sete de agosto, quando ela chegar está tudo feito. Ela diz “Oh mãe, não te preocupes” Ela põe-se assim. Mas é destas coisas, eu sempre gostei, quando tenho tempo, claro, é das coisas que eu mais gosto, além destas coisas que eu amo, gostei sempre muito de limpar, gosto muito de limpar, cozinhar, gosto, mas o número um é limpar. Eu agora é que não me têm corrido as coisas à minha maneira, mas eu ando sempre com o pano, por isso é que agora não liguei muito porque eu quero dar brilho e depois começo novamente, quer dizer, ando por um lado, ando pelo outro, começo daqui, começo dali, hoje de manhã já me cortei porque não gostava de alguns ramos que estavam ali no limoeiro, lavei o quintal, já cozi, eu não gosto muito, mas o meu marido não se calava, como está muito calor, tipo salada, assim, com ovos e atum...

(E): Salada?

(EN): Pois frio, ele gosta, eu como, claro que eu não vou fazer dois comeres, mas eu não sou muito amante de feijão-frade, como mas eu não vou fazer outro comer, mas ele gosta, está-me sempre a pedir. De manhã levantei-me logo, enquanto andei ali, cozeu o feijão, pronto, andei aqui sempre naquela luta até para ali, depois vim cá para dentro depois andei assim, quer dizer, se eu não tivesse as atividades, que tenho, eu era vira o disco e toca o mesmo, eu era limpa esta, depois vou limpar aquela, vou limpar aquela, vou limpar o quarto, vou limpar a casa de banho, limpar a casa de banho, limpar esta, limpar aquela, quer dizer, segunda-feira para aqui, para a semana... quer dizer, andava nesta ... eu andava porque eu sempre gostei de limpar e então, o que é que estou fazendo aqui? Vou agora ver televisão, olha, vou fazer isto para estar fresquinha e isto também não é bom para a pessoa porque a pessoa só vê casa, antes como era, antes de trabalhar porque eu na Alemanha trabalhava doze horas por dia. E sábado sempre cinco horas, que era das sete ao meio dia, mas isso foram anos, sempre, tive duas crianças, duas filhas, também andavam na creche, escola e eu quando chegava ao sábado, ao domingo eu tinha tudo feito na minha casa, tudo, tinha uma vivenda, eu vivia numa vivenda. Elas admiravam-se “mas como é que tu...tu trabalhas na firma doze horas, então a que horas é que te deitas?” Eu deito-me cedo porque cinco e meia já me estava a levantar. Porque eu tinha de limpar o carro, então no tempo da neve e então no tempo da neve, limpar o

Transcrição das Entrevistas

carro, isto e aquilo, depois deitava-me às vezes um bocadinho mais tarde para passar a roupinha para, pronto, para as miúdas e a gente também, eu não, eu não andava muito preparada, eu andava com uma roupa muito de desporto, assim simples e lá andava com a farda de trabalho, assim como os homens, não andava, não é como vocês que sentam-se ali no escritório, né, é diferente né, por isso era só roupa do caminho, chagava lá e a gente tinha que se despir e era roupa da firma não é, agora as meninas é que tinha que ser assim. Ia sempre à missa, as minhas filhas fizeram a primeira comunhão, profissão de fé, foram ajudantes de missa, fizeram o crisma, ia sempre acompanhá-las, eu e o meu marido que ele também ia, agora não.

(E): E as suas filhas, estudaram na Alemanha?

(EN): A minha, a minha mais velha ficou com a nona porque arranjou um namorado, bébe, teve que casar, tanto que ela foi mãe aos dezasseis anos, pronto, e a minha mais nova estudou também mas depois casou aos dezoito anos, mas essa continuou a estudar, mesmo casada. Pronto tem, tem um coiso, ela tem vários, mas também podia vir para Portugal, não sei por causa da língua, daquilo da, como é que se chama aquilo, das finanças, trabalhar assim, mas ela pode abrir uma casa, pode, porque ela tem vários e a M₃ trabalhava numa, agora não porque numa cadeira de rodas também não pode, mas trabalhava numa firma de, como é que se chama aquilo, de tecidos, de fazer aquele linho, trabalhava lá...

(E): Textil.

(EN): Sim, sim, sim, sim e a minha firma, a minha, eu digo sempre minha, queria vir montar a firma para o norte, que eu é que punha ela à frente e depois no lugar de estar a dar trabalho aos alemães, chegava cá, fazia a publicidade e eu é que metia os portugueses mas depois eu não quis. É uma responsabilidade muito grande.

(E): Não quis, mas eles vieram na mesma?

(EN): Não vieram não, então quem fazia o trabalho era eu, não vim e pronto. Porque eu é que estava à frente do serviço, trabalhava com aquilo, aquilo era () eu como não quis, já viu eu estar a vir, ele ficava na Alemanha, não digo que não viesse a Portugal também, e eu é que era a responsável dessa firma. Não era minha, mas era como se fosse minha, vá lá, eles queriam ali do lado do norte, agora veja, era como se fosse emigrar, na mesma, uma casa para mim , era a firma, tudo, mas eu é que tinha que por

Transcrição das Entrevistas

as pessoas, ver o trabalho, o que dava, o que não dava, já viu a responsabilidade? Eu não quis. Já viu como é que ele está? Está a ver, está deitado ainda é pior. Agora é aquela coisa, aquela aflição, agora dia vinte e dois vai fazer de novo o controle, vamos lá ver. Isto é complicado, mas pronto, já estou como o outro, já me habituei, que remédio, a gente tem que se habituar. Ainda ontem à conclusão de a gente estar a falar daquela altura, das vizinhanças não ligarem à gente. Ainda ontem aconteceu, apanhei um grande susto. À noite. Havia, pronto havia e há, davam-se muito bem, pronto, começaram-se a dar. Foi a primeira que começou a dar-se com a gente, tem quarenta e seis anos essa que eu disse e dava-se muito bem aquilo a gente sempre se deram bem, e no outro dia, quando tenho a dizer digo na cara de uma pessoa, é o meu feitio. Ela afastou-se um bocadinho por causa, à conta de uma pessoa que se dava com ela, pronto, conclusão, não sei o quê, eu sei o que se passou mas já tinha dito assim ao meu marido “Aquelas amizades” Porque eu vejo logo a pessoa “isto vai dar guerra e não demora muito tempo”, porque a outra já era senhora autora e senhora da casa da outra, por exemplo eu tenho aqui uma amiga, a gente pode ter mais de uma amiga e agora por exemplo é minha amiga e eu digo “vai lá ver quem é” e no lugar de dizer o nome “então mande entrar se faz favor” não é agora abrir a porta “o que é que quer, então o que é que foi?” não é, bem. Mas isso a casa não é minha, agora ontem eram onze e um quarto da noite a bater à porta tic tic, uma aflição tão grande digo “Ai senhores” estava o meu marido aqui em baixo “mas quem será?” E eu tenho medo de abrir a porta, mas era tic tic mas a baterem uma aflição “quem é?” porque eu não abro a porta assim “quem é?” Era aquela que eu estou a dizer assim a altos gritos a chorar. “Ai nossa senhora, mas o que é que aconteceu?” Como a filha tinha ido com o carro à cidade, o filho fora, o marido também que tem a escola de condução, é essa que tem a escola de condução. “Ai senhores” e ela vai de chorar, aos gritos a chorar e eu digo “Ai senhores, o que é que foi? Mas foi alguma coisa com os seus filhos ou com o marido?” “Ai não” “Ó mulher, mas que coisa, cale-se que você já me está a enervar” e depois apertei assim com ela “Ó mulher, diga o que tem o que é que se passa?” () Por causa da outra. E eu digo “já vale a pena, quer dizer, então se fosse uma coisa dos seus filhos, ou que o diabo seja santo então não vinha com esses gritos. Já vale a pena você vir neste estrafeço por causa de uma pessoa, uma pessoa assim, ah espere lá aí, então mas eu já sabia que isso ia acontecer” disse-lhe eu “Ó mulher, deixe isso” Vá de chorar, “não janto e agora vou para casa “ não pode beber porque ela está a tomar medicamentos, já foi operada às

Transcrição das Entrevistas

cordas vocais e aquilo não está bom. () “Vou para casa e vou por um copo com whiskey e vou beber” Disse “ M₄ isso não ajuda nada, se você está-me a pedir, se fosse numa altura de rir e brincar era capaz de beber um copinho, você e eu agora assim não lhe dou. Então você não almoçou, não jantou, você veio aqui há bocado à tardinha, estava a beber um Martini, que ele não pode, estava tanto calor, com gelinho, ofereci-lhe () Tenha mas é juízo, marimbe-se mas é na pessoa, deixe que ela ainda lhe vai lá bater à porta. Não seja parva” está a ver, são coisas que elas às vezes, eu quero chegar a este ponto porque as pessoas não ouvem as pessoas com a nossa idade, porque nós somos antigas, somos velhas, a gente já não sabe o que diz, a gente já não sabe o que diz. Elas não escutam porque elas é que sabem o que dizem e às vezes não aceitam um conselho e eu já lhe tinha dado este conselho “Olhe que você está-lhe a dar confiança, isso vai dar molho, você isto e aquilo, a confiança é muita, os moços entravam ali e abriam a gaveta () já não basta os seus dois filhos “ “Ó mulher deixe lá isso” Agora aí tem. Quando a confiança é demasiado, eu acho que é assim, eu por mim falo. Claro a gente ter amigas sim, porque é assim, eu tenho uma amiga, aquela amiga não vai tapar a outra amiga, aí isso não, se eu tiver alguma coisa para dizer eu digo “ Peço desculpa, não sei se estou a errar, mas não gosto disto e disto” mas peço desculpa, não sei se estou a errar, mas não vou deixar de ter amizade com uma pessoa por causa da outra. Isso não se faz, não se pode por a pessoa de parte, né? E é por isso, foi o que eu lhe disse ontem, estava a ver que ela desmaiava ali. “Olhe você veja por mim, eu quando vou um café, que venho lá da ginástica ou do cavaquinho, eu pareço olha, um rancho folclórico, vai tudo atrás de mim” porque eu dou-me bem com todas. Há umas que eu gosto mais que outras e sabe que é verdade. Há umas que a gente tem aqui e outras tem também mas não são tantas. Mas há pessoas que eu gosto mesmo, mas gosto mesmo por isso eu não vou por aquela que gosto mais e aquela que gosto também mas não tanto, pô-la de parte. Porque para mim são todas iguais. () A gente não tem culpa de aquilo entrar mais, é mesmo da pessoa, não é. Eu disse para ela não descer para o meu marido não ver aquele espetáculo. Ele já não anda bem disse “ó mulher, não vá lá para baixo que ao homem ainda lhe dá alguma coisa, deixe estar aí desabafe aqui” Não vê, são coisas que é assim e eu já tenho dito ao meu marido “ninguém é perfeito” Eu não sou, não tenho aquela cabeça de que sou perfeita mais que as outras mas eu vejo muitos erros, muitos erros, mas porque a gente não é por ser inteligente, é que a gente tem muitos anos de vida e a gente tem, eu, falo por mim principalmente falo por mim, fui emigrante durante vinte e

Transcrição das Entrevistas

tal anos, eu conheci muita gente. Alemães, portugueses, espanhóis, turcos, gregos, italianos e por aí a fora, do norte, no nosso país, do norte, do sul, de Lisboa, daqui e dali, e a gente vai conhecendo as pessoas pela maneira de viver, não é por eu estudar que vou tirar a /capacidade/ àquela pessoa. A própria vida nos ensina e é isso que nós, não é que sejamos mais inteligentes é tanta coisa que tem passado por mim e a gente somos obrigados às vezes a abrir os olhos e depois temos aquela pessoa que está a falar com a gente mas também sei quando ela está a meter, vá lá como amiga, mas também estou a ver, amiga sim mas não é aquela amiga, é para a gente se dar bem mas não é aquela amiga mesmo, vou lidar porque somos colegas de ginástica, somos isto, somos aquilo e olha, vamos falando assim e assado mas eu conheço-as, eu conheço-as todas, pela maneira que elas falam, eu vou captar as coisas.

(E): E os amigos são muito importantes para si?

(EN): Para mim são, desde a hora que sejam daqueles amigos que a gente considera como amigos e amigas, para mim tem, tem e há uma coisa que a gente também não pode, como é que eu hei de explicar, ser amigo, amiga, mas também não pode muito pô-la no coração porque se há uma falha da parte da outra, de mim se eu gosto daquela pessoa já não há mas pode haver da outra, não é? Então como é que eu fico? Então nessa altura temos que andar ali sempre com um pé no chão e outro no ar para que as coisas não aconteçam, dar-me bem, brincar, rir, só digo é parvidades. Olhe eu não vou buscar () estou a dizer desta por causa de eles não ligarem aqui à gente, mas eu não falo desta, não falo da outra, não falo de nada, é só brincar, depois vamos beber, depois a gente começa na brincadeira vem um senhor “ Olha lá aquele tão jeitoso” Coisas assim, a gente é que somos velhos, estas coisas para brincar porque se a gente tiver a maldade de o fazer não o diz às pessoas, isto é para a gente se divertir.

(E): E a EN acha que os seus amigos são muito importantes para si, no sentido que se não tivesse os amigos sentia-se mais sozinha...

(EN): Sentia...

(E): Ou acha que a também é muito importante a EN para eles?

(EN): Eu acho que sim porque eles não me largam. Eles não me largam. Eu vou a um lado e vai tudo atrás. Porque há pessoas que não gostam das outras, como eu lhe contei aquele caso daquele casal, está a perceber. Eu não vou dizer que vou gostar mais

Transcrição das Entrevistas

daquele casal que gosto da outra, não sei se está a perceber, mas para mim é importante não separar as pessoas. Quer dizer, não está certo, quer dizer, ela sempre me acompanhou até ali, ela mora para ali eu venho para aqui, é a única que vem até mais longe é esse casal, depois vai para a Mexilhoeira dá-me dois beijinhos, sempre a chorar, sempre, vai-me ver amanhã na caminhada agarra-se a mim a chorar. Agora eu vou... além de as outras terem outras conversas, porque as conversas, isto é assim, a conversa daquele casal é só tristezas, é só desgraças e há pessoas que não gostam de ouvir aquelas coisas porque é sempre a mesma coisa, não é? E não tenho dinheiro e os meus filhos isto e mais assado, aquelas conversas assim e se eu tivesse dinheiro eu punha os dentes, que eles não tem dentes, um e o outro, ele é muito surdo também, muito surdo, muito surdo, ela é mas ele é muito mais, fala ALTO e por aí fora mas o homem é surdo e oxalá que a gente não chegue a esses pontos, a gente só pode pedir a deus isso, mas a gente já se habituou aquele grito, as pessoas já sabem que ele é surdo () oh, é quando ele grita mais porque ele não se ouve a ele próprio, pronto, não vou deixar aquele casal por ela falar só, porque ela não tem outras conversas, é só da vida dela coitadita, da vida “e podíamos ter mais e porque assim e assado “ e a outra parte e a maioria, também algumas e a maioria tem dificuldades, não financeiras, claro, mas julgo que não é muito, um bocadinho mas não é muito, mas por outra parte, que eu sei, por conversas que a gente tem que eu apanho muitas coisas, não são felizes. Muitas não são felizes, parecem que são, mas não são porque a gente vê, não somos parvos. Há lá uns que andam ali no cavaquinho também, porque é que ela deixou de ir à ginástica? Ela é mais nova do que a gente, ele deve ter aí agora sessenta anos, sessenta ou sessenta e um, não tem mais, porquê? Ela diz que é por isto e por aquilo, okay, eu respeito, mas não é, para mim não é, eu não vou dizer isto a ela, claro que eu não vou, não tenho nada a ver com a vida do casal, deus me livre, nem me meto, mas pelas conversas, ele está no cavaquinho, eles implicam muito um com o outro lá, ora nós, se vimos um casal para ali e outro manda calar e outro olha para ti e olha o teu instrumento e titititi até que o professor um dia disse “bem, aqui vocês não podem ser casal, colegas” para que a coisa não corra mal ui, ela ia-se exaltando porquê, lá está, se elas fazem isto naquele local, não é, isto é uma pequenina coisa que a gente vai, por uma conversa a gente vai apanhando as outras e há mais que eu apanho-os pelas conversas eu claro, eu não sou, claro agora no momento... eu não fui feliz em pequena, isso já lhe contei mas pronto e no casamento também não fui muito feliz, mas pronto mas a coisa resolveu-se.

Transcrição das Entrevistas

(E): No casamento inicialmente não foi muito feliz.

(EN): Pois, pois, porque o meu marido tem um feitio e eu tenho outro, fazia por isso, mas ele quando me pediu em namoro viu como eu era, não é, e sabe a rapariga que tinha que eu comecei a namorar com ele com quinze anos, era uma gaiata. Que eu casei, quer dizer, juntei-me aos dezasseis por aquele problema que eu lhe contei e aos vinte e vinte e um casei porque a minha filha nasceu, disse-lhe já, porque o casamento foi arranjado e todos os casamentos arranjados nós não somos felizes.

(E): Arranjado por quem?

(EN): pela minha mãe, porque é assim, a minha mãe trabalhava na mesma firma e sempre gostou muito do meu marido, gostou isto é, por ser a pessoa que é, claro, não era por interesse da minha mãe, coitada () não ia agora com o meu marido, já não era a primeira, vá lá, mas não. E depois é assim (ham) talvez, quer dizer, eu sou aquela pessoa acabei de dizer, eu o que tenho a dizer digo na cara da pessoa, mas se eu também disser uma coisa que não devia ter dito eu digo assim “ai pá, não devia ter dito isto” mas se eu ver que de facto aquela palavra “ham foi assim” mas falar na mesma, sempre amigas, pronto, eu não gosto por trás, por isso a gente temos os feitios diferentes. Agora coitado agora já, deus me livre agora, então se eu tenho pena dos outros, deus me livre mas é assim () agora não está a ver mais divorciados do que casados? Onde é que está o amor? Não pode alguém falar nisso. Essa palavra já não existe em Portugal, em Portugal nem em país nenhum. Talvez simpatia pela pessoa, agora amor? Se houvesse amor as pessoas não se deixavam logo. Nós é que casamos assim, como estou a dizer, os anos já fiz quarenta e seis anos de casada no dia vinte e sete de junho, mas casada, com quarenta e seis com mais três, quarenta e nove, também é o meu marido, não há outro, pronto e nós somos, da minha época, não é, não vou dizer que são todas iguais, mas no geral nós temos muito respeito pela pessoa, a gente não era capaz, só olhar para os filhos, depois somos avós “ai os meus netos, agora ia fazer” deus me livre, nós levamos muito por respeito da família, hoje não, porque repare, não é por ter medo, medo eu sempre respondeu /consoante/ é aquele respeito que a pessoa tem, aquele respeito. O meu marido agora, agora tomara ele sopas e descanso, mas pronto mas dantes ele dizia assim e assado e eu ali calava-me.

(E): Veio para Portugal e tudo a EN não veio...

Transcrição das Entrevistas

(E): É por isso é que eu digo, nós, nós, na nossa idade, respeitamos muito o/o/, respeitar e e isto é, e pronto temos respeito pela família, não somos capaz, eu em geral, eu falo com pessoas das minha idades, na Alemanha, tivemos muito contacto, não era como aqui, aqui é tudo uma data de invejosos, a gente fazia festas na casa dum, é uma até às tantas e levávamos comer e uma levava isto, levava aquilo, uma amizade fantástica, essas pessoas já têm a minha idade, tá a perceber, do marido? É aquele respeito, hoje não há, não há, vê-se na televisão o que é, por isso é que eu digo, eu, eu, não devia de ser assim, a gente, eu também acho que a gente, antigamente levavam porrada e tudo e fechavam-se e não diziam nada, eh, não são capaz de dizer, desculpavam-se ou batiam com a cabeça em qualquer lado ou, para defender o marido. Mas era assim que a pessoa vivia, não era? Com esse respeito e por isso eu digo, eu digo-lhe uma coisa, eu, o maior desgosto que eu tenho é de, de estar aqui no Algarve, ter a casa como tenho, mas agora também estar longe da minha família, a minha família, os meus filhos, o meu genro, e os meus netos é tudo!

(EN): Mas fazia diferente? Se tivesse oportunidade voltava...

(E): Não, quer dizer, eu se pudesse voltar atrás ia-me embora, ah isso ía

(EN): Mas não, não tinha vindo para Portugal? Mesmo com o marido a vir para cá tinha ficado na Alemanha?

(E): Hummmm, não, porque era para eu vir com ele, mas se fosse uma coisa que ele não quisesse, aaah, foi depois que eu gostei bastante eeee, se fosse uma coisa “diabo seja surdo e mudo” que eu não fiz nada, mas se alguma coisa acontecesse e não tivesse possibilidades ou não sei a minha vida também, aaahh, talvez fosse um passo que eu vá dar ainda, mas não viver com as minhas filhas, estar com a reforma e aquela coisa, mas juntava e um quartinho, e as minhas filhas que me ajudavam e isso e /tenha carro ainda/, os meus netos têm carro, elas têm carro, se fosse preciso elas íam comigo, pronto, mas não digo a vida como faço aqui, porque talvez não sei onde hei de tocar né, mas lá as alemãs são muito amigas, a gente vai comer fora tá, uma três vezes por semana, cada um paga a sua refeição e ali arranja-se, também se ajeita... eu também sei falar alemão, pois aí pronto, estava como eu queria, por isso já de si amizades quando a pessoa tem esse feitio apanha em qualquer lado...

Transcrição das Entrevistas

(EN): E como é que a EN fez quando, quando deixou de trabalhar, disse que gostava muito do seu emprego?

(E): Oh, eu gostava!

(EN): Ficou triste quando deixou?

(E): Triste!Triste!

(EN): E como é que fez, o que é que fez, para ultrapassar...

(E): Eu ultrapassei porque, porque depois fiz aquela obra no quintal, aquela coisa que andei aí um mês e tal porque eu ainda ía a Alemanha, o meu marido é que não ía, ainda foi uma vez ainda, para trás e para a frente nessa altura, nessa altura via os meus netos e pronto, depois ultrapassei porque fui eu mesma que me curei a mim própria, não tive ajuda de ninguém, fui eu mesma, não tinha ninguém, não conhecia aqui ninguém, fui eu que me pus outra vez e disse, não, não, tu não és assim, e não podes ser assim, tu tens de continuar a tua vida, porque eu sou, sou uma pessoa sempre sorrindo, com um sorriso na cara, e já tava a sentir não era eu, chorava por tudo e por nada, sentava e vá de chorar, pois uma coisa, limpava a casa já estava a acabar de chorar e mais então aonde é que estou e foi assim, não, não vou e depois comecei então ir a pé ao Parchal e ir daqui sozinha, sozinha, não tinha amigos, só tava eu nessa altura, não tinha aqui alguém, as vezes a minha vizinha é que me convidava às vezes ao fim-de-semana para irmos ao jardim porque os filhos lá íam comer um geladinho, que ela trabalha né, e pronto e depois tinha aquela coisa, e ela então quando tinha ali pessoas amigas, vinham me convidar de propósito para elas se fartarem de rir, sabe /temos é que convidar/ a minha vizinha do lado, a gente tem que a chamar, mas né que era uma barracada de rir que a gente apanha, chegarem às Fontes, pessoas amigas dela de Monchique e eu ía com ela, nessa altura o meu marido também ía, ele tava mais ou menos não é, oh, eu cantava, eu cantava ó passarinho, eu cantava fados, eu sei lá o quê que eu fazia, fazia a festa sozinha, porque eu sou mesmo assim

(EN): Tem a ver com a sua personalidade?

(E): Ééé Eu sou mesmo assim e tal, tanto que a M₄ tem dito, como é que... ela também tem uma depressão, também... mas como é que tu, mas então - teve que ela conheceu - mas então, quando eu vim pra cá, tive de travar eu não podia, daqui mais o meu marido, em dois mil e quatro teve um AVC, um enfarte, teve ainda duas semanas internado,

Transcrição das Entrevistas

veio, passado, ora, foi em, passado cinco anos, foi em dois mil e nove, pois foi descoberto aquilo, tamos em dois mil e treze e sempre o a acompanhar, sempre, quando ele, e eu também fui operada, faz agora um ano dia dois de agosto que eu fui operada, imagine um penso nessas coisas, só deus é que há de saber se eu não, e eu tou aqui, seja o que deus quiser, mas eu em mim penso pouco, eee eu levo a vida assim, eu, um dia de cada vez já está, não vale a pena, pensar o quê, enquanto eu puder neste mundo comer e beber e divertir-me é o melhor que a gente leva, não leva mais nada neste mundo, não levo as coisas que tenho, não levo nada! As minhas filhas dizem para mim “mãe tu és a mais esperta que a gente acredita eu sei /diverte-te não faças caso/ do que as pessoas dizem, enquanto puderes comer e beber come, não deixes nada para a gente que a gente não precisa nada de ti, come e bebe, se deixares, deixas para os teus herdeiros, mas não deixes de fazer a tua vida por causa da gente”, elas são os conselhos que me dão, as minhas filhas nunca se meteram na minha vida, que eu também não dou oportunidades para isso, que remédio têm elas, oh, quando eu fui operada, eu vou-lhe contar esta, faz agora um ano dia dois de agosto que eu fui operada, mas fui internada no dia um, que eu fui operada dia dois, ah, pronte tava já eu lá, outras já tinham sido operadas, eram duas, três camas, e era daí eu ainda não tinha sido operada, entrei lá, coitadas não havia... elas tavam todas cozidas, todas encolhidas, eu penso, tava cá com medo e disse cá pra mim “oh será que eu vou ficar...” eu cá com para os meus botões, eu não ia ficar, olho para elas, pronte e não podiam rir e as pessoas não podiam rir e ... à tarde vieram tratar de mim as enfermeiras, até elas se fartaram de rir, ora tratar da gente, rapar e eu disse “oh bem fiz eu, há quem vá às cabeleireiras para se rapar e eu tive gratuito” e olha eu dizendo estas baboseiras, vá dali. Mas elas esqueceram-se de travar a cama, a cama onde eu tava lá e depois tem a televisão à frente, e era a do meio, eh, quando eu fui dar por ela, a cama a andar e já tava ao pé da televisão, digo eu assim para elas, elas não se podiam rir, e elas disseram “então é de Monchique ou tá aqui de Portimão?”, digo eu assim “então é já devo é de tar é parva com”, eu já estava a pensar, pensar, “mas eu tou a ver a cama a chegar à televisão” e disse “ah” e digo eu assim “a () está torta”, mas elas não se podiam rir, tocaram para as enfermeiras virem, não, ainda fui eu lá, eu ainda não tinha sido operada, ainda podia, então eu fui lá, vesti uma batinha e então elas, “Então EN o que é que se passa? “; “então mas a cama está a chegar à televisão, então mas deve estar é com pressa, mas eu não mexi na cama”, olha, lá chamaram duas auxiliares e eu sentada, pensa que eu era capaz de por a cama no lugar, só de rir, rir de

Transcrição das Entrevistas

rir, vá de rir, e “mas não foi, mas então eu é que ía mexer na cama, eu é que ía andar com a cama, mas vá lá que vocês não queiram admitir que fazem erros, mas eu não mexi na cama”, mas pá, tudo na rizada, bem, no outro dia de manhã, à noite vieram me dar um comprimido, mas no outro dia de manhã, vieram logo, vestiram-me, foram dar duche e cafezinho () aqueles operadores e doutores e tudo, uma bata, toda e depois ligada e ali lá vai ela, deram, mas não foi para a anestesia e vai ela por aí fora, sempre com um sorriso na cara, chego lá, parece os porcos, mal comparado seja, isto é a bancada, a gente tá neste lado, passam o corpo e todos por aí preparados para receber nesse lado, já tão lá à volta para a gente ser operados, diz eles, elas, os outros de lá, ah, “então EN como é que vem?” E eu “então eu até tou feliz, eu nunca vesti uma roupa igual a vocês todos os médicos, olha parece que eu sou médica com vocês, isto é um espetáculo”, olha mas é assim que eu vou, mas sempre, sempre a rir, entrei lá tava (), o médico “bom dia”, que eu fui logo às oito e meia que eu fui a primeira “Bom dia EN”, “Bom dia”, só disse esta palavra e depois

(EN): E depois adormeceu

(E): Pois e depois acordei, mas elas disseram logo, que eu que acordei logo, se o que puseram, elas dizem que eu estava com os olhos fechados, sei lá o que elas me puseram, puseram devagarinho quando me foram levar para o quarto e tudo, quando entrei no quarto ouvi elas a dizer assim “ai a minha querida já chegou, ai a minha queridinha, a minha fofinha já chegou”, olhei para elas com uma sorriso e fechei os olhos e dormi, olha o meu marido foi-me lá ver até aí umas três horas, eu o vi aos pés e disse-lhe “M₅ vai para casa, não vale a pena tares aqui, eu não tenho força para falar contigo, mais vale, mas estou bem, vai-te embora que está tudo bem” e ele veio embora, então o homem eu fechava os olhos e pronto, acordei então eram oito horas, acordei, acordei, comecei a falar muito... elas vieram pra mim e disseram-me assim “ah até que enfim, ai parece ainda bem que abriu os olhos que a gente achou-lhe tanto a sua falta” pronte, olhe foi uma desgraça, eu não podia rir as duas também não podiam já tinham sido operadas, eu fui a última. mas elas já tinham sido operadas há dois ou três dias, então eu pensei que elas não íam lá ralar com a gente todas e pensa que eu, e então depois iam dar um, uma vez íam dar um comer eu sei cá como, e eu disse “pera lá aí, desculpe lá, então, aqui as minhas camaradas dos quartos comem ali com o grafo e eu passada então, mas eu não tenho mal aqui, o meu mal é aqui e aqui, então eu não quero isso passado

Transcrição das Entrevistas

que nem um bebé então, eu não tenho nada no estômago, é aqui, olhe”, mas enganaram-se e era para outra pessoa, ai eu não quero isso “ai desculpem lá, eu antes quero umas sandes” vai a rapariga, ela nunca mais se esqueceu, que o meu marido teve internado em novembro e ela conheceu-me, passaram-na para outro piso, e ela disse-me, olhou assim para mim e “parece que eu a conheço”, digo eu assim, “ah, então, tá boa, não me diga que é a pessoa que eu tou a pensar”, “não sei”, “é aquela que tava no psio dois que aquilo era só rir”, “então fui eu mesma”, “foi a senhora que meu o comer todo passado”, pronto, quer dizer, são coisas, ninguém esmoreceu, eu não desmoreci, entreguei-me a deus, eu vi tudo, eu vi tudo, vi os médicos, vi elas ali todas, tudo, eu não, não, porque é que a gente vai nervosas, se a gente tiver de morrer, morre, não há ninguém que nos salve, se a gente tiver o destino marcado, tá marcado é igual, por isso, pus tudo nas mãos de deus, a minha filha nesse dia, porque eu fui operada a partir da Alemanha porque já tinha passado férias, não sabia, no fim veio na mesma, a mais nova, tive aqui a casa com sete pessoas eu sem mexer uma palha, eu não podia, veja como é que eu tava, eu a querer mexer em tudo, sabe como é que é uma dona..., nada, zero, té que depois, porque eu não chorei de, de , tar cá os meus netos que é uma alegria minha, eu chorei, por quere fazer ... para o quarto, eles dormiam lá em cima e eu fui prali, estiquei-me pus as mãos assim, eu não podia fazer força e a minha filha achou-me falta e veio espreitar “então mãe, oh mão, mas então a mãe não é assim”, “oh filha, eu tou triste , eu tou triste porque vejo o menino tão pequenino e não o posso agarrar, já o tinha visto, era bebezinho né, o menino até vê-se que ele se quer encostar, mas eu não posso, né, ah, tu não sabes os perceitos da casa, os moços não querem fazer, mandam os moços né, porque querem passar férias, já sabe como é que é, tu não sabes como é que me está a custar, eu não é de ser operada, nada disso, é querer fazer e não puder e tu vieste, já sabias que eu era operada porque eu avisei-a, mas pronte foi, as duas vezes que eu chorei, foi na altura que a minha filha teve aqui, não foi por eles estarem aqui, tanto que eu já lhe disse ao telefone, ela sabe que não foi, eu queria fazer... porque a minha maior alegria é de fazer com eles aqui, né, e nunca, nunca, não puder e depois, o meu marido queria me levar ali ao Centro de Saúde, mas o médico disse para eu andar devagarinho, () devagarinho, eu parava punha a mão na barriga, parava até ao Parchal, depois apar eu tirar os pontos, mas só me tiraram metade, porque a parte de baixo não estava bem seca, então puseram-me o penso até aqui, uma parte, e depois passado oito dias fui lá outra vez, três, três, quatro dias, fui lá outra vez, a pé, quis ir a pé, devagarinho, tava aí a

Transcrição das Entrevistas

minha filha podia ir, mas eu não queria, queria ir devagarinho, devagarinho, de vez em quando parava, tirou-me então o resto do, do coiso, pôs-me então o coiso, para eu puder tomar duche, assim de água a correr, pronto, mas não podia fazer nada e num mês passei as roupas que elas deixara aí, o meu marido punha na máquina, eu tirava, dobrava, punha aí debaixo, a que está aí debaixo, sem ser passada a ferro, quando eu comecei a passar a ferro era um lençol ou dois de cada vez, pus uma almofada, ninguém mandou eu é que, pus uma almofada aqui para o vapor não ir para a barriga, foi uma coisa que ele disse logo que fazia muito mal e passou, passou, sei lá, já fui à consulta em outubro, fui operada em agosto, fui em outubro à primeira consulta, fui em março, agora este ano e agora tenho outra para outubro, como vê vamos andando

(E): Pois, e como é que acha a EN que seria a sua vida se não tivesse trabalhado na Alemanha e se não tivesse a reforma da Alemanha?

(EN): Morria de fome! Para o que eu tou a ver por aí, olhe, ainda bem que falou nisso, porque eu não gosto assim muito de falar em política mas eu estou muito revoltada, estou, eu depois votar já não voto, ninguém me pode obrigar, nem o... o meu marido já não ía se calhar, mas eu não voto, não ía, se calhar levo-o no carro, mas não, nem eu, nem ele vamos votar, porque é assim, eu tive trinta e tal anos, não fiz despesa aqui ao Estado, nem o meu marido, eu vou fazer doze anos agora em outubro que vim para Portugal, né? Quando a gente tem que dar, dizer o que recebe, sabem muito bem que é assim, senão pagamos nas finanças, né, pronto, correto, pois nunca me tinham tirado nada, agora foi o primeiro ano, o dinheiro, na Alemanha não me dão, é sempre quele dinheiro, não me dão subsídio férias, nem nada disso, agora vão dizer que quem ganhar mais que seiscentos euros que davam o subsídio de férias, pra quê? Por que é que me vão dar isso a ele e pra mim? Vão-mo tirar! Acha, quer dizer, eu, eles não tinham, não tinham... e tão aí muitos emigrantes, eles não têm que mexer, nada, de tirarem, nem de fazer conta com o dinheiro que a gente tá ganhando de lá, porque já tiraram, porque eu era para ganhar um dinheiro que ganho do meu marido, ao meu marido tiraram uma média aí de oitenta euros e a mim tiraram cem euros, cem euros é muito dinheiro, dos dois, POR MÊS, cento e oitenta euros por mês, não chega? Não reclamamos, pois é assim, é assim, agora no fim de doze anos de estar em Portugal a gente somos obrigados a fazer () não é verdade? Como sempre fizemos, agora vão, vão, quer dizer, o dinheiro que dão de subsidio de férias dos dois vão tirá-lo, então não deem, fiquem com ele,

Transcrição das Entrevistas

escusavam de de o dar, eu não vou votar mais, claro que a gente não pode dizer que não, que é para as finança não se porem cá, temos que ir mesmo, tenhamos dinheiro que não tenhamos, temos que ir, nem que a gente o vá roubar, mas para eles a gente tem que ter, e votar a EN já não vota mais, nem que seja um do PS ou dos Partidos da onda, olha, trabalhem, lutem, façam o que quiserem, eu também já tenho esta idade, não sei os anos que vivo, mas isto é mal para os mais pequenos, isto vai estar mal, cada vez está pior, então onde é que se admite uma coisa destas que eles estão a fazer, e para vocês ainda pior, então, eu, eu acho que, eu digo, não, não é justo, quer dizer, tou a falar daqui também, porque também me tiraram aqui, mas pronto, olha são leis, agora é uma pessoa ser emigrante fora do nosso país, deixar família, deixar o país, luta pela vida fora do país, tem a reforma, a mando de lá, já me tiraram a mim e ao meu marido e agora fazem de conta que me podem roubar, não eu disse à vizinha ontem, eu, acabou

(E): Mas, a senhora não percebi, eles tiraram-lhe o subsidio, foi?

(EN): Não, então, a gente tem que ter o IRS e depois não atinge, então você sabe, mas a gente tem aquele dinheiro, sempre pusemos, somos obrigados a por

(E): Então têm que tirar é que tiram...

(EN): Tiram, tiram... esse foi quando a gente começou a usar o contribuinte, começa a não usar o numero de contribuinte e acabou

(E): Mas sempre fizeram IRS?

(EN): Sempre!

(E): Nunca aconteceu

(EN): Nada... foi o primeiro ano.

(E): Então e... sente isso também da parte dos seus amigos, também estão revoltados, também...

(EN): Todos, todos, até que este casal coitado, também falo dos emigrantes, porque não tivemos cá, agora imagine esse senhor que eu tou sempre a dizer, que é este aqui de S. Pedro, vai ser, porque olhe, eu sei que os ordenados deles, eles coitados contam-me, ele trabalhava por conta do Estado, ele é a partir de oitocentos euros, pronto, () e ela é aí trezentos e sessenta aí uma coisa assim, faça as contas, ela também tem de ter, o que é

Transcrição das Entrevistas

que vão tirar mais à desgraçada, estão sempre com a miséria que não têm dinheiro porque têm de ajudar os netos, os netos, aquilo é uma desgraça...

(E): Têm que ajudar os filhos e os netos?

(EN): Os netos, os netos, o filho não, um filho acho que, não, acho que esse filho tá em casa, e a outra matou-se com a droga, é essa filha que tem quatro filhos, deixou quatro filhos, e esses filhos já têm filhos, e () é isso

(E) : E a D. Dilar paga consultas no médico, paga

(EN) Tuuudo. Tuudo!

(E): Então e se não tivesse...

(EN) O que o meu marido não paga é o IPO porque é crónico

(E) Porque é crónico

(EN) Exatamente

(E) Mas e se não tivesse, como é que acha que seria a nível de saúde, se não tivesse essa reforma da Alemanha, conseguia

(EN) Não, não, não conseguia, não, não conseguia, nem eu

(E) E acha que se tivesse trabalhado em Portugal, no mesmo posto de trabalho que na Alemanha, acha que a sua vida seria diferente? Teria uma reforma tão alta?

(EN) Para já se eu tivesse a viver em Portugal eu não tinha comprado uma casa e pagá-la logo, essa é a numero um, porque o que tá aqui é meu, não devo nada e depois vão aumentando o juro, vocês que estão cá, sabem melhor que eu, não é? Pronto aí, era a primeira, com água e luz e por aí a fora, mesmo que eu ficasse a ganhar o que eu, nunca ganharia porque a minha irmã não ganha, eu tenho uma irmã que também trabalhou trinta e tal anos e está a ganhar trezentos e noventa euros, por isso, tá a ver, se eu, eu comprei a casa, porque, tá a ver, fui para lá, juntei um dinheirinho e depois os casamentos das minhas filhas foram lá, pronto fizemos outras despesas, e pronto, e a gente andou assim, agora se fosse cá não conseguia, de maneira nenhuma não vê como elas tão aqui a, não vou mais longe, a minha vizinha, tem a escola de condução, ainda tá a pagar a casa, porque a casa já está mais que paga, o quê que o juro aumenta, em lugar de levarem nove, levam uns vinte, e as pessoas não podem, eu não sei, há pessoas que

Transcrição das Entrevistas

eu não sei como é que fazem, compram coisas a prestações e às vezes compram mais que aquilo que não deviam não é e depois não têm dinheiro nem para a primeira, nem para a segunda, e é isso que eu nunca fiz, mesmo agora não faço, quer dizer, eu posso comprar porque às vezes por exemplo ali no Pão de Açúcar dão-me um, como é que se chama aquilo, põem ...

(E) Um cartão?

(EN) Não põem aquele dinheiro para a gente se quiser comprar a prestações seiscentos e até dois mil euros, porque a gente apresentou a reforma não é, e dá um x não é, por exemplo a gente pode pagar cinco meses ou seis sem, sem juro, pronto, eu já tenho comprado lá coisas, esta televisão foi comprada lá, pronto, paguei, mas não compro logo duas ou três coisas a prestações, pagando uma, se eu vejo que preciso de alguma coisa, para não tar a pagar nada com o dinheiro na mão faço assim, por causa de ter direito aquilo que já mandaram agora, se eu quiser colchões e nhan, nhan, nhan, para ter aquele, que agora não, pronto, o meu computador foi assim e aqui a minha máquina de lavar que avariou fui lá também, mas é uma de cada vez, não é agora cá pessoas, depois é uma mobília, depois é no carro e depois é assim, é assado, quando chega não têm, começam à porta “olhe, às vezes mandam os filhos”, e eu digo que não estou cá...

(E): E a EN as suas filhas estão bem na Alemanha? Não precisam da sua ajuda

(EN): Ah, tão, tão, não, não, e de médicos melhor que nós, lá não tem nada a ver, estão todos bem, o meu neto também está muito bem empregado, já tem trinta anos, a minha, bem, a minha futura, também está muito bem empregada, uma neta que é da mais velha, também está a tirar um curso, um mestrado , mas depois já começou a trabalhar, como se chama lá na profissão dela, e estes meus netos mais novos também estão a estudar e esse o meu genro que é o da mais nova, ele é o de engenharia de um stand de carros, então cada vez que ele vem aqui trás um carro, é obrigado a trazer carros, depois o de seis meses põe à venda e depois trás um novo, não paga.

(E): E eles não pensam voltar para Portugal?

(EN): Ai eu não acho, acho que não, o que é que eles vêm para cá fazer? Para quê, não têm futuro, não têm nada, nem para os filhos nem para eles, então, elas cada uma tem a sua vivenda lá, então elas tão lá a viver muito bem, nem precisam de mim, só o que precisam é posi se eu lá estivesse, claro, dar carinhos ou fazer qualquer coisa a elas, se

Transcrição das Entrevistas

eu pudesse, agora de resto, de resto, elas estão melhor que nós, eu graças a deus, que isto aqui é uma miséria o que me dão aqui, mas pronto a miséria que me dão, tou como o outro, pago o telefone, tv cabo, luz e água, né, já é dinheiro que não via, né, mas agora pronto, imagine, se fosse para comer e para tudo, como a vida está, onde é que dava, como muitos, eu sei de pessoas coitados, isto não dá, isto eles deviam dar, como é que é, a reforma claro, consoante as familiares também têm as despesas, porque eles só contam para eles, têm que levar x, mas então as pessoas não comem, não bebem, não pagam isto, não pagam aquilo, para eles por exemplo, televisão já é luxo, têm porque querem, telefone é luxo, têm porque querem, computador é luxo, só se tá a considerar, mas mesmo assim não metem no IRS, é luz e água, porque toda a pessoa precisa de luz e água e gás, e gás, quem tem que cozinhar a gás, por isso eu digo eles só vêm as despesas que têm que entrar, mas não vêm as despesas que as pessoas também têm, têm que viver, é isso, isso tá muito mal aqui em Portugal, e cada vez vai ser pior, olhe, eu já não gramava o Padre M₅, nunca gostei dele, tá-se a ver, o M₆, aquilo foi chantagem, foi chantagem, saía, nham, nham, ele não sai, tá bem é lá no governo, vai sair para aonde, isto não vai ficar por aqui, porque isto ainda vai dar uma reviravolta, as pessoas não aguentam, as pessoas não aguentam, é o gasóleo, é portagens, é tudo, é tudo, então como é que a pessoa aguenta, a pessoa que trabalha, eu, pronto tamos mais em casa e mesmo que a gente vá a Lisboa, que é raro agora, mas é diferente, nós é raro, agora a pessoa que conduz todos os dias precisa de combustível todos os dias e têm filhos em casa, diga, como é que a pessoa vive, tenha um ordenadinho pequenino como é que, e a gente não estraga nada dessas coisas, eu tou tão habituada a viver rica, não diga rica, claro que não, mas eu habituei-me a viver de uma maneira a viver lá, que eu quando cá cheguei quando comecei a fornecer a casa, que eu tenho sempre coisas duplicadas, por exemplo acaba o pó, eu já sei que tá acabar, vou já comprar outro para a máquina, é assim sempre, porque foi aquilo que eu vivi na Alemanha aqueles anos todos, tinha possibilidades, e nunca se me acabaram, é verdade, só o esquecimento, quando acabasse um, tinha outro, e aqui tenho o mesmo hábito, porquê, porque eu quando cá cheguei, eu tive primeiro de encher o armazém, comprar a duplicado sempre, pronto, quando eu vi que depois estava tudo, só que foi lentamente, mas apanhei esse hábito, que eu quando vejo que, pronto, eu ponho-me a pensar sozinha “oh meu deus, estás a ver”, eu pra mim “ tens o coiso, tens aquilo, quantos é que não vão a correr, têm roupas para lavar e não têm dinheiro para comprar o pó, quem diz o pó diz outras coisas mais.

Transcrição das Entrevistas

(E): Isso acha que há muito?

(EN): Há, há, há, e mesmo as pessoas que ganham bem, há, há, disso há.

(E): E com os reformados, acha que o Estado apoia

(EN) Não apoia, não apoiam, não, não, o Estado não apoia

(E): O que é que acha que podia ser feito?

(EN): Eu acho que o Estado, o que eu tava a dizer, o Estado havia de ver primeiro se aquele ordenado dava para aquelas pessoas viverem, não digo, vá lá, comprar isto e aquilo exagerado, mas ao menos para viver, como é que é possível vir ali alguém á televisão como eu às vezes oiço, um reformado ou uma reformada, ganhar duzentos e tal, comprar medicamentos, ficam a dever às farmácias, às vezes já não têm dinheiro para pagar às farmácias e não têm dinheiro para comerem, então o Estado não vê que aquela família, então mas eles não sabem aquilo, quer dizer que há muitas, muitas, olhe aquilo é, aquilo é, é triste, então estamos no nosso país não vêm as desgraças que mostram, eles às vezes mostram parte do estrangeiro, mas não mostram a parte deles, porque eu sei, porque olhe na Alemanha também vi, também não digo que não haverá na parte de Berlim daquela zona ali que não teja também alguns, que isto agora tá mal por todo o lado, não, eu não vou dizer isso, mas não vi nas barracas, eu estou a falar da Alemanha, porque é a Alemanha que eu vivi, ninguém vive em barracas, ninguém vive em camionetas, ninguém vive isto, tudo tem as suas casinhas, e quando a pessoa não pode, que vê que não há rendimentos, o Estado ajuda um x para a casa, para a luz, para isto, e se vê que não há ordenado, há um x para a alimentação, um cheque para ir comprar comida e é isso que o nosso Estado não faz, é.

(E): E acha que as pessoas mais velhas, a EN não sei se sente isso, se calhar não sente, o facto d enão terem dinheiro e não conseguirem comprar os medicamentos e ir ao médico e vão ao médico tantas vezes, acha que eles podem ficar doentes mais

(EN): Ficam, ficam, e as pessoas estão a apanhar depressões, muita, muita gente, muita gente, tão a apanhar muito depressão por causa da falta do dinheiro, tem sim senhora, as pessoas não podem viver assim é impossível, então a pessoa a quer comprar um medicamento... eu, eu falo por tudo, vá lá, mas uma pessoa que tem de tomar aquilo todos os meses, como o meu marido toma, não é, têm que tomar, não pode falhar, como

Transcrição das Entrevistas

é que aquelas pessoas com cento e tal, duzentos euros e alguns até filhos têm, como eu cá há umas famílias empregadas que é uma vergonha, como é que aquelas pessoas, que alguns matam-se, a maioria tem-se matado, porquê? Porque então não têm nada, só têm dívidas, as pessoas não têm dinheiro, então olha pronto, agora quem quiser que pague, é assim é, isto está, eu acho que o nosso Estado só pensa neles, na mesinha redonda, garrafinhas de água e depois vão para a Madeira vão para aqui, vão para ali, para os Açores e não sei para onde, para fazerem vendas e compras lá para, pronto, para fazer porcaria, mas não se lembram, o dinheiro que eles lá andam a passear né, andam aí para... juntavam e davam aos pobres, porque repare quanto é que eles ganham e agora acho que eles já cortaram um bocadinho mais esses que tão na reforma do Estado, já cortaram um bocadinho, por isso tá a ver, eles tão no poleiro, eles ganham bem, mas vá se lá agora, lembram-se lá dos desgraçados que ganham... é como aqui estas... estas aí tou para aqui a ... estas, estas apresentadoras, ganham bem, quanto é que ganha por exemplo a M₇ ou a M₈, quanto é que ganha a M₉ e essas... /que deve ser uns quarenta mil por mês/ com certeza que o Estado deve saber que elas ganham e então como, elas não falam muito, porque elas têm um à vontade e aqueles desgraçadinhos, eu acho que é muito triste a gente querer para comer e não ter, eu já não vou à carne, eu vou nem que seja um bocadinho de pão com manteiga, é muito triste a gente abrir uma fruteira e não ter uma peça de fruta, por isso, eu antes de ir para a Alemanha aconteceu-me isso, por isso é que eu sei dar o valor, sei dar o valor que se não fosse o padeiro me destapar a mão e ver que não tinha pão e punha-me um e eu pagava quando eu pudesse, já tu a dizer tudo, por isso eu sei dar o valor, eu lá por ir de burro para cavalo como se diz, não é?

(E): Sim

(EN): Porque eu fui de burro para cavalo, lembro-me daqueles coitados que andam aí, eu lembro-me muito deles, tanto é que eu não, claro eu é assim, uma pessoa não pode, tou reformada, o meu marido igual, eu também gasto, eu também não vou aí pegar numa pessoa que tá reformada, tá bem e pegar no meu dinheiro e toma lá dez, toma lá vinte, que eu depois também não tenho dinheiro para mim, né? Mas se eu ver que uma pessoa tem fome, e dizer-me “eu ainda hoje não comi nada eu quero cinco euros, dez euros para comer” eu agarro neles e dou-lhes, podem me tar a mentir, mas eu dou do coração quero lá saber, olhe se mentiu, para a outra vez não apanha nada.

Transcrição das Entrevistas

(E): E a EN quando se reformou, preparou isso, muito rápido, preparou a reforma ou não, ou foi muito rápido? Quando deixou de trabalhar, pensou nisso ou foi tudo muito rápido...e nem teve tempo para se preparar e

(EN): A minha? Aqui? Aqui foi aos sessenta e cinco. Não, o meu marido já estava reformado e ele sempre disse, quando tivesse reforma que ele vinha para o país dele, isso já eu contava sempre que ele queria vir, agora eu que gostava, eu gostar, gostar, não gostava, mas eu gostava de vir era com a idade da reforma,

(E): Mas não conseguiu?

(EN)Não, mas ele andava para frente e para trás, gastava o dinheiro todo no avião, quer dizer, a gente, andava cansada, deixava aqui homem, aqui sozinho, tinha que andar lá no fundo de desemprego, como é que se diz aqui, e depois inscrever, e isto para aqui e para ali, o melhor foi pedir a reforma antecipada e vir-me embora, pronto, foi o que eu fiz, e estas coisas é assim, acontece porque pronto, e a minha firma também depois fechou, pois porque aquilo

(E): Mas a EN saiu da sua firma porque se queria reformar? Não é?

(EN): Não, não.

(E): Não é? Eu pensei que tinha sido para vir com ele...

(EN): Não, a minha firma, fez o acordo, mas foi porque ele me despediu para eu ganhar logo no fundo de desemprego

(E): Mas porque é que não continuou a trabalhar? Eles queriam reduzir pessoal?

(EN): Não, não, depois eu vim-me embora, eu tive de pedir a conta, para me vir embora.

(E): Ah, então quando saiu da firma, foi já a pensar vir-se embora? Não pensou é que se ia reformar logo, pensou que ainda

(EN): Reformar isto é, eu reformei-me aos sessenta e um porque quis, porque eu também podia andar para trás para a frente, mas isso é cansativo, cansativo e gastasse dinheiro.

(E): Ah, já percebi... e dispendioso

(EN): E deixava aqui o meu marido sozinho também, muitas vezes, duas, três semanas, né, foi por isso.

Transcrição das Entrevistas

(E): Ou seja quando deixou de trabalhar, não pensou logo que se ia reformar, depois é que viu que era melhor reformar-se?

(EN): Pois era, eu tinha ideia se conseguisse aguentar para tar lá mais para frente aos sessenta e cinco, era a reforma que eu queria.

(E): Hum, nunca pensou trabalhar aqui em Portugal?

(EN): Não!

(E): Não? Hum, hum

(EN) Isso foi uma coisa que eu fiz, não só se, eu disse sempre só se tiver a minha vida muito má, muito má, eu não, mesmo que queira um bocadinho de pão e não ter.

(E): E porquê?

(EN) Não quis, foi uma coisa que eu fiz, saí do meu país e não queria regressar e começar a trabalhar cá, foi uma coisa, isto é, foi... mas eu também disse, se ...

(E): Se não...

(EN): Exatamente, se eu precisasse, uma aflição, isso, isso eu trabalhava, agora eu ir dizer vou fazer umas horitas para ter mais dinheiro, eh, eu morrendo fica cá tudo, em dando para eu comer e viver com o meu marido isso é que interessa, a casa é minha, não me podem por na rua, pronto.

(E): E voluntariado, nunca pensou EN?

(EN): Isso foi já uma coisa que foi desde que eu fui operada, pediram-me lá no hospital

(E): Então?

(EN): Mas o problema do meu marido é que eu

(E): Não se consegue comprometer

(EN): Ah, não, porque eu tenho medo depois falhar, mas pediram-me, pediram-me para eu andar nos quartos só para fazer rir (risos), pediram-me mesmo lá no hospital do Barlavento, disseram-me elas “porque é que a senhora não vem, nem que seja uma vez por semana”, não / ó miga, eu tar/, “mas é só para ir, por exemplo aquelas pessoas idosas, ou pessoas que são operadas e não conseguem comer e beber, né, e eu aqui ía dar de comer, porque só de ver a cara da senhora começam logo a rir”, porque eu

Transcrição das Entrevistas

começo logo a rir, eu não sou capaz de entrar assim ao pé de uma pessoa e eu tenho que me concentrar, que as pessoas pensam que eu tou a gozar, mas não tou, tanto que quando eu vou ver uma pessoa ao hospital, que eu veja, oiço dizer que está mal, tenho que me concentrar, “espera aí tu vais ver uma pessoa agora, tem cuidado”, mas quando eu vejo que o paciente tá melhor e que a coisa tá bem, aí, ó, passado cinco minutos já não me calo mais, porque eu sou assim, é só eu tar melhor, eu tenho o feitio da minha mãe, pois é a única filha, a minha mãe tem nove filhos, sete raparigas e dois rapazes, e eu fui buscar o feitio da minha mãe, é a única, é da gente, eu não, não, como é que se diz, não faço isto por fingimento, porque há pessoas, eu conheço pessoas, mesmo na Alemanha e aqui, também conheço, e na Alemanha também, que às vezes a gente tá bem em convívio, como é, e elas queriam ver se conseguiam ah, dizer as coisas que eu digo, ah, mas via-se que, que elas diziam mesmo isso “olha aquela tá te a querer... mas não consegue”, porque isso é de ti, porque elas diziam com aquelas coisas como eu digo, né assim, mas é aquele dizer que não sai da gente, e a pessoa, outra nota logo “olha lá, aquela, não vês, a EN disse isto, não vês ela vá além ...mas não tem piada nenhuma”, tá a ver? É isto é, é, porque eu, é assim, quando me dizem uma coisa eu não tenho tempo de a pensar

(E): Hum, hum

(EN): É que é logo, no computador, é logo, pomba!

(E): Hum, hum

(EN): Então uma mulher ali, a M₈, também tem oitenta e tal anos, o marido também, ah, ainda são mais velhos do que eu, mas tava lá toda coisa, e eu dizia que assim assado e daquela maneira e da outra, e assim e assado, por causa do/a, isso não pode ficar aí gravado, mas depois entende, eu assim muito depressa para ela “ah, já vale a pena, a gente ser, fazer-se grande com aquilo que não tem.

(E): Hum, hum

(EN): Então se ela teve aquilo, então você, que é família()você, já vale a pena, ela dá em rir, saiu , “mas é que tu malvada, acreditas logo” diz-me ela assim tavas a tocar o cavaquinho, diz-me ela assim noutra dia, não sei o que é que foi, digo eu assim: “ah, tá tanto frio, não tem um bocadinho de frio, ah, tanto frio, olha a gente em vez de calor diz frio, e já tou a sentir a garganta e eu não posso constipar, ai, ai já tou a sentir o frio”, diz

Transcrição das Entrevistas

logo ela assim muito depressa “ ai não, tu sabes, tu é que cantas aqui, tu é que cantas, tu tens que, tu, tu”, disse, porque quando ela me encontrou na ginástica, assim “bolas, é só para assegurar que eu vou cantar”, “oh, mulher daqui até lá já eu tou boa, quem é que diz a você que eu tou rouca?”, quer dizer ela diz que eu não tenho tempo, de calar- e e ir pensar, ela e outras, alguma coisa eu respondo logo.

(E): Hum. Hum

(EN): Mas não respondo para magoar ninguém, na brincadeira.

(E): Hum, hum

(EN): Amanhã quando me verem no autocarro, é uma festa, é pena não ir lá atrás para ver se é verdade, sim porque eu subo o autocarro, tché, “ai quem vem aqui a EN”, eh, já não se calam mais.

(E): Então e lá no hospital, depois não aceitou, não?

(EN): Não, não eu não aceitei, só o que disse, é que eu ía pensar, não, a qualquer momento a gente pode ir, mas eu também, o meu marido depois começou a piorar...

(E): Pois,

(EN): E, ah, pronto é assim, vamos lá ver o que lhe vai acontecer, quer dizer, ele até que tem andado, mas agora o homem tem muito calor, agora ele diz que se sente bem lá, deixa-o tar, ele tem tado aqui, mas aqui ele tá assim num cadeirão, tá mais mal, só vai pra ali um bocadinho, também tá tanto calor, então o que é que o homem vai fazer para a rua não é? E então foi o que eu disse, mas agora, mas uma das coisas que eu gosto muito é rir, é rir, é fazer rir, é rir, é parece que tou naquele momento, humm, quer dizer, eu quando estou a falar, quando estou a falar com as pessoas, e num ato de rir, é claro, tristezas é que não, se tá a falar na vida, tristezas, não me vou por a rir, se não era uma parva, mas eu também sei medir as coisas, né, mas eu, por exemplo, a gente agora, por exemplo vamos a um café, ali todas, oh. Começam logo umas três ou quatro, há outros grupitos, juntamo-nos, uma trás água, e assim, assim, e começam logo quando eu tou assim no meio, começa uma a falar e não sei quem, dói-me a perna e “pera lá aí, a gente tá num hospital ou agora tamos num café, eu não quero cá conversas aqui de doenças, chega, vocês não vêm para se divertirem? Alguém para falar em doenças, olha vou-me já embora daqui”, acabou-se, então se a gente vai-se queixar, então, quer dizer, estamos

Transcrição das Entrevistas

ali em conjunto vamos e “dói-me isto” e “tenho o meu marido assim” “o meu marido assado”, então mas o que é isto? Umas com as outras, para ver se a gente não vai, se o computador vai para outro lado, né? Mas não, e assim é que eu, pronto, eu, eu, eu sou uma pessoa, sempre gostei e eu acho que a terra é que me vai comer e que me vai tirar, a não ser que uma pessoa, que me aconteceu acamada... e aí acabou, não é? Pronto.

(E): E a sua mãe? Tava na Alemanha consigo?

(EN): Nã, a minha mãe, a minha mãe vivia ali na zona do Seixal, os meus irmãos, os meus irmãos estão ali todos, mas pronto, o que ela era, e como ficou né? Isso é que me entristece, porque a minha mãe e eu precisamente que a minha mãe me dizia, às vezes, dizia assim, para a minha cunhada que eu trabalhava lá com a minha cunhada, que a gente tratou da minha mãe, e ela dizia assim: “ai, a sua mãe é tão comichosa, tão comichosa, tão comichosa, com a camisa ()” e as vezes custava-me, custava-me ela dizer aquilo, um belo dia, já não tava bem, já não me sentia bem, disse “olha lá, não digas nada disso à minha mãe, porque eu sou igual, primeiro que eu me deixe dormir, quando voltas não dou à cama para dormir, então isso é à maneira da minha mãe o que é que queres? Pois tá entalada, eu sou igual, deixa tar a mulherzita isto é o fim da vida, é o coisa dela”, a minha mãe sempre disse “que deus nosso senhor me levasse que é a coisa mais triste é eu querer fazer as minhas coisinhas e ver outras a mexer nas minhas coisinhas”, que era gente, a gente ou alguém, e chegar tar numa cama sem puder fazer as minhas coisas e mexer e dar uma volta às coisas e me acontecer isso, ficou acamada e as pessoas íam lá dar uma volta... então precisava tinham que lá ir, mexendo né? E quando ela tava no sofá ainda, ainda não tava acamada, tava sentada, vinham as lagrimitas aos olhos, foi a coisa daquelas que me custou mais na vida...

(E): Hum, hum, ter ficado assim

(EN): E eu, eu o que eu penso, eu já tenho pedido a deus, que deus se tiver que me levar que me leve de repente, mas não me deixe tar aqui ninguém, que eu não gosto que ninguém mexa nas minhas coisas, eus só gosto, parece, que ninguém vá limpar como eu, isso também deve ser qualquer confusão, a minha mãe era assim também, podem limpar, ninguém tá a dizer que não limpe, mas não é como eu, e então este desgosto é para mim, porque eu gosto muito de mexer nas minhas coisas, depois troco aqui e depois ponho praqui, isto fica melhor aqui, ah, desta vez vou fazer assim, ah e agora desta vez vou fazer assado, como à gente tem ideias, né?!E tou naquela coisa e, mas as

Transcrição das Entrevistas

peessoas que vêm limpar sabe como é que é, recebem o dinheiro mas não limpam como agente quer e isso para mim vai ser uma doença, por isso é que eu digo, que deus nossos senhor, me deia um tempo para... para ... de repente, pronto, olha, que morre e acabou-se, pronto! Não ter que... depois as minhas filhas que façam o que quiserem, porque eu não sou capaz de, não sei, não sou capaz, também a minha mãe coitadinha, não e teve de tar e pronto, é assim a vida, o que a gente vai fazer..., se tivesse mais tempo via ali o cavaquinho, não pode ver, pois não?

(E): O cavaquinho? Onde, na televisão?

(EN): Não, ali no portátil, não pode?

(E): Ah, ali no portátil, sim...

(EN): Não pode? Que até pode ficar enervada, que vamos lá ver como é que ficava... vamos lá ver se agora não me deixa mal

(E): Mas eles... gravou foi?

(EN): Não, foi o meu neto quando cá teve, foi lá e gravou...com o meu neto, eles não

(E): AAhh, eu vejo um bocadinho

(EN): Ele diz que tem gravado, tem gravado, tem um CD para me dar, eu já o paguei, vamos lá ver... isto demora sempre um bocadinho

(E): Pois,

(EN): Eu aqui às vezes me entretenho, não vê, agora pareceu aqui uma barra, não sei porquê, foi com algum, qualquer botão que eu carreguei aí...

(E): E costuma falar com os seu familiares?

(EN): Sim, no Skype, eu se quiser estar em direto com o meu neto, agora ele diz que me vai ligar porque eu não sei o que é que se passou aqui na barra, toquei praí e ele entra em contacto aqui...

(E): Hum, hum, sim!

(EN): Ele entra em contacto aqui e depois aparece assim um número , com o numero ele vai ... ele assim, que na Alemanha é a profissão dele...

(E): Ele entra no computador?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Entra, é o meu companheiro, é o meu neto

(E): E é o que tem trinta anos?

(EN): É, é ele, é o trabalho dele, a profissão dele é essa

(E): Hum, hum

(EN): Ele (o vídeo) leva é muito tempo a vir... a ver se vem porque pra depois, olhe, pronto, enquanto não vier aquele eu não posso, é aqui o cavaquinho, o cavaquinho é aqui...mas eu depois escolha-as, porque há algumas que estão repetidas... esta pode ser que esta tá na câmara!

(E): Isso é na Feira da Cidadania?

(EN): Não, é a gente ali na CHE Lagoense... *(vídeo da atuação da EN com o grupo do cavaquinho)*, não vê onde eu tou?

(E): Ah, tá ali...

(EN): Mas ele daqui a bocado passa, depois o meu neto vai para aquele lado, aqui tava

(E): O professor

(EN): É, é esse

(E): Ah, pensava que estavam sentados, pensei que

(EN): Não, não, isto é aprender ainda, tá é baixo...óh, é a gente a vir, tá a gente a vir...né?! Olha a minha voz...

(E): Ah, é a EN?

(EN): É... vê aqui a minha voz...diga-me lá se isto não é bonito se não é lindo? Diga lá?!

(E): É, é! Tem mesmo boa voz para ist, mas já cantava?

(EN): É, é, eu sempre cantei, é isto, eu lá na Alemanha apresentava lá nos palcos, sei lá o que é que eu fazia, quer dizer, teatro...

(E): E como é que decidiu ir para, para o cavaquinho? Foi rápida a decisão que tomou ou...pensou muito para a convencerem?

Transcrição das Entrevistas

(EN): Não, não, porque eles disseram que ía haver musica e elas telefonaram-me a dizer que ía abrir o cavaquinho, tá a ver aqui (*no vídeo*), e eu disse que sim, mas depois que ia lá dar o nome também, foi assim

(E): Ah, então não teve, não pensou, ai não vou....

(EN): Não, não, foi, este aqui tá a ver (*no vídeo*), esta é que é a minha prima, e tá aí outra que também é minha prima e tá outra ali, ali, desta vez estavam todos, tinha vindo todos nesse dia, mas estão mais no cavaquinho, daqui a bocado aparece mais duas, aquelas que eu falei, daqui a bocado, vieram mais tarde (*musica*) não vê? A gente ainda se enganava aqui... isto é o meu neto, eu entrei em janeiro, o meu neto veio cá em abril, foi gravado em abril, vê a minha voz só...

(E): Então e quando a EN deixou de trabalhar, o que é que lhe custou mais?

(EN): Ah, de estar em casa, é, é, eu gostava muito de trabalhar, em casa é a pior coisa, uma coisa assim...

(E): E depois compensou com estas coisas? Foi uma forma que arranjou, de

(EN): Isto foi agora, desde janeiro...

(E): Na altura foi mesmo.../difícil/

(EN): Foi, foi... olha, não é? (*no vídeo*) É o Professor! Não sei porquê que ele tirou logo assim, agora vamos aqui a esta, esta também, aquelas são repetidas, é, aquele (*no vídeo*), aquele engana-se, o do banjo, vai sair dali, ainda falta aquele casal, ora o senhor M₉, e aquela é a minha futura neta, a ver se ele vê, olha aqui, tá com a mala assim...

(E): Ah

(EN): Agora tava a ler! Este é o que tem oitenta e quatro anos, que é o do banjo (*passa o vídeo*), olhe, agora já sei de cor... agora já sei ... (*musica*) não é a minha voz (risos)

(E): Não mas isto é diferente, /do que quando fala/

(EN): É! (*vídeo com a musica da atuação do grupo do cavaquinho*)

(E): Então e aquela senhora?

(EN): Ela tá a ver se ia gostar ou não e acabou por não ir, não, nã, mas está lá mais gente, faltam anda para aí pelo menos mais umas sete ou oito () aqui de lado ()

Transcrição das Entrevistas

(E): Isto são tudo pessoas reformadas, ou alguns trabalham?

(EN): Não

(E): É tudo reformado?

(EN): Não, tá tudo reformado, mas só havia lá uma de Portimão, uma loura (*musica*) ... aqui enganou-se ela...a musica, olha só a gente a olhar para ela agora, olhe não vê? Olhe, não vê? Será que a gente se apercebeu que ela se enganou, que a senhora se enganou...agora é só musica, agora é que começa assim...

(E): Tem é um ar muito sério

(EN): Tava triste, tinha morrido a minha mãe há pouco tempo, e lá não se pode rir, ainda não... não vê que tá tudo sério, todos, estamos muito concentrados, mas eu tinha morrido a minha mãe há pouco tempo, eu fui tocar, mas era por causa do meu neto me gravar, para depois ele levar para a Alemanha, não vê, a minha

(E): É a neta?

(EN): É, tá na Alemanha.

(E): É portuguesa?

(EN): É, mora ali para o norte, tem casa no norte dos pais (*musica*), acabou, agora é só outra e pronto, as outras, tão repetidas, o meu neto não sei porquê que ele gravou tanta coisa, agora é esta aqui, esta aqui que é a última, tão repetidas (*musica*), olhe aqui o casal, ele chegou depois

(E): Mas quem? Os tais que

(EN): Aqueles que levam, não, é estes que às vezes garreiam um com o outro () que o lugar dele é aqui

(E): Ah, hum, têm sempre estes lugares?

(EN): Porque eles ficam à frente e eu tava atrás, diz que tinha voz alta que é par ir para a frente

(E): Hum

(EN): Aqui tá tudo sério, não vê que não té aqui ninguém a rir...

(E): Não, tá tudo sério

Transcrição das Entrevistas

(EN): Se a gente ri enganamo-nos, agora não, agora a gente já ri mais, agora já tamos mais, eu agora tou desejando de vir o CD, já paguei sete euros e meio

(E): Ah, fizeram o CD?

(EN): Fizeram quando a gente foi ao Pavilhão do Arade com as crianças, e isso tudo

(E): E ficaram contentes de terem feito o CD?

(EN): Pois se foi, temos é que o pagar, eu já paguei, a não ser que já teja lá, tenho que o ir buscar, tenho que o levantar, amanhã vou lá pergunto, não vê que eu aqui tava muito magrinha eu, mas tava mais magrinha, tinha morrido a minha mãe há pouco tempo, mas como ele disse “avó, mas isso é uma vez, vai lá que eu quero levar isto para a Alemanha” e eu lá fui (*musica*), é que eu tenho que cantar, se eu faço, como muitas que têm a boca fechada, mas eu tenho que cantar, porquê que alguns têm a boca fechada e não cantam? Eu é que tenho, canto e pronto (*musica*), esta também canta, mas, não vê que esta não canta, não vê...

(E): Não! Hum!Hum!

(EN): Só tá com...é muito trabalho, aqui engaram-se, foram elas, mas é como o Professor diz, quando houver engano, temos que seguir todos atrás, mas não era aqui, não vê? Não, tá enganado...

(E): Sim

(EN): Sim, não era “Carolina, ó i, ou ai”, a gente tinha que dizer “a saia da Carolina”, pois é que começava assim “Carolina, ó i ou ai”, elas enganaram-se e depois assim fui atrás... agora aqui no fim, diz “enganaram-se aqui”, tá a ver, tá ver (*aponta para o vídeo*), quer ver? No final, depois eu desligo logo, mas ele diz aqui, houve engano, eu sei que houve, não vê, cantámos, em vez de ser quatro ou cinco Carolinas, foram seis, porque não cantou o seu papel, quer ver ele agora dizer (*voz do Professor no vídeo*), vê...não vê, eh, estas são as que tão, não vê agora vai desligar, ninguém deu por isso, mas tá engraçado, uma recordação, não é?

(E): Pois

(EN): Eu gosto, eus gosto destas coisas, agora

(E): Agora vai ao cavaquinho e ainda se encontram lá antes, e depois quando saem ainda vão...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Pois, isto é o meu netinho, quer ver, isto é o meu netinho, então diga lá tão pequenino, uma pessoa não podia agarrar nele, agora, agora é mais velhinho, tá a ver, eu quando tenho entretenha é aqui...

(E): Também se entretém muito no computador?

(EN): Vou ver a casa dos segredos, ponho musica alentejana, eu sou alentejana, ponho o passarinho, ponho a Grândola vila morena, ponho tudo, tudo o que eu ponho, cantares à alentejana, carrego, ele oh, às vezes o meu marido está aí a descansar, ponho baixinho e aí tou eu

(E): Tá aí a ouvir

(EN): Tou, isto faz-me bem à minha cabeça, porque eu, e aprendemos, praticamos, agora não temos ninguém, tenho aqui também o coiso da sua colega, deve conhecer, daqui da CHE Lagoense, ela trabalha também na Câmara...

(E): Ah, sim, a M₁₀, sim!

(EN): Foi minha professora, ela é que... tenho o mail dela também

(E): Sim, sim, sim

(EN): É, é, ela é que é a minha professora da ginástica

(E): Ela é que é a professora da ginástica?! Ou de informática?

(EN): Ah, não faça caso, ah sim, sim. Á vou quarta-feira de manhã, é lá, é o Professor é o Ângelo, e este é este, como vê, mas o Ângelo diz que se vai embora

(E): Não sei

(EN): Pois vai, mas ele disse que sai

(E): Então foi bom para si também ter ido para a informática, porque assim também aprendeu umas coisinhas

(E): Foi, foi, foi, mas eu também aprendo muito sozinha, porque lá é uma hora, né, só por semana, né, se eu não tivesse isto, dar uma geral, não dava, assim não, eu aqui vejo a casa dos segredos, vejo isto, vejo as nomeações, e depois vejo quem vai à frente, garreio com eles todos, e agora aquele é que devia de sair, eu faço cá os meus processos todos e quase sempre sai aquele que eu digo...

Transcrição das Entrevistas

(E): Ah, é?

(EN): É. Que eu não gosto deles e pronto, isto é, faz parte da nossa vida e é, também olhe, é tudo, eu a televisão vejo pouco, agora tava aqui a ver a “*Fátima Lopes*”, mas eu de manhã nunca ligo a televisão, não gosto de estar à frente da televisão sempre, claro, à noite e depois uma pessoa vai para aqui, senta-se e vê um bocadinho, mas de manhã, ando a limpar ou a sair, ou vou aqui (*computador*), tenho depois o comer, ando nesta vida, nem me lembro da televisão, pronto, depois se eu ver que tenho alguma coisa para fazer faço, até às quatro, mas eu é raro eu ver televisão, para já eu não gosto de telejornal, ali as notícias, aqueles (*os políticos*) eu não os gramo, agora ainda muito melhor, depois dá novelas repetidas até às quatro, pronto, o programa começa com a “*Fátima Lopes*” até às quatro, pronto e depois tou um bocadinho aí...

(PAUSA)

(E): Então amanhã gosta de ver...

(EN): Não é amanhã é sexta-feira, gosto de ver a máquina da verdade ou como chama aquilo, que aquilo não sei se é verdade, mas deve ser, sei lá, tem visto?

(E): Mas é mais nas férias que vê televisão? Mais nesta altura do verão, ou mesmo durante o inverno, gosta de ...

(EN): Não, não, eu não gosto muito de ver televisão, quer dizer, eu vejo televisão, mas não sou muito fã da televisão, eu gosto mais de tar no computador, ou tocar um bocadinho, que eu tenho ali o meu cavaquinho para tocar, agora não tenho tocado porque ando triste por causa do homem, nunca mais mexi, que ele disse para a gente ir uma vez por semana. Mas eu nunca mais mexi, porque ando aborrecida, pronto, por causa dele, eu sem notícias dele, tenho ali pronto para praticar, para a gente não se esquecer, né, é uma vez por semana, para tar ali, mas assim que eu soube isto, nunca mais...

(E): E nunca se juntam, mesmo sem o Professor nas férias, não...

(EN): Eles queriam fazer isso, mas eles queriam, mas muita gente não tem telefone, nem nada, ah, elas queriam se calhar era na casa uns dos outros, se calhar, mas há uns que querem, outros não, aquilo é assim, uns têm casa que chegue, casa que dê, outros

Transcrição das Entrevistas

não, então é se calhar é por isso, mas não há sala, eles disseram logo à gente, que não havia sala

(E): Pois

(EN): Tanto que o Professor, olha, eu, enfim se o Professor tivesse a dar, mas agora não dá, o homem tá doente, não podia dar, mas de resto, eu gosto muito destas coisas, eu gosto muito e vamos ver se o cavaquinho agora segue, eu não sei como é que, o homem foi operado, vamos ver, como é que ele dá, ou ver se ele não vai dar mais, e depois também não sabe se ali a CHE Lagoense arranjará ali alguém.

(E): Mas há mais coisas que a EN gostasse de fazer? Que achasse, que podiam ser...

(EN): De quê da CHE Lagoense?

(E): Aqui, no Parchal, em Lagoa...gostava que houvesse mais atividades?

(EN): Sim, há mais atividades, mas é assim, não, eu se precisasse, eu se andasse mais em atividades e depois não tinha tempo para o meu marido, e eu tenho de dividir as coisas

(E): E assim por exemplo, sente que tem apoio suficiente para tomar conta do seu marido? Ou acha, que podia

(EN): Ele agora, ele agora, pronto, anda nos pés dele, devagarinho, devagarinho, mas anda, mas daqui para a frente é que a pessoa vai mesmo precisar de apoio, então como é que eu vou fazer? Não sei como é que vai ser, que eu nem sei como é que vai ser...

(E): Ainda não se informou, sobre isso?

(EN): Não, é quer, dizer, já estou inscrita naquela, no Lar ali de Lagoa, mas ali só se a pessoa tiver mal e é a partir dos oitenta, só o que pode, é assim, ter apoio é, talvez para virem a casa, ou não sei mais, isso lá só o que me explicaram e, também estou inscrita ali no de Portimão, mas como nós não pertencemos a Portimão, não sei se a gente tem direitos, se não, ali me Portimão não sei, mas ali é mais para os daquela zona, não é?! Agora só o que me têm dito é que se algum dia acontecer, tenho que ir lá, ao Centro Social, para me informar das condições, o que é que eu vou fazer, agora ainda não

(E): Não vale a pena...

Transcrição das Entrevistas

(EN): Agora ainda vai andando, ainda vai, não, não, ele anda, foi sozinho pra cima, desce, o que é que ele tá a perder é muito as forças, não sei porquê, é as forças nas pernas e se ele não reagir mais, apesar de ter o problema dele e não anda mais, pode ficar depois... e aí é que é uma carga de trabalhos (), tinha de ser eu com apoio, ou sei lá, a gente tem que se informar, eu, ainda não tou informada a esse respeito porque eu tenho o cartão do idoso, tenho aqui...

(E): O cartão LagoaSocial?

(EN): Sim, sim, eu tenho

(E): E acha que há informação suficiente, para

(EN): Eles ali não dão informação nenhuma sobre essas coisas, é só lojas, o que me interessa eu ter lojas de desconto de tanto por cento, se eu não tenho dinheiro para as comprar, ou outras que estão pior que eu...

(E): Mas, sim, nunca perguntou?

(EN): Mas uma coisa também, ainda bem que falou nisso, uma coisa que eu também acho, nós somos, temos os cartões, né, quando há um fado ou isso, isso ali no Pavilhão, não como é, como é que se chama aquilo em Lagoa, o, vão lá cantar...

(E): No Auditório

(EN): Ora se eles escrevem a nós, se a gente quiser ir, de ir, não pagamos, porque é que servem escrever? Quando nós vamos ao correio, depois telefonamos já não há bilhete...

(E): Ah, mas isso foi só uma vez

(EN): Não, para mim foi sempre, já da outra vez me aconteceu, eu não percebo nada disso, mas eu vou dar um ideia, mas também tem de ouvir as ideias de lá, não é...

(E): Claro!

(EN): A ideia é, ouça, por exemplo, tão tantas pessoas, com os cartões, pronto essas coisas, guardavam um x, até que as pessoas telefonassem

(E): Ah, sim, os bilhetes...

(EN): Aquele dia e meio, ou um dia antes, eu acho, que ainda vão lá pessoas perguntar, até podiam por na carta, têm tantas horas para telefonar, se não tiver, pronto, na carta podiam por, mas não, têm uma festa, a sete ou oito, vou ao correio, que o meu correio é

Transcrição das Entrevistas

lá em baixo, agora até tiv, tive, a ultima vez tinha ido a Lisboa, quando vou ao correio no outro dia, vou para telefonar já não há bilhetes, disse assim “já vale a pena”, vão gastar papel para quê, eu disse à M₉, eu disse, já vale a pena, então, guardavam um x de bilhetes e escreviam na carta assim, já que escrevem a carta, dizia assim, ó, pronto, tem um prazo para, se nesse prazo não, porque a gente pode não puder ir, pois tá claro, não comunicar, a gente tem que...

(E): Mas vocês então, tem o cartão, nem têm entradas gratuitas para esses espetáculos, é?

(EN): Temos, mas já tão ocupados, os bilhetes são vendidos, acha, que tão os bilhetes aonde? Já três vezes que isso me acontece comigo, três, ah “pois, já tá vendido”, pois é assim, eu “já vale a pena, então eu”, porque a pessoa nem sempre vai ao correio, eu principalmente tenho o correio lá em baixo, quando é ali à curva é que tá logo o correio, às vezes vou ali com o meu marido, às vezes não tou cá ou não vou ver o correio, como hoje ainda não fui ver o correio, ontem também não fui...

(E): Mas tem que esperar que eles enviem a carta, ou tem entrada gratuita por ter o cartão?

(EN): Não, não, temos de ter uma carta... depois tem da carta acompanhar, é, então a carta diz, que a gente acompanhar a carta para não pagar o bilhete, mas a carta fico com el, o bilhete é que não, eu acho que isso tá muito mal! Mas não sou só eu a queixar,

(E): Tem de se melhorar isso...

(EN): Também tá aqui um casal, que ela, a senhora também tem um cartão, também se queixa, “a gente telefona, já não há bilhetes”, e eu digo assim “vale a pena a perder tempo”, porque a pessoa tem de dar tolerância a outra pessoa, poça, então se sabem, vá lá, daqui por três semanas, eu acho que lá devem saber, dia sete ou dia oito, há não sei quem, mas os do cartão têm e tá pronto, então têm que mandar para eles e põem um x, não é verdade?

(E): Hum, hum

(EN): Para ter tempo de telefonar, porque eles não dizem para escrever, para telefonar para aquele numero, ora eu vou buscar o correio chego aqui a casa, já não há bilhete, eu num dia não adivinho, né?

Transcrição das Entrevistas

(E): Pois...

(EN): Às vezes também já tem acontecido, os correios, às vezes também já chegou a estar em greve, né? Então chego aqui e vou telefonar e uma vez “oh, minha senhora desculpe, mas já não há bilhetes, é que já acabaram, tudo esgotado”, ainda lhe tive para dizer “muito obrigada pela sua atenção”, já são três vezes comigo que fazem isso, e não sou só eu, que as pessoas queixam-se...

(E): E é pena, porque podiam ir aos espetáculos, se calhar até iam

(EN): Não, mas eu, claro, que a pessoa também tem de ter uma tolerância à situação, se vai telefona, se não vai, não telefona, pronto, aquele bilhete tá ali, mas davam uma tolerância para aqueles bilhetes, oh, tem quarenta bilhetes, agora, vá, vendam-nos todos, vão vendendo, quando chegar ao final a pessoa telefona, ou a carta chega um dia depois já não tem nada, tá a ver?

(E): Pois

(EN): Tá mal, eu aí acho que tá mal, é como digo eu acho que tá mal

(E): Deviam melhorar isso

(EN): Pois, acho que sim, olha lá ele a espreitar a gente? E o meu marido não pode agora... tenho uma carta que por acaso tá ali no livro

(E): O seu marido o quê, não pode o quê?

(EN): Eles dizem ali no livro, por exemplo, quando os nossos maridos, não podemos por uma lâmpada ou pregar um prego, ou uma coisa qualquer, para a gente telefonar para vir cá um assistente para ajudar à pessoa, pelo menos tenho aí o livro, por acaso está guardado...

(E): Sim, sim

(EN): Tá guardado, a explicar isso, por exemplo, agora tenho uma lâmpada ali, na rua

(E): Para pôr...

(EN): Para pôr, essa lâmpada, eu percebo alguma coisa de eletricidade?

(E): E já tentou ligar?

(EN): Não, não, tem de ser, tá estragada mesmo ali na rua, tem...

Transcrição das Entrevistas

(E): Não, se já tentou ligar para a Câmara pedir ajuda e eles...

(EN): Não, não, porque é assim, até aqui ele ia arranhando, agora... não se pode pôr no escadote, ele percebe daquilo!

(M): Eu antes podia, eu antes fazia tudo...Mas agora, tenho medo de cair...

(EN): Pois, tá bem M₅, tá bem M₅, não te enerves

(E): Tem de ligar para eles

(EN): O meu marido é que fez isto tudo, com o meu cunhado e tudo, mas agora o homem vai pôr escadote cai, eu não percebo, eu fazia, mas não sei fazer...

(M): Pois se eu for caio

(EN): Aquilo deve ser algum fio, ou é lâmpada fundida, ou

(E): Mas eu penso que isso para mudar a lâmpada eles fazem isso, é ver

(EN): Eu não sei se é mudar, se é antes algum fio,

(M): É a lâmpada é, é sei o que é, deve ter uma coisinha qualquer, mas não posso fazer

(EN): Tem

(M): Eu de trabalho, eu sei o que é

(EN) : Tá a ver, é uma ajuda para os idosos, pelo menos a carta diz isso

(E): Sim

(EN): Pronto, porque uma pessoa não pode, para já é como a campainha, eu comprar, compro, mas

(E): Hum. Hum, precisava de alguém que trocasse

(M): Eu, eu sei trocar

(EN): Tem de se comprar uma lâmpada, mas eu compro, não há problema eu compro, agora sei eu lá montar aquilo, eu

(M): Isto foi assim, foi por causa dos prédios, os outros

(EN): E agora deixou mesmo de tocar, se não bater à porta, eu não oiço

(E): Pois... mas eu acho que isso é válido, com o cartão, pode pedir esse serviço, desde que compre o material

Transcrição das Entrevistas

(EN): Claro, então, tenho que comprar, isso já a gente, eles não dizem comprar, eu tenho aí o livro, por acaso tenho-o guardado, penso que tá ali dentro, ou tá na minha pasta, tá, não tá? Tá na pasta guardado, o livro diz que se a gente precisar de alguma ajuda, algum apoio, por exemplo uma lâmpada, ou uma, uma

(E): Ou pintar as paredes

(EN): Uma coisa qualquer

(M): *Isso não diz*

(E): Diz sim, ou limpar o jardim

(EN): Diz, diz, tudo, também

(M): Não

(EN): Tou-te a dizer, tá ali, tenho ali o papel, diz para a gente telefonar, pedir apoio

(E): Eles ajudam, ajudam sim

(EN): Dão apoio, temos é que comprar

(E): Têm é que vocês comprar o material, dão a mão-de-obra

(EN): Exatamente, é isso que diz

(E): Sim

(EN): Por exemplo uma lâmpada, uma coisa, então isso é normal

(E): Sim, sim

(EN): Agora por exemplo, agora não que tá calor, mas agora, por exemplo, comprar terra, isso era trabalho demais para ele, não é, ele agora não pode, pode ser que ele ainda vá normalizando, pronto a gente tem fé, mas se não, já tá o jardim que já, uma pessoa, é destas coisas, é poucas, mas é uma ajuda para nós

(E): Claro, mas se ligar para eles

(EN): Pois eu tenho de me informar

(E): E ... sim, eles prestam esse apoio

(EN): Eu já tinha dito isso ao meu marido!